

DO AUTOR
BEST-SELLER DE
*A arte de correr
na chuva*

SUBITA

GARTH STEIN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



UMA LUZ SÚBITA

GARTH STEIN

Tradução
DAVID AGNE

PA
RA
LE
IA

para meu falecido pai

*Não vemos as coisas como elas são,
vemos as coisas como nós somos.*
Anais Nin

Prólogo: A maldição

1. A Propriedade do Norte
2. Saindo de New Haven
3. O jantar está servido
4. O poderoso Elijah
5. À noite na cozinha
6. A conversa
7. O Livro de Jones
8. Inocência perdida
9. As montanhas da Califórnia
10. O mundo de Ben
11. Jantar de aniversário
12. Roosevelt e seu homem Pinchot
13. A descoberta
14. Escalando árvores
15. O gigante adormecido desperta
16. A câmara de segredos
17. O retorno da mão
18. A visita de Serena
19. Os buscadores
20. A cabana
21. Dança noturna
22. Sobre minha mãe
23. O porão
24. Escrita automática
25. O dilema
26. Dickie dança
27. Os caídos
28. O pai daquele homem é o filho de meu pai
29. Sons de uma briga
30. Este sonhador!
31. Tia má
32. Fogueira de memórias
33. Quid pro quo
34. Casa de pedras
35. Sedução

36. Verdade acima de lealdade

37. Uma luz súbita

38. A assombração

39. Risco duplo

40. A árvore de Ben

41. O elevador

42. Redenção

43. A verdade prevalecerá

44. A última dança

45. Navegando para longe

46. Depois da queda

Epílogo: Reunião final

Agradecimentos

ELIJAH RIDDELL c. SARA GREEN
(1836-1916) (1856-1910)

BENJAMIN
(1876-1904)

ABRAHAM c. SUZIE MILLER
(1886-1964) (1894 - ?)

SAMUEL c. ISOBEL JONES
(nascido em 1917) (nascida em 1917)

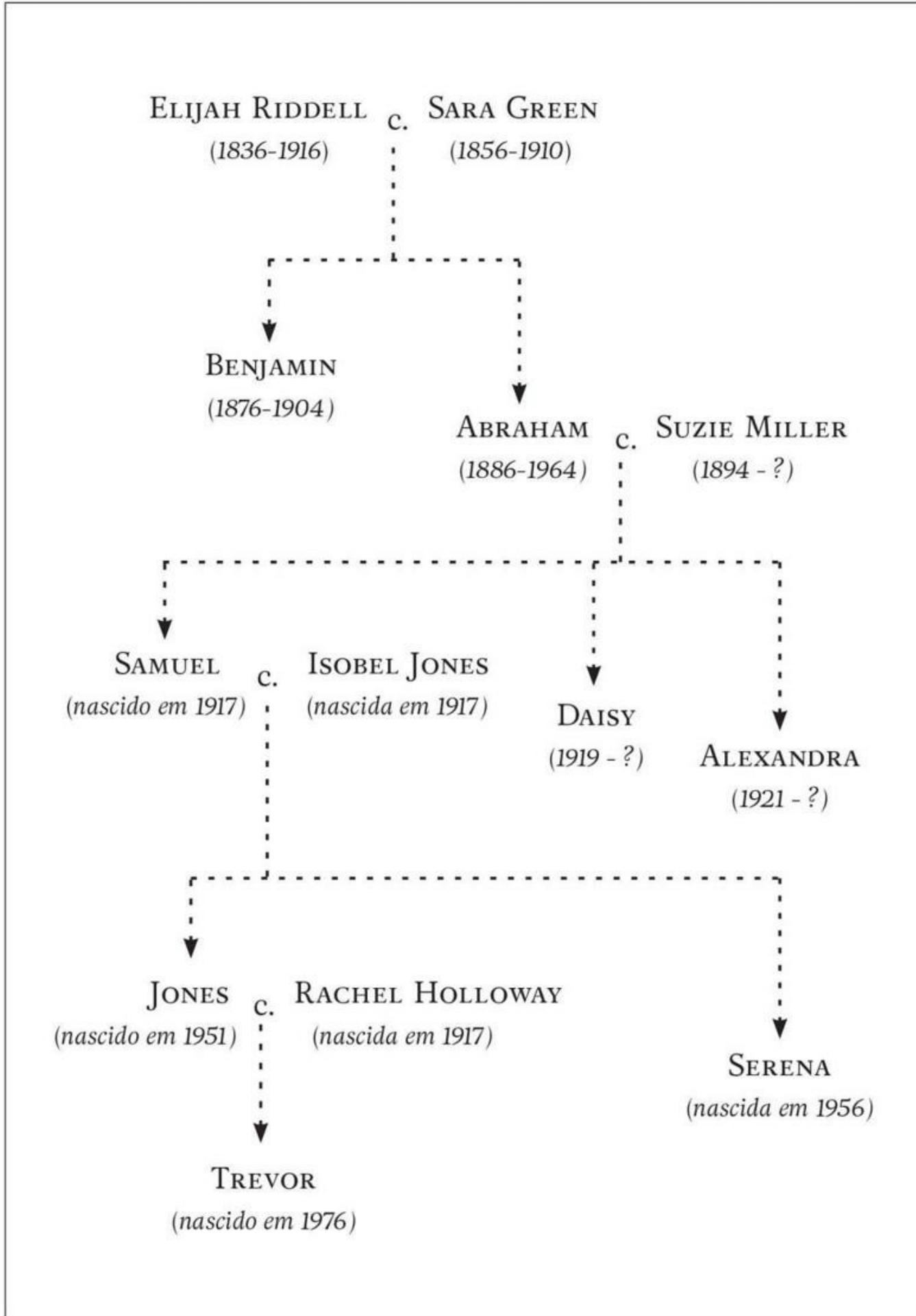
DAISY
(1919 - ?)

ALEXANDRA
(1921 - ?)

JONES c. RACHEL HOLLOWAY
(nascido em 1951) (nascida em 1917)

SERENA
(nascida em 1956)

TREVOR
(nascido em 1976)



**“Histórias continuam em diversas
direções e acabam por incluir até mesmo
o ato de recontar estas histórias.”**

Quando estava crescendo, na área rural de Connecticut, me contaram que o nome Riddell tinha significado para as pessoas do noroeste. Meu tataravô por parte de pai foi alguém importante, explicou a minha mãe. Elijah Riddell acumulou uma fortuna enorme na indústria madeireira, fortuna que mais tarde foi perdida nas mãos dos seus sucessores. Meus antepassados haviam literalmente mudado a face dos Estados Unidos. Com machados, serras e guinchos a diesel para recolher os caídos, com moinhos para amassar os cadáveres e espalhar as cinzas, eles gravaram, para todos nós, um lugar na história. E esse lugar, segundo me disseram, era amaldiçoado.

Minha mãe, que é filha de camponeses da península inglesa de Cornwell, se ergueu da pobreza seguindo sua paixão pela palavra escrita, eventualmente escrevendo uma dissertação que levou a um doutorado em literatura comparada na Universidade de Harvard e a tornou a primeira de sua família a receber um diploma avançado. Ainda que não tenha feito nada notável com seu brilhantismo, ela carregava sua inteligência como se fosse um saco de sementes, espalhando em solo que acreditava ser fértil. Quando eu era pequeno, ela passava muito tempo citando literatura para mim, acendendo, desse modo, meus próprios ávidos hábitos de leitura. Assim, o tema e o conto do Velho Marinheiro, segundo o poeta e filósofo Samuel Taylor Coleridge — e como a história do Marinheiro era emblemática para a história da minha família —, foi algo que escutei muitas vezes antes dos catorze anos.

A maldição. Quando alguém destrói algo belo e natural — como fez o Marinheiro, que deu um tiro no gentil albatroz que guiou seu navio para além dos perigosos mares antárticos — esse alguém é punido. Amaldiçoado. Minha mãe me contou isso; meu pai acenou, concordando. Punições choveriam sobre o ofensor e a família do ofensor, me disseram, até que a dívida fosse paga.

A dívida da minha família foi paga, até mais do que era devido. Minha mãe acredita que a história da nossa família está resolvida com aquela dívida — ela sempre manteve uma fé inabalável no poder catártico do desfecho —, o que deve ser a razão para ela ter escolhido sair para dar uma caminhada esta manhã, em vez de ficar para me ouvir contar outra vez a nossa história. Mas eu discordo da minha mãe: não há final confortável para história alguma, por mais que se queira. Histórias continuam em diversas direções e acabam por incluir até mesmo o ato de recontar estas histórias, enquanto a lenda é aumentada pela interpretação, e a interpretação é aumentada pelo tempo. Então conto a você a minha história, assim como o Marinheiro contou a sua: ele, parado fora do cortejo de casamento, agarrando um punho que passava, paralisando sua vítima com o olhar; eu, parado com minha família na entrada desta floresta imortal.

Conto esta história porque contar esta história é o que preciso fazer.

Há mais ou menos vinte anos, antes que a tecnologia mudasse o mundo e o terrorismo atingisse o coração de todos os cidadãos com o medo. Antes que meninos em sobretudos

assassinassem crianças inocentes em salas de aula por toda esta linda terra. Antes que os oceanos estivessem cheios de manchas de óleo e o governo parasse de governar e Bill Gates saísse por aí a fim de amar o mundo até a morte, e furacões ficassem tão poderosos a ponto de sacudir cidades inteiras, e crianças tóxicas fossem drogadas até o esquecimento para elevar os ganhos da indústria farmacêutica e nos forçassem a comer alimentos geneticamente modificados sem que soubéssemos que deveríamos nos importar. Antes que fumar maconha em casamentos gays se tornasse corriqueiro — antes que gays se tornassem, bem, como todo mundo, e a maconha se tornasse, bem, apenas mais uma fonte de receita fiscal. Isso aconteceu antes mesmo que outro ilustre Bill, com sobrenome Clinton, ficasse famoso pela sua escolha de charutos. Parece que foi séculos atrás. Nada de smartphones. Nada de Netflix. Nem um iPad à vista.

Há muito tempo. Sim. Esta história começa em 1990.

Num dia quente de julho, em Seattle, um carro verde alugado sai do aeroporto de SeaTac e segue para o norte na rodovia interestadual 5, passando por uma expansão de bairros escondidos por colinas, aninhados atrás de pontes e corpos aquáticos. Os passageiros, pai e filho, não se falam. O filho tem quase catorze anos e está bravo. Bravo por ter sido tirado de seu lar de infância e forçado a uma viagem indesejada. Bravo com sua mãe por não estar com ele. Bravo com seu pai por simplesmente existir. Então ele não fala; está concentrado em ouvir *The Wall* do Pink Floyd, que escuta com muita atenção pelos fones de ouvido do seu Walkman.

Seu pai olha para ele com frequência, nervosamente. Ele parece implorar pela aprovação do menino, algo que o menino não dá. Quando se aproximam da cidade, vindos do sul, o menino levanta os olhos e percebe o Space Needle, aquele ícone onipresente e desconcertante de Seattle. Ele franze a testa, atestando a irrelevância do monumento — quem construiria uma coisa dessas, e que tipo de cidade *ficaria* com ela? — e vira seus olhos outra vez para seus sapatos, que parecem muito mais interessantes.

Ele não nota quando passam pela cidade, mas passam mesmo assim. Saem numa ponte alta.

“Você não quer ver isso?”, diz o pai, finalmente, desesperado, batendo de leve no ombro do menino e indicando a glória de Seattle ao seu redor.

O menino levanta os olhos. Pontes, lagos, edifícios sem graça, torres de rádio, aviões, montanhas, árvores. Coisas que ele já viu.

“Não”, diz ele, e volta sua atenção à música. As vozes cantam para ele: *Derrubem o muro. Derrubem o muro* (Tear down the wall. Tear down the wall.).

E é assim que a minha história para você começa.

Ao sairmos da estrada no limite norte da cidade, lembro de me sentir desapontado por mergulharmos num subúrbio americano típico. Uma loja de tecidos, um restaurante mexicano Las Margaritas, um salão de jogos Cliff, um posto Arco, uma loja de suprimentos para encanação. Era pior do que eu poderia ter imaginado. Atravessamos uma avenida sem graça num cruzamento com muitos carros esperando para virar à esquerda na seta verde. De repente a rua se estreitou para duas pistas em vez de quatro, e as árvores começaram a se debruçar sobre a estrada, bloqueando o céu. Prestei atenção na transformação. Quando meu pai dobrou numa rua ainda menor, desliguei meu Walkman e descemos por uma via de entrada; logo chegamos a uma guarita e um portão. Meu pai baixou sua janela; a porta de madeira da guarita se abriu e um guarda uniformizado saiu. Era um homem velho e gordo, e não parecia capaz de impedir um ataque, caso alguém quisesse sitiar a Propriedade do Norte que ele evidentemente estava sendo pago para defender.

“Quem você está visitando?”, perguntou o guarda.

“Não estamos visitando”, respondeu meu pai. “Estamos voltando para casa.”

O velho inclinou a cabeça e de repente percebeu o que estava acontecendo. “Não posso acreditar”, ele disse. “Jones Riddell.”

“Val”, disse meu pai, “não posso acreditar que eles ainda te fazem trabalhar no portão.”

“Tentaram me aposentar alguns anos atrás, mas não agüentei ficar sozinho o dia todo, então eles me deixaram voltar.”

Os dois homens ficaram em silêncio. Lembro de sentir um desejo enorme de soltar a pergunta óbvia: *Qual a diferença entre ficar sentado o dia inteiro numa guarita sem mais ninguém por perto, e ficar sozinho?*

“Quanto tempo faz, Jones? Muito tempo.”

“Vinte e três anos.”

“Vinte e três anos. Sua mãe era uma excelente mulher.”

“Era, sim.”

“Uma verdadeira tragédia.”

Val inclinou a cabeça, bateu no teto do carro, endireitou-se e puxou as calças. Caminhou até o portão de madeira e puxou uma alavanca; o braço subiu, liberando a passagem. Ele acenou quando passamos. “Bem-vindo de volta.”

Que tragédia? A morte da minha avó era assunto proibido. Uma vez tentei perguntar sobre ela, mas não funcionou; meu pai não queria falar a respeito. Fiquei convencido de que ele nunca falaria sobre isso.

À medida que nos afastamos da guarita, o mundo mudou, como se tivéssemos sido transportados para uma floresta medieval. Serpenteamos por entre barrancos e passamos por entradas de casas que eu não conseguia ver — estavam longe e havia milhares de árvores bloqueando a vista. Árvores perenes: cedros, abetos e pinheiros. Árvores de folhas caducas:

carvalhos e bétulas, bordos e angicos, aquela espécie peculiar do noroeste norte-americano, com o tronco vermelho se descascando. Fomos entrando na floresta; as placas das casas foram ficando menos frequentes, as vias de entradas foram ficando mais grandiosas, as entradas das casas começaram a ter bloqueios de acesso, muros de pedras irregulares corriam ao lado da estrada. À medida que seguíamos, parecia que voltávamos cada vez mais no tempo. A estrada sinuosa se encolheu num caminho esburacado e cheio de crateras, com pedregulhos que se trituravam sob os pneus do carro como se fossem ossos secos de mortos, e então chegamos ao fim da estrada principal. Ao lado da estrada, havia um portão de ferro quebrado, arrancado das dobradiças por trabalhadores havia muito tempo, e eu sabia que chegávamos ao nosso destino porque não havia mais para onde ir.

Cruzamos a entrada da propriedade e seguimos pela sinuosa ruazinha, que se inclinava até um calmo barranco, antes de subir rapidamente até um pico que revelava uma ampla clareira em uma ribanceira sobre a enseada de Puget Sound. Meu pai parou o carro e fiquei sem palavras. Não por protesto. Mas porque a Casa Riddell me emudecera.

Meu pai havia me contado sobre ela, o lugar de nascimento de seu pai e o lar de duas gerações antes dele. Em termos vagos e superficiais, ele descrevera a casa construída havia quase um século por seu tataravô. Mas ele apontou apenas os pontos negativos da casa. Estava caindo aos pedaços, ele me contou. Praticamente condenada, ele disse. Estamos indo para lá só para tirá-la de sua miséria, derrubá-la, vender a terra, e ponto final. Mas parecia que ele não havia me contado a história toda, porque a Casa Riddell não era o que ele havia descrito. Eu estava esperando um casebre velho, caindo aos pedaços, que nem valia a pena olhar. O que via não era um casebre.

Meu pai desceu do carro; eu também desci e fiquei parado ao lado dele, à beira da rua. Bem depois de um largo campo de grama seca, havia uma estrutura enorme feita de madeira, tijolos e pedras, coroada por um telhado de pesadas lascas de cedro, acentuado por calhas e suportes de cobre verde. Tanto no primeiro quanto no segundo dos seus três andares, a casa era circundada por uma varanda. A ruazinha em que estávamos acabava em uma grandiosa escadaria de entrada. Conteí rapidamente umas doze chaminés, mas sabia que deviam existir outras. Fiz uma estimativa de pelo menos cem janelas, ainda que não tivesse tempo de contar. Da nossa perspectiva, a casa parecia estar agachada, como se estivesse se entrincheirando na terra. Os pilares que a rodeavam, e que compunham grande parte de seus muros externos, eram troncos de árvores. Árvores gigantes, totalmente crescidas. Desgalhadas e ainda na casca com a qual haviam nascido. Cada uma, um espécime perfeito. Os pilares de árvore estavam na vertical, lado a lado — pelas minhas estimativas, o mais alto, no cume do telhado, devia ter uns quinze metros de altura — uma tropa de gigantes silenciosos e deslumbrantes.

A Casa Riddell.

Respirei profundamente e inalei a brisa: mariscos, algas e barro. Cheirava como a maré baixa quando eu era menino e meus pais me levavam para passar o dia em Mystic, Connecticut. Mariscos e caranguejos e algas marinhas. O vento soprando, e eu lutando contra o saquinho de papel que tinha minhas batatas fritas. Meu pai sorrindo para a minha mãe com olhos amorosos, e se curvando para beijá-la. Ela beijando de volta. E eu, conseguindo finalmente pegar uma batata frita, e pensando que ela era a melhor batata do mundo.

As coisas que a gente lembra...

Do lado oeste, Puget Sound se estendia entre nós e as árvores e o sertão da península de Kitsap, e a cortina de montanhas depois dela, parecendo azul com seus picos irregulares.

“Primeiro objetivo completado”, disse meu pai. “Localizar e identificar a Casa Riddell.”

Naquele momento da minha vida, meu relacionamento com meu pai não era horrível, mas era bem superficial. Era baseado nas coisas que não eram, ao invés das coisas que eram. Não íamos apenas a uma loja ou limpávamos apenas a sarjeta; executávamos “missões”. Usávamos palavras-código. Entrávamos em “modo secreto”, ou fazíamos algo “estilo comando”. Sua frase favorita era “estamos na fase de aquisição e desenvolvimento”. Como se a gente tivesse que criar um artifício para tudo. Uma camada irônica. Tudo que fazíamos era envolvido por uma camada protetora de autoconsciência, e, como resultado, faltava sinceridade. Íamos comprar ovos na loja. Mas não era o que dizíamos. Embarcávamos no Projeto Ovum, que consistia em executar uma série de missões que tinham a ver com a segurança nacional. Quando eu era pequeno, achava que era legal; prestes a fazer catorze anos, já não achava tão legal. Comecei a me dar conta de que, para meu pai, aquilo não era uma brincadeira de criança; era como ele vivia sua vida.

Espreguiceei e mexi o pescoço. Era bom estar fora do carro, no sol quente. Observei a brisa soprando na planície e inclinando a grama alta, como uma mão invisível, em minha direção. A brisa chegou até a mim, se moveu ao meu redor e resfriou meu pescoço.

“Não consigo entender”, eu disse. “A casa parece legal. Por que a gente vai derrubar ela?”

Meu pai me olhou por um momento.

“Está podre”, foi tudo o que ele disse, e pediu para que eu voltasse ao carro.

Dirigimos o restante da via que cortava o gramado como uma cicatriz cinzenta; quando o carro parou, uma nuvem de poeira nos envolveu por alguns momentos. Quando clareou, descemos para examinar a casa monolítica, que, de perto, erguia-se aos céus e apagava tudo. Era monumental; as árvores que formavam suas paredes eram imensas. Talvez fosse o longo voo e a longa viagem de carro; talvez fosse o sentimento de estar em terreno sólido pela primeira vez depois da nossa jornada — mas me senti quase tomado pela emoção. Não chorei, mas tive aquele sentimento de choro, e fiquei curioso com ele. Estava espantado por sentir algo tão visceral. Era como se estivesse, de algum modo, inspirado.

“Está podre”, repetiu meu pai, como um eco.

Por que meu pai insistia nisso? Olhei para ele; ele sacudiu a cabeça. Olhei de volta para a casa e tentei ver através dos olhos dele: o alicerce de tijolos estava frágil; a argamassa entre os tijolos tinha se esfarelado em alguns lugares, e buracos penetravam a escuridão. Os canteiros estavam descuidados; hera subia pelos pilares de troncos, pesada e tenaz, grudada à madeira com pálidos tentáculos. Subimos os degraus, e notei as empenadas pranchas de madeira da varanda. As janelas se compunham de pequenos painéis de vidro ondulado, distorcidos, cheios de imperfeições. Muitos dos painéis estavam rachados, e alguns tinham se quebrado e foram substituídos por madeira compensada. Meu pai bateu com o punho num dos pilares e franziu as sobrancelhas perante o som oco. Eu também ouvi. Parecia morto.

Meu pai cutucou as rachaduras com a unha; a argamassa se esfarelou, virou pó, e se foi. Nós dois vimos a pintura dos caixilhos das janelas, que caía em longas tiras irregulares, e

vimos as fendas entre os caixilhos e o tremor dos cedros. A Casa Riddell estava realmente apodrecendo.

“Passaria na inspeção?”, perguntei.

“Não por uma inspeção feita por alguém que não esteja em coma”, respondeu meu pai.

Ele bateu na porta. Tentou a maçaneta. Bateu outra vez: nada.

“Avisei pra Serena a que horas chegaríamos.”

Ele estendeu o braço e passou a mão ao longo do batente da porta; encontrou uma chave.

“Algumas coisas nunca mudam”, disse ele, e colocou a chave na fechadura. A porta se abriu.

Lembro de me sentir, ao pisar no saguão de entrada, puxado pelo magnetismo do lugar. Era como uma cápsula do tempo recentemente descongelada do centro de uma enorme geleira. Um pedaço perfeitamente preservado da Seattle do início do século. Um museu empoeirado, esmaecido, comido pelas traças.

Era um mundo que cheirava a decomposição, úmido, com um ar pesado flutuando nas salas como um nevoeiro invisível. O interior era feito de madeira trabalhada, contrastando com as árvores cruas da fachada. Madeira escura fina, com incrustações e verniz cor de chocolate. Tapetes orientais em todos os cômodos, e um relógio de pêndulo que não estava fazendo tique-taque. Os ponteiros marcavam seis e quinze. O saguão se elevava, formando um átrio. Uma passagem oposta à porta de entrada desaparecia em trevas, e uma ampla escadaria levava a um balcão no segundo andar. Entrei na sala à minha direita e olhei ao redor. Os móveis eram elegantes e estufados; os tapetes e paredes e o teto eram escuros e sombrios. Leões de ferro, sentados nas pernas traseiras com as garras expostas, guardavam uma lareira central. Na parede ao lado da lareira, estava pendurada uma pintura de quase dois metros e meio de altura, que mostrava um homem bem-vestido, com cabelo grisalho desgrenhado e uma bengala. Ele estava olhando direto para mim, e estendia o braço em um gesto de boas-vindas tão agressivo, que fiquei espantado.

“Seu tataravô”, disse meu pai, em pé atrás de mim. “Elijah Riddell.”

“Por que ele colocou um quadro de si mesmo na própria casa?”, perguntei.

“É o que as pessoas ricas fazem.”

“Pessoas ricas são estranhas.”

“Talvez ela esteja na cozinha”, disse meu pai, dirigindo-se à parte de trás da casa.

Eu queria ficar e explorar os aposentos, mas estava intimidado por tudo aquilo. A casa parecia estar viva, quase, e respirando — um pensamento perturbador o suficiente para me fazer seguir meu pai em direção à cozinha, em vez de ficar lá sozinho.

Passamos por uma sala de jantar com uma mesa de quase oito metros, cercada por dezenas de cadeiras, depois por uma sala com livros do chão ao teto e janelas com vitrais. Finalmente chegamos à cozinha, que, no início, achei maior que toda a nossa casa em Connecticut. De um lado da cozinha, havia uma área para cozinhar, com um grande bloco de cortar carnes, liso devido a décadas de cortes, um forno para pães, e um gigante fogão de ferro embaixo de um exaustor de cobre enorme. Do lado oposto ao fogão, havia uma longa mesa de madeira com uma variedade peculiar de cadeiras de madeira, uma espécie de área de lazer com algumas poltronas, um pequeno sofá e uma TV novinha numa velha estante. Em outra parede, havia uma

lareira enorme equipada com longos ganchos, os quais, segundo explicou meu pai, serviam para pendurar caldeirões para fazer sopa nos tempos antigos. Ele também me mostrou os espetos giratórios, utilizados para pedaços de carneiro e carnes bovinas.

“Para alimentar exércitos?”, perguntei, mas ele ignorou meu comentário.

“Este lugar foi construído antes da eletricidade”, disse meu pai. “Não havia suprimento de gás. Toda esta área era selvagem quando Elijah construiu seu patrimônio. Tudo nesta casa era movido a carvão; vou te mostrar o porão; é um lugar bem fascinante. Em alguma época, alguém colocou um sistema de ponta onde antes havia carbureto de cálcio e água para produzir acetileno, que alimentava um gerador elétrico.”

“Como você sabe tudo isso?”, perguntei.

“Eu achava legal, quando era pequeno. Posso te mostrar o sistema. De qualquer jeito, eles colocaram eletricidade aqui antes de qualquer outro lugar. Muito antes que a Propriedade do Norte fosse anexada à cidade e trouxessem eletricidade e gás do município.”

“Foi nisso que a nossa herança se foi? Desenvolvendo um sistema elétrico de ponta?”

“Sabe”, disse ele, “alguma hora você vai se dar conta de que ser espertinho é muito chato.”

“Legal”, eu disse. “Você leu isso num biscoito da sorte?”

“Provavelmente.”

Sorri pela primeira vez naquela viagem ridícula. Em parte foi pela piada do meu pai. Outra parte foi meu pai mesmo.

Quer dizer, ele parecia ridículo. Ele parecia o Salsicha do *Scooby Doo*! Estava vestindo as mesmas velhas calças cáqui de sempre, com uma camiseta branca e sapatos mocassim — e viajava daquele jeito! Ele tinha entrado num avião e atravessado o país daquele jeito! Quando minha avó e meu avô por parte de mãe vinham da Inglaterra para nos visitar, eles usavam roupas formais para viajar. Minha avó usava pérolas e um vestido elegante e tudo o mais, e uma vez perguntei ao meu avô por que eles faziam aquilo, e ele disse: “Se o avião cair e nós morrermos, queremos morrer nas nossas melhores roupas”. Isso é ter respeito pelo sistema.

Jones Riddell — meu pai — ostentava uma barba grisalha que era longa demais, e um bigode cobria seu lábio superior, o que deixava minha mãe louca da vida — mas ela nunca disse nada a respeito. Ela nunca pediu para que ele mudasse. Eu sabia que ela deixava que ele fosse coisas que ela detestava porque assim podia continuar a detestá-lo. O cabelo dele era comprido demais e seu rosto bronzeado demais, e ficando cheio de rugas, porque ele ficava tempo demais no sol, trabalhando nos seus barcos. Minha mãe não fazia com que ele usasse protetor solar porque ela tinha desistido. Se eu saísse na rua para pegar o jornal na caixa de correio, minha mãe me fazia colocar protetor solar, mas meu pai não. Ela tinha desistido totalmente dele.

Ficamos parados sem jeito, lá na cozinha da casa vazia. Olhei pela janela saliente que ficava ao norte, em direção ao campo, e vi uma mulher de bicicleta, que parecia ter sido tirada de algum filme antigo. Ela andava numa bicicleta de estilo antigo, com cestos presos a uma plataforma que se estendia sobre a roda traseira. Os cestos estavam cheios de compras, que transbordavam das sacolas de papel. A mulher, que era jovem e pequena, vestia um longo vestido que esvoaçava com charme acima de suas botas de cano alto, e que, de alguma forma — milagrosamente — nunca se prendiam nas correntes. Seu longo cabelo ruivo estava preso

com uma fita amarrada na nuca, e ela levantava o rosto em direção ao céu, como se saudasse o sol. Apontei para ela e meu pai notou.

“Olha ela aí”, disse ele, enquanto a mulher subia até a casa.

Ela percebeu o nosso carro estacionado na frente da casa e olhou para a janela saliente, e deve ter nos visto, porque sorriu e abanou. Ela foi até a parte de trás da casa e desapareceu de vista; alguns segundos mais tarde, entrou na cozinha. Estava sem fôlego e com as bochechas rosadas. Seus olhos eram brilhantes e sorridentes e, notei, presos no meu pai. Descansou uma mão abaixo do pescoço e a outra no quadril. Seu vestido era sem mangas, revelando braços bem torneados — musculares, mas não muito, e cheios de veias, como os braços das mães obcecadas por exercícios da minha escola — e o vestido era justo na cintura, mostrando seus aspectos femininos de uma forma que eu só havia visto em filmes ou na TV.

Fiquei bem impressionado com ela. Quando meu pai me disse que íamos nos encontrar com a minha tia, que vivia com meu avô, presumi que ela vestiria jeans de mãe e teria braços gordos e pele caída nos cotovelos, e talvez até umas duas papadas. Pensei que ela seria legal e tudo, mas legal no sentido de uma velhinha legal, com um penteado como as senhoras do salão de beleza, todo fixo num só lugar e grudado para que ficasse assim por uma semana, sem se mexer. Não pensei que a minha tia pudesse ser sexy.

“Irmão Jones”, disse ela, luxuriando as palavras. Ela nem reparou em mim. “Você veio nos salvar.”

Meu pai ficou perturbado.

“Serena”, disse ele, tentando sair do estupor. “Você está...”

“Estou?”, incitou ela, brincando.

“Você cresceu.”

“Por favor. Acho que você pode fazer melhor!”

“Você está linda.”

“Melhorou”, disse ela, sorrindo.

Ela deu um passo em direção ao meu pai e deu um abraço nele de uma maneira que me deixou sem graça. Sempre pensei em abraços em termos de luta de boxe. Tem o *clinch* e o *break*, quando eles se separam. Geralmente os boxeadores se separam sozinhos, mas, se eles demoram muito, o juiz precisa separá-los. Neste caso, eu me dei conta de que teria que ser o juiz, porque o *clinch* estava durando muito mais do que deveria, então limpei a garganta. Serena largou meu pai, mas, quando se afastou, ela disse: “Você devia mesmo raspar essa barba horrorosa”, o que achei divertido, não apenas porque era verdade, mas porque era como quando um boxeador dá uma pancada no outro depois que o juiz separou os dois. Não é permitido dar soco inesperado no seu oponente durante a pausa; é preciso esperar que o juiz dê o sinal para que a luta continue.

“Você deve ser o Trevor”, disse ela, rodopiando em minha direção e me envolvendo completamente. Não há outra maneira de descrever. Fiquei paralisado.

“Dê um beijo na sua tia Serena”, disse meu pai.

Serena sorriu do meu desconforto. Eu não conseguia parar de olhar para o côncavo onde a garganta dela se encontrava com a clavícula.

“Por enquanto, pode ser um aperto de mão”, Serena disse, estendendo a mão. “Vamos

guardar os beijos para depois, o.k.?”

“Eu aceito o beijo”, consegui cochichar, e ela riu. Inclinou-se e me deu um beijo na bochecha. Eu senti um cheiro maravilhoso, algo cítrico e fresco.

“Você é um docinho”, disse ela.

“Sim, senhora”, eu disse.

“Não sou senhora, e espero nunca ser. Sou tia Serena, se você insiste em formalidades, ainda que eu prefira que você não insista. Só Serena está bom.”

“Sim, só Serena”, eu disse, provocando um sorriso.

“Macaquinho atrevido”, ela disse, e me deu uma olhada de cima pra baixo, como se eu estivesse num cabide de mostruário na Macy’s. “Ele tem os seus olhos, Jones. Não na cor: a cor deve ser da Rachel. Mas no formato. Ele com certeza é um Riddell.”

“Com certeza é um Riddell”, concordou meu pai.

“Mas estou sendo egoísta! Vocês devem estar famintos. Nunca viajei de avião, mas em filmes dizem que a comida é horrorosa. Deixem-me preparar alguma coisa pra vocês. Já almoçaram? Pode ser um lanchinho, só para segurar até o jantar.”

Sem esperar resposta, ela correu para fora.

“Vai ajudar”, mandou meu pai, então fui atrás dela e ajudei com as sacolas de compras.

Serena fez sanduíches, porque não havíamos almoçado: um peru recém-assado estava nos esperando na geladeira. Quando terminamos, ela nos levou para cima e nos mostrou nossos quartos, que ficavam em pontas opostas de um longo corredor.

“Achei que você ia gostar de um pouco de privacidade”, ela disse, enquanto me levava pelo corredor, depois de deixar meu pai no quarto dele, na parte da frente da casa. “Além disso, é mais fresquinho na parte de trás. Coloquei seu pai no antigo quarto dele, para que ele se sentisse à vontade. Mas lá é muito quente no sol da tarde, e não temos ar-condicionado. Acho que aqui você vai ficar mais feliz.”

Ela me levou a um quarto vazio exceto por uma cama, uma cômoda, um ventilador, uma escrivaninha pequena e uma cadeira de balanço; as paredes e o chão estavam vazios.

“Seu pai me contou que você quer ser escritor quando crescer”, ela disse. “É uma profissão admirável. Sempre admirei os escritores. Coloquei esta escrivaninha aqui para você. Precisa de papel e caneta?”

“Eu tenho meus cadernos”, eu disse.

“Ah, ótimo”, ela disse, com um sorriso satisfeito. “Aqui é um pouco rústico, mas é muito pacífico. Sinta-se em casa. Sei que você está cansado depois da viagem, então vou te deixar sozinho pra tirar uma soneca. O jantar vai ser às sete, lá embaixo. Você vai conhecer Vovô Samuel. Não vai ser bom?”

“Você tem um emprego?”, perguntei.

Ela pareceu espantada com a pergunta, e me senti envergonhado por querer saber mais sobre ela.

“Claro que eu trabalho. Alguém precisa pôr comida na mesa, e com certeza não vai ser o Papai!”

“O que você faz?”

“Trabalho para um administrador de imóveis. Tenho certeza de que isso deve parecer bem

chato para um garoto como você: um escritor! Envolto no mundo das letras! Bom, é importante que todos nós tenhamos nossas metas, ainda que algumas sejam mais modestas que outras.”

Então ela me deixou sozinho, como prometido. Mas não tirei uma soneca; sonecas me davam náusea. Além disso, eu queria entender Serena. Que adulto nunca andou de avião? Minha família era praticamente pobre — bom, naquele instante éramos *verdadeiramente* pobres, mas, antes disso, éramos apenas praticamente pobres — e eu já tinha andado de avião um monte de vezes.

Tirei minhas coisas da mala e coloquei na cômoda. Caminhei em círculos pelo quarto por algum tempo, porque estava quente e eu estava cansado. Finalmente me deitei na cama, trancei os dedos atrás da cabeça, fiquei olhando para o teto e ouvindo o barulho do ventilador girando, balançando no chão, pra frente e pra trás.

Devo ter dormido, porque acordei espantado com o som da voz de alguém, ou assim pensei. Será que foi meu pai? Não havia ninguém no meu quarto, e o resto da casa estava em silêncio. Levantei e olhei o corredor. Nada. Senti um calafrio; a brisa do ventilador soprou no meu pescoço e me arrepiei. Jurava que tinha escutado alguém dizer meu nome.

E quando fechei a porta e voltei à cama, ouvi um rangido baixinho, em algum lugar nas profundezas das vigas da casa, como se a própria casa estivesse me chamando.

Chegamos à Casa Riddell em julho de 1990, dois dias antes do meu aniversário de catorze anos, mas lembro de estar tão certo das coisas naquela época! Eu conhecia os fatos básicos. Meus pais estavam sem dinheiro. Eles pediram falência e perderam a casa em Connecticut. Meu pai perdeu seu negócio — o que era parte da causa da falência, para começo de conversa, um cataclismo que causou muita tensão no relacionamento deles. Eu sabia que minha mãe tinha deixado meu pai e eu, e buscado refúgio com a família dela na Inglaterra. E eu sabia que meu pai me trouxera para uma casa bizarra em Seattle para que eu conhecesse meu passado, minha história. Eu nunca tinha estado na Casa Riddell; nunca conheci meu avô ou minha tia, e meu pai queria que eu os conhecesse. Se você é uma galinha, em alguma hora seu pai galo vai querer te mostrar um ovo e dizer: “É daqui que você veio”. Eu entendia isso.

Eu também sabia que a viagem da minha mãe para a Inglaterra e a viagem do meu pai para Seattle eram mais do que viagens de férias de verão. Era o começo de uma tentativa de separação. Porque as coisas entre meus pais estavam difíceis havia bastante tempo. E um casal que briga por tanto tempo eventualmente vai bater tanto um no outro que afundam suas almas. Mesmo se um dia eles se amaram muito. Mesmo se ainda se amassem.

Havia outros garotos na escola, em Connecticut, cujos pais tinham se divorciado. Eu já tinha visto aquilo. Outros meninos se gabavam que tinham dois Natais, ou sei lá o quê. Presentes em dobro. Amor em dobro. Mas eu via algo nos olhos deles, mesmo naquela época, quando ainda era pequeno. Eu sabia que eles estavam blefando. Carrinhos Hot Wheels duram por pouco tempo, antes que os eixos se entortem e eles não andem mais em linha reta. Carrinhos de controle remoto só são divertidos até você não conseguir encontrar o controle remoto.

Foi uma época escura em nossas vidas, quando o banco tomou a hipoteca da casa e a colocou em leilão. A gente foi assistir — deve ter sido uma lição de vida que meus pais queriam que eu tivesse, mas não sei se foi uma boa ideia. Não foi excitante, como vender um quadro ou um carro antigo, como mostram na TV. Foi bem chato. Um cara anunciou uma quantia, alguém mais entregou uns papéis, e ele bateu seu martelo: nossa casa estava vendida para uma empresa no Alabama.

Eu fiquei arrasado. Achava que meu pai ia nos salvar. Achava que fomos lá para ganhar de todo mundo com um lance final na nossa própria casa. Meu pai levantaria a mão e o leiloeiro apontaria para ele e pediria por outras ofertas, que não viriam, e nossa vida voltaria ao normal.

Mas ele não nos salvou. Fomos embora como todo mundo: com as mãos metidas dentro dos nossos bolsos vazios.

Estava muito quente, uma onda de calor fora de moda, quando fomos para nosso hotel perto do aeroporto de New Haven. Não era um hotel horrroso: era limpo e tinha um grande estacionamento e uma piscina cercada por uma alta cerca de arame. Fui filho único minha vida

inteira, então sabia o que fazer. Coloquei meu calção de banho e fomos para a piscina, o que não era assim tão ruim, mesmo se alguns garotos, turistas alemães, estivessem jogando uma bola de tênis pra lá e pra cá num estranho jogo de vôlei — três garotos atirando uma bola de tênis saturada de água como um míssil que deslizava pela superfície da piscina. Era tão intenso, que eu tive medo de perder um dente, caso a bola me atingisse. Eu gostava da piscina, mas não me sentia seguro com a bola de tênis voando daquele jeito, então saí, enrolei-me nas toalhas que pegara no carrinho de toalhas, e me deitei numa cadeira reclinável de vinil perto dos meus pais, que estavam no meio de uma tensa discussão e nem me notavam.

“Olha a nossa vida”, disse minha mãe para meu pai. “Perdemos tudo. Você está azedo e aborrecido o tempo todo.”

Meu pai não disse nada.

“Eu tenho sido paciente, Jones”, continuou a minha mãe. “Eu realmente tenho sido. Tentei te ajudar. Mas você precisa ajudar a si mesmo. Eu amo você, Jones. De algum jeito, sempre vou te amar. Mas você precisa entender: chegamos ao ponto crítico.”

Houve um longo silêncio. Eu estava mergulhado nas toalhas; acho que eles nem me viram ou souberam que eu estava escutando. Era assim que eu conseguia a maior parte das informações: escutando às escondidas conversas que não eram da minha conta.

“Eu me sinto estúpido quando você me cita poesia”, meu pai finalmente disse. “Quem foi esse? Coleridge outra vez?”

“Na verdade, foi Eliot.”

Minha mãe sacudiu tristemente a cabeça.

“Você ainda não terminou com aquele lugar”, ela disse. “Sempre diz que terminou, mas não terminou. Você ainda carrega aquilo para todo lugar.”

“É difícil”, ele disse.

“Não. Dividir um átomo é difícil. Confrontar seu passado é apenas algo que deve ser feito. Já concordei em deixá-lo levar Trevor. Leve ele então aonde você cresceu, à Casa Riddell. Mostre a ele quem você é, e mostre o *porquê* do que você é. E talvez você se encontre lá também. E depois...”

“E depois?”

“E depois veremos melhor onde *nós* estamos.”

Ele concordou, mas não olhou nos olhos dela. Ela o encarou durante muito tempo, até que ele olhou de volta.

“Espero que você saiba o que está fazendo”, ele disse, quando ela se levantou para sair.

Ele estendeu a mão para ela. Ela hesitou um momento, e também estendeu a mão, mas não até o fim, só até as pontas de seus dedos se tocarem. Ela sacudiu a cabeça uma vez e se foi.

Meu pai hesitou por alguns minutos e também decidiu sair. Enquanto caminhava, um dos garotos alemães jogou a bola do outro lado da piscina; ela bateu numa cadeira reclinável, atingiu meu pai nas costelas e caiu aos seus pés. Ele parou um momento, pegou a bola e jogou com o máximo de força que podia, mais forte do que eu já tinha visto alguém jogar uma bola. Ela voou para fora da área da piscina, cruzou o estacionamento, bateu numa pilastra de uma das sacadas do hotel e aterrissou nas moitas. Ele saiu andando.

Mais tarde, naquela noite, quando minha mãe e eu estávamos no quarto do hotel — meu pai

estava no chuveiro —, pedi outra vez que ela viesse conosco à Casa Riddell.

“Ah, Trevor”, ela disse. “Você não tem experiência de vida para entender o que está acontecendo.”

Lembro de pensar que talvez eu não tivesse. Mas eu entendia duas coisas: primeiro, em algum ponto do caminho, meu pai foi para o lado errado e minha mãe parou de amá-lo; segundo, eu podia consertar ele. Eu podia recompor ele. E eu acreditava que, até o fim do verão, se eu fizesse meu trabalho direito, poderia entregar meu pai para minha mãe como se ele fosse uma pessoa amorosa normal, como quando ela o encontrou.

E depois? Bom, depois caberia a ela decidir onde estava seu coração. Tem um limite para o que um garoto pode fazer!

3. O jantar está servido

Não gostei da Casa Riddell. Ela parecia estar rangendo e gemendo ou suspirando o tempo todo, como se estivesse viva. Como se fosse uma antiga árvore se balançando ao vento, reclamando de estar sendo sacudida.

Desci as escadas — não queria incomodar meu pai, caso ele estivesse dormindo. Fui pra varanda da frente, que estava ardendo de calor. O sol esmagava a casa com seus raios, e, no brilho intenso do mormaço de fim de tarde, era difícil enxergar qualquer coisa. Por isso não o vi, até que o escutei falando.

“Quem é você?”, perguntou um homem.

Quase morri de susto. Levantei a mão para proteger meus olhos e, com eles entrefechados, olhei na direção da voz. Vi um homem idoso numa cadeira de balanço de madeira. Ao lado dele, numa mesinha, havia uma bandeja com dois copos de vidro e um jarro de algo que parecia ser limonada. O velho se parecia muito com o retrato de Elijah Riddell da sala da frente. Tinha cabelo branco longo e oleoso, e seu rosto era cansado, e tinha grandes orelhas e um grande nariz. Por um momento, pensei que ele poderia ser Elijah Riddell, mas era impossível. Lógica e bom senso — e o fato de que eu sabia que não estava vivendo num filme de terror — me disseram que o homem devia ser Vovô Samuel.

O homem que pensei ser meu avô fez uma cara de sofrimento e se ajeitou na cadeira. Enxugou a testa com um lenço. Ele devia estar desconfortável com o calor, porque estava de calças pretas e camiseta preta, e o sol adora torturar roupas pretas.

“Quem é você?”, perguntou o homem.

“Eu sou o Trevor. Você é Samuel, não é? Meu avô.”

“É, acho que sim.”

“Sou o filho de seu filho. Jones Riddell. Muito prazer.”

Dei dois passos em sua direção, e notei o que estava escrito na sua camiseta: DEUS ERA MEU COPILOTO, MAS CAÍMOS NAS MONTANHAS E TIVE QUE COMÊ-LO.

“Essa é boa”, eu disse.

“O quê?”

“Sua camiseta. É engraçada.”

“Você sabe por que nós o chamamos de Jones?”

“Era o nome de solteira da mãe dele”, respondi, um pouco confuso com a falta de lógica, mas sabendo da história e querendo mostrar que sabia. “Sua esposa, Isobel Jones. E também porque era diferente. As pessoas se lembram de coisas que são diferentes, e ela queria que se lembrassem dele.”

“Você a conheceu?”, perguntou Vovô Samuel.

“Não. Tenho catorze anos. Vou fazer catorze anos depois de amanhã. Ela morreu antes de eu nascer.”

“Ela amava ele mais do que qualquer coisa nesta terra”, ele disse, mexendo a boca, perdido

em pensamentos. “Acho que ele amava ela mais do que ela amava ele.”

Ele caiu num silêncio de velhos. Ruminando. Essa sempre foi uma das minhas palavras favoritas. Cabras e vacas são ruminantes: elas mastigam a comida e engolem, e daí a vomitam para dentro da boca, mastigam mais um pouco, engolem outra vez, e assim por diante. Então, se a gente pensa muito sobre as coisas, a gente está engolindo pensamentos e daí vomitando outra vez para a boca para pensar neles um pouco mais. Ainda gosto dessa imagem, mesmo agora.

“Quero uma camiseta dessas”, eu finalmente disse.

Vovô Samuel baixou os olhos e levantou a frente da camiseta como se fosse ler o que estava escrito, soltou e deu de ombros.

“Serena compra minhas roupas.”

“Posso tomar um pouco de limonada?”

Ele pensou na minha pergunta um pouco; encheu um copo e me deu. Sentei ao seu lado e não falamos nada. Ruminamos. Foi muito zen. O sol batia sobre nós. Bebemos limonada até esvaziarmos os copos, ele encheu outra vez e cozinhamos um pouco mais ao sol. Por um momento fiquei pensando que, se eu estivesse em casa — melhor dizendo, se meus pais ainda tivessem uma casa onde eu pudesse estar “em casa” —, estaria vendo baseball na TV ou lendo um livro, e estaria passando o tempo, mas não estaria *ruminando*. E me passou pela cabeça que talvez eu tivesse acabado de encontrar o homem mais sábio do planeta. Meu avô não me encheu de perguntas e não ouviu minhas respostas, como a maioria dos adultos. Ele não me divertiu com histórias engraçadas. Ele não estava interessado se eu estava usando meu tempo produtivamente. Ele não me mandou colocar protetor solar. Sentamos juntos. Juntos, sentamos. Foi tudo que fizemos por quase uma hora. Até que Serena saiu pela pomposa porta dupla da entrada da frente e veio até a varanda da Casa Riddell.

Fiquei surpreso por não ter ouvido ela se aproximar; a casa rangia tanto, deveria ter escutado seus passos no saguão de entrada. Olhei para baixo e notei que ela havia tirado as botas, o que explicava o mistério: pés descalços não fazem ruído. Eu não quis ficar olhando, mas não conseguia parar. Os pés dela eram perfeitos. O formato e tamanho eram ideais, o suave arco de seus arcos e seus dedos era extraordinário. Suas unhas estavam pintadas de um azul tão azul que era hipnotizante. Tentei não ficar encarando, mas obviamente não consegui, porque ela sorriu e disse: “Sempre ando pela casa *au naturel*; é melhor para a postura”.

“Claro”, eu disse, porque tinha quase catorze anos e estava duro, e é isso o que garotos de catorze anos que ficam duros dizem.

“Hora de se lavar para o jantar. Já vi que você se encontrou com seu avô. Papai, você foi legal com o Trevor?”

“Eu dei limonada pra ele”, Vovô Samuel respondeu.

“Deu? Muito gentil de sua parte!”

“Ele gosta da minha camiseta.”

“Hummm... Não tem muito a ver, não acha? Deus e canibalismo no mesmo pensamento?”

“Não tenho certeza de que seria canibalismo”, eu disse, na esperança de impressionar Serena com minha inteligência. “Para ser canibalismo, os dois teriam que ser da mesma espécie. Então, tecnicamente, não seria canibalismo comer um deus. Quer dizer, se houvesse

um deus por perto para ser comida.”

“Você é esperto, não é mesmo? Esperto Trevor.”

“Só Serena”, eu disse, sem pensar.

“Tudo bem, você pode tirar sarro de mim. Não fique tímido. Fale mais alto.”

“Só Serena”, eu disse, mais alto, como ela mandara.

“Ha!”, gritou Vovô Samuel, e bateu na coxa com uma palmada sonora. “Só Serena!”, ele gritou, jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

“Que legal que você e seu avô se aliaram às minhas custas”, ela disse. “Agora vão se lavar, meninos”, continuou ela, depois que Vovô Samuel se acalmou.

Vovô Samuel liderou a marcha. Quando foi a minha vez de passar pela porta de entrada, Serena a fechou, então tive que parar.

“Sei que vocês lá da costa leste desprezam nós aqui do oeste”, disse ela. “Vocês acham que não somos muito inteligentes.”

“Eu não acho...”

“Ah, mas você *acha*”, ela disse. “E por mim tudo bem. Provicianismo é uma faca de dois gumes. Mas fique sabendo que nós, pessoas sem cultura do oeste, jogamos duro algumas vezes. Então, se você se machucar, já peço desculpas de antemão. Com certeza eu não tinha essa intenção.”

Ela me olhou de uma maneira que me assustou.

“Desculpe, Tia Serena”, eu disse, arrependido. “Não quis ofendê-la.”

“Você não me ofendeu, jovem Trevor.” Ela me deu um sorriso e me abraçou de tal maneira que senti seu cheiro cítrico outra vez. “Você não me ofendeu nem um pouco.”

Serena. Dedos do pé azuis e perfume cítrico e olhos felinos.

A mesa estava abarrotada com uma enorme quantidade de comida, muito mais do que quatro pessoas poderiam comer de uma vez só. Havia pão recém-assado, que enchia a cozinha com um cheiro de vapor e fermento, e frango frito caseiro, pedaços de melancia, salada picada e salada de batatas, milho fervido ou assado, ervilhas doces, e um jarro de limonada com galhinhos de alecrim — uma das especialidades de Serena.

“Uau”, eu disse.

“Preparei umas coisinhas.”

Vovô Samuel se sentou. Serena pegou um vidro de remédio do armário.

“Poderia subir e chamar seu pai?”, ela pediu, tirando duas pílulas do vidro e colocando-as na frente do Vovô Samuel. “Eu falei pra ele que o jantar estava pronto, mas parece que ele está demorando.”

“Tome seu remédio”, ouvi ela dizer, antes de sair da sala.

Subi, bati na porta do meu pai, e entrei. Meu pai estava sentado na borda da cama, curvado para a frente, com o rosto nas mãos. Ele tinha trocado de roupa, colocando umas calças cáqui limpas, e estava com seus sapatos mocassim, porque era o que ele sempre vestia, a menos que vestisse seu único terno, e então colocava seus sapatos pretos. Mas notei que ele estava vestindo uma camisa social limpa e bem passada. Minha mãe deve ter dobrado aquela camisa,

porque meu pai era um desleixado e não sabia o que era dobrar uma manga, ou por que alguém deveria dobrar uma manga. Ele levantou a cabeça quando entrei no quarto, e eu me encolhi comicamente. Meu pai tinha tirado a barba. Fácil assim. Serena fez um só comentário, e meu pai fez a barba. O que vinha a provar a minha teoria de que minha mãe deixava meu pai ficar com a barba para ter uma razão para sentir repulsa ao olhar para ele, e que ele na verdade não se interessava pela barba, e não teria se importado de raspá-la, se ela tivesse dito alguma coisa. Meu pai não tinha nenhuma ideia de como contribuíra para a própria perdição.

Ele parecia anos mais jovem sem a barba: sua pele estava pálida onde antes era barbuda, mas suas bochechas, testa e orelhas estavam bronzeadas, criando um efeito meio guaxinim. Sentado daquele jeito, com sua camisa social e seu cabelo penteado e úmido do chuveiro, ele parecia um garoto. Senti pena dele. Senti como se eu tivesse ido ao seu quarto para levá-lo à mesa dos adultos. Ou à câmara de gás.

Tentando fazer piada, eu disse: “Palavras finais?”, e ele literalmente começou a tremer.

Ele levantou e respirou fundo, colocou o braço nos meus ombros, e caminhamos juntos para o corredor.

“Prometa que vai contar um monte de piadas no jantar”, ele disse. “Porque eu me sinto como se fosse vomitar.”

Eu não sabia como era o relacionamento do meu pai com meu avô. Até então, meu avô era tão ausente na nossa vida que era como se estivesse morto. Nunca falamos sobre ele. Nunca falamos com ele. Nenhuma foto dele, ou mesmo de qualquer membro da família do meu pai. Nunca passou pela minha cabeça imaginar por quê. Mas meu pai também era um mistério para mim. Naquela época, raramente fazíamos alguma coisa juntos, e, caso fizéssemos, não conversávamos muito. Algumas vezes ele começava a me contar algo sobre sua infância, mas ele parava no meio da história, como se não quisesse se lembrar. Como se tivesse fechado a porta para essa parte de sua vida, e não quisesse abri-la outra vez.

Ajudei ele a descer até a cozinha (eu pensei de verdade que as pernas dele iam ceder, caso eu não estivesse lá para ajudá-lo a descer as escadas), e Serena e Vovô Samuel levantaram os olhos.

“Olha só como você está bonito!”, disse Serena alegremente. “Eu sabia que havia um rosto embaixo daquela confusão. Papai? Olha quem está aqui. É o Irmão Jones!”

Vovô Samuel e meu pai se entreolharam com cautela.

“Oi, Papai”, disse meu pai.

“Oi, Filho”, disse Vovô Samuel, com um aceno de pouca importância, sem nem levantar os olhos.

“Adoro essas reuniões amorosas e calorosas!”, disse Serena. “Agora tentem não ficar muito emocionados, meninos. Temos bastante tempo para contar as novidades. Vem sentar com a gente, Jones.”

Sentamos e a comida foi passada de mão em mão, e ninguém disse uma palavra. Total silêncio. Havia gestos e sorrisos e acenos, tudo bem educado. Mastigamos e engolimos e bebemos. Limpamos os cantos da boca. Além disso, silêncio total, exceto pelo barulho do ventilador.

Finalmente, Vovô Samuel se inclinou para mim e sussurrou: “Me passe um pedaço de

melancia”. Quando passei o prato, percebi que meu avô não tinha todos os dedos da mão esquerda. Faltava o quarto dedo, e um pedaço do dedo do meio acima da segunda junta.

“Dickie ligou. Disse que estava ocupado”, anunciou Serena de repente, indicando o lugar vazio na mesa. Eu notei, mas estava com medo de perguntar a respeito.

“Quem é Dickie?”, perguntou meu pai.

“Meu namorado”, disse Serena. “Como você acha que sobrevivo às noites solitárias?”

“Não sabia que você tinha um namorado. É sério?”

“Na minha idade, Irmão Jones, qualquer relacionamento é sério.”

“Quantos anos você tem?”, Vovô Samuel deixou escapar, bem quando eu pensava que ele não estava prestando atenção na conversa.

“Não é educado perguntar isso para uma mulher, Papai. Mas já que você aparentemente não se lembra de coisa nenhuma sobre minha chegada neste mundo, vou dizer. Tenho cinco anos a menos que o Irmão Jones, e ele tem 39. Sabe fazer a conta, Papai?”

“Eu posso fazer *contas!*”, disse Vovô Samuel, irritadamente.

“Você precisa comer algo além de melancia.”

Olhei para o prato do Vovô Samuel. Estava cheio de melancia, e só melancia.

“Mas eu *adoro* melancia!”, exclamou vovô.

Achei difícil não dar risada. Vovô era como um personagem de revista em quadrinhos. Ele tinha mãos grandes e sua cabeça era grande e seu cabelo ia pra todo lado, e quando ele disse “adoro”, jogou os braços para cima — e não pude deixar de ficar olhando para seus dedos ausentes.

“Viu só?”, disse Serena para meu pai e eu. “É isso o que eu tenho que aguentar todos os dias. Algumas vezes ele está aqui, algumas vezes não. Ele precisa escrever as coisas para se lembrar delas, e mesmo assim...”

“*Eu adoro melancia!*”, Vovô exclamou, continuando a protestar.

Serena fez uma careta para nós, mostrando sua exasperação.

“Pega um pedaço de frango”, ela disse.

“Não gosto de frango”, ele reclamou. “Tem tendões.”

“Todos os animais têm tendões, Papai.” disse Serena. “Tendões e ligamentos e entranhas. Fibras e tecidos de conexão. Ossos são tecidos de conexão, você sabia, Trevor? Aposto que você já aprendeu isso nas aulas de biologia. Nós pensamos em ossos como se eles fossem barras de aço dentro do corpo, mas, na verdade, eles são maleáveis, órgãos totalmente flexíveis que possuem funções importantes além da integridade estrutural, como produzir as células sanguíneas, tanto as brancas quanto as vermelhas.”

Ficamos em silêncio. Todos pareciam abismados com o improvisado discurso de Serena sobre ossos. Talvez essa fosse a intenção dela. Talvez fosse assim que ela lidava com as explosões sobre tendões do Vovô Samuel.

“E assim como os ossos devem ser flexíveis”, ela continuou, “nós também devemos ser flexíveis em nossos relacionamentos, para termos harmonia. Devemos reconhecer que relacionamentos são coisas dinâmicas — sempre em mutação — e, algumas vezes, eles chegam ao fim. Você pode atestar sobre isso, não é mesmo, Irmão Jones, com a sua recente separação da Rachel?”

“Na verdade, não é uma separação”, ele disse.

“Não? É o quê, então? Ela está na Inglaterra e você está aqui. Para mim, isso se parece muito com uma separação.”

“*Legalmente* não estamos separados.”

“Leis foram feitas para regular a economia, Irmão Jones”, disse Serena, “não assuntos do coração. *Legalmente* ou não, você *está* separado de sua esposa, não é mesmo?”

“Mas eles vão voltar a ficar juntos”, deixei escapar, fazendo com que Serena olhasse para mim.

“É só um intervalo”, confirmei. “Não é para sempre.”

“Como eu disse, relacionamentos são coisas dinâmicas”, ela disse, dando de ombros, como se eu tivesse acabado de provar sua tese. “Por favor, pegue um pedaço de frango, Papai. Você precisa de proteína.”

“Não gosto de frango...”

“Você precisa comer algo.”

“Essa casa é assombrada?”, perguntei, tentando afastar o assunto da conversa de tendões.

Serena continuou a comer por um tempo, antes de responder.

“Você tem medo de fantasmas?”

“Não.”

Ela pegou mais salada de batata e apontou para o prato de frango frito.

“Frango”, ela disse ao Vovô Samuel.

“Tendões”, ele retrucou, fazendo cara feia.

“Por que você pergunta sobre fantasmas, meu sobrinho?”

“Porque escutei algo. Acho que escutei uma voz.”

“Uma casa como esta fala com você”, disse Serena. “Ela tem muita coisa para te contar.”

“Como o quê?”

“A Casa Riddell tem mais de cem anos”, disse Serena. Ela pegou o garfo e continuou a comer. “Pense em todas as pessoas que já caminharam por esses assoalhos. O assoalho conhece todas elas; eu não. Seu avô escuta pessoas dançando à noite, lá em cima, no salão de baile. Mas ele sofre de demência, então ninguém presta atenção nele.”

“Então a Casa Riddell é assombrada?”

“Depende do como você define ‘assombrada’.”

“Serena, por favor, pare”, disse meu pai.

“Ben está nervoso”, murmurou Vovô Samuel. Ele se levantou e foi até a mesa de telefone, pegou uma caneta e escreveu algo num *Post-it*. Ele escreveu deliberadamente e com muita concentração.”

“O que ele está fazendo?”, sussurrei para Serena. “Quem é Ben?”

“Ele não consegue se lembrar de nada, então escreve coisas em *Post-its*. É tudo sem nexo; nada faz sentido. Dizem que nos últimos estágios de Alzheimer o cérebro fica parecendo uma esponja molhada. Pense nesta imagem um pouco.”

“Isto é *importante*”, exclamou Vovô Samuel, levantando o rosto para o teto. Ele terminou de escrever a nota e voltou à mesa.

“Onde estávamos mesmo?”, perguntou Serena, revirando os olhos. “Ah, sim. A questão de

assombrações. Jones, você não teve *a conversa* com o Trevor?”

“O que é *a conversa*?”, perguntei.

“A conversa sobre estados de ser, estados de percepção. Nós tínhamos *a conversa* todos os dias ao redor da mesa de jantar, quando seu pai e eu éramos pequenos. Nossa mãe sempre nos dava lições sobre isso. Quero dizer, há tanta coisa que *não sabemos*, como podemos pensar que sabemos qualquer coisa? Papai, eu preciso insistir que você coma um pedaço de frango.”

Serena pegou um pedaço de frango frito com pegadores e colocou no prato do Vovô Samuel. Ele se encolheu e empurrou a coxa para fora do seu prato, em cima da toalha de mesa.

“Há alguma entidade nesta casa?”, perguntei.

“Defina ‘entidade’”, disse Serena. “Devemos usar a nomenclatura correta. Terminologia pode ser muito confusa, a menos que concordemos nas definições.”

“Pare com isso, Serena”, rosou meu pai. “De verdade. Você está assustando o menino.”

“Acho que Trevor sabe mais do que você pensa. Foi ele que perguntou.”

Serena se levantou, pegou uma caixa de fósforos do aparador ao lado do grande fogão antigo. Jogou a caixa na mesa à minha frente e voltou ao seu assento.

“Há toda espécie de esconderijos nesta casa”, ela disse. “Quando a Casa Riddell foi construída, havia muitas coisas das quais se ter medo. Nada de índios, claro. Os nativos da costa noroeste eram um bando dócil, que comerciavam alegremente tanto entre eles mesmos, quanto com os homens brancos. Mas havia bandidos e ladrões que atacavam os ricos; sempre que conseguiam, eles raptavam membros das famílias e pediam resgate. Pelo menos era isso o que Elijah pensava, ainda que fosse um misantropo, então é preciso levar tudo com um pé atrás. Mesmo assim, esta casa foi projetada com passagens secretas e lugares para se esconder, para que Elijah se sentisse seguro — chamam esses lugares de buracos do padre, um termo herdado dos tempos da Reforma na Inglaterra, quando os católicos escondiam os padres do regime protestante. Você sabe o que eles faziam quando descobriam um padre escondido nas paredes, durante a Reforma?”

“O quê?”

“Eles o enforcavam, ou queimavam vivo. Enforcamento é dramático, mas não tem nada como o cheiro de carne queimada pairando no ar para arrancar um padre ou dois do esconderijo. Tenho certeza de que você consegue imaginar.”

“*Serena*”, repreendeu meu pai.

“Tem uma escada secreta na Casa Riddell”, continuou Serena, sem pausar. “Não sei onde. É secreta, não é mesmo, Jones? Um segredo que você compartilhou com a Mãe? Eu era pequena demais para que me permitissem ouvir o segredo. Há uma escada secreta, Trevor, e, se você a encontrar e acender um fósforo, você verá uma aparição num súbito clarão de luz. O fantasma da Casa Riddell. Mas não devemos falar a respeito; incomoda Papai. Papai acha que falar de espíritos é muito perturbador. Você se lembra daquela noite quando Papai levou o machado para a escada, não é mesmo, Irmão Jones?”

“Eu não deveria ter vindo pra cá”, ele murmurou, exasperado.

“Talvez não”, concordou Serena. “Mesmo assim, você está aqui. Você veio de propósito. Você não caiu do céu, e de repente estava na Casa Riddell. Você entrou num avião. Você pegou sua bagagem. Você alugou um carro... Papai, por favor, coloque esse frango de volta no prato

e coma! Coma tudo, inclusive os tendões, caso contrário você vai ficar fraco, vai cair e fraturar o quadril. E estudos provam que uma vez que a mobilidade fica diminuída devido a um quadril fraturado, o tempo de vida se encurta muito!”

“Não gosto de frango!”, gritou Vovô. “Não gosto de frango! Não gosto de frango! Não gosto de frango!”

Serena calmamente baixou o garfo e a faca.

“Este é um jantar muito importante”, ela disse. “Irmão Jones voltou, e ele trouxe seu filho com ele. Se você não consegue ser educado, pode sair da mesa.”

Ela não disse brava, mas disse com inegável clareza.

“Não gosto de frango”, repetiu Vovô Samuel mansamente, mais uma vez.

“Então, em vez disso, coma legumes. Pegue um pouco de milho, um pouco de salada e de ervilhas.”

Vovô Samuel examinou a comida na mesa, seu foco indo de tigela em tigela. Ele parecia confuso com a tarefa apresentada.

“Posso me levantar?”, pediu.

“Você não falou nem uma palavra com o Jones.”

Ele mexeu a mandíbula e nervosamente esfregou os cotos dos dedos que faltavam.

“À noite”, ele disse para mim, com um sopro de conspiração, “se você escutar com cuidado, vai poder ouvir ela dançando.”

“Chega disso, papai”, disse Serena rispidamente. “Você sabe o que isso faz com a sua pressão.”

“Você pode ouvir passos”, sussurrou Vovô Samuel.

“Papai!”

Ele parou. Serena olhou para ele zangada, e ele não teve coragem de falar.

“Pode escutar *quem* dançando?”, perguntou meu pai.

Vovô Samuel olhou para Serena; baixou os olhos para seu prato.

“É a chuva”, disse ele. “Você pode escutar a chuva.”

“*Quem* você pode escutar dançando?”, pediu meu pai.

Vovô Samuel não respondeu. Meu pai olhou para Serena, mas ela o ignorou.

“Você pode ler para ele, se você não se lembra”, disse Serena, depois de uma pausa, para Vovô Samuel. “Leia o que você escreveu. Você trabalhou tanto nisso!”

Meu avô parecia confuso; meu pai, frustrado.

“No seu bolso”, sugeriu Serena.

Vovô Samuel apalpou o bolso das calças. Tirou um pedaço de papel e se acalmou. Leu o papel para si mesmo. Olhou para meu pai.

“Senti saudades de você”, disse ele. Olhou de novo para o papel. “Lamento que tenha passado tanto tempo. Estou feliz de ver você e conhecer Trevor.”

Ele olhou para seu papel, e seus olhos se encheram de lágrimas, mas elas não escorreram.

“Leia tudo”, disse Serena.

“Espero que você possa me perdoar por minhas transgressões”, leu Vovô Samuel. Rapidamente dobrou o papel, colocou de volta no bolso e limpou os olhos com as costas da mão.

“Minhas transgressões”, ele repetiu. “Isso significa as coisas erradas que fiz.”

Meu pai franziu a testa.

“Isso é sério?”, perguntou à Serena.

“Claro que é.”

“Posso ir pro meu celeiro agora?”, perguntou Vovô Samuel. “Eu gostaria de ir pro meu celeiro.”

“Pode”, disse Serena. “Mas não fique até tarde. E acenda as luzes, para não machucar os olhos. Algumas vezes ele se esquece de acender as luzes, e eu o encontro trabalhando no escuro!”

Vovô Samuel assentiu e saiu pela porta de trás da cozinha, arrastando os pés.

“O que foi isso?”, exigiu meu pai, depois que Vovô Samuel saiu.

Serena suspirou.

“Desculpa”, disse ela, obviamente desapontada. “Ele sabe exatamente como mexer comigo. Eu não devia ter reagido. Eu tinha esperanças de que nosso jantar de reunião pudesse ser mais agradável.”

Ela gesticulou para os muitos pratos e tigelas de comida sobre a mesa.

“Uma desculpa por escrito?”, perguntou meu pai.

“Ele queria pedir desculpas para você. Ele me pediu para ajudá-lo. Acho que você não entende inteiramente a condição dele. Não é fácil conviver com ele.”

Ela fechou os olhos, respirou profundo e exalou, sacudindo os braços em círculo sobre a cabeça, como uma bailarina ou um instrutor de ioga.

“Você gosta de torta?”, ela me perguntou, com alegria forçada. “Tenho uma torta de amoras para sobremesa.”

“Sim, obrigado.”

Ela tirou uma fôrma de torta do forno e colocou sobre o balcão da cozinha.

“A minha torta tem uma cobertura de bolacha de que você vai gostar. Estas amoras são do ano passado. Ainda está cedo para colher amoras este ano. Amanhã vou mostrar onde elas crescem, e você pode ficar de olho nelas pra mim. Quando estiverem maduras, precisamos ser rápidos, ou os pássaros comem tudo. Quer um pedaço de torta, Irmão Jones?”

“Não, obrigado.”

Serena cortou um pedaço bem grande de torta e colocou na minha frente. Dei uma mordida e era muito boa; o recheio estava borbulhante e açucarado e quase quente demais.

“Gostaria de um café, Jones? Mais limonada?”

“Você tem alguma coisa mais forte que limonada?”, ele perguntou, sombrio.

Serena riu, abriu a porta de baixo de um armário, e apresentou uma garrafa de líquido marrom com um rótulo branco. Ela colocou na mesa na frente dele, com a mão segurando firmemente o gargalo.

“É forte o suficiente para você, Irmão Jones?”

Ri para mim mesmo da insinuação. Ele pegou a garrafa e examinou-a; era Jim Beam.

“Serve, sim, Irmã Serena. Serve, sim.”

Serena pegou dois copos do armário, e meu pai serviu o líquido marrom, enquanto eu comia minha torta e tentava não olhar. Durante algum tempo, Serena e meu pai se sentaram frente a

frente, bebericando suas doses de uísque sem falar nada, e eu me dei conta de que havia todo um mundo que eles compartilhavam e do qual eu não tinha nenhuma ideia. Nenhuma mesmo.

“Não gosto que você fique me encarando”, disse meu pai.

“Estou reaprendendo você”, retrucou Serena. “Eu me dei conta de que memórias, as imagens que guardamos na mente, não são mesmo imagens. São muito mais vagas. Quando penso em você, não penso no seu rosto, penso na sua forma. Na minha memória, você não tem rosto. Você se movimenta nas minhas memórias e sei que é você, mas o que visualizo não tem detalhes.”

Ele deu de ombros.

“Se eu fosse pintora”, continuou Serena, “pintaria as pessoas sem rostos. Ou só com sobrancelhas. Sobrancelhas e cabelo e queixos. Porque é isso o que lembro. As marcações. Mas agora que vejo você outra vez, posso preencher os detalhes.”

“Essa é uma metáfora bem elaborada”, meu pai disse. “Trevor, você devia escrever isso. Sua tia é a escritora que você aspira ser.”

“Tenho pena da família de um escritor”, disse Serena. “Eles se verão para sempre nas suas histórias. Não é verdade, Irmão Jones?”

“Por que você chama ele de Irmão Jones?”, perguntei.

“É uma coisa de quando a gente era criança”, disse Serena, com uma risada. “É como nos chamamos.”

“Por quê?”

“Por quê?”, ela repetiu melancolicamente. “Por que o galo canta? Não pergunte a ele; ele não sabe.”

Silêncio outra vez, e logo Serena disse: “*Vou voltar pra te buscar*”.

Meu pai não deu atenção ao comentário, então pensei que eu deveria.

“O que isso quer dizer?”

“Foi o que seu pai disse quando foi embora. Eu tinha onze anos de idade. Minha Mãe tinha falecido e Jones estava indo embora. Ele me deu um abraço apertado com seus braços grandes e fortes, braços para segurar, e disse: ‘*Vou voltar pra te buscar, Irmã Serena. Vou voltar.*’ Foi poético; parecia que vinha direto das páginas de um romance. Talvez da sua futura autobiografia, Trevor. *Vou voltar pra te buscar, Irmã Serena.* Fiquei esperando, e ele não voltou. Até agora.”

“A vida é complicada”, meu pai disse, depois de um silêncio desconfortável.

“É o que eu ouço dizer”, ela disse. “No entanto, as coisas não são tão complexas quanto parecem. O destino desta casa, por exemplo.”

Outra vez meu pai ficou em silêncio, mas eu via que ele estava pensando sobre alguma coisa.

“Qual é o destino desta casa?”, perguntei.

“É simples e complexo ao mesmo tempo”, disse Serena. “O objetivo, é claro, é que seja simples; o modo de chegar a este objetivo é que pode dar voltas.”

“Talvez a gente deva deixar esse assunto de lado por enquanto”, disse meu pai. “Não sei se Trevor está interessado.”

“Ele devia estar”, disse Serena. “Trevor, você está interessado no legado de sua família?”

Ou você prefere se fazer de surdo e deixar seu destino nas mãos de pessoas que podem ou não ter o melhor para você em mente?”

“Estou interessado”, eu disse.

“Viu?”, Serena disse para meu pai. “De qualquer jeito, acredito em honestidade total. Ele é da família. Não acho que devemos guardar segredos das crianças, sob o pretexto de que é para o bem deles. Não é para o bem deles; é pra conveniência dos que guardam os segredos. Mas talvez isso seja uma coisa que irrite só a mim. O que você já sabe, meu sobrinho?”

“Sei que estamos aqui porque estamos falidos”, eu disse. “E sei que estamos aqui para vender o terreno. Isso é tudo que eu sei.”

“Já é um começo”, ela disse. “Vou te contar o resto do modo mais resumido possível. Elijah, seu tataravô, teve dois filhos, Benjamin e Abraham. Benjamin morreu tragicamente bem jovem e sem filhos, deixando Abraham como o único herdeiro de Elijah. Quando Elijah faleceu, ele colocou a casa e a propriedade e tudo que sobrou do seu dinheiro em uma pensão, com Abraham como beneficiado; Abraham podia utilizar a casa, mas ela não pertencia a ele. Entenda, Elijah não queria que Abraham tivesse controle da propriedade, porque Abraham queria vendê-la e explorá-la. Elijah entendia que, quando a família Riddell desaparecesse da terra, este lugar voltaria à selvagem e indomável natureza. Ele queria que a Propriedade do Norte se transformasse em um parque.”

“Isso é esquisito. Por quê?”

“Ele achava que era sua obrigação moral devolver à terra tudo o que ele havia tirado dela, mesmo se isso fosse apenas um gesto simbólico. Mesmo assim, leis são leis, e as leis que regulam as terras dizem que não se pode fazer uma pensão que dure para sempre. Há uma razão legal para isso, chamada regra contra a perpetuidade. Foi feita para impedir dinastias. Os americanos odeiam reis e odiamos dinastias. Elijah podia impedir que Abraham vendesse e explorasse a terra, mas não podia impedir futuros herdeiros de fazer o que quisessem.

“Como você sabe tudo isso?”, perguntei.

“Meu avô Abraham era obcecado com isso, e fez com que seu pai e eu aprendêssemos a respeito. Avô Abe queria, mais do que qualquer coisa, explorar esta terra por lucro, e Elijah o frustrou. Elijah esperava que algum futuro Riddell viesse a apoiar seu desejo final, e deixasse que a terra ficasse inculta pela eternidade, em vez de explorá-la. Quando Vovô Abe faleceu, a pensão foi dissolvida e a propriedade e os recursos passariam para Vovô Samuel, para que ele fizesse o que bem entendesse. Até agora, Papai aderiu ao desejo final de Elijah e se recusou a vender a casa e a terra. Agora que a sua saúde mental está declinando rapidamente — como você pode claramente perceber — é hora de colocá-lo em uma casa de apoio, um lugar onde possam cuidar dele. Mas ele não quer ir, porque acredita que a Mãe está dançando para ele no salão de baile...”

“Pera aí”, interrompeu meu pai. “É *isso* o que ele ouve? Ele ouve a Mamãe?”

“Não, não, claro que não. A Mãe faleceu há muito tempo. Ele ouve a chuva no telhado, ou os ratos nas paredes. Em sua demência, ele conjurou o fantasma da Mãe. Está tudo na sua mente.”

Meu pai a olhou de sobrelhas franzidas, e ela voltou sua atenção para mim.

“É hora do seu pai e eu nos encarregarmos da casa e do terreno, e explorarmos a

propriedade, para termos os recursos financeiros para cuidar de seu avô a longo prazo, se isso for necessário. Naturalmente, como herdeiros, seu pai e eu também nos beneficiaríamos com a transação.”

“Ah”, eu disse, compreendendo o esquema. “Por *isso* estamos aqui.”

Serena deu de ombros, assentindo o óbvio.

“Você sabe quanto vale essa terra?”, meu pai disse meio abruptamente. “Milhões. Milhões e milhões, se a subdivisão for propriamente feita. Não posso fugir disso. Vou ser capaz de prover minha família de maneira apropriada, coisa que não tenho sido capaz de fazer nos últimos tempos, caso você não tenha se dado conta da nossa situação atual.”

Eu sabia o que aquilo significava. Significava que ele acreditava que minha mãe o receberia de volta, se ele tivesse dinheiro. Eu também acreditava. Ele não precisava ser rico, só precisava ter o suficiente para comprar nossa casa de volta. Assim minha mãe o amaria outra vez. Ela adorava aquela casa, e eu também. Provavelmente não conseguiríamos nossa antiga casa de volta, mas poderíamos conseguir uma parecida.

“Você devia fazer isso”, eu disse pro meu pai. “Faça o que você precisa fazer pra que a Mamãe ame você de novo. Você fez a barba; já é um bom começo.”

Serena riu; ela se inclinou e encheu o copo do meu pai outra vez.

“Claro que ainda tem o pequeno detalhe de fazer com que Papai nos dê a procuração, para que possamos fazer o que precisa ser feito”, disse Serena. “Essa é a tarefa do seu pai.”

“Por que *você* não faz?”, perguntei a ela.

“Porque fui eu que fiquei pra trás”, disse ela, sorrindo de maneira curiosa, como se a resposta fosse óbvia.

Ela ergueu as sobrancelhas, terminou o pouco que sobrara no seu copo, e se levantou.

“Temos uma tradição nesta casa, Trevor”, ela disse. “Quem cozinha não limpa. Seu pai começou a tradição, quando a Mãe ficou doente. Antes disso, ela fazia toda a limpeza. Bom, antes *disso*, a gente tinha empregados, não é mesmo, Irmão Jones? Antes que Vovô Abe falecesse e todo o Império Riddell se desmantelasse. Você se lembra daquela época?”

“Vocês tinham empregados?”

“Ah, sim”, disse Serena. “A gente tinha motorista para nos levar à escola, num grande carro preto. E a gente tinha uma cozinheira e uma governanta, e tinha homens que cuidavam da horta. Bons tempos aqueles, não é, Jones?”

“Foi nisso que nossos milhões de dólares se foram?”

“Não”, disse Serena, rindo. “Nossos milhões se foram antes disso. Elijah doou a maior parte da sua fortuna antes de morrer. Tudo, exceto esta casa. A parte cínica de mim acha que ele estava tentando comprar uma passagem segura para o outro mundo, mas posso estar exagerando injustamente. É uma história interessante; talvez algum dia seu pai te conte. Depois Vovô Abraham perdeu sua herança porque algumas pessoas são perdedoras, e, não importa quanto lutem, elas sempre perdem. Seu pai e eu não temos nada, a não ser que consigamos vender esta casa. Eu te pergunto, Trevor, cadê a justiça? Bom, não importa. Justiça chegou na forma do Irmão Jones, que vai consertar tudo, não é mesmo, querido irmão? Ah...”

Ela foi à mesa do telefone e pegou um fichário grosso e azul de três argolas, que colocou na frente do meu pai.

“Aqui está um material de leitura para você, Irmão Jones, caso você tenha um ataque de insônia *après voyage*. Coisa fascinante, e tenho certeza de que você vai achar bem interessante. Boa noite, cavalheiros. Se precisarem de alguma coisa, vou estar na ala dos empregados, seguindo por este corredor. Senão, presumo que vocês vão se sentir em casa.”

“Por que você dorme na ala dos empregados?”, perguntei.

“A mente inquisitiva sempre tem mais uma pergunta”, ela disse, pacientemente. “Esta parte principal da casa está legal agora porque é verão. Mas é cheia de correntes de ar e goteiras durante a estação de chuvas, que vai de outubro a junho. Papai e eu ficamos na ala dos empregados porque é mais confortável e mais fácil de cuidar. De qualquer jeito, hoje consegui tirar folga no trabalho, mas amanhã é dia útil pra mim, então é hora de me retirar.” Ela bocejou sonolentemente e deslizou para fora da sala de uma forma que só posso descrever como de bailarina, levando seus lindos dedos do pé. Olhei para meu pai, que evitou meus olhos. Ele arrancou o fichário de cima da mesa e colocou de lado, antes que eu pudesse ver o que estava escrito na capa.

“Pode me contar a história de Elijah?”, perguntei.

Ele se serviu de mais Jim Beam, o que parecia ser muito. Eu estava preocupado de que a Casa Riddell não fosse o melhor ambiente para ele.

“Esta noite, não”, ele disse, engolindo sua dose de uísque de uma só vez.

“Quando?”

Ele se serviu de mais uma dose, mas não tomou.

“Você deve estar cansado. Pode subir, eu limpo tudo.”

“Eu ajudo, se você me contar. Por que Elijah queria que isto fosse um parque? E por que Abraham queria tanto explorar a terra?”

“É natural querer fazer dinheiro. Você pode usá-lo para comprar comida e roupas e TV a cabo — todas as coisas que são boas de ter.”

“Então me conte a história.”

“Não conheço a história”, ele disse, com um pouco de raiva. “Não conheço e não me interessa por ela. Agora suba e me deixe limpar essa confusão.”

Esperei um pouco, com a esperança de que ele cedesse. Ele não me olhou nos olhos, mas sabia que eu ainda estava ali.

“Desculpe”, ele disse. “Estou ficando com dor de cabeça. Não quis me irritar com você.”

Deixei ele limpando a cozinha. Ao sair, peguei o Post-it no qual Vovô Samuel escreveu. Caminhando pelo corredor, em direção à porta da frente, li as palavras que ele rabiscou no papel: MUIR MTNS CA. As letras estavam em maiúsculas, e ele as tinha riscado diversas vezes, de modo que ficaram bem fortes. Ele devia estar pressionando muito ao escrever, porque eu podia sentir as letras entalhadas no outro lado da folha. Mas o que aquilo significava? Levantei os olhos e encontrei os olhos de Elijah Riddell, que me encarou lá do quadro da sala de entrada. O velho com seu cabelo branco e sua bengala, estendendo a mão como se fosse me puxar para dentro do quadro com ele.

Dediquei muito do meu tempo livre, desde 1990, pesquisando a história da minha família, mas ainda não consegui descobrir uma biografia autorizada do meu tataravô Elijah Riddell. Não tenho nenhuma evidência, mas construí um caso circunstancial bastante convincente para provar, pelo menos para mim, que Elijah tinha tenentes cujo trabalho era buscar repórteres com grandes aspirações — aqueles que poderiam ser encontrados farejando pelos moinhos e pátios com perguntas a respeito do passado de Elijah, a fim de avançar em suas próprias carreiras. Quando abordado, é provável que o autor de alguma história ou relato das atividades pessoais ou dos negócios de Elijah poderia ser persuadido de que ir em frente com o projeto não serviria aos melhores interesses de nenhuma das partes, mas, por outro lado, um acordo financeiro seria mutuamente benéfico. A oferta, creio eu, era feita apenas uma vez. Foi recusada? Bom, naqueles dias, muitos acidentes trágicos aconteciam nas florestas do norte de Minnesota — onde Elijah começara a formar o seu império — e, muitas vezes, corpos ficavam sem serem descobertos até depois do degelo da primavera, e, de qualquer jeito, memórias raramente duravam até o fim do inverno.

Isso não quer dizer que não se escreveram diversas biografias *não autorizadas*, publicadas em pequenas gráficas e abandonadas em remotas pilhas nas bibliotecas de cidadezinhas, ou disponíveis, por cinquenta centavos de dólar, nas empoeiradas prateleiras de algum sebo em St. Paul. Através dos anos, chegaram a mim diversas histórias sobre a vida de Elijah, analisando seus pensamentos e motivos, de modo que, enquanto a maior parte da sua história permaneça vaga, alguma coisa é conhecida. O suficiente para que eu pelo menos possa pintar um retrato do homem.

A julgar pelos textos que descobri, bem como pelos papéis do próprio Elijah, ele foi um homem solitário e um negociante astuto. Não tinha nenhuma ajuda. Conduzia seus negócios num prédio pequeno, ao lado de seu primeiro moinho em St. Paul, Minnesota, e foi daquela sala fria que ele construiu um império realmente impressionante, mesmo pelos padrões americanos. Ele trabalhava sem parar, nunca tirando férias ou descanso, nunca parando por motivo de doença. Trabalhava seis dias por semana e, ainda que observasse a crença religiosa de não trabalhar nos domingos, na sua mente ele trabalhava todos os domingos, fazendo planos e negócios na sua cabeça, a fim de compensar pelo trabalho perdido quando chegasse a próxima segunda-feira, dia que ele então trabalhava em dobro. Ele vivia sozinho e trabalhava sozinho, mantendo contato com seus representantes através de cartas ou telegramas. Assim era sua natureza reclusa. Mas, certo dia, sentindo um profundo vazio dentro de si, ele saiu de sua cova, deu uma olhada no mundo que havia criado, e viu que ele estava vazio de pessoas. Resolveu então corrigir a situação, criando um filho.

Não foi difícil executar seu plano. Ele tinha uma casa construída para se parecer com as casas de outros ricos cidadãos de St. Paul. Possuía roupas feitas de modo que ele se parecesse com qualquer outro cidadão rico. Ele fez grandes festas, às quais convidou os outros ricos

cidadãos, e, numa dessas festas, escolheu uma mulher de linhagem e inteligência satisfatórias, que era também forte o suficiente para suportar os difíceis invernos de Minnesota. O nome dela era Sara Green. Elijah pagou um rico dote à sua família, casou-se imediatamente, e ela ficou grávida. Logo juntou suas coisas e marchou para as ricas florestas da Costa Oeste. Afinal, ele tinha um império para construir.

Ele detalhou sua partida para o Oeste em uma carta escrita a um colega:

Antes de partir, disse à minha esposa que mandaria buscar meu filho quando ele estivesse pronto. Ela riu daquele jeito coquete que sempre me incomodou, e perguntou como eu estava tão certo de que seria um menino. Sobre algumas coisas eu não tenho dúvidas. Quando a criança nascer, será um menino. Isto eu sei. Seu nome será Benjamin, e ele mudará o mundo para melhor.

E assim foi. Benjamin Riddell nasceu enquanto seu pai acumulava terras e mais terras de florestas no noroeste.

Elijah voltou a St. Paul uma vez por ano, para verificar como estava seu filho, Benjamin, que era saudável, forte, incrivelmente inteligente, e precocemente sábio. Elijah providenciara empregados e uma mesada generosa, para que mãe e filho pudessem viver de modo bem confortável na sua custosa casa. Ele nunca ficou em St. Paul por mais de quinze dias.

Dez anos depois, segundo os registros, em 1886, Elijah voltou a St. Paul para pegar sua esposa e seu filho, os quais ele planejara que se juntassem a ele em Seattle, uma cidade que considerava aceitável para uma mulher e um menino — já que ele considerava suas antigas sedes em Portland, Oregon, e Aberdeen, Washington, rústicas e desorganizadas demais. Sara Green voluntariosamente se recusou a se mover um só centímetro em direção ao oeste. Na verdade, ela disse que preferia se mudar para o leste, para Nova York, onde residia sua família, do que para o oeste. Ela estava cansada do frio e da solidão da vida em Minnesota; além disso, estava cansada da sua cama fria e solitária. “Fiquei tão irritado com as intimações dela que ‘esquentei sua cama’ ali mesmo”, escreveu Elijah no seu diário. “Na manhã seguinte, parti para Seattle com Benjamin, que falava sem parar, enquanto cruzávamos o país de trem, no nosso vagão particular.”

Um ano depois, Elijah recebeu uma carta de sua esposa em Nova York. Ela tinha dado à luz ao segundo filho do casal, outro menino, e deu o nome de Abraham. Elijah respondeu, por carta, que ela e Abraham deveriam se mudar imediatamente para Seattle. Ela, por carta, recusou terminantemente. E ele: uma severa advertência de que, caso ela e o menino não se apresentassem sem demora, ela podia considerar a si e ao filho como renegados. E assim a correspondência deles terminou.

Após alguns curtos anos em Seattle, Elijah conduziu seu filho Benjamin à Academia Phillips Exeter, aonde os meninos mais promissores e afluentes eram enviados. Anos mais tarde, depois da morte de Benjamin, Elijah reconta o último jantar dos dois em seu diário, que encontrei durante aquele verão na Casa Riddell:

Terminamos nosso jantar em grandioso estilo, com um brinde de fino vinho do Porto.

Disse a Benjamin que voltaria por ele quando ele estivesse pronto. Ele me olhou de uma maneira surpreendente, com seu cabelo espesso e negro e seus olhos penetrantes e com um senso de maleabilidade sobre si, como uma árvore se dobrando ao vento para não se quebrar, e lembro-me de pensar que ele ainda era um menino, mas às bordas do precipício da masculinidade.

“Estarei pronto, Pai”, ele disse.

Acedi e deixei-o aos cuidados dos professores. Sempre achei engraçado ele não ter me dado a chance de ir buscá-lo, porque ele era bem capaz disso. Sete anos mais tarde, quando tinha se formado na Faculdade de Yale com um ano inteiro à frente de seus pares, ele apareceu à minha porta em Seattle. Meu empregado de longa data, sr. Thomas, o recebeu.

“Você tem hora marcada?”, perguntou ao estranho jovem energético à sua frente, no saguão da minha residência citadina, na Minor Avenue.

“Diga a meu pai que estou pronto”, disse Benjamin.

O sr. Thomas se postou em reconhecimento.

“Mestre Benjamin”, disse ele, fazendo uma profunda reverência e abrindo a porta para me revelar, em pé nas sombras do saguão de entrada.

“Esperávamos a sua chegada!”

Eu me lembro de me sentir frustrado e com saudades de casa, naquela primeira noite na Casa Riddell. Precisava andar por um longo corredor para chegar ao banheiro, e ressentia o fato da Casa Riddell ser tão grande, mas ter tão poucos banheiros. Eu queria minha antiga casa de volta. Ela era pequena, e meu banheiro era do outro lado da minha porta, não a um campo de futebol de distância. E meus pais, quando eu era pequeno e tinha um pesadelo, estavam bem perto. Eu tinha saudades da nossa casa. Tinha saudades da minha mãe. Não ia conseguir dormir, então, ainda que fosse tarde e a casa estivesse escura, desci as escadas e fui à cozinha para pegar um copo d'água. Abri a porta do refrigerador, e, na luz azul que se espalhou pelo chão da cozinha, vi alguém sentado à mesa; meu coração deu um pulso, antes que eu percebesse que era meu avô.

“Serena?”, arriscou Vovô Samuel, apertando os olhos nas sombras.

“Sou eu”, respondi. “Você me assustou.”

“Onde está Serena?”

“Não sei. Deve estar dormindo.”

“Geralmente ela faz o meu remédio.”

Fechei a porta do refrigerador, e a cozinha voltou a ficar escura. Acendi as luzes, revelando Vovô Samuel sentado à mesa, vestindo uns pijamas fora de moda, de cor azul-claro, de mangas compridas e abotoado na frente. Ele se estendeu e esfregou os cotos dos dedos que faltavam, coisa que notei ser algo que ele fazia muito, um tique nervoso. Quando estava estressado, ele massageava seus cotos. Fiquei me perguntando se ele ainda sentia os dedos. Dedos fantasmas.

“Você não sabe como fazer sozinho?”, perguntei.

“Serena faz meu remédio.”

“Que tipo de remédio?”

“Remédio para dormir. Ela faz para mim quando não consigo dormir. Você faria para mim?”

“Onde está?”

“Ela guarda ali no armário”, ele disse, apontando com a mão. “Tem um vidro de remédio ali. Ela coloca um pouco de leite, para não ficar com gosto ruim.”

Abri a porta do armário indicado, mas não vi remédio nenhum.

“Como é que ele é?”

“Não sei. Não a vejo fazer. Está num vidro com rótulo branco.”

Só vi uma garrafa no armário: o uísque que Serena e meu pai beberam antes. Mas tinha rótulo branco.

“Este?”, perguntei, tirando a garrafa de Jim Beam.

“É, isso mesmo.”

“Isto é uísque.”

“É remédio”, ele disse. “Me ajuda a dormir.”

“É, aposto que sim”, eu disse. Não sabia se era esperto ou cruel a Serena dar uísque para

Vovô Samuel para fazer com que ele dormisse. Fosse como fosse, fingir que uma garrafa de uísque é remédio era enganador. Ainda assim, senti que deveria agir segundo os costumes da Casa Riddell, então coloquei a garrafa no balcão da cozinha e peguei um copo de outro armário.

“Misture uma parte de remédio com duas partes de leite”, instruiu Vovô Samuel. “É o que Serena faz. Algumas vezes ela esquenta pra mim, mas não preciso quente.”

“Vou fazer frio, então”, eu disse. “Não sei como acender o fogão.”

Misturei a bebida como ele havia instruído e coloquei o copo à sua frente. Me servi um pouco de limonada e sentei do outro lado da mesa. Queria perguntar ao Vovô Samuel sobre o fantasma. Queria perguntar sobre seus dedos. Tantas perguntas! Mas estávamos fazendo aquela coisa zen, então fiquei quieto.

“Você consegue ouvir ela dançando?”, Vovô Samuel finalmente perguntou, rompendo o transe.

“Quem?”

“Isobel. Você ouve ela? Serena diz que não consegue ouvir, mas eu acho que ela consegue. Os passos dela são muito leves, porque ela era uma dançarina muito boa.”

“Isobel era?”

“Quando a conheci, ela dançava no balé. Não o tipo com saias cor-de-rosa, mas dança *moderna*. Ela era linda, e, quando dançava, todo mundo se sentava. Ninguém conseguia tirar os olhos dela. Eu disse pra ela que tinha um salão de baile na minha casa e perguntei se ela queria ver, e ela riu. Tinha um pescoço muito longo e um rosto perfeito, e, quando sorria, todo o seu rosto ria. Ela disse que aquela era a melhor cantada que já tinha ouvido, mas aí eu mostrei pra ela.”

“Um salão de baile?”

“No terceiro piso. Você não acredita?”

“Ainda não fui lá em cima.”

“Eu trouxe ela pra casa e mostrei o salão de baile, e ela dançou pra mim. Toquei discos no fonógrafo portátil que eu tinha. Queria um de console, mas meu pai não permitiu, então, em vez disso, eu consegui um Crosley portátil. Eu tinha discos de jazz e toquei, e ela dançou.”

Ele desapareceu nas memórias, mas eu queria ouvir mais.

“Que música ela dançou?”

“Ela me beijou. Ah, Isobel. Você me beijou e eu te disse que faria qualquer coisa por você, mas não podia. No fim, eu não podia fazer o que você queria.”

Ele parecia muito triste e perdido, bebericando seu remédio. Mas eu não queria que ele parasse de falar. Eu estava com sede de pistas sobre meu passado e sobre meu pai.

“Como ela morreu?”, perguntei, porque meu pai nunca me contara. Eu sabia que ela morreria quando meu pai tinha dezesseis anos, mas isso era tudo que eu sabia.

Vovô Samuel me olhou com seus olhos líquidos e disse, num sussurro quieto:

“Escute!”

Escutei, e podia ouvir passos, como Vovô Samuel dissera, vindos de algum lugar da casa. Eu estava para dizer algo, mas ele me silenciou, e disse:

“Algumas vezes, se você tem sorte, você pode ouvir música.”

Escutei atentamente. Praticamente parei de respirar, de tão quieto que fiquei. E ouvi música. Jazz. Um saxofone tocando.

“Estou ouvindo”, eu disse.

“Está? Serena diz que não consegue ouvir. Ela diz que sou louco. Mas você *ouve*?”

“Ouço.”

Ouvi tudo. Passos. Música tocando bem baixinho, bem longe. Era emocionante!

“É um fantasma?”, sussurrei.

“É ela”, disse Vovô Samuel. “Ela vem e dança pra mim.”

A música acabou e os passos pararam.

“O que aconteceu entre você e Papai?”, perguntei a Vovô Samuel.

Ele me olhou com seus olhos esbranquiçados.

“Posso tomar mais remédio?”, ele pediu.

“Primeiro me conta. Algo aconteceu, porque ele não veio aqui por vinte e três anos, e ele nunca fala sobre você ou sobre Serena ou Isobel. Algo aconteceu. O que foi?”

“Serena me dá remédio”, ele disse.

“Serena não está aqui”, respondi, teimosamente.

“Você é como ele”, ele falou, num sussurro severo, com os olhos fixos em mim. “*Vingativo.*”

Fiquei encarando meu avô por um momento, me sentindo ferido com suas palavras. Eu não tinha nenhuma animosidade contra ele, e não sabia por que ele estava falando tão severamente comigo. Eu me lembrei do que Serena tinha falado sobre a demência dele. Imaginei um cérebro parecido com uma esponja molhada.

“Tudo bem, então”, eu disse, levantando. Peguei a garrafa de uísque e tirei a tampa.

“Uma medida de remédio...”

“Duas medidas de leite. Já sei.”

Dei a bebida para o Vovô Samuel e guardei o leite e o uísque.

“Você quer que eu deixe a luz acesa?”

“Desligue”, disse Vovô Samuel, então eu desliguei.

“A casa é minha”, ele disse, lá das sombras do lado escuro da mesa. “Você não pode pegá-la.”

Fiquei impressionado com o tom definitivo da declaração.

“Eu não quero a casa”, eu disse.

“Posso ficar o tempo que quiser, e você não pode me fazer ir embora.”

Não entendi a última observação do meu avô, e comecei a tentar entender, enquanto subia de volta ao meu quarto. Quando cheguei ao patamar do segundo piso, ouvi um tique-taque vindo do terceiro andar. Continuei a subir cuidadosamente; o ar era úmido e cheirava a poeira. Um longo corredor, decorado com painéis de madeira ornados e com papel de parede floral, cor de vinho, desaparecia nas trevas sombrias; à minha esquerda, havia uma pequena área de recepção com portas duplas do lado oposto. O salão de baile. Fiquei parado bem quieto, à escuta: a casa gemia, como eu já aprendera a reconhecer, e ouvi o tique-taque por trás das portas. Cruzei a área de recepção e entrei em um vestíbulo escuro, ao mesmo tempo nervoso e entusiasmado com o que poderia encontrar. Abri uma das portas do salão e espiei: era uma

longa sala com assoalho de madeira, e um palco do outro lado. Havia um candelabro no teto e candeeiros enfeitavam as paredes, mas todas as luzes estavam apagadas. À luz da lua, eu podia ver teias de aranha nas luminárias, assim como nos cantos do salão, e uma camada de pó cobrindo tudo. Eu também vi pegadas no pó do assoalho. Olhei ao redor, buscando pelo tique-taque. No chão, perto do palco, havia um velho toca-discos numa caixa de couro duro: o fonógrafo do qual Vovô Samuel tinha me falado. Cruzei até ele e vi a causa do tique-taque: o prato giratório estava se movendo; um disco girava no prato, ainda que tivesse terminado de tocar, e a agulha batia contra o rótulo de papel.

Desliguei ele e senti um movimento atrás de mim. Quando virei, vi que havia alguém mais na sala, e senti um calafrio na espinha. Deve ter sido meu pai ou Serena, pensei, porque eu deixara Vovô lá na cozinha.

“Olá?”, perguntei, enquanto dava alguns passos experimentais à frente. Mas a figura não me respondeu. “Estou vendo você”, eu disse, e uma pontada de medo me atingiu, porque, se fosse meu pai ou Serena, eles teriam dito algo, não é mesmo? Dei mais alguns passos, e podia ver a pessoa se movendo levemente nas sombras.

“Isso não é engraçado”, eu disse, com voz hesitante. “Vou acender as luzes.”

Cruzei o salão na corrida, e bati nos interruptores ao lado das portas. As luzes se acenderam, mas, quando me virei, a sala estava vazia.

Quem quer que seja — e eu *sabia* que alguém estivera ali — tinha desaparecido. Eu estava sozinho no salão, e estava com medo.

**“Alguém que não terminou algo,
ou tem alguma persistente necessidade,
e fica preso neste mundo.”**

Acordei tarde na manhã seguinte. Depois do meu encontro com a figura dançarina no salão de baile, não consegui dormir até que os primeiros raios de luz começaram a entrar no meu quarto. Não conseguia tirar da cabeça as visões de toca-discos tocando por si mesmos, passos na noite, um espírito numa escadaria secreta que se revelava com o acender de um fósforo. A voz que ouvia chamando meu nome. Algo estranho estava acontecendo. E já que obviamente as experiências da noite anterior não seriam o suficiente para fazer com que abandonássemos a Casa Riddell, era melhor que eu tentasse entender tudo.

Desci em busca do meu pai. Na cozinha, encontrei uma nota da Serena me encorajando, mais uma vez, a me sentir em casa, ainda que eu pensasse que nunca me sentiria verdadeiramente em casa na Casa Riddell. Eu nem sabia que horas eram, já que tinha perdido meu relógio em algum lugar entre a perseguição a um fantasma dançante e o despertar da manhã, e não tinha relógio na cozinha. Pulei o café da manhã e saí.

Meu pai não estava no campo, então arrisquei buscar no quintal atrás da casa. A frente da Casa Riddell era para o oeste, para o Puget Sound e as Montanhas Olímpicas, e tinha uma vasta fachada majestosa. A parte de trás da Casa Riddell era diferente: um jardim formal, que provavelmente foi impressionante em alguma época, mas tinha deteriorado e parecia algo apropriado para uma casa assombrada. Caminhos de pedra rachadas cheios de trevos. Uma fonte impressionante, esculpida num grande pedaço de mármore, e mais alta do que eu, estava manchada de ferrugem e parecia servir havia muitos anos de fiel coletora de água da chuva. As samambaias estavam desgrenhadas e muito crescidas, os canteiros de flores estavam cobertos de musgo e samambaias selvagens, e as rosas tinham crescido tanto que nem conseguiam levantar a cabeça, curvavam-se até descansar sobre o solo rígido.

Atrás do jardim, descendo por um caminho de pedregulhos e ervas-daninhas, tinha uma piscina caindo aos pedaços; quase um metro de lodo negro e verde borbulhava em direção ao lado mais fundo. As paredes de lajes, que seguramente deveriam ter sido lindamente decoradas, agora estavam rachadas e quebradas. O vestiário tinha sido abandonado havia tempos, e a porta caía aberta, mostrando a escuridão interior. Ao leste da piscina havia um pátio com urnas estriadas sobre uma firme balaustrada, que se abria para uma larga escadaria e uma superfície rachada e quebradiça.

Eu não encontrava meu pai em nenhum lugar.

Dei a volta outra vez para voltar ao campo, e vi ele próximo à ribanceira. Ele olhou para trás quando ouviu meus passos, mas, além disso, nem se mexeu, ficou parado à beira do penhasco, olhando para baixo.

Era dramático, lá no precipício. A queda era de quase setenta metros. A praia lá embaixo era rochosa e cheia de troncos trazidos pelas águas, árvores inteiras esbranquiçadas pelo sal e o sol. Na base do penhasco havia dois trilhos de trem em um acostamento rochoso, que se esgueiravam ao longo das margens para o norte e para o sul, flexionando à medida que o solo

ondulava contra a água.

“Elijah Riddell construiu esses trilhos”, meu pai disse, quando me aproximei.

“Achava que ele ganhava dinheiro com madeiras”, eu disse, já sentindo a tontura da vertigem. Não que eu tivesse alguma aversão a altura, é que eu não queria cair dessas alturas e morrer.

“Madeira e empresas ferroviárias se entrelaçam. Era um mundo construído por poucos. Você já deve ter ouvido falar de Teddy Roosevelt e a quebra de sigilo e tudo isso nas aulas de história. O governo deu concessões de terra às ferrovias, as ferrovias fizeram negócios com os barões da madeira, para abater as árvores, e os barões da madeira venderam direitos de mineração aos interessados em metais preciosos...”

“Metais preciosos?”, perguntei. “Aqui?”

“Amplie sua visão. Naquela época, tudo que ficava fosse ao oeste de Chicago como noroeste. Encontraram muita prata no enclave de Idaho. Safiras em Montana. Mas o dinheiro mesmo estava em cobre.”

“Por que não em ouro?”

“O telégrafo. De repente, todo mundo precisava de fios de cobre. E é uma coisa horrível de se escavar. Maltrata o corpo.”

“Ah”, eu disse, impressionado com o conhecimento de meu pai.

“Bom, Elijah estava em tudo. Ele tinha um pedaço de tudo. Seu tataravô supriu todas as ferrovias de lá, cada uma delas. Já ouviu o apito de um trem passando?”

“Não.”

“Agora que falei, você vai ouvir. Quando os trens passam, eles sempre apitam, saudando Elijah Riddell.”

“É mesmo? Ele morreu há tanto tempo!”

“Essa é a tradição”, ele disse. “As pessoas não precisam saber como algo começou; elas fazem mesmo assim.”

“Parece religião.”

Fizemos uma pausa por um momento, e eu não rompi o feitiço. Durante toda a minha vida, eu sempre quisera ter um vínculo com meu pai; o fato de que finalmente estávamos nos aproximando na beira de um penhasco me parecia um mau presságio, mas era um passo na direção certa.

“Perdi minha aliança”, disse meu pai, apalpando o dedo anular da mão esquerda. “Será que é alguma espécie de sinal? Que meu casamento está desmoronando?”

“Olhou embaixo da cômoda?”, perguntei.

“Olhei em todo lugar. Desapareceu.”

Pensei por um pouco. Meu relógio havia sumido também. Será que tinha algum tipo de conexão entre os dois?

“Vovô Samuel escuta Isobel dançando, à noite. No salão de baile.”

Meu pai abanou a cabeça.

“Ela está morta”, adicionei. “Não pode dançar de verdade.”

“Vovô Samuel ouve coisas”, disse meu pai. “Faz parte da demência dele.”

“Claro”, concordei. “Mas... Eu também ouvi. E não tenho demência.”

“Quando você ouviu?”

“Ontem à noite. E eu vi alguém no salão de baile, mas não tenho certeza do que realmente vi. Talvez não fosse ninguém.”

“Mas você não tem certeza.”

“E não consigo achar meu relógio. Coloquei na cômoda ontem à noite. Agora sumiu.”

“Então você está sugerindo...”

Olhei para ele, e contei nos dedos os mistérios.

“Uma aliança perdida, um relógio desaparecido, um espírito numa escada escondida, passos dançantes, e um homem na parede chamando meu nome. Pelo menos é o que penso. Talvez fosse um sonho. Você me trouxe à Cidade das Esquisitices para demolir a casa. Mas não podemos demolir a casa, porque o homem a quem ela pertence pensa que sua falecida esposa ainda mora aqui. Pai, acho que chegou a hora de termos a conversa.”

“A conversa.”

“Aquela que você tinha todas as noites na mesa de jantar, quando tinha a minha idade. Estados de ser. Espíritos. Fantasmas. A nomenclatura. É hora.”

“Ah, é”, disse meu pai, acenando com deliberação e rabiscando o solo com o pé. “Então, Trevor, preciso confessar uma coisa. Minha mãe era maluca.”

“Doida?”

“Doida tipo New Age. Ela era uma das crianças-flores. Sentava numa pirâmide para colher energias.”

“Numa *pirâmide*?”

“Era uma estrutura”, ele disse. “Feita de metal. Uma pirâmide de mais ou menos um metro e meio de altura, sabe, supergrande. Ela se sentava lá dentro. Viu só, você não entende. Olha, a crença é a jornada que fazemos nestes corpos terrestres, é só isso — uma pequena parte da nossa jornada. Ficamos aqui por um pouco, para passar um tempo e tocar as coisas e sentir as coisas e ouvir música e, você sabe, bater punheta...”

“Qual é, Pai!”

“Você sabe”, ele disse, “fazer amor. Desfrutar dos prazeres físicos do nosso mundo. Então — e é assim que a minha mãe contaria, e ela não era psíquica ou seja lá o quê, ela estava ‘antenada’ — ela disse que, depois que morremos e nossa alma entra na dimensão não física, podemos interagir com o mundo físico, se nos focalizarmos nele, e podemos voltar e visitar quando quisermos. Sempre podemos fazer uma visita e dizer alô. E algumas vezes alguém vê uma dessas visitas. Bom, não é um fantasma de verdade. É um espírito. É um sobrevoo. Jogadores de futebol americano conhecem isso. ‘Senti que meu pai falecido estava comigo’, eles dizem, quando marcam um *touchdown*. Mas existe outro tipo de coisa.”

“Fantasma”, eu disse.

“Fantasma. Exatamente. Um fantasma é uma alma que ficou presa. Alguém que não terminou algo, ou tem alguma necessidade persistente, e fica preso neste mundo. Minha mãe diria: um espírito pode ir e vir quando quer, mas um fantasma está preso, porque um fantasma *não vê a porta*.”

“A porta”, eu disse.

“Para a dimensão não física”, ele disse. “É por isso que precisamos acertar na

nomenclatura. Será que a Casa Riddell tem espíritos, ou tem fantasmas? Há uma diferença. Mas não leve isso tudo a sério. Minha mãe sentava embaixo de pirâmides, e usava um pêndulo para decidir se devia ou não dar remédio para os filhos, ou para saber se eu podia comer morangos sem ter alergia.”

“O quê?”

“O teste do pêndulo. Não se preocupe com essa parte.”

“Você não acredita nisso”, eu disse.

“Não. Não, acho que não.”

“E não acredita em fantasmas.”

“Não”, ele disse. “Acho que não.”

“Mas você acreditava, quando tinha a minha idade?”

Ele me olhou por um longo tempo.

“Sim, eu acreditava”, ele disse. “Se você quer que eu seja totalmente honesto.”

Eu queria que ele fosse honesto, então segurei seu olhar o máximo que pude.

“Por que você perdeu a fé?”, perguntei.

Ele desviou o olhar, cavou no chão outra vez, deu dramaticamente de ombros.

“Por que o galo canta?”, ele disse. “Não pergunte a ele, ele não sabe.”

Virei os olhos para o aforismo ridículo do meu pai, uma repetição do que Serena havia dito na noite anterior.

“Minha mãe costumava dizer isso”, ele disse, ignorando o meu desdém, e começou a caminhar de volta à Casa Riddell.

“E quem é que *sabe*?”, eu perguntei. “Se o galo não sabe?”

“Temos uma missão”, ele disse. “Estamos aqui para colocar Vovô numa casa de repouso, vender este lugar para um empreendedor numa transação imobiliária lucrativa, e ir embora. Entrar e sair em estilo comando.”

“Para que você possa voltar a ficar com a Mamãe”, confirmei.

“Para que eu tenha uma *chance* de voltar a ficar com a Mamãe”, ele esclareceu. “Então vamos manter o foco, companheiro. Sua cooperação nesse esforço será grandemente apreciada. Obrigado de antemão pela sua compreensão.”

Ele seguiu pelo campo.

Frustrado com o ar de desinteresse do meu pai, gritei:

“Ei, Pai, repita comigo: ‘Objetivo primário: voltar para minha esposa...’”

Ele continuou a caminhar.

“Para que meu filho não me odeie pelo resto da vida”, terminei.

Ele parou de repente, hesitou por um momento, virou e me encarou.

“Tem uma fila longa de pessoas que vão me odiar pelo resto da vida”, ele disse ele. “Vou fazer tudo o que posso — tudo o que estiver ao meu alcance — para me assegurar de que você não está nessa fila, Trevor. Espero que você saiba disso.”

Dei de ombros.

“Bom”, ele disse. “Como diria sua mãe, a prova está no resultado. Vamos ver se consigo, o.k.? Admiro sua persistência. Acho que, se eu tivesse me aproximado do meu pai desse mesmo jeito, as coisas poderiam ter sido diferentes.”

“E o que a *sua mãe* diria?”, perguntei. “A coisa com o pêndulo que ela fazia — para curar seus resfriados e ver se você tinha alergia a morangos. Funcionava?”

“Sim”, ele disse. “Suponho que sim.”

Acenei com a cabeça.

“Sem mais perguntas”, eu disse. “Acabou o interrogatório.”

Minha avó Isobel faleceu em 1967, e, depois disso, meu pai, Jones Riddell, foi enviado para um colégio interno em Connecticut. Ele não voltou à Casa Riddell por vinte e três anos. O colégio interno não ficava longe de onde cresci, antes que meus pais perdessem tudo e nos tornássemos desabrigados. Eu conhecia o colégio. Chamava-se Academia Mount Sovern, e tinha a reputação de receber estudantes que não se encaixavam em um “ambiente acadêmico tradicional”. Em outras palavras, eles recebiam os expulsos e excluídos, que ficavam até que completassem dezoito anos e tivessem permissão legal de voltar a aterrorizar a sociedade sem a necessidade de um guardião. Os antissociais, os insociáveis, os patológicos, os violentos, os histéricos devido a drogas, os cruéis, os malucos de carteirinha. Basicamente, quando o juiz dizia: “Ou vai para Mount Sovern ou para uma colônia penal na costa da Venezuela”, os garotos inteligentes escolhiam a Venezuela. O resto era jogado em Mount Sovern.

Meu pai ficou no Mount Sovern por dois anos, formou-se e foi trabalhar. Havia, nas proximidades, um construtor de barcos que tinha um bom coração e pagava a ele um salário mínimo. Meu pai provou seu valor varrendo o chão por alguns meses, e logo foi acolhido a bordo. Aprendeu o ofício da construção de barcos. Parece que ele era muito bom nisso. Quando conheceu minha mãe, ele já tinha atingido algum sucesso, mas ela o inspirou a ir além. Eu era jovem demais para me lembrar de qualquer coisa, mas a história é que quando eu era pequeno a fama do dom do meu pai com madeira havia se espalhado pela costa atlântica, e o volume de trabalho que tinha fez com que ele ganhasse dinheiro suficiente para comprar uma pequena fazenda que fazia minha mãe se lembrar da sua infância na Inglaterra. Tínhamos um modesto pomar de macieiras, e um riacho nas bordas da propriedade, que dava para uma pequena floresta onde eu passeava e brincava e onde aprendi a escalar árvores. Depois, quando meu pai já tinha estabelecido seu próprio negócio, num generoso ato de responsabilidade civil, ele ofereceu uma vaga de estágio para alunos da Academia Mount Sovern, para que um deles pudesse aprender a arte da construção de barcos de madeira.

O programa foi muito bem-sucedido; o primeiro estudante saiu do aprendizado como carpinteiro e, mais tarde, conseguiu ser certificado pelo sindicato.

“Rah, rah, rah!”, bradou a comunidade.

O colégio pediu para que meu pai repetisse o experimento. No semestre seguinte, ele pegou dois garotos. Também foram muito bem-sucedidos. O colégio perguntou se meu pai ofereceria um curso de verão para os garotos que realmente não poderiam voltar para suas casas, porque, se voltassem, provavelmente seriam vítimas da irresistível tentação de cortar a garganta dos seus pais enquanto estes dormiam.

Meu pai disse: “Mas é claro!”.

Oito garotos estavam vivendo na Mount Sovern naquele verão, e eram diariamente levados de ônibus para a oficina do meu pai. Ele os ensinou a velejar. Algumas vezes, eles iam fazer caminhadas juntos, e nadar, jogar bola. (Todas as coisas que meu pai nunca teve tempo de

fazer comigo.) Construíram um barco juntos. Um homem rico da região pagou bastante pelo barco em um leilão para levantar fundos. Depois do último dia do curso, um dos garotos fugiu da Mount Sovern à noite, caminhou os treze quilômetros até a oficina de barcos do meu pai, e queimou o prédio até o chão. Completamente. Não restou nada, a não ser um pouco de fumaça.

Que tal isso de história?

O seguro cobriu as perdas. O colégio pediu desculpas profundas pelo lapso de segurança — afinal de contas, como você vai promover boa vontade com a comunidade local se os estudantes delinquentes que residem no seu estabelecimento estão correndo pelas vizinhanças incendiando prédios? O garoto foi mandado para a colônia penal na costa da Venezuela. Mas algo aconteceu com meu pai depois daquilo. Ele mudou. Tornou-se obcecado em ajudar garotos da Academia Mount Sovern. Ele nunca me disse por quê. Mas acredito que, como ex-aluno da Mount Sovern, meu pai encontrou sua salvação na construção de barcos de madeira; talvez ele quisesse passar esse trabalho redentor a outros. Se ele conseguisse salvar um garoto ensinando algo construtivo com madeira, será que não seria suficiente? Afinal, nossa família fez uma fortuna destruindo árvores. Será que alguém não deveria se beneficiar criando algo positivo com os cadáveres caídos?

Como se fosse sua obrigação, meu pai reconstruiu a oficina, mas parou de receber pedidos de novos barcos. Desse ponto em diante, ele fazia apenas cursos para os meninos da Academia. A cada semestre, e no curso de verão, eles construíam um esquife. Construíam um, e depois leiloavam para levantar fundos. Construíam um, e vendiam. Construíam um, e vendiam.

Toda vez que terminavam um barco, uma pessoa da região chegava e pagava muito por ele, e meu pai conseguia dinheiro suficiente para pagar suas contas. Mas bebês e cachorrinhos são bonitinhos por pouco tempo. Logo eles se tornam o que serão para o resto da vida: adultos e cachorros. As pessoas podem pagar caro por um bebê ou um cachorrinho. Mas não vão pagar caro por um cachorro velho.

Não tenho um diploma em administração. Nunca cuidei nem mesmo de uma barraquinha de limonada. Não sei nada de economia. Mas até eu sei que *vender três esquifes por ano inevitavelmente leva à falência*.

Com certeza exagerarei. Eu era garoto quando tudo isso estava acontecendo. Vi tudo através de minha perspectiva limitada. Tenho certeza de que houve maiores sutilezas no declínio dos negócios do meu pai. Aluguéis mal negociados, uma economia decadente, a disparada no custo de madeiras exóticas vindas da Indonésia, a insistência dele em construir barcos desde o início e não se dando ao trabalho de fazer restaurações ou consertos. Mas quando um negócio está na pior, só precisa uns poucos erros para se partir em pedacinhos. E então ele se partiu.

Não tenho dúvida de que essa sequência de eventos foi o principal motivo pelo qual passei a maior parte da minha infância lendo livros. (Minha mãe tinha muitos livros na nossa pequena fazenda, empilhados por toda parte — era impossível evitá-los!) Com um livro — se é um *bom* livro — pode-se esperar que haverá, ao final, um resultado que vai aderir às necessidades da narrativa. As perguntas serão respondidas. Elas precisam ser respondidas. Às vezes a resposta não é feliz, nem todos os livros são uma comédia. Algumas vezes, a tragédia ataca. Mas sempre haverá *uma conclusão*. Disso podemos ter certeza. Esse é o objetivo de um

livro.

Na vida real, não há garantia de que as perguntas terão respostas. A vida real é confusa porque não sabemos para onde ela se dirige. Não há fim concreto. Exceto a morte. Para mim, aos catorze anos, dadas as minhas experiências iniciais na Casa Riddell, não estava totalmente claro se a morte era realmente o fim.

Ainda não está claro para mim.

Naquela noite, antes do jantar — era apenas nosso segundo dia na casa Riddell, mas parecia que muita coisa havia acontecido desde a nossa chegada — aventurei-me a sair na varanda em busca do Vovô Samuel que, assim eu esperava, estaria tomando limonada ao sol. Eu queria questioná-lo. Catar informações em suas meias respostas. Eu não sabia se ele realmente poderia me contar, mas tinha que descobrir um modo de ajudar meu pai a ficar inteiro outra vez, para que ele pudesse voltar para minha mãe.

Fiquei desapontado ao descobrir que meu pai já tinha tomado meu lugar na varanda ardente de sol. Ele estava sentado na minha cadeira. Ele estava tomando a minha limonada. Ele estava conversando com meu avô.

“Opa”, meu pai disse alegremente. Notei uma pasta azul aberta no seu colo.

“Opa”, ecoei.

Ele me olhou com o olhar expectante da impaciência, como se quisesse que eu fizesse uma pergunta e fosse embora, ou simplesmente fosse embora. Mas não fui e ele não parou de me olhar, com o pescoço virado, como um cachorro te olha quando você diz: “Quer um biscoito?”.

“Vim buscar limonada”, eu disse.

“Ah!”

Meu pai pareceu relaxar. Eu tinha feito um pedido socialmente apropriado e, aparentemente, não tinha nenhuma segunda intenção. Enchi um copo de limonada e percebi que Vovô Samuel estava com uma cara azeda, de boca contraída. Seus olhos estavam semiabertos e fixos no muro à sua frente. De repente, como se seguisse a uma deixa, um carro preto emergiu, vindo do outro lado da serra, em direção a casa. Tomei minha limonada e esperei. O carro se aproximou, e de repente estava à nossa frente. Ele parou e foi encoberto pela nuvem que acompanhava os carros que atravessavam a clareira.

“O que está acontecendo?”, perguntei.

Meu pai deu um sorriso forçado.

“Por que você não vai lá dentro e vê se a Tia Serena precisa de ajuda com o jantar?”, ele disse.

“Não, obrigado”, retruquei, e segui tomando a minha limonada, que estava, como sempre, perfeitamente gelada, e azeda o suficiente para franzir a boca.

Um homem mais velho desceu do carro. Ele carregava uma maleta que tinha cara de ser bastante antiga, com um emblema do exército suíço do lado. Percebi os detalhes. (“Bons escritores veem tudo”, minha mãe sempre dizia. “Não apenas as roupas que uma pessoa está vestindo, mas *por que ela está vestindo essas roupas.*”) Esse homem vestia um terno escuro, que era apertado nos ombros, o que indicava que ele o comprara quando era mais magro. Usava uma gravata larga, que parecia ter sido laçada em 1974, num enorme nó de seda bem apertado, como se o próprio Midas a tivesse laçado. Ele contornou a traseira do carro e vi

seus sapatos, que eram velhos e surrados, com a borracha gasta e o couro dos saltos se gastando. O couro cabeludo exposto abaixo do seu cabelo ralo era bronzeado. Ele viajara muito para pouco ganho, este homem, e ele estava cansado. Ele só queria ir para casa. Mas havia um trabalho a ser feito — sempre havia mais um trabalho a ser feito — e era seu trabalho fazê-lo.

“Ele chegou”, meu pai disse a Vovô Samuel. “Vamos assinar os papéis agora, tudo bem?”

“Tudo bem, tudo bem, tudo bem”, resmungou Vovô Samuel. “Vamos assinar os papéis.”

“Apenas assine, certo? Prometo que você vai ser cuidado.”

“Quem vai cuidar de mim?”, rebateu Vovô Samuel. “Você?”

Meu pai estendeu a pasta azul para ele como se oferecesse uma prova, mas Vovô Samuel a dispensou com desdém. Meu pai fez sinal para que o estranho se juntasse a nós, o que ele fez. Meu pai tirou um envelope amarelo da parte de trás da pasta e entregou ao estranho, que o abriu e olhou para as páginas que estavam dentro.

“Certinho”, ele disse. “Vou precisar de uma carta de motorista.”

“Ele não dirige”, disse meu pai. “Há um passaporte aí dentro.”

“Ele faz viagens internacionais?”, perguntou o homem com um sorriso. Era uma tentativa de fazer piada.

“Não”, respondeu meu pai, sem achar graça. “Ele tirou o passaporte só para isto.”

“Uma carteira de identidade teria sido o suficiente. Menos esforço para você.”

“O passaporte vai servir?”, perguntou meu pai, irritado.

O homem ergueu suas espessas sobrancelhas e, tendo sido repreendido daquela maneira, inspecionou o conteúdo da pasta. Acenando com a cabeça, extraiu uma caderneta preta da sua maleta, abriu, e começou a copiar os dados do passaporte. Depois olhou para Vovô Samuel.

“Você entende o que está assinando?”, perguntou.

“Sim, entendemos”, interrompeu meu pai.

O homem sacudiu a cabeça, ainda olhando para Vovô Samuel.

“*Você* entende o que está assinando?”

Vovô Samuel acenou que sim.

“É uma procuração”, disse o homem. “É importante.”

“Vão cuidar de mim”, disse Vovô Samuel, quase com raiva. “Tudo vai ser cuidado.”

“De certa maneira”, o homem respondeu ceticamente. Voltou-se para meu pai. “O sr. Riddell sabe o que está assinando?”

“A calha está quebrada”, disse Vovô Samuel. “A janela está emperrada. O teto tem goteiras. Temos vermes nas paredes. A piscina está quebrada. Os canos estão entupidos. O alicerce está rachado. Vão cuidar de tudo.”

O estranho ergueu outra vez as sobrancelhas. Quando ele fez isso, seu queixo caiu, criando uma concavidade nas suas bochechas. Uma aparência estranha.

“Ele sabe”, disse meu pai. “Expliquei tudo pra ele. Não sei por que ele está fazendo isso.”

“Não posso juramentar se ele não está a par do impacto...”

“Por favor, assine”, meu pai disse. “É por isso que você está aqui. É por isso que Dickie enviou você. Meu pai sabe o que ele está assinando; reconheça a assinatura dele e vamos em frente.”

O homem chupou os dentes, e eu podia ver um pedaço de língua preso entre os dentes superiores e inferiores. Ele estendeu os papéis para Vovô Samuel.

“Você sabe o que está assinando?”, perguntou outra vez, pacientemente, num tom calmo.

Vovô Samuel olhou vagamente para os papéis, como se estivesse tentando focar.

“Porque ele me mandou”, ele sussurrou, apontando para meu pai.

“É uma procuração”, disse o tabelião. “Significa que você está entregando sua habilidade de tomar decisões para seu filho. Você entende o que isso significa? Significa que ele pode agir no seu lugar sem perguntar. Você concorda com isso?”

Vovô Samuel limpou o queixo, e li a sua camiseta: ALGUMAS VEZES EU ME PERGUNTO: “POR QUE AQUELE FRISBEE ESTÁ FICANDO MAIOR? DE REPENTE ELE ME ACERTA...”.

“Meu filho me mandou assinar”, ele disse. “Porque eu faço o que ele diz, porque ele sabe mais. Ele sempre sabe mais.”

“Qual é, Samuel”, protestou meu pai.

“Se você escutar atentamente, você consegue ouvi-la dançar”, sussurrou Vovô Samuel para o homem.

“Quem?”, o homem perguntou.

Vovô Samuel olhou para meu pai.

“Deveria ter sido *eu*”, ele disse. “Mas foi você.”

O tabelião olhou para Vovô Samuel de olhos entrefechados e grunhiu com ceticismo. Olhou diversas vezes do Vovô Samuel para meu pai, devolveu a pasta azul para meu pai e colocou sua caderneta preta na maleta.

“Não estou convencido”, disse o tabelião. “Não acredito que ele entenda as implicações deste documento. Não posso juramentar este documento.”

Meu pai deu um passo intimidante em direção ao homem.

“Você está *brincando* comigo?”, ele atacou. “Quando eu vou à falência, há tabeliões por toda parte, dispostos a juramentar qualquer coisa. Qualquer coisa que me tire dinheiro, negócios, a minha casa. Sem perguntas. Mas agora? Agora um tabelião tem *consciência*? Você está de brincadeira, certo?”

“Tenha um bom dia, sr. Riddell”, disse o tabelião, pegando sua maleta e se dirigindo ao carro.

“Você deve estar brincando!”, gritou meu pai. “Hoje é o primeiro dia que um tabelião se importa com quem está assinando o quê? Está falando sério?”

Quando chegou ao porta-malas do carro, o homem virou e encarou meu pai.

“Este é o meu trabalho, sr. Riddell”, ele disse. “Eu o levo a sério. Seu pai não entende as ramificações deste documento. Meu trabalho é me certificar de que todas as partes interessadas compreendem o conteúdo dos documentos e não estão sendo obrigadas a assiná-los. Se você teve outras experiências, com outros tabeliões, bom, isso é algo que não posso controlar. Só posso controlar a mim mesmo, sr. Riddell. E mantenho minha opinião de que seu pai não deveria assinar um documento, a menos que compreenda as ramificações. Eu me recuso a ser ameaçado por você.”

Ele abriu a porta do carro.

“Então como eu faço pra ele assinar?”, gritou meu pai. “Ele está doente. Ele é *demente!* Talvez ele *nunca* entenda!”

“Abra um processo”, retrucou o tabelião, por cima do teto do carro. “Faça com que ele seja declarado incompetente — *non compos mentis*. Médicos podem confirmar. O juiz designará um guardião. *Aí* você terá a procuração. Não vou juramentar uma procuração sem saber que todas as partes compreendem o que está se passando. Tenha um bom dia.”

“*Tenha um bom dia?*”, meu pai resmungou para si mesmo, quando o homem se foi. “Tenha um dia *ruim!* Um dia *muito* ruim!”

Eu sabia que o que estava acontecendo era sério, mas tive que me esforçar para não rir das tentativas de xingamentos do meu pai. O carro se foi, e ele ficou olhando, com raiva. Bateu a pasta azul na perna e sacudiu a cabeça. Cravou os olhos no Vovô Samuel.

“Você adora estragar as coisas para mim, não é, Pai?”

“Por que você fez o que fez?”, Vovô Samuel retrucou.

“Alguém nessa casa precisava ser homem”, meu pai disse. “E está bem claro que não ia ser você.”

Ele agarrou a pasta azul e entrou na casa, batendo a porta.

Vovô Samuel relaxou um pouco. Fungou e pegou sua limonada. Balançou para a frente e para trás e tomou um gole. Voltou para o seu mundo zen, perdendo completamente a noção da minha presença. Ou talvez não. Talvez ele tinha se retirado ao vago labirinto de sua demência. Eu não tinha certeza.

Entrei atrás do meu pai, até a cozinha, mas, antes de chegar, dei uma parada. Fiquei escutando da soleira. Meu pai estava falando com Serena. Não deixei que soubessem, e fiquei só escutando.

“Ah, Jones, o que você estava pensando?”, disse Serena, exasperada. “Se fosse tão simples *assim*, você acha que eu já não teria feito?”

Meu pai não disse nada. Ouvi movimento. Serena, movendo-se pela cozinha, preparando o jantar.

“Trouxe você aqui para que você usasse sua magia, Jones”, ela continuou. Eu a imaginava tirando uma travessa do forno e fechando a porta com o pé. Soprando uma mecha de cabelo que caía no rosto. Picando uma cenoura com insistência no bloco de cortar: toc, toc, toc, toc.

“O que você esperava?”, ela disse.

“Por que não podemos simplesmente fazer com que ele seja declarado *non compos mentis?*”

“Não é tão simples assim. Médicos são envolvidos. *Muitos* médicos! Baterias de testes, análises, audiências de competência, juízes, comitês de revisão. Pense no tempo, sem falar no dinheiro. Não, temos que fazer deste jeito. Mas você não pode agir com rispidez; você precisa ter paciência, fixar metas, *construir* a sua vitória. Por completo. Você precisa deitar um *alicerce*. Obviamente você não pode esperar atingir um objetivo sem deitar um alicerce.”

“O *alicerce!*”, brincou meu pai.

“O alicerce, Irmão Jones”, ela retrucou. “O *alicerce!*”

Mais picadas. Desta vez era uma cebola. Um zip — ou talvez algo como uma lixa: um som

rasgado, abrasivo — antes da batida da lâmina no bloco. Sim, era isso mesmo. Uma cebola. Borrifadas de sucos cáusticos se espalhando invisivelmente no ar e se esgueirando nos olhos dela, fazendo-a chorar. Ela fungou e deu outro corte. *Shshshsh-toc!*

“Você precisa fazer as pazes com ele”, ela disse. “Perdoar, e deixar que ele te perdoe.”

“*Me perdoe?*”

“Nenhum de nós está isento de culpa”, ela disse. “Exceto por mim, talvez. Mas isso é só porque eu era tão jovem. Ainda não tinha perdido minha inocência.”

“Então por que *você* não faz?”, atacou meu pai. Eu sabia que ela tinha arrancado a resposta que queria. Houve uma pausa dramática, durante a qual eu imaginava que ela enxugou a lâmina da faca e a baixou cuidadosamente.

“Porque estou aqui”, respondeu Serena num tom uniforme. “Porque sou a que ficou para trás. Porque sou a que o veste e dá banho e alimenta. Eu cuido dele quando ele está doente, e deixo que ele me trate mal quando ele não está. Porque ele *precisa de mim*, e porque precisar de mim faz com que ele odeie a si mesmo e suas próprias limitações, o que faz com que me trate com desprezo. Sou a inimiga dele. Sou o para-raios do ódio dele.”

“São muitas palavras”, meu pai disse. “Uma muralha. Um tsunami de palavras.”

Serena suspirou, desapontada.

“É assim que você trata a Rachel?”, ela perguntou. “Com tanta desconsideração? Dá pra ver por que ela te deixou.”

Seguiu-se uma pausa, que incluía mais ruídos, e eu não tinha certeza sobre o que estava acontecendo; para mim, os sons eram vagos e confusos. De repente, Serena disse: “Antes do jantar?”, e eu percebi que meu pai estava se servindo do remédio.

“Odeio este lugar”, ele disse, e ouvi a tampa se abrindo. Ouvi o líquido sendo despejado. “Odeio meu pai. Odeio tudo sobre este mundo. Vamos esquecer o negócio todo. Vou entrar para o Corpo da Paz e passar o resto da minha vida distribuindo mosquiteiros na África, Trevor vai morar com Rachel na Inglaterra, e o Pai pode se sentar na varanda babando com o sol no rosto. Não me interessa!”

“Ah, por favor!”, Serena exclamou. “Você é um banana! Depois de passar todo esse tempo fora, você deveria estar afiado como uma faca, Jones! Você deveria ser um machado, pronto para atacar! Temos que varrer este lugar da face da Terra. É o nosso dever obliterar a grandiosa história de nossos antepassados, que estupraram e saquearam este país por lucro! Não tenho dúvidas de que Elijah ficaria orgulhoso de nós, por tentarmos fazer *algo* com esta terra. Estamos tentando fazer algo de nós mesmos, Jones, ao contrário dos outros Riddell fracassados que vagaram por essas paredes, como o Pai, como Vovô Abe, arrastando os pés e balbuciando para si mesmos. Nós não vamos deixar que o nosso destino seja determinado por eles; não vamos ser vítimas. Vamos determinar nosso futuro *nós mesmos*. Agora tente se animar. Mãos à obra! Você precisa convencer o Pai de que isto é para o bem da família.”

Gostei daquela frase: “Você é um banana”. Era isso o que meu pai era? Um banana? Um pudim de banana com grandes aspirações? Uma pessoa fraca que se sacode de um lado para o outro como se estivesse saturada de calda? Alguém que sempre escolhe o caminho mais fácil?

Eles pararam de falar, e senti que haviam se dado conta de que eu estava escutando. Ouvi os passos de Serena pisando levemente no assoalho de madeira. Fiquei me perguntando se ela

estava indo pro corredor — talvez ela tivesse me escutado e estava me procurando — busquei a saída mais rápida e vi a porta da escada dos empregados. Corri abaixado pelo corredor, abri a porta silenciosamente, entrei e fechei a porta o mais rápido que pude. Com o coração batendo, subi as escadas bem rápido e quieto, entrando no escuro, fora de vista. Parei e tentei não respirar. A porta lá embaixo se abriu. Contive a respiração, para não ser ouvido.

“Eu sei que é você”, ela disse com audácia, ainda que não pudesse me ver e não estivesse certa de que eu estava mesmo ali. A voz dela estava cheia de dúvida. “Eu sei que você estava escutando. Você é bom, mas não é *tão* bom assim. Não pense que eu não sei tudo o que você faz aqui, porque eu sei de *tudo*.”

Ela fez uma pausa, e eu continuei imóvel.

“O jantar estará pronto em trinta minutos”, ela disse finalmente. “Seja pontual.”

A porta se fechou e respirei livremente outra vez.

Na manhã seguinte, quando o toque do telefone me despertou, eu me senti engolido por uma onda de melancolia. Era o nosso terceiro dia na Casa Riddell, e eu sentia como se um grande abismo tivesse se aberto entre o nosso mundo e o mundo fora da Propriedade do Norte.

Desci as escadas. A casa estava vazia. O telefone tocou numa cadência implacável, e o barulho era tão alto que o espaço entre os toques ficava completamente cheio com o eco. Encontrei o aparelho preto na mesa de telefone da cozinha. Levantei na metade de um toque, e segurei ao ouvido. Ouvi um clique, e me esqueci de dizer alguma coisa.

“Tem alguém aí?”, escutei no aparelho. Era uma voz indistinta. Uma mulher. “Alô? Tem alguém aí?”, escutei ruídos confusos e, indistintamente, alguma coisa dita para outra pessoa no quarto: “O toque parou. Talvez tenham desligado”.

Era minha mãe. Através de um portal mágico, ela me encontrara. Estendera a mão quase que do outro lado do mundo — ou talvez *através* do mundo. Talvez a linha de telefone nos conectasse diretamente ao centro da Terra; como um telefone de lata, estávamos conectados por uma corda umbilical esticada.

“Mãe?”, eu disse, com a voz rouca.

“Trevor!” ela exclamou. “Trevor, é você?”

“Sou eu”, disse, sentindo minha melancolia ir embora tão rápido que fiquei quase tonto.

“Você consegue me ouvir? Mal consigo te ouvir; fale mais alto.”

“Estou te escutando.”

“É seu aniversário!” ela gritou. “Meu bebê! Catorze anos de idade! Como você se sente?”

“Igual.”

“Nem um pouco diferente?”

“Nem um pouco”, eu disse. “Mas estou feliz que você ligou.”

“Eu não deixaria de ligar por nada deste mundo! Queria estar aí para celebrarmos juntos, mas acho que esta chamada é tudo que vou poder fazer.”

Ela me contou sobre sua vida: seu pai tinha um resfriado; os *fish and chips* de sua mãe eram muito oleosos; sua irmã ressentia sua presença; seu irmão puxava seu cabelo quando passava atrás da sua cadeira. Tentei pensar em algo para dizer, mas nada parecia apropriado. Eu queria estar alegre e otimista como ela, mas a única coisa que consegui pensar para contar a ela foram minhas dúvidas, minhas preocupações, minhas persistentes perguntas sobre a Casa Riddell. Eu não queria contar a ela sobre meu medo de que me forçassem a passar o resto da minha vida com ela em Penzance, enquanto meu pai distribuía mosquiteiros na África.

“E o seu avô e sua tia?”, ela perguntou. “Nunca os conheci. Como eles são?”

“Bom, Serena. Ela é... esquisita.”

“Pode ser mais específico?”

Pensei um pouco.

“Na verdade, não. É só um sentimento.”

Ela riu.

“O.k. E Samuel?”

“Ele também é esquisito. Mas de outro jeito.”

“Entendo.”

“Olha, o que você acha disto?”, perguntei, quando me veio um pensamento: minha mãe era especialista em palavras cruzadas. “Vovô escreve coisas o tempo todo. Ideias que surgem na cabeça dele, ou algo assim. Serena diz que são só rabiscos; ela diz que é porque ele tem Alzheimer. Mas ele escreveu uma nota no jantar. Dizia: “muir”. M-U-I-R, e depois M-N-T-S, espaço, C-A. Não consegui decifrar. O que significa?”

“John Muir”, ela disse imediatamente. “M-U-I-R?”

“Sim.”

“Certo. John Muir foi um escocês famoso. Ele fez um grande trabalho na área de ambientalismo; basicamente, ele começou o movimento de conservação. Um de seus livros foi *As montanhas da Califórnia*. M-N-T-S espaço C-A. Talvez seu avô leu o livro anos atrás, e pensou sobre alguma coisa que queria ver outra vez, então fez uma nota para si mesmo.”

“Talvez”, eu disse, as rodinhas girando na minha cabeça. “Como você fez isso? Como você sabia?”

“Bom, eu não li muita coisa *de* John Muir, mas li *sobre* ele. É uma dessas coisas que ficam na cabeça da gente.”

“Ficam na *sua* cabeça.”

“Sim. E como está seu pai?”

Eu não sabia o que dizer. Como está meu pai? Como eu ia responder? De repente entendi que talvez a minha mãe não estava telefonando só para me desejar feliz aniversário. Aquela era a desculpa dela, claro. Mas ela estava ligando para ver como estava meu pai. Ví nisso um começo.

“O papai está muito bem”, eu disse, numa tentativa descarada de parecer alegre. “Quer dizer, apesar de ter saudades de você.”

“Ele tem saudades de mim?”

“Está brincando?”, eu me vangloriei. Senti a necessidade de criar um mito. Fisgar, e depois fisgar meu pai. Uma operação cupido. “É uma loucura, ele fala sobre você o tempo todo. E ele tirou a barba.”

“Tirou, é?”

“Ele tem um rosto, sabia?”, eu disse, e gostei de ouvir a risada da minha mãe. “Acho que posso ver o que te atraiu nele. Sabe, muito tempo atrás? Lá no início.”

“Ele era muito charmoso, e bonito”, ela disse.

“De forma geral, ele parece mais saudável. Acho que é o ar, ou algo assim. E ele parece contente, também. Quero dizer, contente tanto quanto pode, nessas circunstâncias. Você sabe, por causa dos negócios dele e tudo, e você não estar aqui.”

“Isso é ótimo, Trevor. Obrigada por me contar. Estava preocupada que voltar para a Casa Riddell pudesse trazer à tona algumas coisas bem dolorosas, que talvez o empurrassem na direção oposta.”

“De jeito nenhum”, eu disse, deixando-me levar. “Ele e Serena se dão muito bem. E ele e

Vovô Samuel são como melhores amigos. Eu quase fico esperando que eles saiam lá fora e batam bola. Sabe, como era trinta anos atrás.”

Houve uma longa pausa, e eu me dei conta de que talvez tivesse exagerado. Bater bola? No que eu estava pensando?

“Seu pai nunca teve um bom relacionamento com Vovô Samuel”, ela disse. “Nem mesmo trinta anos atrás.”

Merda. Só porque meu pai não havia me contado sobre a animosidade entre ele e Vovô Samuel, não queria dizer que não tivesse contado à minha mãe.

“Quer dizer, eles parecem *contentes* juntos”, consertei.

“É mesmo?”, minha mãe ficou pensando por um tempo. “Fico feliz em ouvir isso, se é que é verdade. Seu pai está por perto? Gostaria de falar com ele, se ele tiver um tempinho.”

Entrei em pânico. Claro que ela gostaria de falar com ele. Mas onde estava meu pai? Onde estava *qualquer um* deles?

“Hum... Deixe ver se consigo encontrar ele.”

“Está bem...”

Baixei o telefone e fui rapidamente pelo corredor até a porta da frente, olhando nas salas ao passar. Corri escada acima e olhei no quarto do meu pai. Nada.

“Pai?”, chamei no corredor. Desesperado, subi correndo até o salão de baile. Vazio. Desci outra vez pro primeiro andar, corri até a ala sul, chamando pelo meu pai. Mas ele não estava em lugar algum. Voltei para o telefone sem fôlego.

“Acho que ele não está em casa”, disse.

“Eu telefono outra hora...”

“Talvez ele esteja no celeiro, espere.”

Corri pela cozinha e percebi que o carro havia sumido, o que não era um bom sinal. Cortei pelo campo e corri morro abaixo até o celeiro. Abri a porta com um empurrão.

“Pai!”

Vovô Samuel levantou os olhos da bancada de trabalho.

“Filho!”

“Não, Vovô. Sou eu, Trevor. Você sabe onde está o meu pai?”

Ele me olhou sem entender.

“Deixa pra lá.”

Corri outra vez morro acima, com raiva do meu pai. Esta era a chance dele. Ela tinha ligado. Mostrou interesse. Queria falar com o marido. Ela *se importava*. Mas ele não estava. Uma oportunidade perdida.

Peguei o telefone da mesa.

“Não consigo encontrar ele”, disse, decepcionado.

A única resposta que recebi foi o tom de discagem. Ela havia desligado. Quando coloquei o fone de volta, meus olhos estavam cheios de lágrimas.

A biblioteca era impressionante. Mogno escuro por toda parte, e uma escada de uns três metros de altura que dava para uma segunda prateleira de livros. Havia uma mesa gigante de

carvalho no meio da sala, enraizada, circundada por pesadas cadeiras com taxas de bronze prendendo o assento de couro à madeira, e decorada com lindas lâmpadas de bronze, com abajures verdes.

Senti o cheiro do mofo de milhões de páginas em decomposição, livros que não eram abertos havia anos. Décadas. Tantos livros, enfileirados juntos apertadamente! Eles só queriam ser abertos e lidos! Caminhei ao redor da biblioteca e olhei as lombadas. Anderson, Andrews, Andreyev, Burroughs, Burton, Butler. Eles estavam em ordem alfabética, separados entre ficção e não ficção. Na verdade, os títulos de não ficção estavam agrupados de um jeito específico... No sistema decimal Dewey, mas sem os décimos. Em alguma época, esta biblioteca fora cuidadosamente organizada e vigiada.

Não foi difícil encontrar as Ciências Naturais. Foi fácil encontrar Muir, John, nas Ciências Naturais.

Todo mundo sabia quem era John Muir. Até minha mãe, que era inglesa. Ele foi o fundador do Clube Sierra. O criador do movimento de parques nacionais. O cara que regeu Yosemite em nome dos europeus brancos. Ele escreveu muitos livros. Estavam enfileirados ali na estante. *Viagens ao Alaska, O Yosemite, Nossos Parques Nacionais*. E uma edição fina intitulada *As montanhas da Califórnia*.

Tirei o livro da estante. Tinha capa de pano com bordas de metal, e uma figura de folhas gravada a ouro na capa. Soprei o pó e abri a capa. Primeira edição, primeira impressão, 1894. Estava autografado na página do título: “Harry, espero que isto o mantenha aquecido neste inverno, quando eu não puder estar para aquecê-lo. Você está no meu coração, ainda que não possa abraçá-lo. Você será sempre meu, como eu serei sempre seu. Com amor, Ben.”

Uma fita saía da encadernação, para usar como marcador de página, como era nos livros antigos. Folheei até a página marcada. Encontrei um ensaio intitulado “Uma tempestade de vento nas florestas”. Começava assim: “Os ventos da montanha, como o orvalho e a chuva, o sol e a neve, são medidos e agraciados às florestas, a fim de desenvolver sua força e beleza...” Eu queria ler. Quando me sentei numa poltrona e acendi um abajur, um envelope amarelecido caiu da capa de trás do livro. Estava endereçado com letras pretas, em tinta da Índia, em caligrafia cheia de curvas, que havia se esmaecido onde a tinta se desgrudara das fibras do papel. “Harry Lindsey, Esq., aos cuidados dos Moinhos Madeireiros Riddell, Aberdeen, Washington”. O endereço do remetente dizia apenas: “B. Riddell, Seattle”. Abri o envelope e tirei a carta. As dobras estavam tão quebradiças e as letras tão claras que parecia que nunca havia sido lida. Ou talvez apenas uma vez.

17 de janeiro de 1902

Meu querido Harry,

Só posso presumir que minhas cartas e pacotes estejam chegando até você, ou chegarão com o tempo, quando você for até o moinho, então não estou preocupado. No mês passado, tive a oportunidade de conhecer Muir, e persuadi-o a autografar este volume para você. Ele é um sujeito muito peculiar, e se recusou fortemente, mas eu

venci. Quando prometer dinheiro para sua causa não funcionou, prometi o apoio dos senadores do meu pai, o que foi mais do que o suficiente para ele. Então, tornamos nosso velho Elijah à causa da conservação! Vamos arreliá-lo!

O ensaio sobre a tempestade de vento — que marquei para você — é extraordinário. Ele sabe do que está escrevendo, o Muir. Não se pode fingir uma coisa dessas, não é mesmo, Harry? Tenho certeza de que aqueles pequenos abetos atrofiados no Yosemite não são nada em comparação com o que escalamos juntos na costa. Mas talvez eu esteja dizendo isto só porque me sinto encurralado por esta terra. Alice está sempre por perto, e sou constantemente forçado a vestir as roupas mais pomposas e forçado a me sentar como um urso turco, sem permissão de tirar uma soneca durante um jantar, quando a conversa fica tão chata que tenho que me beliscar para ficar acordado. Ah, Harry, Harry! Só escrever seu nome já faz com que eu me sinta melhor, e saber que você está aí me consola. Como gostaria de viajar com você pelas montanhas, e acampar ao lado de um rio, só nós dois! Uma truta assando, ou um coelho que tenhamos caçado. Uma fogueira quente e uma garrafa de uísque, e a noite ao nosso redor.

Em abril começa a estação. Já disse a meu pai que vou voltar à costa para supervisionar a colheita, e assim nos veremos outra vez. Tenho feito muito progresso no nosso plano. Meu pai profanou tanto esta terra! Vou compensar pelo que ele fez. Você e eu, juntos, vamos trabalhar para restaurar esta terra ao seu melhor estado, não de uma posição de fraqueza e protesto, mas de uma posição de poder. O acordo está indo em frente, e, tanto quanto eu puder aguentar uma gravata-borboleta me apertando a garganta, vou sair vencedor. Em duas semanas, vou me encontrar com Roosevelt, e com seu homem Pinchot. Eles estão esperando encontrar um homem como todos os demais que já encontraram: homens terríveis, avaros. Quando apertarem minha mão, saberão a verdade. Saberão que possuem um aliado mais importante que todos.

Entretanto, não poderei voltar antes de abril; por mais que quisesse vê-lo por alguns dias, temo que as coisas estejam por demais ocupadas por aqui, e sempre preciso ficar ao lado de Alice, para assegurar sua cumplicidade. Mas saiba, Harry — saiba sempre! — que, à noite, quando sonho, sonho com você.

Até nos encontrarmos outra vez, sou

Fielmente seu, Ben

Dobrei a carta e coloquei de volta no livro. Era essa a carta que Vovô Samuel lembrava? Será que ele queria lembrar a si mesmo de lê-la outra vez? (Mas parecia praticamente não lida — como se não tivesse sido tocada por décadas.)

Eu já tinha ouvido falar de Ben. Serena tinha dito que ele era o primeiro filho de Elijah, que tinha morrido tragicamente jovem. A única outra vez que ouvi seu nome foi quando Vovô Samuel pulara da mesa de jantar, na nossa primeira noite, e escrevera a nota: MUIR MNTS CA. “Ben está nervoso”, Vovô Samuel tinha dito. E sua nota me levava a esta descoberta.

Alice e Roosevelt e “seu homem Pinchot”. E Harry Lindsey, o objeto dos sonhos de Ben.

Quando eu tinha catorze anos, não se falava muito sobre homossexualidade. Pelo menos não em Connecticut, onde cresci. Exceto pelos garotos da escola, é claro, quando queriam

incomodar alguém. Lembro de ficar sem graça e confuso pelo que tinha lido: Será que aquela carta significava que meu tio-avô era gay? E como seria ser gay em 1900?

Fechei o livro com a carta dentro, e o recoloquei na estante.

Vóltei para o meu quarto, mas, quando passei pela sala de estar, parei. Hesitei e entrei. Fiquei parado à frente do gigantesco retrato de Elijah, e olhei fixamente nos seus poderosos olhos, e para sua mão, que se estendia à sala, como se pudesse me puxar para outra dimensão. Ao lado do grande retrato de Elijah, havia outra pintura a óleo, muito menor, mas ainda grande, com uma plaquinha na moldura que dizia: BENJAMIN RIDDELL. Era o retrato de um jovem com cabelo negro e ondulado e olhos quase negros, sorrindo com o canto da boca, como se soubesse de algum segredo.

Muito mais tarde, fiquei sabendo que a vida do meu tio-avô Benjamin Riddell era cheia de contradições. Herdeiro de uma fortuna em madeira, ele queria ser um com as árvores. Entusiástico e capaz, a ideia dele de “trabalho respeitável” era bem diferente da de seu pai. Ben entendia a necessidade de cuidar de transações e negociações comerciais. Supervisionar as operações diárias de um vasto conglomerado de empresas como aquele requeria uma corrente contínua de reuniões e conversas tediosas, durante as quais as pessoas falavam em eufemismos sobre suas verdadeiras intenções. Ele compreendia a necessidade. Só achava que não precisava ser *ele* quem fosse fazer aquelas coisas. Ele ficava muito mais à vontade caminhando pelas florestas da Península Olímpica e pelas florestas do interior que a Madeireira Riddell possuía, experimentando a *natureza* das árvores. E assim ele se dedicou a passar grande parte de seu tempo na costa, observando pedaços de terra designados para colheita.

Pelo que sei, Ben não tinha um diário, mas escreveu notas de suas viagens, que enviava para seu pai. Essas notas tinham um ar de maravilha e fascínio, e uma crença de que todas as coisas estavam conectadas em formas que mal podemos imaginar, como se ele estivesse tentando convencer Elijah de algo. Sei que Ben passou muito tempo em Yale estudando a obra dos transcendentalistas — Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau, Margaret Fuller — e foi muito tocado pelos poemas de Walt Whitman, assim como pelos primeiros escritos de John Muir. Isto era moda na época: a jovem elite, ponderando sobre a natureza e nossa conexão com ela.

A primeira escola de silvicultura dos Estados Unidos foi a Escola de Silvicultura de Biltmore, estabelecida em 1898 sob o patrocínio de George Vanderbilt. Logo outras a seguiram, nas Universidades de Cornell e Yale, patrocinadas, em sua maioria, por famílias muito ricas, como os Riddell. Para aqueles cujas fortunas foram feitas através da exploração das florestas, administrar essas mesmas florestas fazia sentido prático de negócio. Para aqueles que viam a riqueza das florestas como um reflexo da riqueza da alma, conservação era igualmente importante.

Mas a iluminação de Ben teve um preço alto. Ele não conseguia reconciliar as filosofias dos transcendentalistas e a nova geração de conservacionismo com a missão de seu pai, a qual, pelo que ele podia ver, era destruir a natureza por ganho monetário. O relacionamento de Ben com seu pai era, no mínimo, complexo. Ben tinha fé de que seu pai era um bom homem e amava a floresta tanto quanto ele, contudo, enquanto Ben se sentia compelido a salvar a natureza, Elijah se sentia compelido a consumi-la. A batalha de Ben para reconciliar as diferenças entre eles era o conflito central de sua vida.

“A chuva tem sido incessante. Ela alimenta minha alma. Sinto como se ela lavasse meu corpo, e uma parte de mim se escorresse ao solo com ela, e parte de mim se tornasse o solo, e fosse sorvido pelas raízes destas árvores, e eu me tornasse um com elas.”

Ben escreveu essa nota numa página de registro, que mostrava que uma safra de 213 metros de madeira seria colhida de um certo terreno, e enviada a San Francisco para construir a jovem cidade.

“Tudo boa madeira”, outra nota dizia. “Da mais alta qualidade possível. A pessoa que viver numa casa construída com estas árvores prosperará, e permanecerá em boa saúde, porque a madeira o manterá.”

Curiosa mesmo, essa ideia de que uma boa árvore produziria madeira que faria uma boa casa, uma casa que nutriria seus ocupantes. Uma casa que não apenas serviria como abrigo contra tempestades passageiras, mas verdadeiramente, *ativamente*, promoveria a boa saúde dos que residiriam em seu domínio energético. Que a vida e a personalidade e a alma de uma árvore continuem, para além de sua queda, serragem, secagem e utilização. Esses eram os princípios da filosofia de Ben, com os quais ele achava que podia salvar a alma de seu pai.

Faz sentido que espíritos que pensem do mesmo jeito tendem a se encontrar. O que explica por que Elijah se viu atraído para J. J. Jordan, o magnata das ferrovias, e, juntos, eles tenham descoberto modos mais eficientes de sacudir dinheiro das árvores. Explica também por que Ben se viu tão atraído por um jovem cortador de madeira chamado Harry Lindsey. Pois parece que ser íntimo com a floresta não era a única razão pela qual Ben passava tanto tempo na costa; havia também a exploração de uma intimidade de uma natureza mais carnal.

As paixões que inspiraram dois jovens idealistas, sozinhos na floresta, não precisam passar pela aprovação ou desaprovação de outros. Mas elas tornam o panorama um pouco mais complicado, quando decisões sobre amor e negócios se cruzam, como era o caso, naquela situação. Porque Elijah Riddell e J. J. Jordan conspiraram que a melhor maneira de fazer seus impérios crescerem era uma fusão. Não apenas de suas empresas, mas de seus filhos também. A indústria da madeira, nos fins do século XIX, era notória por tais acasalamentos. Decidiu-se, então, que Benjamin Riddell se casaria com a linda e sofisticada Alice Jordan.

Riddell e Jordan apertaram mãos no arranjo, com um cordial e fino charuto. O acordo estava feito.

Mas Benjamin Riddell tinha sentimentos inteiramente diferentes sobre o assunto.

Esperei ansiosamente pela volta do meu pai. Não o tinha visto o dia inteiro, e queria contar sobre o telefonema da minha mãe — que ela tinha perguntado por ele e se preocupava com ele e queria falar com ele. Desci as escadas na hora do jantar, mentalmente calculando a diferença de fuso horário. Ele não poderia chamá-la de volta agora — era o meio da noite na Inglaterra — mas podia chamar no outro dia, cedo pela manhã.

“O meu pai está?”, perguntei a Serena.

Ela estava ocupada fazendo o jantar, ainda em roupas de trabalho, mas com os pés descalços.

“Sinto muito, mas não está”, ela disse. “E não sei a que horas ele deve chegar, então espero que você não se importe se começarmos sem ele.”

Dei de ombros e sentei, usando o ar de indiferente para esconder meu desapontamento. Vovô Samuel já estava obedientemente sentado à mesa. Serena pegou a garrafa de remédio e colocou três pílulas à sua frente. Quando notou que eu vira a transação, disse: “É o remédio dele para Alzheimer”.

Ela colocou pratos de comida sobre a mesa.

“Posso ajudar?”, perguntei.

“Fica sentado, aniversariante”, ela disse, com alegria forçada. “Está tudo sob controle.”

Ela apresentou o último prato de comida, uma tigela de madeira com salada, e sentou.

“Você tem carro?”, perguntei, enquanto nos servíamos.

“Sim, temos um carro”, ela respondeu. “Fica atrás do celeiro. Por que quer saber?”

“Eu nunca vi você dirigindo. Como você vai trabalhar?”

“Vou de bicicleta até a parada de ônibus, e pego o ônibus. Você é curioso, não é?”

“Mesmo no inverno?”

“Os invernos são bem brandos em Seattle, e ninguém se incomoda com um pouco de chuva. É por isso que Deus inventou para-lamas em bicicletas, para manter as senhoras secas.”

Comemos em silêncio. Eu sentia que tudo estava se desintegrando. Meus pais não estavam perto da reconciliação, e meu pai estava mais distante do que nunca. Estava encurralado no mundo de Serena e Vovô Samuel. E ninguém se interessava. Nem no meu aniversário.

“Não cabe a mim pedir desculpas pelo seu pai”, começou Serena, “mas entendo que você deva estar desapontado por ele perder seu jantar de aniversário.”

“Tanto faz”, eu disse. O que era mentira. Me incomodava. Incomodava muito. Achei que meu pai era um babaca por estar ausente no meu aniversário. Mas não ia adiantar de nada contar isso para Serena.

“Verdade? Com certeza cabe a um pai ou mãe dar reconhecimento ao aniversário de seu filho.”

“Minha mãe ligou de manhã”, eu disse rapidamente, e logo me arrependi de dizer. Queria esconder a informação de Serena, como um segredo que compartilhava com minha mãe. E ali

estava eu, me expondo para receber aprovação da minha tia.

“Ela telefonou, é?”, perguntou Serena, parecendo impressionada. “Você e sua mãe devem ter um relacionamento muito especial. Tenho certeza de que você gosta muito dela.”

“Claro”, eu disse.

“‘Claro.’ ‘Tanto faz.’”, zombou Serena. “É engraçado quando você fala como adolescente, mas eu sei, Trevor. Eu sei que você tem mais sentimentos e emoções escondidos aí nesse seu coração, e você tem uma abundância de palavras para descrevê-las. Como você se sente com a separação deles, temporária ou não?”

“Por que você continua a chamar de separação?”, perguntei eriçado. “Eles vão ficar juntos outra vez.”

“Vão mesmo? Talvez sim, mas talvez não totalmente felizes. Você prefere que eles fiquem juntos e infelizes, ou separados e felizes?”

“Nenhum dos dois.”

“Hum... Você está esperando a solução número três. Um idealista?”

“O que há de errado em ser idealista?”

“Nada”, respondeu Serena. “Acho que meu interesse em ouvir seus pensamentos é motivado mais por interesse do que deixo parecer. Eu tinha onze anos quando minha mãe faleceu, então sei como é se sentir perdido e confuso com a desintegração de uma família. Pensei que talvez tivesse encontrado em você um companheiro com quem pudesse me comiserar. Somos almas gêmeas até certo ponto, não é mesmo, Trevor? Você e eu não temos medo de dizer o que pensamos, não é?”

Fiz uma careta. Não queria mais habitar no mundo de Serena.

“Posso perguntar uma coisa?”

“Você não precisa da minha permissão para perguntar algo”, ela disse.

“Quem foi Benjamin Riddell?”

Vovô Samuel levantou os olhos do prato. Serena parecia assustada com a pergunta. Ela limpou a garganta e baixou o garfo. Juntou as mãos e olhou para a comida sobre a mesa. Costeletas de porco e pasta de maçã e salada de alface com tomates pequenos, rodela de cebola e cogumelos, que eu tirava porque não gosto de cogumelos. E limonada. Sempre havia limonada.

“Papai?”, disse Serena, depois de alguns instantes. “Acho que a pergunta do jovem Trevor foi dirigida a você.”

Notei que a voz dela estava um pouco forçada, e ela não olhou nos olhos de ninguém quando falou.

“Pergunte outra vez, Trevor”, ela disse.

“Estou perguntando sobre Benjamin Riddell. E Harry.”

“Não sei”, Vovô Samuel respondeu, inseguro.

“Você sabe, sim, Papai.”

“Não sei.”

“Conte ao Trevor o que você sabe.”

“A única coisa que sei é o que meu pai me contou”, retrucou Vovô Samuel. “E ele era um mentiroso sobre tudo! Você não vê? Ele mentia sobre tudo!”

“Desculpe”, eu disse.

“Não precisa pedir desculpas”, disse Serena. “Vovô Samuel está bem doente. Doença de Alzheimer. Contudo, não fazem o diagnóstico enquanto a pessoa ainda está viva. Chamam de demência senil; este é o diagnóstico clínico. Não vão chamar de Alzheimer até que ele morra e façam autópsia e examinem o que sobrou do seu cérebro. Dizem que é como se um rato roesse buracos no cérebro. Terrível.”

“Você acha que estou louco!”

“Não, Papai, você está demente: uma diferença importante. Tente lembrar.”

“Não sou louco”, ele choramingou.

“Não, Papai, você não é louco. É demente!”, ela comeu um pedaço da costeleta de porco. “Agora coma sua comida; não há tendões nisso.”

Vovô Samuel estudou sua comida; pegou o garfo e a faca, mas não comeu.

“Ben era o irmão de meu pai”, ele disse baixinho. “Ele entregou tudo que tínhamos. Ele arruinou nossas vidas.”

“Ele arruinou nossas vidas”, repetiu Serena. Não para mim, mas para a mesa. E não em voz alta, mas bem claramente. *Ele arruinou nossas vidas.* “Você se lembra, Papai. Benjamin Riddell arruinou nossas vidas. Ele convenceu seu pai de que, para salvar sua alma, ele tinha que doar tudo o que tinha. Todo o seu dinheiro, toda a sua terra. Até esta casa. E o velho Elijah, bom, ele disse que isso era o que ele queria, não é mesmo, Papai? Doar a casa Riddell para as árvores. Que pensamento! Só alguém tão demente quanto você levaria a sério uma ideia dessas. Só você se apegaria a uma coisa dessas.”

“Não quero ir embora”, sussurrou Vovô Samuel.

“Eu sei, Papai. Todos nós sabemos. Você não quer ir embora, então estamos nessa.”

Vovô Samuel esfregou os cotos dos dedos que faltavam, e eu não sabia em quem acreditar. Cortamos e comemos nossa comida. E esperamos que meu pai voltasse para casa.

Vovô Samuel e eu estávamos lavando os pratos quando meu pai entrou pela porta de trás, parecendo um pouco sem graça. Ele pediu desculpas por sua reunião ter durado até tarde e ele ter perdido o jantar, ainda que estivesse cheirando a bebida e cigarro, e eu soubesse que estava bêbado. Era um padrão que começara em Connecticut, com os problemas financeiros dos meus pais — meu pai desaparecendo durante a noite e voltando para casa bêbado. No final das contas, talvez fosse melhor que eu me mudasse mesmo para a Inglaterra.

“Estávamos esperando por você”, Serena disse.

Ela foi ao refrigerador e pegou um bolo de chocolate. Nós nos sentamos, e ela colocou pratos e acendeu a única vela do bolo. Eles três cantaram uma versão calada e fora de tom do feliz aniversário. Eu queria que tudo já tivesse acabado.

Serena mexeu numa gaveta da cozinha, em busca de algo.

“Ai”, resmungou. “Nunca consigo encontrar as coisas onde as deixei. Por que é que, quando coloco as coisas de volta onde elas devem ficar, elas terminam em outro lugar?”

Ela fechou a porta com estrondo e pegou uma faca de mesa.

“Parece que meu servidor de bolo criou pernas e foi embora”, anunciou. “Então vamos ter

que improvisar.”

O servidor de bolo havia desaparecido. Outro desaparecimento.

Ela cortou o bolo com a faca e fez um óbvio esforço para colocar as fatias nos pratos. Enquanto ela se esforçava, meu pai colocou dois pacotinhos sobre a mesa e empurrou eles na minha direção.

“Feliz aniversário”, disse.

Pensei em nem pegá-los. Rejeitá-los e dizer: “O que eu queria realmente de aniversário é um pai que se importasse”. Mas não fiz nada disso. Peguei os presentes e já sabia o que eram, devido ao formato das caixas, uma do comprimento da minha mão, estreita e retangular, e a outra larga e chata, no formato de um livro. Abri. Estava certo: uma caneta-tinteiro preta, com detalhes dourados. Era bonita, mas ele não me dera tinta, então era inútil. O outro era uma agenda encadernada em couro.

“Para que você se torne um famoso escritor, e escreva sobre esta família fodida”, disse meu pai.

Não havia ironia no comentário — só pena de si mesmo — então não me comovi.

“Obrigado”, eu disse.

Um olhar estranho passou pelo rosto do Vovô Samuel, ele sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

“Que cheiro é esse?”, perguntou em voz alta.

“Não é nada, Papai”, disse Serena.

“É um cheiro ruim”, disse Vovô Samuel. “O que é?”

“Irmão Jones estava num bar”, disse Serena. “Ele fede a cigarros. O homem ao seu lado devia estar fumando. Não é mesmo, Irmão Jones?”

“*Eu* é que estava fumando”, disse meu pai.

“Isobel odiava cigarros”, declarou Vovô Samuel.

“Você estava *com alguém* que estava fumando”, disse Serena deliberadamente. “Sua roupa ficou cheirando. Você detesta fumaça de cigarro, Irmão Jones, você sabe disso. Você não faria nada contra a vontade de Mamãe.”

“Deve ter sido isso”, resmungou meu pai, levantando-se da mesa. “Vou me trocar.”

Ele saiu da sala.

“Você pode usar sua nova caneta-tinteiro para autografar livros”, sugeriu Serena, depois que ele saiu. “Talvez você se mude para Seattle e se inspire com a chuva e a escuridão, típicas dos nossos opressivos invernos.”

Dei de ombros.

“Papai e eu também temos um presente para você”, ela disse, me entregando um pacote pequeno e fino, parecendo um livro.

Coloquei ao ouvido e sacudi, brincando.

“Um livro?”

“Abra. Gentilmente.”

Rasguei o papel de embrulho.

“Desculpe, mas não temos dinheiro para te dar canetas-tinteiro. É um livro da nossa biblioteca. Mas eu o levei para ser avaliado por um vendedor de livros raros na Praça

Pioneer, e ele confirmou que o livro é bem valioso.”

Segurei na mão um livro fino, que parecia frágil. *Daisy Miller: Um estudo*, escrito por Henry James.

“Foi publicado pela primeira vez na Inglaterra, em 1878. Mais tarde, James o revisou para o mercado americano, mas sabe, sempre é melhor ler o texto original do autor — antes que as forças de mercado e aceitação social ganhem influência. O que você tem na mão é uma primeira edição, primeira impressão, do romance original.”

Olhei para o livrinho, que, com aquela história, parecia ter ficado mais pesado.

“Deve valer muito”, eu disse.

“Vale, sim”, confirmou Serena. “Elijah não era um grande leitor, pelo que eu saiba. Mas gostava de colecionar coisas. E já que custo não era um empecilho para ele — antes que começasse a desintegrar seu império — ele colecionava muitos tesouros como este. Você pode examinar a biblioteca em busca de joias assim. E quando eu digo “examinar”, utilizo o termo no seu verdadeiro sentido de “estudar completamente”, não a utilização ruim que é comum, que se confunde com “olhar por cima”.

“O que vou encontrar?”, perguntei, interessado.

“Bom, não quero estragar seu processo de descobrimento, mas fico feliz em atizar você com a ideia de que uma primeira edição de um famoso livro sobre uma baleia branca e um capitão que a perseguia enfeitava as estantes da biblioteca de Elijah.”

Encarei-a por bastante tempo, enquanto ela sorria presunçosamente. Eu nunca havia lido *Moby Dick*, mas minha mãe sim, e havia me contado a respeito, e ela o reverenciava. Naquele momento, senti uma enorme saudade da minha mãe. Seu amor pelos livros. A maneira como seu rosto se relaxava em um sorriso, quando me encontrava de repente, enquanto eu lia um livro no sofá da sala de estar, ou na varanda, ou em pé na cozinha, livro em mãos, porque eu estava tão metido naquilo que estava lendo, que não conseguia parar até mesmo para pegar um copo de suco.

“Minha mãe adoraria estar aqui”, eu disse.

“Sim”, concordou Serena. “Mas ela não está. E então, este livro é só um símbolo da nossa dádiva para você, Trevor. Para *você*. Não para sua mãe. Seu avô e eu estamos te dando a coleção de Elijah Riddell. Os livros são seus, para que você os use como eles deveriam ser usados: para serem lidos. Afinal, livros não lidos não são mais do que suportes coloridos de porta, não é mesmo? Não é mesmo, Papai?”

Vôvô Samuel, que estava atirado na cadeira durante toda a conversa, levantou as sobrelhas.

“Todos eles”, balbuciou.

“Você está dando ao seu neto uma valiosa coleção!”, falou Serena em voz alta. “Acho que precisamos de mais entusiasmo!”

“Todos eles!”, gritou Vôvô Samuel, levantando as mãos sobre a cabeça, em triunfo.

Fiquei boquiaberto com o presente. Quais outras joias havia naquela biblioteca? Livros famosos. Livros raros. Livros de grande valor.

Mesmo assim, minha mente zumbia com uma pergunta: por que Serena não havia vendido aquilo tudo através dos anos? Ela estava sempre reclamando sobre dinheiro, mas havia coisas

incrivelmente valiosas na casa. Não fazia sentido.

“Obrigado, Tia Serena”, eu disse.

“Nenhum beijo?”, ela pediu.

Hesitei, tentando entender se ela estava falando sério sobre o beijo; às vezes eu achava ela muito difícil de entender. Depois de um momento, levantei e dei um beijo no rosto dela, e ela me pegou e me deu um abraço apertado por alguns segundos, antes de me soltar.

“Você é praticamente um homem, e eu perdi toda a sua infância”, ela disse. “Eu deveria ter estado presente quando você era um bebê, para te dar um banho, mudar suas fraldas, te segurar quando estava com medo ou nervoso. Contato é tão terrivelmente importante em relacionamentos!”

“Só Serena”, berrou Vovô Samuel.

Minha opinião de Vovô Samuel outra vez se deixou influenciar pela sua atitude. Antes, eu pensava que ele era esquecido, mas coerente. Agora ele parecia difícil e imprevisível. Errático. Possivelmente instável.

“Sim, Papai. Só Serena queria abraçar Esperto Trevor porque tocar é muito importante nas experiências humanas. O toque cura. Toque transmite amor. Sem toque, nunca se fariam bebês. Por que dizem que alguns xamãs são curandeiros de imposição de mãos? Porque a conexão entre uma pessoa e outra é muito importante. Pode soprar vida nos mortos.”

Ela se virou e falou direto para mim.

“Quando Mamãe estava morrendo, seu pai se sentou com ela por horas, segurando sua mão ou acariciando seu cabelo. Ele queria que ela sentisse seu toque de cura.”

“Eu me lembro...”, começou Vovô Samuel.

“Você não se lembra de nada, Papai”, cortou Serena. “Você estava bêbado demais. Você era um bêbado na época, e você não se lembra nada dos horrores que nós fomos obrigados a aguentar.”

Ele olhou tristemente para Serena. Franziu o cenho como se realmente se lembrasse, como se quisesse dizer a eles o que lembrava, mas o olhar de Serena era frio, tão frio que suas tentativas foram frustradas. Ele sacudiu a cabeça.

“Não me lembro”, disse, concordando.

“Você estava bêbado demais, e forçou Irmão Jones a cuidar da Mãe e de mim, não foi?”

“Sim.”

“Irmão Jones desistiu de tudo que tinha. Todos os seus planos. O time de corrida e o teatro. Ele parou com as aulas para cuidar de nós. Devemos a ele um débito de gratidão. Precisamos mostrar a ele que nós nos lembramos dos sacrifícios que ele fez pela família. E precisamos reconhecer que o que você fez de volta para ele foi errado. Não se esqueça, Papai.”

“Não vou.”

“Ele corria”, ela disse. “Suas pernas eram tão longas, e ele era tão poderoso que deslizava. Eu assistia aos seus treinos de corrida depois da escola; sentava nas arquibancadas e observava. E via os outros meninos. Eles se arrastavam e se amontoavam na pista. Eram jogadores de futebol americano e lutadores, buscando algo para fazer fora da temporada. Tinham músculos salientes e não eram graciosos. Mas Jones! Ele era longo e esbelto. Quando corria, ele *corria!*”

“Eu me lembro”, disse Vovô Samuel.

“Mas a mamãe ficou doente. E você continuou bebendo. Você começou a beber ainda mais, então você não ia se lembrar.”

“Eu me lembro.”

“Não de tudo, Papai. Você não se lembra de tudo.”

Ela parou de falar e todos nós caímos num coma de silêncio. Vovô Samuel e eu olhando idiotamente para nossos pratos. Ela havia nos colocado num transe. Ela tinha nos domado.

“Toque é algo poderoso”, ela disse.

Meu pai voltou à cozinha vestindo roupas limpas e sem odores. Ele se sentou.

“Sobre o quê vocês estão falando?”, perguntou.

“Estávamos nos lembrando da Mamãe”, ela respondeu.

“Ela está aqui”, Vovô Samuel disse. “Ela dança para mim.”

Todo mundo ficou congelado, até que Serena baixou o garfo com vontade. Meu pai olhou furtivamente para Vovô Samuel.

“Ela está aqui?”, perguntou meu pai. “Ela *realmente* está aqui?”

“Ela está aqui”, repetiu Vovô Samuel.

“Besteira”, interrompeu Serena.

“Ela está *realmente* aqui, Papai?”

“Eu também a escutei”, ofereci.

Serena olhou incredulamente para todos nós.

“É a chuva”, ela disse. “Ele só escuta a chuva. É só isso.”

“A chuva”, ecoou Vovô Samuel.

Meu pai se deixou levar pela emoção. A ideia de sua mãe falecida dançando no salão de baile. Eu podia ver isso no seu rosto. Ele não havia perdido a fé, ele só a havia colocado de lado, fora de vista. Vi no brilho de seus olhos. Ele *queria* que o fantasma de sua mãe estivesse na Casa Riddell.

Serena se levantou e foi até ele. Sentou ao seu lado no banco e colocou os braços ao redor dos seus ombros, e ele se inclinou para ela, a cabeça contra a dela, e ela o segurou e o sacudiu para a frente e para trás, e vi que meu pai estava chorando. Ela o sacudiu e afagou seu cabelo, e ele estava soluçando.

“Shh”, ela disse, acalmando ele. “Me deixa te curar.”

Vi tudo claramente. Como meu pai queria desesperadamente ver sua mãe. Como Vovô Samuel se segurava na sua crença com tanta firmeza. Como Serena controlava a narrativa da família. Dizendo para Vovô Samuel o que ele deveria lembrar e o que não devia.

Vi como ela também controlava meu pai. Como ela cutucava a casca da ferida o suficiente para meter a unha embaixo do canto, o suficiente para levantar até sentir que ela se rompia e via uma gota de sangue se formar por baixo, mas depois ela apertava para que não sangrasse mais. Eu costumava fazer isso quando era pequeno e machucava o joelho ou o cotovelo. Cutucar o suficiente para sentir um pouco de dor, e depois aplicar pressão. Porque minha mãe costumava me dizer que, se você tira uma casca de ferida inteiramente, você fica com uma cicatriz.

Por um pouco, pensei em contar a meu pai sobre o telefonema da minha mãe, mas fiquei

quieto. Eu cheguei na Casa Riddell com a missão de reunir meus pais. Minha estratégia era consertar meu pai, ajudar ele a consertar sua vida partida. Era um plano simples, porque eu pensava que era só sobre dinheiro. Mas eu via que não era tão simples assim. Vendo Serena abraçando meu pai fez com que eu me desse conta de que meu pai estava mais avariado do que eu havia pensado. E até que eu conseguisse consertá-lo, era provavelmente melhor que ele não falasse de modo algum com a minha mãe.

O que faziam antes do Google? Antes de Wi-Fi? Antes de modems a cabo? Antes de torres de celulares em cada edifício?

Antes disso?

Fazíamos o que tínhamos que fazer, porque éramos engenhosos. Tínhamos iniciativa. E entendíamos que o processo é fundamental para o resultado: um processo pobre produz um produto pobre.

E agora? Agora deixamos que outra pessoa se preocupe com a confusão dos detalhes. Delegamos a responsabilidade.

Então delegamos nossa privacidade. E, assim, delegamos nossa liberdade. E, assim, abrimos mão do controle sobre nosso destino.

Bom, não podemos reclamar, não é mesmo? Aceitamos os Termos e Condições sem lê-los, não é mesmo? Então só podemos culpar a nós mesmos.

Eu sou uma criança de uma era diferente. Em 1990, havia lugares chamados bibliotecas, e pessoas chamadas bibliotecárias, que podiam nos ajudar nas nossas pesquisas, se escolhêssemos aproveitar tal ajuda.

Eu descobri. No dia seguinte — Dia Quatro de nossa Aventura — pedi ao meu pai que me levasse até a Avenida Greenwood, para que eu pegasse o ônibus Phinney nº 5 para o centro da cidade. Do edifício abandonado da JCPenney, na Second Avenue com Pike, caminhei os poucos quarteirões até a Biblioteca Pública de Seattle. Encontrei uma bibliotecária prestativa. Fiz perguntas. A bibliotecária me enviou em diversas direções, e fiz minha pesquisa.

“Roosevelt e seu homem Pinchot”, como Ben havia escrito em sua carta. Ah! Era tudo sobre parques nacionais e silvicultura e conservação. Teddy Roosevelt foi o presidente dos Estados Unidos que deu início a todo o conceito de parques nacionais, separando milhares de quilômetros de terra e colocando-os à disposição do homem comum, terra que normalmente cairia nas mãos dos ricos barões de madeira, como Elijah Riddell, meu tataravô. Gifford Pinchot, cuja família de barões de madeira havia feito uma fortuna limpando as árvores de quase toda a região das Montanhas Adirondack, foi o primeiro chefe do Serviço de Florestas dos Estados Unidos. Juntos, Roosevelt e Pinchot trabalharam na preservação da beleza de um mundo que havia existido muito antes deles, e estava sendo rapidamente destruído em nome do progresso. Os dois vieram de famílias incrivelmente ricas. Acreditavam que algumas coisas eram boas demais para pertencerem a apenas um homem.

Gifford Pinchot fora um homem interessante. Casou-se com uma menina morta. Sua noiva, Laura Houghteling, falecera antes que se casassem, então ele foi em frente e casou-se com ela depois que ela havia morrido, e viveram juntos por um longo tempo daquele jeito, um deles morto, o outro vivo. Você deve pensar que estou brincando. Não estou. Era o ápice do movimento espírita. Todo mundo aceitava a presença de fantasmas e espíritos como uma parte normal de suas vidas. Então ninguém pensou ser muito estranho que seu amigo Giff desse

longas caminhadas com o espírito de sua esposa. Ou colocasse um lugar para ela à mesa de jantar. Ou se consultasse com ela sobre assuntos de grande importância. E, fosse como fosse, ele era incrivelmente rico, então não estava nem aí com o que as pessoas pensavam. Seu melhor amigo era o presidente dos Estados Unidos, e, juntos, eles brincaram de Robin Hood com os monopólios e sindicatos, tomaram grandes quantidades de terra, e deram ao povo.

As outras pessoas fabulosamente ricas (incluindo meu tataravô) não podiam fazer muita coisa a não ser ficar com raiva e pisar duro e tentar inventar modos de tirá-los do governo. O que no final aconteceu. Mas o estrago aos interesses dos barões de madeira — a criação de Parques Nacionais! — estava feito.

Quando senti que tinha uma compreensão do contexto, fui trabalhar nos detalhes. O que me levou aos leitores de microfichas e aos arquivos de jornais. Percebi rapidamente que os diários de Seattle eram diferentes dos jornais modernos. Eles não possuíam um monte de fotos, para começo de conversa, só colunas e colunas de reportagens mal escritas. E eles tinham preferências que não eram muito bem disfarçadas. O *Seattle Republican* ridicularizava os políticos de que não gostava, chamando um deles de “imbecil” e “morsa”. O *Seattle Star* era um pouco estúpido, e gastava muito tempo com registros policiais, que eram cheios de relatórios de pessoas bêbadas esfaqueando umas às outras. O *Seattle Daily Times* tentava ser sério e responsável, mas acho que não conseguiram lá muito bem.

Encontrei bastante material sobre Elijah Riddell e diversas inaugurações e fechamentos de moinhos, e um grande acordo de terras que havia sido aprovado, para o grande desapontamento do repórter do *Seattle Daily Times*: SERÁ O FIM DA FLORESTA? — perguntava o cabeçalho. Também encontrei umas poucas histórias sobre a visita de Roosevelt e seu encontro com Elijah.

Mas também encontrei algo no *Republican*:

ANTIGO EMPREGADO DOS RIDDELL TEME POR SUA VIDA

Um antigo carpinteiro da Madeireira Riddell, que permanecerá anônimo a fim de proteger sua inocência, apresentou-se ao escritório deste repórter, com evidência positiva de que atividades de natureza diabólica e indiscreta aconteceram, ao curso de diversos meses, no local da construção da Propriedade do Norte, o incrivelmente extravagante “chalé” de Elijah Riddell, de mais de cinquenta cômodos, nas florestas ao norte de Seattle.

Ainda que poucos detalhes tenham sido fornecidos, o dito carpinteiro relata que foi despedido depois de testemunhar um ato indigno entre “alguém que parecia ser Benjamin Riddell”, filho do barão da madeira Elijah Riddell, e um trabalhador desconhecido. O carpinteiro não pôde confirmar a identidade de nenhuma das pessoas envolvidas, ainda que jure que ambos eram homens. Contudo, ele não está seguro de ter visto o que viu, e, depois de ver, foi imediatamente despedido sem causa ou recompensa. O carpinteiro afirma que outros também se depararam com situações semelhantes, e foram instruídos a ficar de boca calada. O carpinteiro teme agora por sua vida, já que retribuição é uma plausível possibilidade. O departamento de polícia

não fez nenhuma prisão por indecência, e dizem que nenhuma será feita, considerando-se que aconteceu — se é que aconteceu — na Propriedade do Norte, considerada fora de sua jurisdição.

Eu sabia que “indecência” era código para atividades homossexuais. Então era verdade. Ben era gay. Lembro de pensar que era um pouco esquisito. Afinal das contas, eu tinha catorze anos, e era 1990, e havia muita conversa sobre aids e tudo o mais. E eu sabia o que era ser gay, mas não sabia como alguém terminava gay ou não gay. Quer dizer, eu não sabia, na época, se era algo herdado ou só uma escolha de estilo de vida. Ou se era uma tendência, e, caso você pensasse demais a respeito, talvez se tornasse *mais* gay, mas, se não pensasse mais, você ficava *menos* gay.

Estava confuso o suficiente para pedir à bibliotecária que me ajudasse. Juntei coragem e encontrei um bibliotecário mais velho — talvez gay — e perguntei:

“Muitas pessoas eram gays em Seattle nos anos 1900?”

Ele imediatamente se animou, como se a história gay de Seattle fosse sua especialidade.

“Seattle sempre foi uma cidade gay”, ele disse. “A cena gay era vibrante nos anos 1930, no Pioneer Square, que era apelidado Vila das Fadas. Um fato pouco conhecido: King County recebeu este nome devido ao vice-presidente William Rufus King, que por acaso era...”

“Não foi devido a Martin Luther King?”, interrompi.

“Não. O nome foi dado muito antes de Martin Luther King nascer. Na metade de 1800. King County recebeu este nome devido a William Rufus King, conhecido como Miss Nancy para os amigos. Ele foi o amante gay do Presidente James Buchanan.”

Ergui as sobrancelhas em surpresa.

“Gays estão por toda parte”, ele disse. “Através da história.”

“Então era comum?”, perguntei. “Sabe, essa de gay?”

“Essa de gay *sempre* foi comum. O que importa é como era visto pela cultura da época.”

Eu me sentia desconfortável falando sobre o assunto, mas o bibliotecário parecia saber muito a respeito, e era legal, e eu precisava saber mais. Então continuei.

“Quer dizer que, se eu fosse gay em 1903”, especulei, “e tivesse um pouco mais de vinte anos e meu pai fosse um cara muito rico e poderoso... Como ficava isso?”

“Mil novecentos e três? Cara rico? Em Seattle?”

“Barão de madeira. Rico mesmo.”

“Seu pai teria considerado isso como uma besteira da juventude”, o bibliotecário disse. “Ele teria esperado até você sair dessa, e provavelmente arranjaria seu casamento com uma mulher viril, que seria, provavelmente, lésbica. Você ia querer manter seu dinheiro e seu poder, então você concordaria. Você teria seus namorados de reserva, sua esposa teria suas namoradas. Vocês iriam juntos a eventos importantes, como se fossem reprodutores. E quase todo mundo ficaria satisfeito.”

“O que é um reprodutor?”, perguntei. “E quem *não* ficaria satisfeito?”

“Seu *pai*”, ele disse, com obviedade. “Ele ia querer herdeiros, mas não estava conseguindo nenhum. Reprodutores são héteros. A importância toda de se ter filhos é propagar a linha sanguínea. É a *única* coisa importante, na verdade, quer dizer, a menos que você goste de

limpar cocô e vômito, e ter adolescentes irritados gritando na sua cara e forçando você a pagar a faculdade. Por que seu pai teve *você*? Quero dizer, o ‘você’ fictício de 1903. Não estou perguntando por que o *seu* pai teve você. O pai do gay de 1903 que você inventou. Será que *ele* tinha uma esposa?”

Pensei um pouco.

“Não sei”, disse.

O bibliotecário acenou com a cabeça, coçou o rosto e deu de ombros.

“Seus pais estão aqui?”, perguntou. “Você está fazendo um monte de perguntas que talvez devesse perguntar a seus pais. Identidade sexual é muito mais um assunto de família, do que um assunto para bibliotecários.”

“Não sou gay”, eu disse, entendendo o que ele estava implicando: ele achava que eu estava falando sobre mim mesmo.

“Não tem nada para sentir medo”, ele disse. “Quer dizer, a coisa é o que é. Então, é melhor aceitar o ‘é’, porque as pessoas podem acabar machucando a si mesmos com essas coisas. Acontecia muito em 1903. Não estava tudo à mostra, como é agora, então as pessoas gays fizeram coisas terríveis a si mesmas, tentando ser mais “normais”. Mas o que é normal? Conheço um conselheiro com quem você podia falar. Ele fala com adolescentes sobre isso, sabe, assuntos de identidade sexual. É de baixo impacto, e não é que ele converte as pessoas, ou está buscando recrutas. Seus pais estão aqui?”

“Estou tranquilo”, eu disse, percebendo que o assunto tinha mudado drasticamente de história gay para aconselhamento gay. “Obrigado pela ajuda.”

Voltei ao leitor de microfichas e continuei a buscar. Encontrei outro artigo, que era de mais ou menos um ano depois do artigo insinuando indecência. Estava no *The Seattle Daily Times*, e anunciava o noivado entre Benjamin Riddell e Alice Jordan, filha mais velha de James J. Jordan, o magnata das ferrovias. A festa de noivado, exclusivamente para convidados, estava prevista para sábado, 17 de setembro de 1904, na Propriedade do Norte, o artigo festejava.

Estranhamente, também encontrei a notícia da morte de Benjamin Riddell, publicada na edição de domingo, dia 18 de setembro de 1904, referindo-se ao seu dia de falecimento como sendo 11 de setembro de 1904. A notícia dizia que Benjamin “era um aventureiro e amante da natureza. Suas explorações o levaram ao seio das florestas e ao topo das mais altas árvores”. Benjamin Riddell, “um espírito iluminado e gentil”, deixaria saudades.

Um mês mais tarde, dia 12 de outubro, outra vez no *The Daily Seattle Times*, o cabeçalho dizia: FORTUNA DOS RIDDELL DOBRA. Havia um longo artigo sobre a fusão entre a Madeireira Riddell e a Ferrovia do Pacífico Norte, que fora assunto durante anos, e havia finalmente se consumado. A consolidação dessas indústrias “assegura que Seattle será a cidade dominante da Costa Oeste”, e o “ouro vivo das florestas do Pacífico continuará a encher os cofres de Elijah Riddell”. Havia uma nota complementar sobre o acordo ser fechado logo após a “terrível morte acidental de Benjamin Riddell, que estava sendo preparado para suceder seu pai à frente da Madeireira Riddell, e que havia tornado evidente, a todos com quem falava, que traria uma agenda de conservação e um espírito de cooperação, trabalhando junto ao Presidente Roosevelt e seu tenente silvicultor Gifford Pinchot, com a intenção de ceder milhares de quilômetros de árvores madeireiras de primeira qualidade ao governo dos

Estados Unidos, em troca de um plano de colheita ‘considerado e deliberado’, de forma a preservar a terra para utilidade pública, bem como para uma exploração razoável por parte do setor privado”. O artigo terminava com uma observação sardônica: “Só podemos esperar que o fantasma de Benjamin Riddell permaneça na Propriedade do Norte, assegurando que o espírito de conservação prevaleça sobre o espírito de dizimação e desflorestamento, que é o método de acumular riqueza preferido de Elijah Riddell”.

Que jeito estranho de encerrar um artigo, pensei. Enquanto pensava nos significados de tudo que acabara de ler, meu estômago começou a roncar. Olhei para o relógio e percebi que estava morrendo de fome e já era o fim da tarde. Caminhei até a parada de ônibus, na Second Avenue, e comprei um cachorro-quente numa barraquinha para me segurar até o jantar. Fui de ônibus, na direção norte, até o nº 5 da Phinney; desci dois quarteirões da entrada para a Propriedade do Norte. Acenei para Val ao passar, e segui a longa caminhada pela estrada sinuosa, de volta à Casa Riddell.

Naquela noite, quando desci para jantar, encontrei meu pai sentado na sala de estar com um copo de uísque na mão. Sentei do lado dele no quarto escuro.

“O que você descobriu hoje?”, ele perguntou.

“Ainda não sei”, respondi. “Ainda não entendo por que Elijah mudou. O que fez com que ele fosse de barão da madeira para conservacionista?”

“Vovô Abe disse que foi porque Elijah estava com medo de ir para o inferno, e encarar todas as pessoas cuja morte ele causou.”

“Posso até aceitar essa. *Talvez.*”

“Madeira é a indústria mais perigosa do mundo”, ele disse. “As estatísticas, ainda hoje, são assustadoras. O número de mortes... E de maneira brutal, ser esmagado até a morte por uma árvore que se mexeu de maneira errada, ou perder uma perna ou braço e sangrar até a morte, ou ser atingido por uma viuveira.”

“O que é isso?”

“Uma pernada solta que fica presa na árvore. Quando você começa a cortar a árvore, elas caem. E elas podem ser enormes. Vovô Abe não passava muito tempo no campo, mas, quando ele era mais jovem, Elijah o enviava para inspecionar as áreas de corte. Ele disse que uma vez viu um homem tomando uma xícara de café, e uma viuveira caiu tão rápido que, quando ele a ouviu, já era tarde. Um galho enorme esmagou seu crânio e o enfiou no chão. Vovô Abe disse que seus braços e pernas continuaram a se mexer. Em espasmos. Ele disse que era como quando se pisa numa aranha, e as pernas dela continuam a se remexer.”

“Isso é nojento, Pai”, eu disse.

“Tenho outras. Um homem estava a uns 45 metros de altura, pendurado na árvore. Ele começou a cortar a madeira com um machado e, embaixo dele, a árvore inteira caiu. A árvore tinha alguma espécie de fungo, sabe? Estava podre, mas ele não tinha inspecionado a base da árvore do jeito certo. Quarenta e cinco metros. Caiu direto. Bum!”

“Legal.”

“Você deve pensar que cortar árvores é um trabalho agradável, ao ar livre. Mas não é. Naquela época, as condições eram horrorosas. Eles tinham que trabalhar longas horas, e ficavam em acampamentos sem água corrente ou banheiros por meses a fio. Doença e vermes eram rampantes. E quando deixavam que eles fossem até a cidade, todos os homens ficavam bêbados e iam a prostíbulos, que estavam cheios de DSTs. Havia um sujeito em Aberdeen, Billy Gohl, o Vampiro de Grays Harbor. Ele assassinou centenas de homens no seu bar. Ele tinha um alçapão que deixava os corpos caírem até um barco embaixo do cais, e ele limpava os bolsos deles de todo o dinheiro e jogava os corpos na baía. Elijah Riddell, e todos os demais barões da madeira — ele não estava sozinho —, não fizeram absolutamente nada para parar qualquer coisa. Não faziam melhoramentos nas condições de trabalho, a menos que o governo os forçasse. Não davam compensação às famílias dos homens que morriam no

trabalho. Não ajudavam a cidade a aplicar a lei. Só ficavam lá, sentados nas suas elegantes casas em Seattle e Olympia e Tacoma, fumando charutos, bebendo conhaque e comendo refeições excessivas, preparadas por chefs mundialmente famosos. Eu acho que se Vovô Abe tinha razão e Elijah viu a luz, ele precisava fazer uma penitência muito séria, caso quisesse evitar bater ponto no inferno.”

“Ah”, eu disse. “Isso é esquisito.”

“O quê?”

“Sou parente deles. Parece um mundo totalmente diferente.”

Ambos olhamos para o retrato de Elijah, nosso patriarca, elevando-se sobre nós na sala de estar.

Depois da sobremesa, Vovô Samuel perguntou se podia ir ao celeiro trabalhar. Serena deu permissão sob a condição de que ele não lixaria mais. “Você já tomou banho”, ela disse. “Não vou te dar banho outra vez, e você sabe como fica com coceira quando vai dormir sujo.”

Perguntei se poderia ir junto para fazer companhia a ele, mas, na verdade, eu queria ir porque estava curioso sobre o que ele fazia no celeiro. Vovô Samuel ficou entusiasmado com a possibilidade.

“Gosto de companhia”, ele disse. “Ninguém me visita no celeiro, a menos que Serena me traga almoço. Ela não faz isso com muita frequência.”

“Essa é uma oferta muito generosa”, disse Serena. “Tenho certeza de que Vovô Samuel adoraria um pouco de companhia, e vai dar uma chance para que seu pai e eu fiquemos relembando os velhos tempos.”

Fomos juntos ao celeiro. Era noite e a brisa vinda da água agitava o ar quente. O sol havia se escondido atrás da boca das Olympic Mountains. Eu sentia o sal no ar; sentia o cheiro da grama. À distância, um trem soprava fracamente o seu apito.

“Eles realmente estão saudando Elijah Riddell?”, perguntei, ao ouvir.

“É o que meu pai me contou”, disse Vovô Samuel. “Não sei se alguém ainda se lembra.”

“Lembra do quê?”, perguntei, depois de alguns passos.

“Meu avô faleceu antes que eu nascesse”, ele disse, “então não sei. Mas ele construiu este lugar. Seattle e Shelton e Aberdeen. Ele construiu o Noroeste. E depois ele devolveu tudo. Tudo, exceto o que meu pai pegou para si.”

“Por que ele fez isso? Por que ele devolveu tudo?”

“Não sei”, ele disse. Caminhamos mais um pouco, e ele continuou:

“Isobel sabia.”

“O que Isobel sabia?”

“Se você acha que não tem o suficiente, você se apega às coisas”, ele disse. “Mas se você sente que tem o suficiente, você abre mão das coisas.”

“Quanto é o suficiente?”, perguntei, depois de alguns passos.

“Não sei”, admitiu ele, com um dar de ombros. Chegamos ao celeiro.

Era um celeiro enorme — Riddellesco, se poderia dizer. De um lado, enormes portas corrediças que provavelmente estavam travadas, enrustidas pelo tempo e pelos anos. As

tábuas que compunham as paredes do celeiro tinham uns trinta centímetros de largura, desgastadas por décadas de chuva e vento, mas ainda em admirável estado, levando em conta a idade e o jeito inacabado do prédio. No meio do lado mais largo do celeiro havia uma portinha, ladeada por uma longa janela baixa. Vovô Samuel me levou até lá e entramos; ele acionou um interruptor, e luzes fluorescentes tremeram e se acenderam, revelando uma desorganizada carpintaria cheia de pó.

Espiei ao meu redor com cautela. As tábuas do assoalho estavam cobertas com uma camada de lascas de madeira e serragem com anos de acúmulo. Estacionadas pelo celeiro, havia enormes máquinas antigas, construídas de aço pesado. Eu conhecia essas ferramentas, já que havia passado muito tempo, através dos anos, na oficina do meu pai, mas essas eram muito mais antigas: uma serra cinta e um torno e uma furadeira. E mais. Uma serra de mesa e um barril de óleo, equipado com uma espécie de geringonça que eu não tinha a mínima ideia do que era.

“Vaporizador de madeira”, explicou Vovô Samuel.

Havia uma bancada de trabalho que se estendia por toda a parede de trás, e, acima dela, uma parede de ferramentas penduradas num painel perfurado. O lado oposto tinha muitas prateleiras, abarrotadas de garrafas e latas e jarros, dezenas de latas velhas de café com etiquetas de fita adesiva para identificar o conteúdo. Teias de aranha cheias de pó ocupavam cada canto possível, limitando, sem dúvida, o número de refeições que as teias poderiam oferecer, já que elas seriam visíveis até mesmo para uma mosca cega. O quarto tinha um cheiro composto de muitos elementos, e, ainda assim, todos distintos. O cheiro de diferentes madeiras — cedro, cerejeira, carvalho, e mais — de óleos de madeira, de cola, de verniz, e o odor levemente ácido de madeira queimada em serra ou furadeira. Os cheiros de suor e café derramado. O cheiro de ozônio, emitido pelo mancal de um motor elétrico que estava tentando demais, rodando rápido demais, queimando-se até a morte, só para agradar a seu mestre.

“O que você faz aqui?”, perguntei.

Ele deu de ombros.

“Madeira”, respondeu.

Encontrei uma grande pilha de diversos tipos de madeira e, ao lado, uma pilha de pés de cadeira, ou algo assim. Não sabia o que era. Hastes para balaustrada, ou pernas de mesa. Dezenas delas, todas um pouco diferentes umas das outras. Algumas brutas, outras com óleo, outras com verniz brilhante. Peguei uma delas.

“Você conserta coisas?”, perguntei.

“Às vezes.”

Dezenas de pernas de cadeira. Ou melhor, estudos de pernas de cadeira. Maquetes. Ou talvez uma fábrica de pernas de cadeira.

“Você faz pernas de cadeira”, eu disse. “Você as vende?”

“Gosto de usar o torno”, confirmou Vovô. “Mas Serena disse que hoje não posso me sujar.”

Ele abriu uma lata de óleo de linhaça e começou a pintar uma haste que estava presa na bancada por um tomilho.

Eu me sentei ao lado dele, num banco, e fiquei observando. Ele era muito cuidadoso com o óleo, pintando em longas e cuidadosas pinceladas. Mais um momento zen do Vovô. Ele

trabalhava com madeira pelo prazer de trabalhar. Era o processo, não o produto. Era o meio, não o fim.

“Foi isso o que aconteceu com seus dedos?”, perguntei impulsivamente, e logo me arrependi. Mas, às vezes, a pergunta precisa ser feita. Às vezes, você tem que perguntar. “Foi a serra cinta?”

Vovô não respondeu. Continuou a aplicar o óleo. Depois de um tempo, ele falou.

“Eu caí, quando era menino”, ele disse. “Caí de uma janela.”

“Ai.” Eu me encolhi, e ele olhou para mim.

“Só me lembro disso.”

Ele segurou meu olhar por um pouco, e fiquei me perguntando se estava me contando algo mais profundo.

“Esperto Trevor”, ele disse. “Por que te chamam disso?”

“Não chamam. Serena chama, mas antes ninguém me chamava assim.”

“Porque você é esperto.”

Ele aspirou profundamente, e fechou os olhos. Esticou a mão esquerda, com a palma de frente para mim, e manteve a mão na minha direção, para que eu pudesse ver as cicatrizes dos dedos que faltavam.

“Pode tocar”, ele disse.

Toquei. Estiquei-me sobre a mesa e peguei a mão do meu avô. A pele era velha e gasta. A carne era grossa. Mas passei os dedos sobre sua palma e os cotos dos dedos, e não era esquisito. Não era nem um pouco horripilante, ainda que talvez parecesse assim a alguém que não estivesse ali. Ele ficou de olhos fechados, deixando-me sentir seus dedos, e eu também os senti, de certa forma. Senti o que os dedos do Vovô Samuel haviam sido.

“Toque”, ele disse, baixou a mão e abriu os olhos. Virou e continuou seu trabalho, me deixando sozinho.

Caminei pela oficina, examinando as ferramentas, os diferentes e intermináveis utensílios que também chamavam minha atenção na oficina do meu pai na marina. Eu não era sempre convidado a ir lá. Meu pai nunca tentou me recrutar para ser carpinteiro ou construtor de barcos. E eu sempre me perguntei por que não. Por que meu pai não queria que eu seguisse os seus passos? A maioria dos pais queria. No colégio, os meninos cujos pais eram advogados queriam ser advogados. Aqueles cujos pais cuidavam da terra, cresceram sabendo como ser fazendeiros. Mas eu não. Ainda que eu sempre gostasse de visitar a oficina do meu pai na marina, descobrindo coisas interessantes. A serra de travão era a minha ferramenta favorita, por razão nenhuma além de que eu me imaginava serrando hastezinhas de madeira, para fazer rodas. Eu também adorava as serras japonesas, e diversas marretas e brocas. Sentia-me atraído pela natureza tátil delas, a experiência sensorial. Via como os braços do meu pai eram fortes por ter que manipulá-las diariamente. Ainda assim, meu pai parecia me ceder à minha mãe. Ao mundo dela, de livros e acadêmicos e aprendizagem. O que era legal, e eu era bom naquilo. Mas lá no fundo, sempre desejei aprender a usar minhas mãos.

Certa vez, quando era pequeno, peguei meu pai de surpresa, na sua oficina. Eu tinha começado a ir de bicicleta para o colégio, e estava muito orgulhoso de mim mesmo, então, algumas vezes, passava pela oficina na volta para casa. Quando entrei na oficina, vi meu pai

sozinho, sentado numa cadeira, inclinado, com a cabeça nos braços dobrados sobre tiras de madeira sobre cavaletes. Ele estava dormindo. Pelo menos foi o que pensei. Mas não estava. Quando me ouviu, ali parado, mexendo os pés, ele abriu os olhos.

“O que você está fazendo?”, perguntei.

“Estou escutando”, ele disse.

“O que você ouve?”

“Ouço centenas de anos de vida. Ouço vento e chuva e fogo e besouros. Ouço as estações mudando e os esquilos. Ouço a vida das árvores de onde veio esta madeira. Experimente.”

Então puxei uma cadeira e me sentei ao lado do meu pai, e baixei a cabeça. Não consegui ouvir nada a não ser o motor de popa rodando na oficina de motores ao lado. Levantei a cabeça, desapontado.

“Não consigo ouvir nada”, disse.

“Tudo tem vida”, ele disse. “Tudo tem uma história. O truque é permitir a si mesmo escutar. Talvez um dia você consiga.”

Acenei com a cabeça e agi como se tivesse entendido o que meu pai estava dizendo, ainda que não tivesse a mínima ideia. Nunca tinha escutado ele falar daquele jeito antes, nunca pensei no meu pai como uma pessoa espiritual. Mas, depois de alguns dias na Casa Riddell, eu estava começando a entender o que ele quis dizer. E também estava começando a entender que, se ele cresceu com uma mãe espiritual e um pai não espiritual, talvez tenha ficado em conflito, de um modo parecido com Ben. Como reconcilhamos as diferenças entre o que vemos e o que sabemos?

No lado mais distante do celeiro, oposto às grandes portas, havia um sótão com uma escada. Olhei para ver onde Vovô Samuel estava — ocupado buscando algo dentro de uma lata de café — então subi a escada até o sótão. As luzes do celeiro entravam pelos espaços no chão, mas o sótão ainda estava quase escuro. Notei uma corda pendurada; quando a puxei, uma lâmpada veio à vida.

Não havia muito para ver, exceto teias de aranha e, enfiadas no fundo do espaço, meia dúzia de velhas malas. Malas antigas, com cantoneiras de madeira e correias de couro, e RIDDELL, PROPRIEDADE DO NORTE, SEATTLE, EUA escrito nos lados. Enfiada atrás de uma das malas, havia uma sacola de lona. Desafivelei a correia e olhei dentro. Estava cheia de cravos de metal e correias de couro, bobinas de corda e um pedaço de corrente. Intrigante, mas sem sentido nenhum para mim. Tentei abrir a mala mais próxima, mas estava trancada. Todas estavam trancadas. Cadeados internos, e não externos. Uma chave de fenda e um martelo não iriam abri-las. Desci a escada. Vovô Samuel ainda estava mexendo dentro da mesma lata de café, procurando algo que parecia não encontrar.

“O que você está procurando?”, perguntei.

“Um parafuso”, ele respondeu. “Preciso de um parafuso.”

Curvei e espiei dentro da lata. Não havia parafuso lá dentro.

“Está cheia de chaves”, eu disse. “Você pegou a lata errada.”

Ele parou e considerou o problema, me entregou a lata de café e foi pegar outra na prateleira, uma que talvez contivesse parafusos. Fiquei pensando: ele ficou cinco minutos procurando um parafuso numa lata de chaves; e eu estava esperando encontrar chaves que

pudessem abrir os cadeados... Algo acendeu na minha cabeça.

“Você já leu *As montanhas da Califórnia*?”, perguntei. “De John Muir.”

Vovô Samuel levantou os olhos da sua nova lata de café.

“Acho que não”, respondeu.

“Você alguma vez encontrou uma carta que Benjamin escreveu a Harry, sobre trabalhar na costa?”

Ele parou e pensou um pouco.

“Acho que não”, ele repetiu, e voltou sua atenção outra vez para a lata.

“Ben está nervoso”, Vovô Samuel havia dito naquela noite, no jantar. Talvez não fosse uma anotação para si mesmo que ele escrevera no papel gomado. Talvez fosse uma anotação para mim. E talvez não fosse dele, mas de alguém mais *usando* ele. Eu tinha certeza de que não era uma coincidência. Bem como não era coincidência que o toca-discos Crosley estivesse tocando no salão de festas, ou que a parede dissesse meu nome. Um fantasma — ou espírito — estava tentando entrar em contato comigo. Senti um calafrio ao olhar em torno do celeiro, e fiquei me perguntando quem seria.

Levei a lata de café para o sótão e fiquei escolhendo chaves. As chaves dos baús pareciam bem distintas, então não foi difícil encontrar algumas. Experimentei-as em um dos cadeados dos baús. Nenhuma funcionou, então fui para o segundo baú e tentei outra vez. Sucesso. Abri a tampa, mas não havia nada dentro a não ser poeira. Deixei a chave no cadeado, para que pudesse saber qual chave pertencia a ele, e tentei um terceiro baú: cobertores.

O quarto baú era um pouco mais interessante. Estava cheio de roupas — blusas e jeans, na maioria. Tamanhos masculinos. Empurrei-os para o lado, esperando não perturbar alguma aranha do tamanho da minha cabeça. Embaixo das roupas, havia papéis dentro de pastas antigas. Papéis escolares. Folheei. Eles pertenciam a meu pai. Redações e testes de matemática. Alguns livros de bolso, com notas nas margens. Camus e Fitzgerald. Um livrinho de capa dura, chamado *Um mágico entre os espíritos*, de Harry Houdini. O manuscrito de uma peça de teatro com sentenças sublinhadas: sr. Paravicini em *A ratoeira*, de Agatha Christie. (Eu não sabia que meu pai era ator, mas Serena havia mencionado.)

Deslizei a mão pelo lado da maleta, para ver o que estava no fundo. Descobri um tênis de corrida laranja e azul, com cravos enferrujados. E um antigo *Magic 8 Ball* que dizia: RESPOSTA CONFUSA, TENTE OUTRA VEZ. Cavei um pouco mais, até que encontrei uma blusa enrolada ao redor de um objeto duro. Desembrulhei e descobri a escultura de uma mão segurando um globo. Era de madeira escura e bem polida. Tudo na mão era exagerado, um pouco maior, um pouco mais grosso, como a mão do *Davi* de Michelangelo que havia visto em fotos, com as veias e os tendões aparecendo sob a pele. O globo que a mão segurava era a Terra. Os continentes estavam todos nos seus devidos lugares. A escultura parecia ter sido retalhada de outra coisa. Eu podia ver isso, porque a parte de baixo da peça não estava envernizada, e, na verdade, era áspera e cheia de saliências. E havia outra coisa que achei inusitada: quando eu a segurei, eu podia senti-la. Era como meu pai e as pranchas de madeira na oficina. Eu podia sentir a sua vida, sua jornada: um forte sentimento de alívio por ter sido descoberta. Mas, para acreditar nisso, a pessoa teria que acreditar que objetos inanimados possuem energia espiritual. A pessoa teria que ter fé.

Embrulhei a escultura outra vez, e fiquei me perguntando como ia tirá-la do celeiro sem que Vovô Samuel notasse. Eu não estava convencido de que ele ia notar alguma coisa, para ser honesto, mas, ainda assim... Tirei minha blusa de frio e enrolei em torno da escultura, e enfiei embaixo do braço.

“O que você está fazendo aí em cima?”, ele chamou lá de baixo.

Fui até a ponta do sótão.

“Dando uma olhada”, disse.

“Bom, cuidado”, ele me avisou, e saiu vagando outra vez.

Desci a escada com meu embrulho. Não havia perigo de que Vovô Samuel desvendasse a minha operação de contrabando — ele estava agitado e fora de foco, vagando pelo celeiro e murmurando para si mesmo — e, mesmo que eu fosse descoberto, o que importava? Era um pedaço de madeira, ainda que parecesse mais substancial. Vovô Samuel levou uma cavilha para o torno e ligou a máquina. Murmurou algo e desligou. Levou uma prancha para a serra de mesa e ligou a serra. Desligou. Ele estava claramente batalhando contra a ordem de não fazer serragem.

“Vou voltar para a casa”, eu disse.

Ele não me deu atenção, então saí e voltei morro acima.

Meu pai e Serena ainda estavam conversando na cozinha, então dei a volta ao redor da casa e entrei pela porta da frente. O salão da frente estava escuro.

Quando comecei a subir as escadas, ouvi meu pai me chamar. “Trevor”, ele disse, e entendi que fora descoberto, então parei e fiquei pensando se meu pai ia notar a protuberância embaixo da minha camisa, e perguntar o que era. Esperei que ele viesse pelo corredor, mas ele não apareceu.

“Trevor”, disse meu pai outra vez, como se estivesse bem ali, atrás de mim. Mas ele não estava atrás de mim. Desci alguns degraus e fiquei parado no meio do salão. “Trevor.” Olhei pelo corredor, e vi a luz na cozinha, e podia escutar os dois conversando. Meu pai e Serena estavam na cozinha.

“Trevor”, disse a voz outra vez, bem no meu ouvido. Dei meia-volta bruscamente: ninguém. Meu coração estava batendo rapidamente, mas não era de medo. Senti algo mais também: a necessidade de saber quem e o quê estava tentando me contatar.

Eu sabia que estava sonhando. Estava completamente consciente de que estava adormecido no meu quarto, enredado nos lençóis, e, contudo, estava preso em um sonho que parecia tão familiar e bem-vindo, que não ousava lutar contra o sono por medo de destruí-lo...

Estou em uma profunda floresta, com árvores de bases muito grossas — tão grandes quanto uma casa — e uma abóboda de galhos tão densa que pouca luz atinge o chão. Estou com alguém. Conheço essa pessoa: é Harry. Nós dois caminhamos pelo terreno, que se eleva e rola como ondas do mar. O solo esponjoso está coberto de musgo e agulhas de pinheiro. Pulamos sobre raízes tão altas quanto nós. Está escuro e fresco e os pássaros estão cantando. Chegamos à base de uma árvore de pelo menos catorze metros de circunferência, sua grossa casca velha e nodosa. Olho para cima, para os galhos que começam muito acima da minha cabeça. Harry sorri.

Abro minha sacola de lona e tiro minhas luvas de couro, meus ganchos de escalar, e um pedaço de corrente. São instrumentos estranhamente familiares, como se eu os usasse todo o tempo. Como se eu soubesse exatamente o que fazer. Não carregamos machados, nem serras. Não, não estamos aqui para cortar essas árvores. Estamos aqui para escalá-las.

Estamos prontos. Harry pede à árvore que nos proteja. E subimos.

Seguro as pontas do meu talabarte, que circunda todo o enorme tronco. Com um movimento de açoite, arrasto a corrente uns trinta centímetros para cima, e puxo, apertando. Enterro minhas esporas, e lá vou eu. Mais e mais alto. Pauso para descansar e olho para baixo. Harry não está muito longe, abaixo de mim; o solo está muito mais longe. Devo estar a uns trinta metros do primeiro galho, talvez mais. Quando chego àquele galho, subo nele. Ele tem facilmente um metro de circunferência. Balanço sem esforço ou preocupação, e removo minhas esporas. Coloco elas na minha bolsa, junto com a corda, e tiro as botas, as meias e as luvas.

“O que você está esperando?”, pergunta Harry, ainda se segurando ao seu talabarte, colocado abaixo do galho.

Olho para a copa da árvore lá em cima, e vejo os galhos avançando por todos os lados, esticando e se entrelaçando junto com postes cobertos de agulhas, mas, próximo ao tronco, há espaço, e posso ver exatamente como vamos ir de galho em galho, árvore acima. Me estico de onde estou e seguro um galho mais alto com uma das mãos e, com um pulinho, me seguro com a outra mão, de modo que fico pendurado. Empurro com os pés o tronco onde estava, e caminho até onde posso me jogar de lado, e de repente estou sentado no galho de cima. Busco por outro galho para me segurar, e continuo a ascender. Sei que Harry está me seguindo; não preciso olhar.

Subimos mais alto, e mais alto ainda, sempre no seio da árvore. A corrente de adrenalina

é tão intensa que chega a ser explosiva. Nada além dos nossos músculos e nossa força para nos manter vivos. Esfregar breu nas mãos para segurar firmemente apesar do suor. A necessidade de focar em uma só coisa — o próximo galho — até que os galhos nos engulam, e logo não podemos mais nem ver o chão da floresta. Quanto mais alto subimos, mais denso crescem os galhos, até que, mais ou menos a três quartos do caminho em direção ao topo, descobrimos que é como estar em um quarto feito de galhos. Não há medo aqui, já que não se pode ver quase nada exceto galhos marrons cobertos de musgo cinza e líquens, e as agulhas verdes e marrons da árvore. Há tantos galhos fáceis de atingir, o matagal de galhos é tão denso que acredito que, se cair, vou ficar envolvido pelos galhos. Como se a própria árvore fosse me salvar da morte.

Mais alto. Me perco completamente na tarefa. Onde eu termino e a árvore começa é algo que não está claro para mim; tornei-me parte da árvore. Para cima, além da copa, até o próprio topo, onde a copa começa a se afinar, e, ao subir, podemos ver outros topos abaixo de nós. Mais alto! Até que reste apenas um metro ou dois, e o tronco se afina, e ele fica impossivelmente fino, e se balança com o nosso peso, sem nem mesmo considerar o vento, o qual, quando sopra, faz com que nos balancemos ainda mais. A realidade me atinge: a árvore que escalamos é a mais alta do mundo, ou pelo menos mais alta que todas as árvores que posso ver no mundo, que são muitas, já que o céu está limpo e a floresta se estende sem fim lá embaixo. Em todo o seu redor, posso ver o topo de outras árvores furando a abóboda, tão espessa e luxuriante, como uma nuvem de agulhas de pinheiro. Setenta metros — oitenta metros — noventa metros — mais! — dentro do cone de um enorme ser vivo. Acima há pássaros e nuvens e sol e calor e vento e uma sensação de que, se eu fosse um gigante, poderia caminhar sobre o topo das árvores. Poderia sair e caminhar por quilômetros na cobertura da floresta. O resto da humanidade, que está escondida lá tão abaixo, é ignorante sobre tudo o que Harry e eu podemos fazer e tudo o que podemos ver.

Ficamos lá por um longo tempo, sentindo o sol e o vento no rosto, existindo um com a árvore, e um com o outro. Não dizemos uma palavra. Não há nada a dizer. A magnificência daquela elevada posição é singular e não precisa de palavras para marcá-la. Fui transformado pela experiência, engolido pela natureza e digerido, e me tornei uma parte da natureza. Demoramos nesta sensação, que poderia durar para sempre. Mas não pode.

Começamos relutantemente a descer. E de repente estamos no chão outra vez, que parece tão maravilhoso e sólido sob nossos pés. A exaustão toma subitamente conta de nós, e desfaleço. Abro os olhos, e estou no acampamento, nossos cavalos sem sela por perto, mastigando a relva. Um coelho assa em um espeto acima das chamas saltitantes. E Harry, esculpindo algo num bloco de madeira; ele segura um cinzel e esculpe atentamente.

“O que vai ser?”, pergunto.

“A Terra”, diz Harry, olhando para mim. “Um globo. E uma mão segurando.”

“De quem é a mão? Sua?”

“Não”, diz Harry, dando um grande sorriso. “A sua.”

Fecho os olhos e tento lembrar: o tremor dos músculos cheios de fadiga, meu corpo mole, sua energia gasta; o sentir e o cheiro da terra, o solo em minhas mãos, o sabor de água nos meus lábios; as profundidades do meu sono, cheio de visões de voar pelo ar, voar sobre as

árvores e as montanhas ao calor do sol — ah, que sonho!

Despertei, e era noite. Meu quarto estava silencioso, e meu coração, minha alma, estavam ensoçados com meu sonho, minha visão. Eu era Ben. O espírito que ocupava meus pensamentos agora sonhava através de mim, e vi aqueles sonhos. Ben os mostrou para mim. Ou talvez eu os mostrei para Ben. Talvez ele não pudesse ver as coisas de que tinha tanta saudade. As coisas que ele amava. As árvores, e Harry. Se fantasmas não conseguem sonhar, talvez permitisse a Ben ver tudo outra vez através do meu sonho.

O despertador dizia 2h03 da madrugada. A porta do meu quarto estava aberta; não estava aberta quando fui dormir.

Saí da cama e enfiei a cabeça fora da porta. O corredor estava escuro e silencioso. Fechei a porta e voltei à cama.

A mão. A mão. Eu encontrei a mão, e ouvi a voz. Causa e efeito. Encontrei a mão, e tive o sonho. A mão estava guardada embaixo da minha cama, e, ainda assim, parecia transpirar uma aura; era magnética; atraía meus pensamentos.

Olhando para o teto, escutando o ventilador, ouvi um clique. Virei para a porta e a vi abrir lentamente. Eu sabia que qualquer pessoa lógica explicaria esse fenômeno da porta se abrindo. A pessoa lógica diria que eu não a tinha fechado completamente, e as dobradiças foram lubrificadas recentemente, e estavam escorregadiças. Ela diria que a porta estava posicionada de forma que tendia a se abrir. Ela ia se referir à pressão barométrica, à discrepância entre pressão alta e pressão baixa no quarto e no corredor. A umidade do ar, que estava saturado com o carbono da minha própria respiração. A umidade faz com que a madeira se expanda, todo mundo sabe disso, ou adiciona peso suficiente para criar um efeito pêndulo. Havia muitas maneiras de explicar. Ainda assim...

Levantei da cama e fechei a porta outra vez. Puxei a maçaneta, assegurando que ela estava realmente fechada. Voltei à cama, mas não me deitei. Sentei na beirada e esperei; não precisei esperar muito. Logo a maçaneta girou. A fechadura clicou. A porta se abriu.

Um calafrio desceu pela minha espinha. Com o coração batendo, levantei da cama e espiei no corredor outra vez. Não vi nada, mas ouvi um clique no fim do corredor, e o estalo de uma dobradiça, e o peso de algo no assoalho. Alguém queria que eu o seguisse.

Segui pelo longo corredor escuro, o tapete antigo eriçado sob meus pés, até chegar às escadas dos empregados. A estreita escada em espiral se enroscava para dentro de uma escuridão de breu, cuja totalidade me deu medo de continuar. Mas ouvi um som aos pés da escada, e sabia que precisava seguir o fantasma.

Estava tão escuro que não dava para ver minha mão na frente do rosto. Mas eu podia sentir o corrimão, então tudo bem. Continuei a descer até o primeiro andar, onde a porta estava aberta e um pouco de luz entrava, vinda do corredor. De lá, fiquei escutando, esperando pelos suspiros e os gemidos e os estalos, e segui para baixo, por um corredor depois do outro, contornando esquinas, através de portas, até que estava numa parte da casa onde jamais havia

estado. Na verdade, parecia que poucas pessoas estiveram naquela parte da casa nos últimos anos. Talvez até nas últimas décadas. O tapete do corredor estava empoeirado e desbotado, e o papel de parede, acima dos painéis de madeira, estava se descascando. Cheguei num trecho de corredor que parecia não ter nada. Sem porta alguma, ainda que notasse uma anomalia: parte da parede parecia ter uma linha de junção.

Me aproximei da linha, e vi que era uma porta escondida, com o mesmo papel de parede e painel de madeira que o corredor, de forma que, a menos que você soubesse o que buscar, você não a veria. Abri a porta e havia um armário de roupas de cama vazio, com uma corrente pendurada. Puxei a corrente, e uma luz se acendeu, mas as prateleiras estavam vazias. Notei um pequeno anel embutido na parede do fundo, à altura da cintura. Mexi nele com o dedo e ele saltou para fora. Levantei e torci, e ele estalou. Era um trinco de porta pequeno. Puxei, e a parede do fundo do armário deslizou em minha direção, com um grande som bocejante e vazio, como se eu estivesse abrindo uma tumba.

Espiei, e vi uma pequena câmara, depois uma escada estreita que se espiralava rumo à escuridão.

Lembrei-me das palavras de Serena: *Há uma escada secreta, Trevor, e, se você a encontrar e acender um fósforo, verá uma aparição. O fantasma da Casa Riddell.*

Estava claro que eu não podia seguir adiante sem uma luz, então voltei pelos corredores até chegar ao saguão principal, e corri até a cozinha. Felizmente, Vovô Samuel não estava sentado à mesa com seu remédio. Peguei uma caixa de fósforos de cima do fogão, e, o mais rápido possível, sem fazer barulho, apressei-me de volta ao armário de roupas de cama.

Comecei a subir a escada. Logo que pisei nos primeiros degraus, a luz da sala abaixo diminuiu. Risquei um fósforo contra o lado da caixinha, e ele se acendeu. Subi até que ele estivesse quase apagado. Peguei outro e acendi no primeiro, e continuei até que, sob a luz tênue, vi, no topo da escada, um saguão estreito. Quando fiz a volta na escada e pisei no saguão, parei subitamente, congelado, porque, na luz tremulante, vi um homem me olhando. E, naquele momento, a chama queimou meus dedos e deixei cair o fósforo. Lambi meus dedos queimados, rapidamente peguei outro fósforo e acendi.

O homem sumiu.

Por um instante. Por um momento. Eu tinha visto alguém que reconheceria na pintura da sala: eu tinha visto Ben.

Meu coração batia no meu peito. Soprei o fósforo antes que me queimasse outra vez, e fiquei parado sem me mexer na escuridão, escutando minha própria respiração. Senti que Ben estava comigo, e logo percebi algo peculiar. Minha respiração havia saído de sincronia consigo mesma. Ou, melhor dizendo, o que ouvi como se fosse minha respiração era, na verdade, duas respirações distintas, levemente fora de sincronia. Era uma mudança sutil, mas eu sabia. Havia duas pessoas respirando na escuridão. Eu estava parado no escuro, como se meu medo tivesse ido tão longe que tivesse feito um círculo e voltado para me acalmar.

Acendi outro fósforo e, pelo que pude ver, a salinha parecia vazia. Eu tinha certeza de que deveria haver mais coisas sobre este aposento fantasma, mas não conseguiria descobrir até ter mais luz. Eu precisava tentar outra vez, quando estivesse mais preparado.

Apaguei o fósforo, coloquei a caixa de volta na cozinha, e voltei à cama. Enquanto me

mexia e me revirava, tentando, sem sucesso, voltar a dormir com a mente cheia da imagem de Ben à luz do fósforo, ouvi outra vez o clique. Minha porta se abriu lentamente.

“É brincadeira, né?”, disse, em voz alta, mas Ben não me respondeu.

Olhei no relógio. Eram 2h30, e eu estava completamente acordado. De repente, me veio uma ideia: no meio da noite, em Seattle, é de manhã na Inglaterra.

Outra vez desci escada abaixo, para a cozinha. Peguei o telefone e me enrosquei no sofá ao lado da janela saliente. Liguei para minha mãe.

“O que houve?”, ela disse imediatamente.

“Nada.”

“O que você está fazendo, acordado a esta hora?”

“Tenho saudade de você”, eu disse, o que era verdade, mas não a verdade inteira.

“Eu também tenho saudade de você. Amo você e tenho saudade. Mas vá dormir, e podemos conversar quando for uma hora apropriada para você.”

Eu queria fazer o que ela pedira, mas não podia desligar.

“Vi um fantasma”, disse.

“Um fantasma?”, ela perguntou, e riu. “Que tipo de fantasma?”

“O tipo que vive em quartos secretos atrás de uma porta secreta em um armário de roupas de cama, em uma parte da casa que ninguém usa, e, se você acende um fósforo, você pode vê-lo. Serena disse que o Pai costumava vê-lo, quando era pequeno.”

“Acho que Serena está tirando sarro de você.”

“O Pai nunca te contou? Ele nunca disse que ele e sua mãe acendiam um fósforo, para ver o fantasma?”

“Não”, ela disse. “Seu pai nunca falava muito sobre a mãe dele. Sei que ela estava metida em coisas espirituais, mas suspeito que seja porque sabia que estava morrendo, e estava buscando por algo que desse esperança. Nunca ouvi falar desse fantasma. E você deveria estar dormindo. Volte para a cama agora.”

“Não consigo dormir”, eu disse. “Ele abre a minha porta.”

“Talvez o trinco não tenha sido bem colocado. Conte para seu pai. Ele é bom com coisas assim; ele pode arrumar o trinco para você.”

“Mãe, não tem como dormir. Esta casa range e é escura e mal-assombrada.”

“Então leia até dormir, como você sempre faz. Você disse que tem uma biblioteca aí. Encontre um bom livro. Você encontrou o livro de John Muir que estava procurando? *As montanhas da Califórnia*?”

“Sim.”

“Bom? Você leu?”

“Não.”

“E por que não? Você lê tudo! Estou surpresa.”

Achei que não seria muito inteligente contar a ela que eu havia encontrado a carta de amor de Ben para Harry dentro do livro, e que eu a lera em vez do livro. Ela também não acreditaria naquilo.

“Pegue o livro e leia um pedaço”, ela disse. “John Muir era um escritor maravilhoso. Eu peguei um dos livros dele na biblioteca. Acho que você vai gostar.”

“O.k.”

“E vá dormir, por favor. Amo você, meu bebê.”

Desliguei e coloquei o telefone de volta na mesa. Comecei a me dirigir à biblioteca, mas, antes de fazê-lo, olhei nas gavetas da cozinha e na despensa. Não queria iluminar a casa inteira, e pensei que talvez pudesse encontrar uma lanterna. Encontrei: embaixo da pia. Levei-a à biblioteca, peguei o livro do Muir, e voltei ao meu quarto. Deixei a porta aberta, já que, se eu fechasse, ele ia abri-la outra vez de qualquer jeito. Liguei a lanterna e abri o livro no artigo marcado, “Um vento de tempestade nas florestas”.

Imediatamente mergulhei nas palavras de Muir; a maneira como ele descrevia a natureza e o mundo ao seu redor era cativante. O artigo me contou a história de como John Muir encontrara um vale de lindas árvores, e daí, ao ver que uma tempestade se aproximava, subiu ao topo de uma delas e segurou-se a ela para atravessar a furiosa tempestade, que o chicoteava de lá para cá no vento e na chuva. Quando a tempestade se foi, ele desceu pelos galhos da árvore e sentiu-se transformado pela experiência. O sol brilhou nos ramos da árvore tão gloriosamente que parecia estar dizendo: “Minha paz eu te dou”.

Ler o artigo não me fez ficar com sono, como minha mãe esperava, mas deu-me um senso inusitado de contentamento. Continuei a ler até chegar às palavras finais: “Nunca antes essas nobres florestas pareceram tão frescas, tão jubilosas, tão imortais”.

Tão frescas. Tão jubilosas. Tão imortais.

As palavras ecoaram na minha cabeça. Não — elas ecoaram no meu coração, na minha alma — e daí senti que o sono caía sobre mim. Larguei o livro, desliguei a lanterna, e fechei os olhos. Enquanto caía em um escuro sono, continuei a ouvir as palavras na minha cabeça: *Minha paz eu te dou.*

Olhando para trás, para aquele verão, eu me pergunto por que não ficou óbvio para mim. Havia uma razão pela qual meu pai fez a besteira de conseguir a procuração assinada, e chamou o tabelião cedo demais. Ele queria falhar. Ele poderia ter executado o plano de maneira apropriada — se tivesse deitado o fundamento, como dissera Serena. Mas ele não fez. Porque daí o problema teria sido resolvido, e nós teríamos seguido nosso alegre caminho, com os bolsos cheios de dinheiro. Teríamos ido para os brancos penhascos de Dover, recolhido minha mãe, e vivido felizes para sempre.

Mas meu pai não queria resolver o problema assim tão facilmente — ou, pelo menos, ele não queria resolver o problema que todos viam. Ele estava buscando algo mais profundo. Eu não sabia o que era. Estou quase certo de que Serena não sabia tampouco. Nem sei se meu pai sabia. Mas estava ali. Eu o sentia, ressoando sob a superfície de tudo o que fazíamos. A Casa Riddell não estava mais morta. As antigas árvores que sustentavam suas paredes e seu teto estavam se movendo. Elas estavam despertando de um longo sono, sua seiva outra vez fluindo.

Acordei cedo na manhã seguinte, e, ainda que não tivesse dormido muito, senti-me descansado. Tomei meu café da manhã rapidamente, e fiquei pairando pela cozinha, esperando que Serena fosse trabalhar, e meu pai saísse para fazer o que quer que seja que ele andava fazendo durante o dia, o que ainda era um mistério para mim. Quando eles se foram, voltei ao armário de roupas de cama e olhei cuidadosamente, para me assegurar que Vovô Samuel não havia me seguido. Abri a parede falsa do fundo do armário, acendi a luz, e entrei atrás das prateleiras, fechando a porta atrás de mim e assegurando-me de que ela estava mesmo fechada, antes de acender a lanterna que havia encontrado embaixo da pia da cozinha. Subi escada acima, em círculos, até chegar ao saguão do topo, onde havia visto a aparição de Ben. Não era bem um quarto. Era mais um curto corredor. Ainda que fosse difícil, só com uma lanterna, examinei as paredes o melhor que pude. Eram lisas, e o espaço não tinha portas ou aberturas. Talvez fosse um beco sem saída. Só uma câmara para se esconder, ou algo assim, como Serena havia dito. Esconda os padres aqui.

Resolvi examinar as paredes por tato, e não por vista, então desliguei a lanterna e enfiei-a no cinto. Na escuridão, coloquei as mãos na parede, à altura dos ombros, e deslizei-as pela câmara, traçando o perímetro do espaço, tentando sentir alguma pista. Na segunda vez que passei pelo lugar (que medi com passos e julguei ter mais ou menos uns três metros e meio de comprimento por um metro e meio de largura), estiquei as mãos à altura da cintura e, quando cheguei à parede oposta à escada, senti um pedaço dela se mover. Peguei a lanterna e olhei. Era um pedacinho da parede, de mais ou menos cinco por doze centímetros, embebida na parede e quase invisível, devido ao padrão granulado, mas solta e com dobradiças no topo, de modo que, quando puxei, ela se abriu. Deslizei os dedos para dentro do buraco, e senti que

havia um trinco. Puxei o trinco, e a parede inteira se abriu. Um ar úmido e bolorento fluiu para dentro do quartinho, vindo lá de dentro. Mirei a luz da lanterna para além da soleira da porta escondida, mas a luz não conseguiu penetrar o pesado ar, cheio da poeira que eu já havia perturbado. O corredor parecia continuar por mais ou menos uns três metros, até uma íngreme e estreita escada — na verdade, mais como uma escada de mão — que subia outra vez.

Entrei no corredor. As paredes eram feitas de madeira sem acabamento, pinheiro Douglas, pensei com confiança, já que havia herdado uns rasgos do intrínseco senso de árvores dos meus ancestrais. (Afinal, eu vinha de uma longa história de gigantes das toras.) A madeira tinha um grão fechado, forte, e ainda conservava uma fragrância distinta, mesmo depois de cem anos. Não havia corrimão, então tive cuidado ao subir sem tocar as paredes. Eu sabia que provavelmente era estúpido, mas queria preservar a integridade deste secreto lugar. Era como entrar pela primeira vez na câmara do Rei Tut. No topo da escada, havia outra porta, mas esta se abria com um trinco normal. Pensei que, quem quer que seja que tenha construído este local, deve ter pensado que, se você chegou até ali, você deveria saber o que estava fazendo.

O quarto no topo da escada tinha uma janela e estava sombrio, mas não escuro. Desliguei a lanterna, para poupar bateria. À medida que meus olhos se acostumavam com a luz, um quarto sombrio e masculino entrou em foco. Um rico tapete vermelho e marrom escuro se estendia quase de parede a parede. Essas paredes estavam mais ou menos a uns seis metros de distância uma da outra, assim pensei, ainda que não tivesse medido com passos — e cada parede se compunha de uma estante de livros de carvalho que ia do chão até o teto. As prateleiras estavam cheias de livros encapados em couro. Se este lugar era algum tipo de cofre para proteger as pessoas de bandidos sequestradores, como sugerira Serena, os ocupantes teriam bastante material de leitura. Do outro lado de uma janela tipo mansarda, havia uma lareira de tamanho modesto — pelo menos em comparação com as outras lareiras da Casa Riddell — construída de azulejos marrom-acinzentados, com relevos de cenas da natureza. Havia um sofá de veludo, de costas altas, uma mesa de centro esculpida, e duas cadeiras estofadas de couro escuro. Perto da janela, estava uma escrivaninha com cadeira. Diversas luminárias adornavam as paredes. As lâmpadas tinham reservatórios para querosene; o quarto, construído antes de existir eletricidade, aparentemente nunca a havia descoberto.

Tive a sensação de que estar ali era uma violação. Examinei o teto, que tinha vigas escuras cruzando-se em intervalos de um metro, e com elaboradas esculturas em madeira em cada quadrado da rede. Cenas de árvores, de cortadores, de homens trabalhando e cavalos rebocando. Cenas de homens escalando nos altos ramos de árvores, segurando-se ao topo. Eu me lembrei do meu sonho, que, agora, parecia mais uma visão. Uma visualização. Pensei em John Muir e seu texto, e fiquei pensando o que era aquele lugar. Um lugar para se esconder? Algum tipo de santuário? Um lugar de adoração. Um lugar para ficar seguro. Não contra bandidos, mas contra o resto do mundo.

A mansarda era alta demais para que eu pudesse ver lá fora, e pensei que isso era parte do objetivo, porque abaixo dela estava um banquinho para se pisar, e era claro que ninguém podia ver dentro do quarto lá do campo. Subi no banquinho, o que me deixou ver acima do caixilho, e estava tudo lá: o campo, a ribanceira, Puget Sound. Uma linda vista. Mas a coisa principal que notei foi uma árvore solitária, perfeitamente centrada no caixilho da janela. Era

mais alta que todas ao seu redor. Consideravelmente mais alta. Ela se destacava de todas as demais que eu podia ver. Fiquei pensando em quão antiga ela era, que segredos ela conhecia.

Vóltei ao quarto e deixei que meus olhos se ajustassem. Na parede oposta à lareira, havia outra porta. Tentei a maçaneta, e estava aberta. Liguei a lanterna para ver o que havia lá dentro. Um armário para guardar coisas. As prateleiras estavam cheias de caixas com cobertores, latas de carne e de sardinhas, pilhas de latas estampadas com PÃO SECO, garrafas de vinho e garrafas de água, fósforos muito, mas muito antigos mesmo, algum material de sobrevivência: uma pá, uma machadinha e uma faca. A única outra coisa era uma caixa bem forte — não um baú, porque era menor, mas construída da mesma forma. Abri-a e vi que estava cheia de cadernos. Nenhum deles tinha título, então peguei um. Um diário. Abri outro: um caderno de desenho, com desenhos de uma casa. A Casa Riddell. Havia outros livros também, que pareciam ser registros contábeis. Peguei mais outro livro e abri. Era o diário de Elijah Riddell.

Terça-feira, 13 de setembro de 1904

Comecei este diário para falar sobre acontecimentos de natureza misteriosa, que ocorreram desde a morte de Ben, há dois dias. Preciso registrar esses acontecimentos por medo de esquecê-los, ou, pior ainda — convencer-me de que eles nunca aconteceram.

Para começar, devemos voltar um passo, à tarde de domingo, quando encontrei uma carta deixada para mim no meu estúdio.

“Querido Pai”, dizia a carta. “Eu esperava partir com Harry. Alice havia prometido cuidar dos negócios na minha ausência. Ela é muito inteligente e esperta — ainda que seu pai duvide dela —, bem capaz de gerenciar as empresas. Como tal, ela voluntariamente concedeu meu desejo: passar a vida com meu verdadeiro amor, que não é ela, mas Harry. Mas ela já sabia disso.

“Ontem à noite, para meu desespero, ocorreu um acidente, e Harry faleceu. Enterrei-o na Colina do Observatório. Meu coração está partido, Pai, e não posso ficar aqui. Devo ir em busca dele, pois sei que ele está esperando por mim. Eu o encontrarei.

“Com muito amor, permaneço para sempre seu filho fiel, Benjamin.”

Eram seis e quinze da manhã quando fui despertado pelo sr. Thomas, que me contou que um jardineiro havia encontrado um corpo. Era o corpo de Ben. Ele estava morto.

À noite, eu me encontrava exausto, tendo passado por tantas emoções devido à morte do meu filho. É impossível descrever, então não vou tentar. O sr. Thomas me trouxe sopa e brandy ao estúdio, e, depois de comer e beber, devo ter caído no sono à minha escrivaninha. Lembro-me de ter vívidos sonhos. Nesses sonhos, estranhas coisas aconteceram. Escalei árvores com meu falecido filho. Falei com ele, também. Benjamin. Ele falou comigo. E, ainda que não conseguisse discernir palavras, senti

ansiedade na sua presença, e meu sono foi conturbado.

Quando abri os olhos, fiquei surpreso ao encontrar uma caneta em minha mão, e fiquei ainda mais surpreso ao descobrir um cartão na escrivaninha, com algo escrito... Escrito pela minha própria mão! Poderia eu tê-lo escrito em meu sonho? Parecia impossível, contudo...

“Ficarei aqui com você, Pai”, dizia o cartão. “Enterre-me na Colina do Observatório, ao lado de Harry. Você nunca compreendeu o nosso amor, mas faça isso por mim, já que isso me mostrará que você compreende que estamos todos conectados. Se você fizer isso, ficarei com você, para cuidar da Propriedade do Norte até que ela volte à floresta. Quando voltar, sua redenção estará completa. Minha paz eu te dou, Ben.”

Esta manhã, enquanto eu me sentava no meu estúdio, olhando pela janela, para as árvores que se balançavam na brisa, eu o vi parado ao lado da cortina. Meu Ben! Ele estava comigo. Sei que é verdade, e este diário servirá para prová-lo a mim mesmo, a fim de que não me convença de que minhas visões são produtos de uma mente carcomida.

Fiquei fascinado com aquele registro. Harry havia morrido de alguma maneira, bem quando ele e Ben iam fugir, e Ben morreria no dia seguinte. Deve ter sido terrível. Mas o que achei mais intrigante foi Elijah escrever uma nota enquanto dormia. Uma nota de Ben, depois que Elijah já tivesse tido seus vívidos sonhos. Claramente fora Ben, o fantasma, quem escrevera a nota, canalizando seu pai adormecido, assim como usara Vovô Samuel, para escrever através dele.

Virei a página e li o registro seguinte.

Sábado, 17 de setembro de 1904

Hoje enterramos Ben. Pela manhã, uma neblina fria ainda se espalhava pelo chão, levantando-se mais tarde. Não choveu. (Não ousaria chover no dia do enterro do meu filho!) O comparecimento no funeral foi impressionante. Thomas contou pelo menos umas quatrocentas pessoas. Serviu-se comida para todos, como de costume. Uma festa com muito vinho do Porto — apenas o melhor. Por que eu o guardaria? Para que reunião ele seria mais apropriado? Por um momento, pensei em erigir um altar, e sacrificar um cordeiro. Thomas sugeriu que um gesto assim poderia soar mal para a imprensa. Pensei por um momento em sacrificar um ou dois editores de jornal em um altar, para que eu pudesse comer os corações deles. Outra vez a razão de Thomas prevaleceu.

Acho que os convidados não vão ir embora tão cedo. Agora mesmo, estão acampados no campo — muitos viajaram de Portland e Aberdeen — e alguns dos colegas de aula dele também vieram do Leste — um testemunho à natureza de Ben.

Vou sentir saudade dele. Já estou sentindo.

Guardo o cartão dele no bolso — sua última nota para mim. Escrito por mim, o que não entendo, mas, ao mesmo tempo, entendo. Às vezes, coloco a mão no bolso e o toco. Os cantos agudos machucam a ponta dos meus dedos, e posso fazer doer de propósito, se quiser. Se não for por qualquer outro motivo, a natureza física da dor nos faz lembrar de que estamos vivos.

Enterramos Ben ao lado de Harry — na Colina do Observatório, como ele queria. Espero que eles encontrem juntos, na morte, a paz que não conseguiram encontrar em vida.

Achei o diário difícil de resistir, então, ainda que escutasse passos lá embaixo, através da parede, e ouvisse pessoas me chamando, li mais dois curtos registros.

Segunda-feira, 19 de setembro de 1904

Os convidados ainda estão aqui. Pelo menos uns sessenta. Disse ao Thomas que matasse um cordeiro a cada dia que eles ficassem — estamos no terceiro.

Na verdade, não quero que eles partam. Suas fogueiras, que queimam dia e noite na umidade, são faróis para Ben. Todas as noites, caminho entre os enlutados, abraçando os desolados, e falando com eles. Sinto que Ben está comigo nestas paredes, e que ele gosta do que vê.

Quarta-feira, 21 de setembro de 1904

Todos se foram. Thomas e eu estamos sozinhos agora, e a casa se estremece com o vazio.

Fechei o livro e escutei. Serena e meu pai estavam me chamando, mas eu estava a salvo deles, dentro do santuário de Elijah. Não sabia que horas eram, porque não havia encontrado meu relógio.

Recoloquei o diário na caixa, fechei a porta do armário, e descii as escadas rápido mas cuidadosamente. Destranquei a porta e fechei-a atrás de mim. Não queria que me descobrissem, então não liguei a lanterna, mas, em vez disso, descii a escada em espiral no escuro. Deslizei para fora do falso armário de roupas de cama e entrei no saguão.

Bem quando pensei ter escapado, Serena me chamou por detrás.

“Onde você estava?”

“Por aí”, disse, tentando agir calmamente.

“Por que você está na ala do sul?”, ela perguntou. “Ninguém usa a ala do sul. Está procurando alguma coisa?”

“Eu só estava... interessado. Olhando por aí. Só isso.”

Ela me analisou por um momento.

“Voltei para casa cedo para que fôssemos todos jantar à beira d’água”, ela falou, finalmente. “Caranguejo partido fresco. Você está pronto?”

Já era hora do jantar? Eu tinha passado o dia inteiro no quarto secreto? E me dei conta de como estava com fome.

“Eu devia colocar uma camisa mais bonita”, respondi, já que estava só de camiseta.

“Se quiser. Mas daí você vai ficar Formal Seattle. Se você está vestindo calças que vão até os tornozelos, sapatos que cobrem os dedos do pé, e uma camisa que cobre os braços inteiros, você está em roupa formal, aqui em Seattle.”

Ri com alívio. Serena não suspeitava de nada.

“Vou só lavar as mãos.”

“Não demore”, ela pediu. “O centro da cidade fica cheio de gente num dia como hoje, e não quero que Vovô vá dormir tarde.”

“Vou me apressar, Só Serena.”

“Como o vento, Esperto Trevor. Como o vento.”

“Minha paz eu te dou.”

Voltamos à Casa Riddell depois do jantar, e o céu ainda estava claro, com o sol da tarde. Nosso pequeno grupo se dispersou, e decidi fazer uma caminhada até a Colina do Observatório, que eu estava determinado a visitar. Queria ver os túmulos. Quando cheguei ao topo, arfando com a caminhada, descobri um pequeno canteiro de ervas daninhas em um cercado de estacas dilapidadas. Dentro do cercado havia cinco lápides. Pulei a cerca e entrei no minicemitério para examinar as pedras. Harry Lindsey, Benjamin Riddell, Elijah Riddell, Abraham Riddell, Isobel Jones Riddell. As datas na lápide de Harry Lindsey eram 2 de janeiro de 1883 — 10 de setembro de 1904. As datas na lápide de Benjamin eram 12 de maio de 1876 — 11 de setembro de 1904.

O epitáfio de Benjamin estava difícil de ler, já que a pedra de calcário fora corroída pelo vento e a chuva, mas limpei o líquen da pedra com meu dedão e soprei a poeira, para poder ler.

MINHA PAZ EU TE DOU — JOHN MUIR

Do *As montanhas da Califórnia*. E do cartão que Ben escrevera a Elijah, depois de falecer.

Voltei para o meu quarto e abri as janelas, esperando uma brisa. Com as luzes apagadas, virei o ventilador na direção da minha cabeça e deitei na cama, abraçando a escultura da mão de madeira contra o peito; eu sentia uma necessidade visceral de segurá-la contra mim. Ben. Harry. Elijah. Eles eram apenas sombras do passado da minha família, mas estavam se tornando reais para mim. E daí as imagens vieram mais fortes. Vieram antes que a sombra escura do sono tivesse baixado. Lutei contra, não queria o sonho de Ben, ainda que ele lutasse tanto para dá-lo para mim. Deitado e vendo o céu, as nuvens, e caindo. Caindo sem fim, a sensação oca do meu estômago na boca, de desespero. Lutei. Resisti. Batalhei. Até que acordei de repente, suando e tremendo. E, ainda assim, segurei a mão.

O quarto estava escuro. A casa estava quieta. Fui até a porta e abri-a tentativamente. O corredor estava silencioso. Nem uma criatura se movendo. Olhei para o relógio. Um pouco depois das nove. Vaguei pelo corredor, até o quarto do meu pai, que estava vazio. Desci as escadas e fui à cozinha. Encontrei meu pai sentado à mesa, assistindo TV quietamente. Um jogo de baseball. Meu pai nem gostava de baseball.

Ele levantou os olhos quando me ouviu entrar.

“Ah, oi”, disse. “Você está bem? Parece que viu um fantasma.”

Pisquei.

“O que você tem aí?”, perguntou, notando a mão, que eu ainda abraçava.

Eu havia esquecido que a estava segurando. Levantei-a e estendi-a para meu pai dar uma olhada. Ele fez sinal para que eu me aproximasse. Eu me aproximei e coloquei a escultura sobre a mesa.

“Onde você encontrou isso?”

Ele não estendeu o braço para pegá-la; só ficou olhando. Comecei a ficar desconfortável,

mas não disse nada.

“Onde você encontrou isso?”, ele perguntou outra vez.

“No celeiro”, respondi. “Tem um monte de baús no sótão. Encontrei num deles.”

“O que mais tinha no baú?”

“Roupas, e coisas assim. Papéis antigos de colégio.”

“*Meus* papéis de colégio antigos?”, ele perguntou, mas na verdade estava afirmando, porque já sabia a resposta. Ainda assim, ele não tirou os olhos da mão, como se tivesse medo que ela pudesse se desfazer se ele parasse de olhar para ela.

“Sim.”

Um balão de silêncio se expandiu na cozinha. Começou pequeno, e, a cada respirada, foi ficando maior e maior, até que o silêncio praticamente nos espremeu contra as paredes com potencial explosivo.

“Você sabe o que meu pai me disse, depois que minha mãe faleceu?”, ele finalmente perguntou, e o ar saiu um pouco, gentilmente, do balão. “Ele entrou no meu quarto, me deu uma mala, e disse: ‘Eles vão vir pegar você pela manhã; você pode levar só uma mala’.”

Ele me olhou pela primeira vez desde que eu tinha colocado a mão de madeira em cima da mesa.

“Eu fiquei me perguntando o que aconteceu com as coisas que não couberam naquela mala”, ele falou.

“Estão no baú do celeiro.”

“Por que você está procurando coisas?”

“Porque eu sou um buscador da verdade”, repliquei.

“Um buscador da verdade”, ecoou meu pai.

Ele me devolveu a mão, e daí guiou-me até o celeiro, pelo ar noturno, com os grilos chiando e as rãs cantando alto na escuridão. Era quase perturbador. A lua estava perfeita, e havia muitas estrelas.

Vovô Samuel não estava no celeiro. Meu pai ficou cavando pela longa bancada de trabalho, com todos os tornos e dispositivos que estavam conectados a ela, e todas as ferramentas dependuradas acima dela, tudo coberto de serragem, algumas coisas mais gastas e enferrujadas que as outras. Ele desenterrou uma caixa de pequenas cavilhas de madeira e encheu os bolsos com um punhado delas. Pegou uma broca de mão e cavou numa gaveta até encontrar uma haste que combinasse com o diâmetro das cavilhas. Pegou um pouco de lixa grossa, um vidro de cola de madeira e dois grampos de madeira, e nos dirigimos de volta para casa.

“O que é que vamos fazer?”, perguntei, quando já tínhamos saído.

“Sabe, Trevor, às vezes você precisa arrumar o universo.”

“Eu sei. Tenho tentado. Não anda funcionando muito bem.”

“Acho que nós dois precisamos tentar mais.”

De volta ao saguão de entrada, meu pai usou a lixa grossa para tirar o verniz do topo do pilar central da escadaria principal. Logo que vi o que ele estava fazendo, tudo clicou na minha mente. Eu *sabia* que havia algo faltando. Sabia que, de certa forma, o pilar parecia truncado, mas anos sendo polido por mãos que se esfregavam nele, e talvez alguma lixada

cosmética, escondeu a cicatriz. Meu pai lixou o pilar, para deixá-lo áspero o suficiente para que, quando colocasse a escultura da mão e o globo em cima, eles se encaixassem quase perfeitamente; o punho parecia sair do balaústre, segurando a Terra para que todos vissem. Como Deus, talvez.

Meu pai pegou um lápis da pilha de coisas que trouxera do celeiro, e fez algumas marcas. Usou a broca de mão para fazer furos na mão e no pilar. Quando terminou, utilizou a cola e os grampos para firmar a mão ao pilar e à balaustrada.

“Você consegue sentir?”, ele perguntou, enquanto admirava a mão restaurada.

“Sentir o quê?”, perguntei em resposta.

“O poder. A energia.”

“O que a energia faz?”

“Talvez ela a traga de volta”, ele respondeu.

“Traga *quem* de volta?”

“Minha mãe.”

Eu estava certo: meu pai tinha muita coisa a resolver antes que pudesse ir em frente com quaisquer planos futuros de reunir a nossa família. Poderíamos vender a terra e fazer dinheiro o quanto quiséssemos, mas não ia resolver o verdadeiro problema que estava corroendo meu pai.

Ficamos em silêncio por um pouco, e daí passos se aproximaram. Serena entrou no vestibulo.

“O que vocês dois estão tramando?”, perguntou.

Ela seguiu nossos olhos até a mão.

“Irmão Jones, não acredito! O que você fez?”

“Coloquei a mão de volta”, ele disse.

“Mas por quê? Vai deixar Papai maluco!”

“Ele já é maluco.”

“Ele é *demente*”, esclareceu ela. “*Isso* vai deixar ele maluco!”

“Não interessa”, disse meu pai, ainda olhando para a mão. “Fiz isso por Mamãe.”

Serena se aproximou por trás dele e tocou levemente no seu braço. Toque. Até que ele olhou para ela.

“Não me diga que você está ficando todo sentimental, Irmão Jones”, disse ela. “Diga que isso não vai mudar nossos planos.”

“Estou fazendo com que as coisas fiquem certas”, ele disse firmemente.

“E quando elas se acertarem, você vai fazer Papai assinar os papéis, não vai?”

“Sim.”

Ela se inclinou e beijou seu rosto.

“Eu sabia que você viria me salvar”, ela disse suavemente. “Nunca perdi a fé.”

Ela se afastou pelo corredor no seu vestido flutuante, com seus pés descalços sem tocar o chão, deslizando, unhas pintadas de azul, os seus dedos dos pés antes me arrelivavam, escapando dos sapatos na cozinha, quando ela se sentava para descansar, depois de uma tarde cozinhando, sentada apertando os dedões da mão na curvatura dos pés, para aliviar a tensão, e eu a observava e via as unhas azuis e ficava duro. Ela fazia isso por um tempo longo demais, e

fazia obviamente demais, e tinha prazer demais fazendo, e daí parava abruptamente e escondia os pés sob a mesa e me dizia: “Agora vá se lavar”, então eu subia e me perdia nas imagens da cintura fina de Serena e seus grandes seios e unhas dos pés azuis, seu perfume cítrico que eu sentia quando ela estava no mesmo quarto que eu. Ela era sexy, e ficava brincando comigo — mas, de alguma maneira, eu queria que ela brincasse comigo. Então não me afastava; sentia a dureza crescendo, e resistia ao desejo de ajustá-lo. E eu me desprezava por esses desejos baixos.

“Minha mãe disse que essa mão pertence ao espírito da casa”, meu pai me contou, depois que Serena se foi.

“Quem foi que tirou?”, perguntei, voltando a prestar atenção a meu pai, quando o perfume cítrico se dissipou.

“Vovô Samuel. Ele meteu o machado nela.”

“Mas por quê?”

“As pessoas destroem as coisas que não entendem”, ele explicou. “Aqueles coisas fazem com que eles se sintam inadequados e inseguros. Então eles destroem. Mas agora ela voltou. Eu voltei. E ele não pode mais esconder.”

“Esconder o quê?”, perguntei. “O que ele está escondendo?”

“A verdade, Trevor. Você sabe o que ele me disse, antes de me mandar embora?”

“‘Você pode levar só uma mala’?”

“Antes disso”, ele falou, depois de me analisar, buscando por sinais de ironia ou brincadeira, das quais não havia nenhum traço. “Ele disse: ‘Vá embora daqui. Para mim, você não presta mais para nada’. Era como se ele me matasse.”

“Mas por que ele disse isso?”, perguntei.

“Por causa do que aconteceu”, disse meu pai.

“O que aconteceu?”

“Não quero falar nisso.”

Eu já tinha escutado isso antes.

“É por isso que você me trouxe aqui, em vez de me deixar ir com a Mamãe, não é? Para que eu buscasse por coisas. Para que eu encontrasse coisas.”

Meu pai fez que sim com a cabeça, silenciosamente. “Não tenho certeza.”

“Ouvi vocês”, confessei. “Vocês estavam brigando sobre isso. Ela queria que eu fosse para a Inglaterra com ela, mas você disse que precisava que eu fosse com você. Você disse que não sabia por quê, mas sentia isso tão poderosamente que não podia negar. Se ela não deixasse que você me trouxesse aqui, provavelmente você morreria. E com esse tipo de ameaça, o que ela poderia fazer?”

“Foi assim que aconteceu?”, ele perguntou. “Não me lembro.”

“Eu me lembro”, falei. “Foi assim que aconteceu. Só porque você não sabe a razão, isso não significa que ela não exista.”

“Então, espero que você saiba o que está fazendo”, disse ele suavemente, e daí subiu as escadas e foi para seu quarto.

Eu não sabia o que estava fazendo. Estava indo por instinto; estava seguindo minha intuição. Eu havia lido contos de fadas o suficiente para saber que, se meu coração fosse verdadeiro, eu

seria capaz de fazer a coisa certa para todos nós. Eu poderia salvar a todos nós. E havia lido Kafka o suficiente para saber que, se fizesse a coisa errada, poderia ser o fim de todas as coisas.

Mais tarde, naquela noite, estava escrevendo no meu diário meus pensamentos sobre a mão de madeira — seu significado e importância — bem como por que meu pai pensava ser tão necessário que eu o acompanhasse nesta viagem, quando ouvi uma leve batida na porta. Serena a abriu sem esperar resposta.

“Posso entrar?”, perguntou, enfiando a cabeça no quarto e daí entrando.

Ela estava vestindo uma camisola de algodão branco e fino, sustentado por duas tiras estreitas. Deixavam seus braços expostos, e seus tornozelos e seus dedos do pé. Ela se empoleirou aos pés da minha cama. Havia tirado a maquiagem, e sua pele estava limpa e vibrante. O ventilador oscilante, que piava como um pássaro ao girar para a esquerda, mas nunca quando girava para a direita, soprava uma mecha de cabelo ruivo no rosto dela. Ela enfiou a mecha atrás da orelha, e sorriu.

“Tem um momento?”, perguntou.

Não, pensei. Não tenho momentos, porque o tempo parou com a Tia Serena.

“Claro.”

“Acho muito fofo você estar se conectando com seu avô. Vejo que ele gostou de você, e é importante que ele tenha essa conexão pessoal. Mas, antes que você se envolva demais emocionalmente, acho que é justo esclarecer o que já disse: Vovô Samuel está doente, e seu prognóstico é a morte.”

“A morte não é o prognóstico de todo mundo?”, perguntei, depois de um momento.

“Humm”, ela concordou, sorrindo. “Esperto. Mas seu avô vai morrer *logo*, e de uma maneira terrível. Primeiro ele vai esquecer sua história imediata, e daí o seu passado. Você deveria saber disso.”

“Eu sei”, disse. “É Alzheimer.”

“Agora você vai conseguir vê-lo sob uma nova luz, tendo o encontrado pela primeira vez. Você o vê de uma nova maneira. Você não conhece seu passado, sua história. Você não viu o que eu e seu pai vimos. Então, seu pequeno episódio da mão, hoje à noite... Bom, você não entende as implicações. Você não tem completo entendimento do contexto.”

“Então qual é o contexto?”, perguntei rapidamente. Já compreendia como era Serena, com sua dialética retorcida.

“É isso o que eu vim te contar”, ela falou, tirando o cabelo do rosto, “se você puder me dar alguns minutos.”

“Claro”, eu disse, fechando meu diário e colocando-o na mesa de cabeceira.

Ela se arrumou direito aos pés da cama, empurrando-se para trás, para se apoiar contra a parede, e suas pernas ficassem esticadas, com as unhas dos pés pintadas de azul me encarando.

“Está ouvindo?”, ela perguntou, abanando a mão à minha frente.

“Estou ouvindo.”

“Vovô Samuel não foi sempre gentil como é agora; não se deixe levar pela sua natureza dócil. Isso é sua medicação fazendo efeito. Anos atrás, ele era um homem irado e cruel. Amargo e vingativo. Depois que o Vovô Abe faleceu, e descobrimos o quanto estávamos em débito, Vovô Samuel caiu na garrafa, como diria a minha mãe. Ele se tornou um bêbado, e não foi nada agradável. Ele ficava o tempo todo irascível, rebentando em fúria com a menor provocação. Passava longas horas no celeiro, fazendo seja lá o que é que ele faz por lá. Não sei por que a Mãe ficou doente então. Tenho certeza de que os médicos teriam uma explicação para isso, porque é para isso que são pagos — para explicar coisas dentro do contexto de seu sistema de crenças. Mas, como diz o ditado, ‘Se sua única ferramenta é o martelo, tudo parece ser prego’.”

“Não sei se entendi”, falei.

“A ciência nos martela com fórmulas e teorias, mas será que os praticantes da ciência sabem mais do que os demais? Dizem que eles acreditam com muita força — e eles por seguro ridicularizam qualquer um que tenha uma opinião alternativa — mas não é isso uma posição defensiva bem conhecida, já vista em religiões como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo?”

“Você está dizendo que a ciência é uma religião?”, perguntei.

“Estou dizendo que, algumas vezes, há causas de doenças que talvez tenham raízes no mundo metafísico, e, quando alguma coisa assim acontece, a ciência médica tende a não dar importância à conexão, porque ela não existe nas páginas de seus compêndios médicos. Mas não vamos entrar agora num debate como este. A razão de que estou falando — que acredito ser importante para você — é que, se vamos buscar por uma causa científica da doença de minha Mãe, podemos dizer que ela tinha uma doença inteiramente idiopática, de origem desconhecida. Mas, se formos por uma visão mais holística, podemos conjecturar que Isobel ficou doente porque ela abraçou o sofrimento do marido, a quem muito amava.”

“O que ela tinha?”

“Ah, era ELA — também conhecida como doença de Lou Gehrig. Pensei que você soubesse...”

“Não”, eu disse. “E como é que alguém se torna doente com a doença de Lou Gehrig?”

“Ela não se tornou doente”, disse Serena pacientemente. “Ela se permitiu ficar doente, porque se recusou a resolver uma brecha psíquica dentro de si mesma. Está me entendendo? Você parece ser mais inteligente que a maioria, e esta é a única razão pela qual estou confiando em você. A necessidade da minha Mãe de salvar Papai era tão grande que o declínio dele e o desejo que ela tinha de salvá-lo entraram em colisão, como dois trens de carga em rumos opostos nos mesmos trilhos. No fim, a verdade se vai.”

“Entendo.”

“Vovô Samuel sofreu muito com a perda do Império. Vovó Isobel tomou seu sofrimento sobre si. Além disso, ela protegeu seu pai e eu. Ela nos segurou. Ela nos salvaguardou contra a raiva e ira e doença do Papai. Ela nos manteve saudáveis e amorosos. E ela sempre nos disse para agradecer aos que nos protegiam. Não foi só ela, ela nos disse. Mas a casa. A Propriedade. A Mamãe acreditava que um espírito cuidava da casa e de nós, e que a energia do espírito estava focalizada na escultura da mão. Ela nos fazia tocar na mão — essa que você

e seu pai reinstalaram hoje — todas as noites, antes de subirmos para a cama. Nós três parávamos perante a mão. Tocávamos nela e sentíamos seu calor, e, ainda que não disséssemos nada, no nosso coração nós rezávamos para que a mão nos protegesse.

“Como você pode imaginar, o sistema se tornou simbiótico: quanto mais irado Papai ficava, mais dependíamos da mão; quanto mais dependíamos da mão, mais irado Papai ficava. Estávamos unidos na nossa fé; ele ficara de fora. E assim continuou, até que o sistema explodiu. Uma noite, Papai não aguentou mais. Ele estava no fim, e por certo seu próximo passo teria sido beber até a morte, o que teria acontecido naquela mesma noite, se ele não encontrasse outra válvula de escape para sua raiva — acredito secretamente que, em algum universo alternativo, Papai morreu naquela noite, de envenenamento alcoólico agudo, um modo covarde de morrer, mas, ainda assim, efetivo. Mas Papai sempre fora ainda mais egoísta; em vez de sair do cenário, ele destruiu o alvo mais fácil que conseguiu encontrar. Ele pegou um machado no celeiro e, com grandes golpes que sacudiram a casa, ele decepcionou a mão do pilar do saguão.

“Nós ouvimos os golpes lá da cozinha, e corremos para investigar qual era a comoção. Ele tinha uma aparência de louco no rosto, como se estivesse possuído pelo próprio demônio, enquanto sacudia o poderoso machado — ele manejava o machado como só um lenhador maneja — até que a mão caiu e voou pelos ares. Claro que Papai estava bêbado como um gambá, então, quando a mão voou, ele também voou, girando para trás e caindo e quebrando a cabeça no chão. O machado voou da mão dele, e aterrissou aos nossos pés nus, fincando-se no chão à nossa frente — você pode ver a marca dele até hoje, se não acredita em mim. Um terrível estremecimento ecoou pela casa. Se você acha que não tememos pela nossa vida, Trevor, você está redondamente enganado.”

Ela pausou por um momento, alisou a camisola e passou os dedos no cabelo. Eu estava completamente absorvido pela história, e me sentei lá, encarando-a.

“Papai se levantou, pegou a mão cortada e saiu da casa”, ela continuou, depois de uma pausa dramática. “Sangue escorria atrás de seu pescoço, onde ele batera a cabeça. Ele deixou o machado ali, não sabemos por quê, e, no fim, Irmão Jones levou-o para baixo, para o porão, para que não precisássemos olhar para ele outra vez. Não vimos Papai por dias depois disso. Continuamos com a nossa vida, porque é isso o que as pessoas fazem. Mas todos nós sentimos — a Mãe, Irmão Jones e eu — que nosso coração havia sido arrancado do peito, quando a mão foi arrancada.”

“E daí, o que aconteceu?”, perguntei.

“Quando Papai finalmente voltou, nós o aceitamos na família como se nada tivesse acontecido, porque isso era o que a Mãe queria que fizéssemos.”

“Mas por quê? Por que ela ia pedir que vocês fizessem isso, se ele era tão ruim?”

“A Mãe pensava que era o dever dela salvá-lo. Que era o dever dela *curá-lo*. É por isso que a doença dela cresceu. E cresceu rápido.”

“Ela tomou a doença dele sobre si.”

“Obviamente a doença estava amadurecendo”, Serena disse. “Mas ela havia escondido a dor. Depois que a mão foi levada, a doença se espalhou bem rápido. Logo ela estava acamada. Logo depois disso, ela estava morta.”

“Isso é terrível”, murmurei. “Ela morrer assim.”

“Era o seu destino”, Serena contou. “Não cabe a nós julgar. Ninguém sabe por que era o destino dela. Podemos dizer que era o que ela podia fazer para salvá-lo; depois que faleceu, Papai parou completamente de beber. Desde aquele dia, ele se recusa a tocar uma só gota.”

Levantei a cabeça com aquela sentença, já que sabia sobre o “remédio”. Serena parou de falar e levantou as sobrancelhas, convidando uma pergunta, mas decidi não perguntar.

“Só estava pensando”, disse.

“Claro. Mesmo sóbrio, Papai via sua própria culpa refletida nos olhos de seus filhos — seu pai e eu — e não conseguia suportar viver sua vergonha. Seu pai tinha dezesseis anos, eu só tinha onze. Foi assim que Vovô Samuel justificou ter mandado seu pai embora. Irmão Jones estava crescido o suficiente para viver sozinho, disse ele. Eu era ainda pequena; era uma criança. Não entendi, até muito depois, quando já estava escravizada, que ele me manteve com ele porque precisava de uma empregada. Então, ainda que Papai continuasse a sentir vergonha pela morte da Mãe, pelo menos ele podia ressentir a minha presença, o que ele sempre fez.”

“Por que você não foi embora?”, perguntei.

“Eu tentei, Trevor. Acredite, eu tentei. Mas sou a filha de minha mãe, portanto, até certo ponto, também eu quero fazer com que ele fique bem. Para honrá-la, suponho. E fiquei também porque sempre tive fé que Irmão Jones voltaria para me salvar, como prometera.”

Depois de um longo momento, ela suspirou e bateu as palmas contra as coxas. Inclinou-se à frente, e se levantou.

“É uma história sombria, meu sobrinho”, falou, olhando para mim. Inclinou-se e beijou minha testa. “A mão retornou, algo feito por você. Eu sei. Porque o sangue que corre pelas minhas veias corre também pelas suas. Então eu sei de tudo o que você faz. Você e eu somos Riddell, Esperto Trevor, e nada pode nos separar. Ninguém sabe que reação Vovô Samuel vai ter com o retorno da mão; talvez ele nem note. Mas, enquanto prossegue com suas investigações, você deve estar consciente de que despertar um gigante adormecido nem sempre é a maneira de atingir nossas metas. O que me leva a ficar pensando se você sabe quais são suas metas, Trevor. Você sabe?”

Ela me olhou outra vez, longamente, para que eu começasse a pensar na pergunta e começasse a contemplar a resposta.

“Mas suponho que esse seja um tópico para outra conversa”, disse levianamente. “Boa noite, meu querido. Durma bem.”

Ela apagou a luz ao sair do quarto. Fiquei me revirando na cama, mas não consegui ficar confortável. Minha mente estava fervendo. Sim, eu sabia quais eram as minhas metas. Claro que sabia. Queria um pai e uma mãe, e pelo menos um vislumbre de alguma espécie de felicidade na vida.

Quando eu era pequeno, minha mãe me contou que meu pai tinha um senso para madeira. Era por isso que ele era tão bom em construção de barcos de madeira, ela me contou. Madeira estava em seu sangue. Ele era descendente de uma longa linha de lenhadores e homens da madeira, então ele conhecia os pensamentos íntimos das árvores.

Acreditei, porque acreditava em tudo o que minha mãe me dizia ser verdade. Mas o que significava isso para um garoto de sete anos de idade? *Seu pai tem um senso para madeira?* Quando eu pensava em lenhadores e homens da madeira, eu pensava em camisas de flanela xadrez e barbas espessas. Mas a família Riddell não tinha nada a ver com isso. Terminou que eu era descendente de uma longa linha de homens de negócios e fazedores de acordos e especuladores. Nem uma camisa de flanela entre eles, exceto Ben.

Mas naquela noite, na Casa Riddell, quando meu pai retornou a mão esculpida ao poste onde deveria estar, ele o fez de uma maneira que era ao mesmo tempo reverente, deliberada e confidente. Meu pai *sabia* algo. Eu podia ver em seus olhos. Ele sabia o que era correto no mundo em que vivia. Ele sabia o que deveria acontecer, e eu acho que nunca vi meu pai com aquele tipo de olhar, a menos que estivesse segurando um pedaço de madeira. Então eu estava certo de que minha mãe havia me contado a verdade: madeira *estava* no sangue do meu pai.

Eu não tinha certeza sobre o que estava no meu próprio sangue, quando eu tinha catorze anos. Esperava ser como meu pai, e que houvesse algo — talvez não madeira, mas outra coisa. Palavras, talvez; histórias — alguma coisa. Alguma coisa que eu pudesse tocar e, ao tocá-la, ela ficasse diferente do que quando tocada por outra pessoa. Eu queria muito ter uma afinidade por alguma coisa que se tornasse transcendente quando eu a segurasse nas mãos. Não sei se encontrei essa coisa. Algumas vezes suspeito que sim, mas daí duvido de mim mesmo. Ainda estou buscando.

Talvez seja isso o que vem a ser a vida — a busca por tal conexão. A busca por mágica. A busca pelo inexplicável. Não para que seja explicado, ou contido. Simplesmente para que seja sentido. Porque, nesse reconhecimento do sublime, podemos ver, por um momento, o universo inteiro na palma de nossa mão. E, naquele momento, tocamos a face de Deus.

*

Seguindo pelo corredor na direção do vestibulo, encontrei Vovô Samuel parado à frente da mão de madeira. Ele parecia perplexo, mas não agitado ou aflito. Parei a meio caminho e silenciosamente observei meu avô.

Ele ficou parado por alguns minutos, sem se mover. Daí esticou o braço e tocou a escultura com uma mão, depois com ambas as mãos. Ele passou as mãos pela madeira escura e lisa: pelos dedos, o pulso, o globo.

Ele deixou cair suas mãos e voltou-se para mim. Sua camiseta dizia: LIBERTE NELSON

MANDELA.

“Quem é você?”, perguntou Vovô Samuel calmamente. “Por que você está aqui?”

“Sou Trevor. Seu neto. Estou aqui porque este é o único lugar que temos para ir.”

Vovô Samuel sacudiu a cabeça concordando, daí voltou-se e saiu da casa pela porta da frente.

Depois que ele se foi, examinei o chão e vi. O profundo corte de um machado. A cicatriz. Escurecida pelos anos, mas, inegavelmente, a cicatriz da qual Serena havia falado.

Dizem que, para um beija-flor, as pessoas são como esculturas de pedra. O metabolismo dos beija-flores é tão rápido que, para eles, o tempo corre de maneira diferente. As suas asas se movem rápido demais para que nós as vejamos; seguramente, nossa presença volumosa faz com que pareçamos árvores para eles; enormes e presas ao solo. Então, talvez os beija-flores sejam para os humanos o que os humanos são para as árvores. Pensamos em árvores como criaturas estáticas, mas elas vivem por milhares de anos, então a sua escala de tempo é diferente da nossa. Ou devo me corrigir. *Algumas* árvores vivem por milhares de anos. Na verdade, só algumas. Muitas morrem de causas naturais: desmoronamentos, fogos, doença. A grande maioria é decepada por pessoas e pulverizada em máquinas trituradoras mastigantes, os seus restos grudados com colas à base de formaldeído, e prensados para fazer madeira compensada para construir berçários, para que nossas crianças cresçam num ambiente tóxico e desgaseificado, e desenvolvam horríveis problemas de saúde quando ficarem mais velhas, e, apesar disso, não vão conseguir processar ninguém por danos, porque, bom, simplesmente não há estudos suficientes que comprovem conclusivamente o que quer que seja.

A Casa Riddell e seus eternos gemidos. A velha casa suspirava e gemia e se remexia, como se estivesse constantemente se movimentando, se arrastando em direção à ribanceira como um velho, balbuciando e reclamando a cada passo. Notava isso principalmente à noite. Algumas vezes, eu me deitava acordado e pensava ouvir a casa se afundando no chão — ou o chão engolindo a casa, não sei bem qual.

Contudo, na noite em que a mão foi restaurada ao poste no vestíbulo, não foi a casa que fez barulhos, mas um de seus habitantes. Ouvi passos no corredor e nas escadas mais ou menos às quatro da madrugada, então fui lá em cima, ao salão de baile. Encontrei meu pai parado no meio do assoalho, vestindo apenas as calças do pijama. Ele nem me notou.

Ele estava esperando que ela dançasse para ele, como dançava para o Vovô Samuel. Ficou claro para mim. Não tínhamos vindo para vender o lugar, ou reconciliarmo-nos com Vovô Samuel. Mas para ver se Isobel ainda estava lá. E os passos que Vovô escutava eram a evidência que ele precisava para acreditar que ela ainda estava lá. Então meu pai ficava à espera.

Eu não quis chamar atenção à sua busca. Ainda que eu não estivesse inteiramente convencido de que aquilo era um ato de uma mente sadia, suspeitava que, lá no fundo, havia alguma espécie de cura espiritual vinda da busca de meu pai pela alma de Isobel. Ou pelo menos esperança espiritual. E todas as jornadas começam com esperança; como elas terminam já é outro assunto.

Sem fazer barulho, deixei meu pai lá, esperando. Em vez de voltar à cama, voltei ao armário de roupas. Abri a porta. Na soleira havia um lampião a querosene que eu havia encontrado no celeiro — Vovô Samuel me ajudara a limpá-lo, encher de querosene e encontrar outro pavio. Acendi o lampião com os fósforos que havia roubado da despensa e subi a escada. Abri a porta de entrada e ascendi até o quarto secreto. Peguei o diário de Elijah do armário, sentei-me confortavelmente numa das poltronas, e passei o resto da noite lendo. Os únicos sons eram os da virada das páginas, e o assobio do lampião de querosene que me provia de luz.

Segunda-feira, 10 de outubro de 1904

Minha casa está vazia, a não ser pelo sr. Thomas. Nunca pensei que sentiria tanta saudade do meu filho: sua ira e sua paixão, sua raiva contra a injustiça e sua indômita vontade de corrigir todos os erros. Seu espírito brincalhão e cheio de piadas, mesmo depois de um caloroso debate que beirava a briga. Talvez eu estivesse certo demais sobre ele. Acho que sim.

O acordo Jordan finalmente foi feito. Não foi piedade, mas sim amor, que o terminou. Não tenho dúvidas de que JJ teria lavado as mãos sobre o acordo e voltado as costas, se dependesse dele. Mas sua filha, disse ele, insistiu que o acordo fosse em frente, ainda que a parte dela nas negociações não mais estivesse na mesa: a mão de Ben em casamento. Ela disse que era isso o que Ben queria. Ela disse que devia isso a ele — todos nós devíamos isso a ele. E então, agora, ganhei uma fortuna. Estou rico além de qualquer sonho. E estou sozinho.

Paguei com a vida do meu filho por minha fortuna. E agora, com quem vou compartilhá-la?

Alice tem razão — todos nós devemos o que temos a Ben.

Quando pedi a ele que me ajudasse a construir a Propriedade do Norte, ele me disse que o faria apenas para que eu compreendesse que nenhum de nós é dono deste lugar, deste mundo — nós apenas cuidamos dele por um pouco de tempo. Se eu realmente compreendesse, disse ele, eu não faria objeções ao seu pedido. Na época não entendi, mas concordei por experiência. Agora que ele se foi, sinto que entendo seu significado: a floresta é eterna; nós estamos meramente de passagem.

Então resolvo fazer como ele pediu: quando eu me for, a Propriedade do Norte voltará à floresta.

Despertei no quarto secreto quando ainda era cedo, e levei alguns minutos para me lembrar onde estava. Meu pescoço estava duro, por dormir na cadeira, e o lampião tinha usado todo o querosene, então o quarto estava sombrio na filtrada luz do amanhecer. Levantei-me e me espreguicei. Não me lembrava de ter adormecido. Só me lembrava de ler e ler e daí acordar. Esfreguei os olhos e olhei ao redor do quarto, e levei um susto com o homem parado no canto.

“O que é isso?”, sussurrei, totalmente apavorado.

Ele ficou parado no escuro, completamente imóvel, como se talvez pensasse que fosse invisível, ou algo assim. Mas eu podia vê-lo claramente. Ele vestia um longo sobretudo e um chapéu com a aba abaixada, então não consegui ver seu rosto. Era alto e delgado de porte. Por um momento, quase me convenci de que era um truque de vista, nada mais do que uma elaborada sombra, mas daí ele mexeu a mão e vi que era real.

“Como você entrou aqui?”, perguntei. “Quem é você?”

Dei um passo em sua direção, e a sombra de seu sobretudo tremulou. Dei outro passo, e daí, como se movido pela brisa, ele se dissipou como fumaça.

Segurei a respiração por diversos instantes, parado lá, olhando para o canto, perguntando-me se era verdade, se eu realmente havia visto um fantasma.

Abalado pelo encontro, deixei o quarto secreto e descii para meu quarto. Depois de mudar de roupa e escovar os dentes, notei sobre a minha escrivaninha um panfleto que antes não estava lá. Pelo menos não me lembro de tê-lo visto. Olhei mais de perto. Era uma brochura dos cruzeiros marítimos das Linhas Cunard. Assumi que Serena devia tê-lo deixado ali por engano, então levei-o comigo e descii à cozinha.

A casa estava desolada, o que era algo ao qual eu ainda não havia me acostumado; era uma casa tão grande, era fácil se perder nela, como num labirinto de sebe. A cozinha estava vazia, e fiquei parado na frente do telefone. Tirei o número do telefone da minha mãe do bolso. Na Inglaterra seria depois do meio-dia. Eu queria falar com ela; queria contar sobre o fantasma, para que ela me explicasse. Ela poderia me dizer que eu não estava perdendo a cabeça, e não tinha nada a temer. Levantei o bucal.

“Para quem nesta vida você poderia estar ligando a esta hora?”, disse Serena, sobressaltando-me de tal modo que derrubei o telefone na mesa e tive que pegá-lo rapidamente.

“Não vi você”, justifiquei.

Ela estava sentada na janela, com uma caneca de café e um livro.

“Estou bem aqui”, disse. “Não quis assustar você.”

Segurei o telefone nas mãos.

“Vai em frente e faça seu telefonema. Eu só estava curiosa, mas suponho que não tenha nada

a ver com isso. Sinta-se livre.”

“Não há privacidade nenhuma por aqui”, balbuciei, recolocando o telefone no gancho e me sentando pesadamente à mesa da cozinha. “É como uma prisão.”

“Bem-vindo ao meu mundo, Esperto Trevor. Gostaria de uma xícara de café?”

“Minha mãe não me deixa tomar café.”

Serena sorriu. Foi até o armário, pegou uma caneca e encheu de café. Levou até o congelador, tirou uma caixa de sorvete, colocou uma colher cheia dentro da caneca, e colocou à minha frente com barulho.”

“Não sou sua mãe.”

Peguei a caneca e tomei um gole. Era bom. Frio e cremoso, mas também quente e amargo. Adorei aquela bebida, aquele néctar. E Serena me dando, linda como sempre, no seu leve vestido, sua maquiagem modesta, seus dedos azuis — ela sempre parecia tão arrumada! Por um momento, esqueci sobre o fantasma e sobre a minha mãe.

“Então me diga, sobrinho meu”, disse Serena, sentando-se à mesa e apoiando o queixo no cotovelo. “O que você está tramando? Você não dormiu no seu quarto na noite passada. Devo me preocupar?”

“Como você sabe?”

“Eu sei de tudo o que acontece na Casa Riddell.”

Tomei outro gole da poção da Serena. Era deliciosamente bom. Será que ela era mágica? Eu estava sob seu feitiço.

“Informação é nossa mercadoria, Trevor”, ela me lembrou. “É como construímos relacionamentos.”

“Dormi num quarto lá em cima”, menti.

“Por quê?”

Tomei um longo gole do meu café com sorvete e levantei os olhos para ela.

“Por que o galo canta?”, perguntei. “Não pergunte, ele não sabe.”

Os olhos dela se apertaram e ela ficou parada por um momento. Daí se levantou rapidamente e tirou a caneca da minha mão antes que eu pudesse evitar.

“Galos não bebem café”, disse ela. “Só menininhos bonzinhos que agradam suas tias. Você pode ir agora.”

Serena esvaziou a caneca na pia e abriu a torneira para que se escorresse pelo ralo; o elixir se fora. Eu me senti muito ferido pela traição, em como Serena dava as coisas e daí caprichosamente tirava outra vez; eu sempre saía do equilíbrio. Ela enxaguou a caneca e colocou-a na lavadora, e daí me notou com um gesto exagerado.

“Você pode ir *agora*”, repetiu ela. Sacudiu a cabeça zombando, e daí voltou a se empoleirar na janela com seu livro.

Hesitei antes de sair. Eu me sentia triste e zangado ao mesmo tempo, e isso me deixava confuso. Depois de um tempo, tirei a brochura do cruzeiro do meu bolso de trás e coloquei-a sobre a mesa.

“Você deixou isto no meu quarto.”

Serena levantou os olhos, questionando. Acenou-me com o braço esticado e pegou a brochura, quando cheguei perto dela.

“Onde você conseguiu isto?”

“No meu quarto”, disse. “Você deve ter deixado, quando foi lá ontem à noite.”

“Besteira.”

“Estava na minha escrivania.”

“Cuidado onde você está bisbilhotando”, advertiu. “Conheço menininhos que perderam os dedos por aqui.”

Ela guardou a brochura e eu a analisei por um momento, tentando pegar a natureza do comentário dela.

“Onde está meu pai?”, perguntei finalmente.

“Não tenho a mínima ideia. Espero que esteja por aí, convencendo seu avô a assinar aquele documento, mas duvido. Suponho que esteja caçando borboletas. Ou talvez correndo pelos trilhos do trem, como costumava fazer.”

Deixei Serena na cozinha e corri morro abaixo até o celeiro. Ou talvez fugisse morro abaixo. Estava perturbado por não poder ligar para minha mãe; precisava fazer contato com alguém que não tivesse interesses no assunto. Vovô Samuel não estava no celeiro. Dei uma olhada por lá, para ver se ele não estava fora em algum lugar, e notei, do outro lado do pomar, um homem trabalhando no pátio. Ele estava golpeando algo.

Caminei para além do celeiro e fui até o pomar, entrando e saindo do emaranhado de macieiras negligenciadas, que estavam altas e cheias de galhos, parecendo não produzir muito fruto. Quando cheguei perto do homem, dei-me conta de que era meu pai. Ele estava brandindo um facão.

Ele vestia suas roupas de trabalho de sempre: calças cáqui, sapatos mocassim, e uma camiseta branca. Mas seu comportamento era quase irreconhecível, atirando a longa lâmina numa montanha de arbustos de amoras de uns três metros de altura. Ele atacava implacavelmente as tiras de espinheiro verde, fazendo uma careta quando os arbustos prendiam a lâmina, e a prendiam até que ele pudesse arrancá-la, e daí um galho o atacava e rasgava sua pele com espinhos afiados. Ele trabalhava e trabalhava, e fiquei observando por alguns minutos, até que ele fez uma pausa.

“O que você está fazendo?”, perguntei.

“Oi”, replicou ele, sem ter se dado conta de que eu estava lá. Tomou um gole de uma garrafa de água que tinha por perto.

“Tem alguma razão? Ou você só está querendo matar algo?”

“Há uma churrasqueira embaixo de tudo isso”, ele disse. “É grande, feita de pedras, com bancos e tudo. Quando eu era criança, costumávamos fazer fogueiras todo fim de semana, a menos que estivesse chovendo demais. Minha mãe adorava; isso nos unia, dizia ela. Unia a todos nós. Eu gostava no inverno, quando estava muito frio. Sentar-se tão perto do fogo que seu rosto fica quente, mas suas costas ficam frias. Não sei. Tem algo...”

A voz dele foi se extinguindo, e eu me dei conta de que ele nem tinha me olhado enquanto falava; estava o tempo todo olhando para os arbustos de amoras, como se tivessem roubado algo dele, e ele estivesse determinado a pegar de volta.

“Então você pensou em desenterrá-la”, eu disse.

“É, bom... Preciso fazer algo por aqui, ou vou ficar maluco. E, de qualquer jeito, pensei

que talvez você gostasse de ter uma churrasqueira. Sabe, para ver um pouco como foi a minha infância.”

Fiquei assombrado com a própria ideia. Meu pai poderia estar em um programa de relocação de testemunhas, pelo tanto que eu sabia da sua história, e aqui estava ela, ao nosso alcance!

“Quer que eu ajude?”, perguntei.

“Não. A menos que você queira. Veja só meus braços.”

Ele estendeu os braços para que eu visse, e seus antebraços estavam cobertos de longos arranhões sangrentos.

“Devia vestir uma camisa de mangas compridas”, eu disse.

“Estou em uma missão. Não posso parar agora. Você já explorou a floresta? Devia explorar.”

“Encontrei o cemitério.”

“Há uma antiga cabana na floresta, perto da ravina”, ele falou. “Os zeladores ficavam lá, quando estavam construindo a Casa Riddell. Meus pais moraram lá, antes que eu nascesse. E, mais adiante, perto do riacho, há uma roda hidráulica que usavam para moer grãos. Vá caminhar por aí. Aqui nada vai ferir você.”

Deixei ele no pomar e subi outra vez até o campo, sentindo-me, de certa forma, bem-sucedido em me conectar com meu pai, mesmo que tenha sido tão breve. Cruzei o campo e entrei na mata, seguindo uma senda até a borda da ravina, onde havia um riacho de águas rápidas, mais ou menos uns nove metros abaixo de onde eu estava. Notei outra senda que entrava mata adentro, e espiei por ela até onde consegui. Fiquei me perguntando se devia seguir por ela, quando ouvi um farfalhar à distância — passos, talvez — então segui a senda em direção ao som, entusiasmado de que talvez Ben estivesse me guiando a algum lugar. A senda se afastou da ravina, para dentro de um mato mais cerrado, levando-me ao final a uma pequena clareira cheia de sombra, com uma cabana coberta de telhas de madeira, com um telhado triangular e uma pequena varanda na frente, parecendo muito com o lugar que João e Maria haviam encontrado. A cabana me pareceu conhecida, e de modo algum vazia.

Abri a porta da frente e examinei a sala. Parece que, através dos anos, ninguém vandalizara o lugar, mas roedores e aranhas haviam tomado conta. Na área da cozinha havia uma mesa e um fogão a lenha, enquanto a sala de estar era formada por dois sofás com o estofamento rasgado por animais. Sujeira arenosa cobria o assoalho. Examinei o andar de baixo e não encontrei nada de muito interessante.

Lá em cima, encontrei quatro pequenos quartos de dormir, todos mobiliados com simplicidade, com uma cama e uma cômoda, semelhante aos quartos genéricos da Casa Riddell. Quando comecei a descer as escadas, escutei um deliberado craque vindo de trás de mim. Dei meia-volta e notei uma porta estreita ao fim do corredor. Abri-a. Uma escada apertada levava ao sótão. Pensei em subi-la, mas não tinha luz nenhuma e estava bem escuro lá em cima. Vóltei à cozinha e procurei embaixo da pia, porque é aí que as pessoas guardam lanternas, ainda que eu já assumisse que não encontraria uma — ou pelo menos uma que funcionasse. O que encontrei, contudo, foi uma caixa amarela e branca de velas. E, é claro, eu estava sempre armado com uma caixa de fósforos, desde meu encontro com Ben no patamar da

escadaria secreta...

No sótão não havia muita coisa para ser vista, à luz das poucas velas. Na maioria, teias de aranha, e ninhos de pássaros e cocô de rato. Duas caixas de madeira. Olhei dentro de uma delas, e descobri diversos diários escritos à mão. Mais de uma dúzia deles. Carreguei a caixa para baixo e para a varanda. Tirei um dos diários e abri. Eu havia encontrado os diários de Harry Lindsey.

Nem podia esperar. Abri numa entrada qualquer e comecei a ler.

*

23 de junho de 1901

Parece que a subida nos deixara exaustos, física e emocionalmente; na manhã seguinte, não escalamos outra vez, como Ben havia sugerido que fizéssemos, mas ficamos por lá, descansando nossos músculos cansados. À tarde, fomos caçar com uma espingarda de pequeno calibre, e ensacamos diversos esquilos, que não pareciam ser as criaturas mais inteligentes do planeta, já que perdiam todas as inibições e se aproximavam de nós, se ficássemos parados o suficiente; poderíamos tê-los matado praticamente com as mãos.

Ao anoitecer, comemos bem e bebemos bem, já que o cavalo de Ben, Molly, havia sido carregado com um amplo suprimento de vinho, e também um galão de uísque. Enquanto desfrutávamos da nossa fogueira na floresta escura, Ben pegou seu cachimbo, como era seu costume. Eu já tinha me acostumado a ele e seus hábitos; conhecia-o muito bem, ainda que só tivéssemos nos conhecido havia umas dez semanas.

“Você me contou a respeito de sua mãe e seu pai, e de como ficou órfão”, disse ele, mexendo com o cachimbo na boca. “Suponho que seja justo que agora eu conte sobre os meus.”

“Acho que é justo”, concordei.

Ele se levantou e encontrou a garrafa de uísque num alforje, derramou um pouco nas nossas canecas, e daí parou perto da fogueira.

“Quando nasci, minha mãe se recusou a se mudar para o oeste com meu pai. Morei com ela em St. Paul até meu pai achar que eu estava crescendo o suficiente para aprender como o mundo funciona. Então fui enviado a colégios, para ser educado.”

“Quais colégios?”, perguntei.

“Academia Phillips Exeter, daí Yale. Lugares de grande cultura, com prédios de pedra e bibliotecas cheias de livros e jovens ansiosos para aprender. Não foi divertido. Muita conversa sobre coisas e quase nenhuma ação.”

“Foi onde ensinaram você a ler os livros que me deu?”, perguntei. “Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau.”

“Esses colégios encheram a minha cabeça com maravilhosas ideias sobre o

espírito e a alma e sobre a natureza, Harry. Sobre nossa conexão. E daí enviaram-me de volta a casa, para meu pai, para que ele me ensinasse como destruir meu espírito e minha alma e a natureza. E não apenas a mim. Ele me ensinou como destruir todos os espíritos e todas as almas e toda a natureza. E meu pai me ensinou que, se eu praticasse tudo bem direitinho, e ficasse bom naquilo, poderia ficar incrivelmente rico e ter tudo e controlar todas as pessoas e fazer leis que me servissem, para que eu pudesse fazer ainda mais dinheiro.”

“Isso não parece um bom uso de sua educação.”

“É uma contradição irreconciliável que vive dentro de mim todos os dias. Mas eu vivo com ela, não é mesmo? Quero dizer, ainda estou vivo.”

“Mas infeliz, pelo visto”, eu disse.

“Em alguns dias, eu sinto como se tudo fosse me esmagar”, disse Ben, com um riso amargo. “Acho que vai ser o meu fim, e prefiro não morrer desse jeito. Prefiro morrer caindo de uma árvore! Mas você deve pensar que estou louco.”

“De jeito nenhum.”

“Meu pai está construindo uma propriedade majestosa”, continuou ele, “uma mansão, com árvores gigantescas colocadas em pé lado a lado. Vai parecer que ela cresceu da própria floresta, assim pagando tributo à fonte da riqueza do meu pai. Dezenas de árvores antigas devem ser encontradas, cortadas, fatiadas e levadas ao local da construção. Meu pai quer que eu selecione pessoalmente essas árvores.”

“Mas você estudou arquitetura, ou engenharia?”, perguntei, apreensivo sobre a ideia da partida de Ben. “Você consegue desenhar e construir algo assim?”

“Não sou o arquiteto”, admitiu Ben. “Meu pai pagou pelo melhor nesse sentido: um certo Bernard Asher, de Chicago. Ainda assim, ele sabe que entendo mais de florestas que qualquer mestre de obras. Devo escolher as árvores que comporão os pilares de sua nova propriedade. Além disso, ele quer que eu o proveja de um legado, já que devo herdar sua propriedade.”

“Um legado?”, perguntei.

“Filhos”, ele disse.

“Ah, sei”, eu disse, sentindo uma pontada de inveja à menção dessa ilusória família.

“Pode imaginar, Harry, cortar a árvore que escalamos ontem?”, perguntou Ben bruscamente. “Pode imaginar decepar aquela árvore, para que um homem use sua carcaça como tapume na sua casa? Pode imaginar?”

“Nunca!”

“É isso o que ele quer que eu faça. Ele me chamou a Seattle para isso.”

“Ele chamou você a Seattle?”

Ben sacudiu tristemente a cabeça e riu dentro do seu copo de uísque.

“Por que você acha que voltei ao acampamento no meio da nossa folga?”, perguntou ele.

“Você disse que havia terminado seu negócio”, eu disse.

“Bom, é, acho que menti a respeito disso.”

“Então por que você veio?”

“Eu queria saber se realmente somos almas gêmeas, Harry. Queria subir uma árvore, e queria subir com você.”

O escuro mato ao nosso redor estava salpicado de brilhantes olhos de animais. Ben cutucou o fogo até que ele virou cinzas soprando sobre nós.

“Por que você não diz a ele que você não vai?”, perguntei. “Por que você não recusa? É por causa da sua herança?”

“Não diga besteira! Espero que você não me ache assim tão baixo!”

“Por quê, então?”

“Para que eu possa acertar os erros do meu pai e de outros como ele”, falou. “Para que eu possa desfazer alguns dos estragos que ele fez. Se eu fosse fugir da sua riqueza e poder para minha própria preservação, isso seria um ato incrivelmente egoísta, Harry, não vê? O homem tem a responsabilidade moral de corrigir a injustiça, não fugir e se esconder dela, e pretender que ela não existe. Quem mais dirigiria as empresas do meu pai na direção que devem ir, a não ser eu? Posso mudar o mundo, Harry. Não para mim mesmo, ou para você e eu e as pessoas que conheço, mas para todas as pessoas. É meu dever. Minha obrigação. Algumas coisas simplesmente precisam ser feitas, não importa o sacrifício pessoal.”

Fiquei pensando na dificuldade da posição dele, em como seria mais fácil para ele abdicar, e, ainda assim, como ele estava resolvido a tomar o caminho mais difícil.

“Quando você parte?”, perguntei.

“Eu poderia colocar você num time no norte, se você quiser vir junto.”

“Não quero ir”, disse, pensando na minha vida dos últimos poucos dias, das últimas semanas. Eu sentia que havia encontrado algo, encontrado meu lugar. Minha alma gêmea. “E tampouco quero que você vá.”

Ben riu.

“Isso é muito sensível de sua parte, mas não sei o que tenho a ver com isso.”

“Você tem tudo a ver com isso.”

Ben ficou em silêncio por um momento, enquanto examinava o interior da sua caneca laqueada.

“Posso fazer meu pai esperar um pouco”, disse ele. “Isso o deixaria muito zangado. Ninguém diz não para Elijah Riddell.”

“O que Thoreau diria para fazer?”, perguntei, atraindo-o com suas próprias ideias, porque sabia o que Thoreau diria para fazer, tendo estado na mesma posição, herdeiro de uma fortuna feita de lápis.

“Você é muito esperto, Harry”, disse Ben, com uma risada.

“Mas será que sou esperto o suficiente?”, perguntei, e senti meu coração batendo. Fiquei excitado com a natureza da nossa conversa, porque parecia estar se dirigindo para muito perto do que eu havia desejado por meses, mas tivera medo de

buscar.

“Esperto o suficiente para quê?”

“Para você”, respondi, com audácia, porque agora sentia como se estivesse escalando uma árvore sem ganchos e sem talabarte. Eu estava bem alto na árvore, e, ainda que soubesse do perigo, sentia-me seguro o suficiente para continuar. Levantei os olhos para Ben, cujo rosto resplandecia em cor laranja nas chamas, e fiquei tocado de uma forma estranha, compelido por um sentimento avassalador no peito, um que jamais conhecera, já que jamais estivera enamorado. Eu estava confuso, porque haviam me dito que Deus pune aqueles que corrompem sua natureza, que um amor como o que eu sentia por Ben era abominação; disseram-me isso na igreja, quando minha mãe costumava me levar e quando meu pai e eu estávamos viajando e íamos ao culto, a fim de poder ir ao piquenique que se seguia, e nos servirmos da comida gratuita. Fui até Ben e coloquei o rosto contra seu peito; ele não se afastou. Peguei sua cabeça nas mãos e comecei a beijá-lo, mas ele me empurrou.

“Sou uma abominação aos seus olhos?”, perguntei.

“Você não precisa acreditar no que outros disseram”, Ben disse.

“Mas disseram...”

“A natureza de uma pessoa vem de dentro, não de fora. Abominação ocorre quando se subverte os próprios instintos a favor de um rígido código, escrito por outros. Tentar forçar a si mesmo dentro de um papel que confunde seu espírito sempre vai despedaçar você.”

Peguei sua cabeça outra vez e o beijei, e, desta vez, ele aceitou o beijo e continuei, ainda que fosse ríspido e tivesse gosto de sal, porque era bom e eu estava com medo de parar. Finalmente me afastei e dei um passo para trás, envergonhado, porque o que aconteceria se ele não quisesse aquilo? Se eu o tivesse julgado de maneira totalmente errada?

“As árvores não nos julgam, Harry”, disse ele. “Aqui, podemos fazer o que quisermos.”

“O que você quer?”, perguntei asperamente, subitamente desafiando-o. “Deixe bem claro!”

Ben hesitou por um momento, e daí estendeu o braço, pegou minha jaqueta e puxou-me contra si; ele me beijou bem forte, tão forte que nossos dentes se bateram com um clique.

“Isso”, disse Ben, “e mais.”

“Então faça”, incitei. “Faça, então!”

Ben me beijou outra vez, quase violentamente, e não parou até que eu me libertei e ri desafiadoramente. “Assim”, disse Ben, apertando os punhos. “Faça-o então!”, provoquei-o. E Ben avançou sobre mim rapidamente, deu-me uma chave de braço em um movimento de luta, e me jogou no chão, ao lado do fogo ardente. Lutamos sem palavras, uma luta perigosa. Arrancamos as roupas um do outro, e procuramos vantagens, torcendo os braços um do outro em chaves de braços, até que o outro fizesse careta de dor. Uma coxa deslizou entre pernas, equilíbrio ganho, oponente

cai pressionado, rosto forçado contra o chão da floresta, comendo terra e rindo, respiração arfando no ouvido, corações batendo no esforço, mãos doendo, músculos estirados até que a exaustão chegasse, e daí, como lobos lutando pela matilha, um pescoço se oferece a dentes brilhantes, olhos presos a olhos, suor e músculos vigorosos enredados, a fera mais poderosa dominada e o conquistado mostrando sua súplica, e misericórdia foi concedida. A força da mão se solta, e o mais poderoso abraça o vencido.

Ben alimentou o fogo de volta à vida, adicionou combustível, esticou um cobertor perto o suficiente para que o calor fosse confortante, mas não tão perto que fosse quente demais. Gentilmente persuadiu-me a deitar-me no saco de dormir. Eu estava exausto, e ele se deitou ao meu lado e nos cobriu a ambos com um cobertor de lã que coçava nossa pele desnuda, mas não o suficiente para que fizéssemos algo a respeito, porque o desconforto, de alguma forma, reconhecia nossa nudez e nossa ousadia e nosso esforço. E as árvores, que haviam visto tudo, nada disseram.

“A propriedade que meu pai está construindo fica no lugar mais lindo da Terra, prometo-lhe”, disse ele, com voz profunda e hipnótica. “A floresta é muito densa e verde, e uma ribanceira cai a setenta metros até a água, e a vista do lado oeste, com as montanhas e o pôr do sol, é tão magnífica que vai fazer você chorar. Harry, ele será nosso lugar. O acordo que fiz com meu pai significa que ele não pode fazer perguntas sobre como gerencio a propriedade. Ele pensa que será para minha futura família, mas será para nós. Será nosso refúgio.”

“Parece lindo, mas quero ficar aqui um pouco mais”, eu disse, olhando descansadamente as chamas, a fogueira quente.

“Vou ficar também”, concordou Ben, sacudindo a cabeça para si mesmo. “Vou ficar um pouco mais, também. E daí, talvez possa convencer você a se unir a mim na Propriedade do Norte.”

Suponho que, se estivesse no colégio, ou com meus amigos, ou algo assim, ficaria mais autoconsciente sobre meu tio-tataravô gay e seu caso com Harry. Claro que não se pode mais usar homossexualismo como insulto. Atletas profissionais são multados por isso, políticos são forçados a publicamente se retratarem. A diferença entre 1990 e o dia de hoje é bem extraordinária a esse respeito. Enquanto eu crescia, era comum tachar alguém de “gay” ou “bicha”, para rebaixar amigos e inimigos. Garotos que não eram bons em esportes eram acusados de serem gays. Garotos que estudavam muito eram bichas. Era uma descrição universal de comportamento não masculino, e nada insultava mais um adolescente do que ter sua masculinidade desafiada. Então, levando em consideração a cultura de pátio de escola em 1990 e minha pouca idade de catorze anos, fico um pouco surpreso de não ter ficado contrariado com aquela entrada do diário, descrevendo sexo gay. Mas não fiquei. Por alguma razão — talvez pelo isolamento da Casa Riddell? — ter um tio-tataravô gay não me incomodou em nada. Na verdade, senti-me um pouco protetivo de Ben e Harry. Ainda me sinto.

Naquela noite, fui dormir me sentindo próximo a Ben e Harry, e as árvores que eles escalaram, e a floresta selvagem na costa onde viviam, ainda que eu mesmo nunca tenha estado lá. Senti-me tão envolvido no relacionamento deles, seu amor, sua condição, que era como se eles ainda estivessem vivos, lutando com suas questões em um estado intemporal, e eu estava lá com eles.

Um som no escuro me despertou. Abri os olhos, mas não me mexi. Ouvi música. Deslizei para fora da cama e abri a porta sem ruído. Caminhei pisando de leve no corredor, até chegar às escadas do fundo, e daí desci, em vez de subir. Quando cheguei ao andar térreo, abri a porta um pouquinho e vi o que pensei que veria: Vovô Samuel à mesa da cozinha, com um copo de remédio. Isobel sempre veio dançar para ele, quando ele não conseguia dormir. Ou vice-versa.

Esgueirei-me pelas escadas até o terceiro andar, que rangia mais, então meu trabalho ficou mais difícil; exigia paciência. A chave era a transferência de peso, assim como a crença de não ter peso. Era não ter momentum. Era ser uma árvore, crescer sem ser notada, mas crescer. Era ficar quieto, mas estar sempre se movendo. Esgueirei-me pelo corredor com a música tocando, os passos dançando. Levei dias. Semanas. Senti como se levasse anos para me mover os quinze metros da escada dos empregados às portas do salão de baile, mas eu o fiz, sem perturbar nem um sopro de ar; a casa havia crescido ao meu redor.

Cheguei à soleira da porta e espiei pela fresta, e vi o toca-discos e alguém dançando como um fantasma nas sombras. Uma mulher, seu vestido escuro esvoaçando a seu redor, enquanto rodava elegantemente pelo assoalho do salão de baile. Entrei silenciosamente. A lua minguante oferecia um pouco de luz, mas não consegui ver detalhes. A música tocava e ela dançava, e vi minha avó Isobel. Era ela. A casa era assombrada por mais fantasmas do que eu

pensava. Benjamin eu sabia — o homem de chapéu. Mas e agora? Ela rodopiou e saltou como num balé. Seus passos, em surdina, ecoavam pela casa, até seu amado Samuel, a dois andares abaixo. Era realmente ela. Estendi a mão para o botão da luz, apertei, e ele clicou. Mas as luzes não se acenderam.

Ela parou, alertada pelo clique. Deslizou até mim com mãos flutuantes. Fiquei assustado com sua súbita aproximação, e virei de costas. Quando me virei outra vez, ela havia desaparecido.

Corri pelas escadas da frente o mais rápido que pude. Não me preocupei com barulho. Corri para meu quarto e peguei minha lanterna. Apressei-me escada acima outra vez, para o salão de baile, e passei a luz ao redor do salão. Nada. O toca-discos fazia tique-taque, então desliguei. Continuei examinando o salão.

Em uma parede, havia uma série de portas. Abri uma delas. Um armário para guardar coisas, cheio de cadeiras e mesas de banquetes. Abri outra. Mais coisas guardadas, caixas de coisas, talvez copos. Abri uma terceira. Estava quase vazia, mas cheirava a ar recentemente mexido. Vi algo contra a parede do fundo — um raio de luz vindo de um buraco. Um buraco de dedo. Enfiei o dedo dentro dele e puxei. Levou um pouco de esforço, mas um pequeno alçapão se despreendeu e se abriu.

Na parte de trás do alçapão havia dois ferrolhos. Meti a cabeça no espaço recém-descoberto. Era uma espécie de túnel, que se lançava para baixo, até o coração da casa. Não era grande — um metro quadrado, talvez. Vi degraus de escada presos à parede oposta ao lado onde estava. Mirei a lanterna para baixo, mas ela simplesmente não conseguia penetrar muito longe na escuridão.

Pensei em investigar, mas precisaria de equipamento. Uma lanterna melhor, seguramente, ou melhor, uma luz de cabeça. Definitivamente um pedaço de corda. E uma estaca de madeira, alho e uma Bíblia. Porque eu não tinha a mínima ideia do que ia encontrar lá embaixo, ainda que estivesse determinado a descobrir.

No dia seguinte, queria conseguir o equipamento para minha investigação logo ao acordar, mas vi meu pai atacando e golpeando a moita de amoras do outro lado do pomar, e sabia que ele precisava resolver coisas, então não o incomodei de imediato. Eu estava quase certo de que estávamos na Casa Riddell havia uma semana, mas, honestamente, ali era difícil ter controle do tempo. Os dias eram longos, e misturavam-se juntos numa espécie de sopa de experiências que dava trabalho de destrinchar na cabeça. Comecei a entender a sensação de isolamento com a qual Serena e Vovô Samuel tinham vivido por tanto tempo. Meu pai sentia também, eu sabia; pegar um facão e começar a destroçar era uma reação natural.

Quando era quase hora do almoço, não pude mais esperar, então caminhei morro abaixo e interrompi a brutal batalha de meu pai contra a moita.

“Preciso pegar umas coisas na loja”, falei. “Podia me levar até a cidade?”

“Ah, sim”, disse ele, limpando a testa suada com a camiseta nojenta, que havia tirado e jogado na grama seca. Ele engoliu água. Estava sem camisa, e seu torso áspero e esguio estava suado e respingado de terra. “A missão de reabastecimento de suprimentos. Ficando com poucos suprimentos básicos. Suco de laranja, fruta, biscoitos cracker. Devemos reabastecer a cantina. Vamos lá.”

Voltamos morro acima até a casa, e esperei na cozinha, enquanto ele pegava uma camisa limpa. Quando desceu outra vez, mencionei o caso das luzes no salão de baile, que havia descoberto na noite anterior.

“Você olhou na caixa de fusíveis?”, perguntou ele.

“Onde fica?”

Ele me levou pela porta da cozinha até a *porte cochere*. Levantou uma tampa antiga, com dobradiça, mostrando fileiras de cilindros de vidro e um emaranhado de fios marrons e imundos, correndo em todas as direções.

“Por que a caixa de fusíveis fica fora da casa?”, perguntei. “Não é perigoso? Quero dizer, um assassino com um machado e óculos de visão noturna pode desligar a força e daí caçar a gente no escuro, e não se poderia fazer nada contra ele.”

“Era assim que faziam nos velhos tempos”, disse ele. “Acho que ninguém previa o perigo de óculos de visão noturna caindo em mãos erradas. Ou talvez ninguém previsse a invenção de óculos de visão noturna, ponto final.”

Ele ficou cutucando os fusíveis. Um diagrama explicava que fusível controlava qual circuito, mas não era muito legível.

“Ah, deve ser este”, disse ele, torcendo um dos fusíveis de vidro. “Estava solto. Provavelmente perdeu a conexão.”

“Provavelmente”, concordei, mas as rodinhas na minha cabeça estavam rodando. Por que o fusível estaria solto?

Na verdade, não fomos até a cidade. Pelo menos não até Seattle. Fomos até um complexo

de lojas a alguns minutos de distância da Propriedade do Norte. O complexo se apoiava em um supermercado, e uma antiga loja de departamentos Sears, que parecia estar ali já havia uns cem anos. Um restaurante combo chinês-tailandês se apertava entre uma loja Radio Shack e uma lavanderia, e meu pai sugeriu almoçar antes de fazer compras, então entramos. Quase tudo em Seattle — pelo menos a fatia pequena que eu conhecera — era esquisito, e o restaurante chinês-tailandês não foi nenhuma exceção. Era uma casca de lugar, sem nenhuma qualidade estética que o redimisse: antigas mesas de fórmica, cadeiras de plástico e luzes fluorescentes. Uma das páginas do cardápio dizia: sopas especiais vietnamitas. As pessoas que aparentemente eram donas do restaurante não sabiam falar muito bem a nossa língua; só ficavam lá sentadas nas mesas vazias, como se estivessem numa sala de estar — havia tias e tios e crianças pequenas — e uma TV tocando um vídeo VHS de antigas notícias numa língua asiática. A única coisa que consegui entender foi George Bush, que, aparentemente, não tinha tradução. Então nem parecia que estivámos num shopping de um subúrbio de Seattle. Pedimos umas coisas da página vietnamita do menu, ainda que o cartaz de neon lá de fora não anunciasse comida vietnamita. Só falamos com um cara, e a única coisa que dissemos foi “dois números catorze”, e, alguns minutos mais tarde, o cara se arrastou de volta com duas tigelas de sopa. Tomei uma colherada experimental, e descobri que era incrivelmente gostosa: o cheiro e o vapor e o sabor. Precisei de todos os cinco sentidos para saboreá-la completamente, e parte da razão de ser tão gostosa, pensei, era que estávamos comendo naquele lugar tão estranho.

“Isso tudo é novo”, disse meu pai, mostrando o estacionamento fora da janela com sua colher de sopa. “A Sears estava aqui, mas nenhuma das outras lojas. Havia uma Ferramentas Ernst, e um Pay’n Pack lá... Mas acho que não estive aqui por algum tempo.”

Coloquei pimenta chili com alho na minha sopa. Coloquei japaleños e manjeriço tailandês. Coloquei limão. Coloquei brotos de feijão. Queria adicionar tudo o que pudesse.

“Sinto como se nem visse mais você”, disse meu pai, enquanto comíamos.

“Sinto o mesmo”, concordei.

“O que você anda fazendo? Buscando a verdade?”

“Sempre. Passei minha vida na busca incansável pela verdade. Falando nisso...”

“Sim?”

“Por que você começou a construir barcos? Você nunca me contou. Foi porque o lugar de construção de barcos ficava perto do colégio? Foi o que a Mamãe disse.”

“*Porque estava lá?* Foi o que ela disse sobre o porquê?”

“Mais ou menos.”

“Humm...”, disse ele. “Não. Eu saí e encontrei. Não era tão perto que eu tenha tropeçado porta adentro. Procurei e encontrei. Eu queria fazer algo com madeira, algo que fosse construtivo, sabe? Queria *construir* algo. Quando era garoto, e Vovô Abe ainda estava vivo, tudo o que ele falava era em destruir, destruir, decepar, cortar, vender, construir, fazer dinheiro, dinheiro, dinheiro. A certa altura, minha mãe me chamou de lado e disse: ‘Você não gosta desse tipo de conversa, não é?’. Eu disse que não. E ela disse: ‘Você é você mesmo. Pode criar seu próprio futuro. Não precisa viver para seu avô. Ele já fez uma confusão da própria vida. Não precisa fazer uma de sua vida’.”

Meu pai ficou comendo a sopa por um minuto.

“Então pensei que, se pudesse construir algo belo com madeira”, disse ele, “algo *útil*, e belo também, pensei que, de algum modo, isso igualaria as coisas. Não sei. Acho que é carma. Mas isso é conversa da minha mãe. Eu não acredito muito nisso.”

Dei de ombros, mas não acreditei nele. Achei que ele acreditava, sim. Em tudo aquilo.

“Ainda não entendo por que Vovô Samuel mandou você embora, para o colégio, logo que sua mãe faleceu”, eu disse, debruçando-me sobre a tigela para colocar dois palitos cheios de macarrão dentro da boca. Busca implacável.

“As coisas estavam difíceis para Vovô. Ele tinha Serena para cuidar.”

“Serena disse que *you* é quem cuidava dela.”

Meu pai deu de ombros outra vez, enquanto brincava com a sopa.

“Se você tinha dezesseis anos, ou sei lá quantos”, pressionei, “e você estava cuidando de Serena, por que Vovô ia enviá-lo para longe? Não faria mais sentido para ele manter você por perto? Seria menos trabalho para ele.”

“É complicado”, disse ele.

“Não me parece complicado”, repliquei. “Parece que você não está me contando algo.”

“Como o quê?”

Parei de comer e olhei para ele com os olhos apertados.

“Vovó Isobel estava doente e daí faleceu”, eu disse, impacientemente. “Vovô Samuel enviou você para longe depois disso, e você não me conta nada a respeito. Nunca. Serena disse que sua mãe tinha a doença de Lou Gehrig. O que isso significa, exatamente? Quero dizer, já ouvi falar, mas...”

Meu pai lambeu os lábios e suspirou. Baixou a colher e os palitos, pegou o guardanapo.

“ELA”, disse ele. “Esclerose Lateral Amiotrófica. É um tipo de doença degenerativa dos nervos. Destrói tudo no seu corpo, exceto o cérebro, então você está completamente consciente do que está acontecendo. Você sente toda a dor, vê seu corpo parando parte por parte, fechando você na tumba de uma casca sem valor, e não há nada que você possa fazer para parar. Não há cura; não há tratamento. Você precisa simplesmente esperar que o suficiente de você se desligue, e você morra.”

Eu não sabia o que dizer.

“No fim, você não consegue se mover”, continuou ele. “Mal consegue respirar. Não consegue engolir. Mas consegue ver, e sentir, e pensar, e saber. A certa altura, você não consegue mais limpar os pulmões da fleuma. Seus pulmões se enchem lentamente de líquido, e você se afoga.”

Ele olhou para sua sopa.

“Minha mãe tinha medo de se afogar.”

Também olhei para a minha sopa. Enchi a colher com sopa e levantei-a aos lábios, mas não bebi.

“Não posso nem imaginar Mamãe morrendo, especialmente quando tiver dezesseis anos”, disse. “Então, é muito triste a sua mãe ter morrido desse jeito.”

Ambos levantamos os olhos. Os olhos do meu pai encontraram os meus pela primeira vez, e vi tristeza nele.

“Divórcio não é tão trágico como a morte”, disse ele.

Ele nunca havia usado a palavra D antes. A utilização dela agora, naquele momento, atingiu-me com outra onda de tristeza.

“É mais ou menos a mesma coisa”, falei, insistindo na questão. “Divórcio e morte.”

“Não, não são.”

“O fim de algo”, falei, seguindo em frente com a minha tese. “Sua mãe deixou você. Agora mamãe está deixando você.”

“Estou aqui para fazer Vovô vender a casa, para termos um pouco de grana.”

“Acho que não é por isso que você está aqui”, deixei escapar, quase involuntariamente. E disse em voz tão alta que os vietnamitas que dirigiam o restaurante pararam para nos olhar. Meu pai baixou seus talheres outra vez, e estava com um olhar frio no rosto. (Quando ele segurava um pedaço de madeira, seu rosto era brando; quando ele estava zangado comigo, seu rosto era duro.)

“Você está aqui por Isobel”, eu disse em um sussurro alto. “Você veio para encontrá-la.”

“É mesmo?”, perguntou ele, sem tonalidade.

“Você acha que ela ainda está aqui. Eu vi você esperando por ela no salão de baile. Duas noites atrás.”

Ele virou gelo. Esculpido em pedra. Se não tivesse piscado, eu pensaria que meu pai tinha sido congelado pela Medusa.

“Não acredito em fantasmas”, disse ele.

“Acredita”, respondi. “Eu *sei* que acredita. Você não perdeu a fé; só está tentando empurrá-la para baixo. Tenho certeza.”

“Por que você tem certeza?”

“Porque vi muita coisa nos últimos dias. Um *monte* de coisas. E uma das coisas que vi foi sua mãe dançando no salão de baile.”

Ele não disse nada.

“Na noite passada, ela estava dançando”, continuei. “Posso jurar, ela estava tão perto que eu a podia ter tocado. Eu a vi, Papai. E acho que você não vai querer que Vovô assine o papel, até que você a veja também.”

Ele hesitou meio segundo, no máximo, e daí sua mão voou por sobre a mesa e ele me esbofeteou. Não forte, mas alto e assustador. O mais velho dos vietnamitas baixou o som da TV. Eles estavam preocupados, perguntando-se se precisavam intervir.

Senti a dor, mas não parei.

“Você está esperando por ela”, eu disse. “É por isso que você está aqui. Está esperando por ela no salão de baile.”

Ele desviou a vista, levantou-se e foi ao balcão. Pagou em dinheiro e voltou à mesa, e deixou uma gorjeta.

“Vamos”, falou, rangendo os molares, até que os músculos do maxilar se enrijecessem.

Olhei para a minha sopa. Havia mais coisas boas na minha tigela. Carne e rodela de cebola. Macarrão e manjerição tailandês, e coentro e caldo. Eu não sabia que estranhos temperos davam o sabor, mas poderia mergulhar naquele caldo e nadar por um longo tempo.

Eu estava zangado com meu pai por me esbofetear. Zangado por ele não enxergar a verdade

que eu via. Mas talvez ele não estivesse pronto ainda. Talvez eu precisasse de mais informação para convencê-lo. Levantei-me obedientemente e segui-o; cruzamos o estacionamento em direção ao supermercado. Quando chegamos à calçada, eu parei, e levou dois passos para que meu pai se desse conta de que eu não estava ao seu lado.

“Preciso de dinheiro”, disse, estendendo a mão.

Ele se voltou e me olhou, e, ainda assim, não fez a pergunta normal dos pais — “por quê?”. Em vez disso, ele tirou a carteira e me entregou uma nota de vinte. Não puxei a mão quando a nota a tocou. Deixei-a esticada, para extorquir mais. Ele me deu mais vinte. Dobrei as duas notas e coloquei-as no bolso, e fiz meia-volta.

“Onde você está indo?”, ele perguntou.

“Tenho que cuidar de alguns negócios”, disse. “Encontro você no carro.”

Ele ficou pensando um pouco, daí deu de ombros e se dirigiu ao supermercado.

Entreí na Sears. Encontrei o departamento de acampar e comprei uma lanterna peso-pesado e uma luz de cabeça — do tipo que os escaladores de montanhas e os espeleologistas usam. Comprei o que cabia no meu orçamento; ela não tinha extravagantes luzes pisca-pisca ou a opção de cor âmbar para visão noturna, para evitar que os olhos se dilatam quando se sai da barraca à noite, para fazer xixi. Quando encontrei meu pai no carro, ele não perguntou o que eu comprara. Não dissemos nada.

Quando chegamos à casa, não o ajudei com as compras do supermercado. Não esperei por suas desculpas, que sabia que não viriam. Fui direto para o salão de baile, amarrei minha lâmpada na cabeça, coloquei baterias na minha lanterna, e caminhei para o alçapão escondido.

Eu não tinha uma estaca de madeira, mas tinha uma cabeça de alho no bolso, que roubara da cozinha. A lanterna que comprei veio com um desses mosquetões baratos, claramente rotulado como “não deve ser usado para escaladas”, então usei-o para pendurar a lanterna na presilha do cinto. Estendi a mão para dentro do alçapão e segurei um dos degraus com as duas mãos, daí joguei uma perna no vazio e encontrei outro. Hesitei: ainda não era tarde demais para dar a volta. Não havia nada abaixo de mim. Menos do que nada. Acendi minha luz de cabeça; a luz fraca foi engolida pela escuridão, e me arrependi de não ter extorquido mais dinheiro do meu pai para comprar a versão de 59 dólares. Respirei fundo, joguei a outra perna sobre a soleira, e coloquei-a noutro degrau. Estendi a mão, coloquei o alçapão de volta no lugar e puxei até fechar, ficando em escuridão total, exceto pela minha luz de cabeça. Cliquei a lanterna que estava dependurada no cinto, e comecei a descer.

O túnel era bolorento e quente, com um cheiro adocicado. As paredes, construídas de madeira lisa, estavam cobertas de algo escorregadio e nojento. A mais ou menos cada metro, eu virava a cabeça, para iluminar as coisas ao meu redor. Não interessava se a coisa que desceu o alçapão ontem à noite fosse um fantasma ou uma pessoa: algo havia descido por aqui; eu tinha certeza de que havia outra saída. A uns seis metros abaixo, notei uma saliência na parede atrás de mim. Parecia uma porta tipo escotilha, como aquela através da qual eu entrara, mas, quando a empurrei, ela não se abriu, então continuei a descer. Enquanto descia, degrau por degrau, o ar ficava mais e mais estagnado e mais fedorento. Quando olhei para cima, não vi nada. As paredes ao meu redor eram vazias. Abaixo de mim, nada.

Estava suando de medo, mas era bom escondendo isso de mim mesmo. Culpei a umidade. Olhei entre as minhas pernas enquanto descia, e minha lanterna brilhou sobre alguma coisa abaixo de mim. Uma engrenagem, ou algo assim. A alguns metros mais abaixo, olhei outra vez: vi um chão, com uma polia presa a ele. Uma polia enorme, de uns vinte ou vinte e cinco centímetros de diâmetro, deitada de lado. Eu me dei conta de que estava num túnel de baixar e subir coisas, um pequeno elevador. Ele não funcionava, obviamente; não havia nenhum cabo preso à polia, para que funcionasse. Nem sei se já funcionara alguma vez. A escotilha do salão de baile não era como uma porta de elevador deveria ser — uma dessas portas duplas horizontais, como se vê em filmes —, então aquela ali talvez nunca tivesse sido usada. Mas ela era o que era. Um túnel de elevador.

Cheguei ao teto do compartimento e bati nele com o dedão. Testei-o, colocando peso nele. Eu não podia imaginar que estava sentado no fundo do túnel, mas era difícil julgar o quanto eu tinha descido. O elevador parecia sólido o suficiente, então coloquei o outro pé sobre ele, e quase todo o meu peso. Segurei-me nos degraus, para ficar seguro, daí pulei para cima e para baixo por pouco tempo, para me assegurar de estar a salvo. Com um barulho alto, o compartimento se soltou abaixo de mim. Meu próprio peso soltou minhas mãos dos degraus — tombei de costas e caí.

Para baixo, rumo à escuridão. Só tive tempo de visualizar o macabro do meu fim, já que estava para ser empalado por pregos e parafusos enferrujados, e sangraria até a morte, num túnel de elevador, meus ossos quebrados e partidos. Mas daí, escutei um guincho horripilante e senti que estava freando. Não bati no fundo do túnel em uma explosão de madeira e carne em pedaços. Com um grande rangido de fadiga metálica, o elevador simplesmente parou.

Eu havia perdido minha lâmpada de cabeça em algum lugar durante a queda. Desenganchei a lanterna da presilha do cinto e mirei-a para cima. A luz bruxuleou por uma poeira fina, que se levantara com a minha queda. E, ainda assim, maravilhei-me. Eu não estava morto. Aqueles arquitetos da Casa Riddell — Deus os abençoe — haviam colocado um dispositivo de trava no elevador, um afinamento do túnel, ou algo assim. Eu não estava morto!

Eu estava de costas, e contorcido de modo grotesco no estreito túnel. Tentei o melhor que pude olhar ao meu redor e me endireitar, mas tudo me doía. Notei um mecanismo na parede, perto da minha cabeça — um trinco — então estiquei a mão para trás e peguei-o às cegas. Duas portas horizontais se abriram magicamente, como uma boca. Saí e pisei no chão fora do túnel. Estava bem escuro, mas não demais, e minha lanterna me deu um pouco de luz. Passei os olhos ao redor, ao me levantar. Estava no porão.

Encontrei um interruptor de luz no quarto. Girei-o como se gira um antigo cronômetro de cozinha, e uma lâmpada nua veio à vida acima da minha cabeça, lançando um brilho marrom sombrio. Não sei quando colocaram eletricidade no lugar, mas nunca a modernizaram. Havia fios e botões de porcelana por toda parte, e eles pareciam perigosos. O quarto era de uns dez metros por doze, mais ou menos, e impressionantemente vazio e limpo. Vi uma porta, e utilizei-a para ir a outro quarto, um pouco menor, mas claramente desenhado com um propósito: havia ganchos de carne suspensos no teto, e um ralo e uma torneira no centro. Ao longo de dois lados, havia longas mesas de cortar carne. Havia feito coisas por aqui, obviamente. Encontrei uma prateleira de antigas facas de cortar, cutelos, martelos amaciadores, e serras de mão, às quais minha saudável imaginação adicionou os efeitos sonoros de serra cortando ossos. Mirei a lanterna para uns degraus que levavam a algo que parecia ser portas de adega, conduzindo ao mundo lá fora. Experimentei as portas. Elas não se abriam.

Continuei a caminhar pelo porão, chegando a outro quarto, com um banco de trabalho e ferramentas, e uma parede de implementos em caixas de madeira bem arrumadas. O quarto de trabalho do faz-tudo do lugar. E lá, encostado num canto atrás do baú de ferramentas, notei um machado. Aproximei-me com cautela, ainda que soubesse que ele não ia saltar e me atacar por si mesmo. Toquei seu gasto cabo de madeira, escuro com as nódoas de tantas mãos, sua lâmina intimidante, que mostrava o grão de uma roda de afiar. Será que era o machado que Vovô Samuel usara para arrancar a mão do poste?

O quarto seguinte tinha uma caldeira de ferro gigantesca, com braços saindo dela como os braços de um polvo, conectando-a a um alçapão central de vapor, que corria por todo o comprimento de um escuro corredor de uns 25 metros de tamanho, ou sei lá quanto. Como fazer uma estimativa no escuro? Adjacente ao quarto da caldeira havia um quarto menor, com uma fornalha a carvão, oposta à qual estava a calha de carvão, de mais ou menos uns dois metros de largura, e uma laje lisa de concreto que fazia ângulo com mais portas de porão.

Essas, contudo, estavam trancadas por fora. Fiquei me perguntando se ia encontrar um meio de saída.

Mas eu sabia que encontraria, porque sempre havia mais um quarto.

Se eu fizesse filmes de terror, faria um em um porão como aquele. Dezenas de quatinhos, todos de chão de pedra e espessas paredes de tijolo. Frio como uma catacumba. Tetos de alturas irregulares, pesados canos se cruzando ao acaso, seguindo por passagens, um degrau não esperado onde esbarrei meu calcanhar e bati os dentes uns nos outros, uma interseção de cinco vias, e, ocasionalmente, um grunhido de algum animal, possivelmente um rato. Ou talvez fosse um Minotauro. Aquele lugar tinha todas as características de um inferno. Inclusive a frágil escada que levava para fora, mas se desmanchou numa pilha de madeira podre. Parte dela ainda estava intacta, mas, quando puxei, ela grunhiu e se desmantelou com um barulho doentio. Olhei para cima, e, ah! Aquela porta estava tão distante! Vi uma fenda de luz muito acima da minha cabeça, e ouvi vozes e senti o cheiro de algo bom. Senti o cheiro de biscoitos, que eu sabia que Serena estava assando, enquanto deslizava pela cozinha nos seus dedos azuis. Gritei por socorro, mas ninguém me ouviu. Ninguém veio.

Quando me dei conta de que as únicas saídas estavam firmemente trancadas, e a única escada que eu encontrara para dentro da casa era inacessível, comecei a entrar em pânico, mas tentei me acalmar. Sempre poderia voltar do mesmo jeito que entrara. Varri o lugar com a lanterna, e notei algo piscando para mim. Algo brilhante. Aproximei-me com cautela do canto escuro, que estava parcialmente escondido por velhos engradados de madeira. Empurrei os engradados para o lado, e, quando coloquei a luz da lanterna no canto de tijolos, perto do chão, algo cintilou.

Abri caminho até o canto e me agachei. Perto do chão, havia um tipo de cubículo. Não muito grande, talvez do tamanho da minha mão. Era difícil para mim me apertar para passar pelos engradados, que pareciam se multiplicar à medida que eu me aproximava da cova, como se eles tivessem necessidade de protegê-la. Ainda assim, eu queria ver, então estendi a mão, passando os engradados com o braço bem estendido. Consegui colocar a mão na saliência do bolso na parede, e me estiquei ainda mais, virando a cabeça para conseguir me estender ainda mais, e senti algo frio e duro. Um anel? Consegui movê-lo para a borda e deslizar meu dedo nele, e pegá-lo. Trouxe-o até meu rosto e fiz a luz cair sobre ele. Era a aliança do meu pai.

Entusiasmado pela descoberta, comecei a empurrar os engradados para o lado, e abri um caminho para poder chegar mais perto do tesouro. Meti a mão pelo buraco, e encontrei algo mais: o servidor de bolo da Serena. E outra coisa: meu relógio desaparecido. E outro: um pendente numa corrente. Coloquei a luz da lanterna nele e abri. Continha duas pequenas fotografias esmaecidas de crianças. Um menino e uma menina. Jones e Serena.

Alguém andava escondendo essas coisas aqui. Mas quem?

Pensei ouvir um barulho pesado perto de mim e me volvei rapidamente, jogando a luz pelo quarto. Fiquei tão espantado que derrubei o pendente. Levantei-me com pressa, e me preparei para a batalha, ainda que não soubesse contra o quê. Coloquei a aliança e meu relógio no bolso. Não me preocupei com o resto das coisas. Era hora de sair dali.

O elevador. Eu poderia subir a escada do túnel até o salão de baile. Corri pelos quartos, através da interseção, passando o longo corredor. Subindo o degrau, virando a esquina. Eu

estava quase lá, e me apressei mais, em antecipação de encontrar o quarto vazio com o elevador, e virei mais uma esquina e — bum! — bati a cabeça num cano de ferro com tanta força que minhas pernas se dobraram. A lanterna caiu com barulho e se apagou, enquanto eu me desmoronei no chão do porão. Nem sei se conseguia ver direito, porque estava muito escuro. Minha cabeça estava rolando de dor, forte e latejante, e meu queixo doía e as cavidades dos meus olhos doíam, e havia um ruído nos meus ouvidos.

Eu já havia recebido um golpe assim uma vez, lembro de pensar. No quarto ano, me atingiram bem no rosto com uma bola — uma espiral perfeita, jogada por Kenny, cujo sobrenome não me lembrava. Lembro-me de tentar muito me lembrar do sobrenome do Kenny. Mas, na minha tontura, tudo o mais sobre o quarto ano voltou para mim — todos os detalhes. Ele lançara a bola, mas eu não estava olhando, e daí alguém gritou: “Bola!” e me virei, e vi um imaculado orbe espiralando, tão lindo, arcando-se em minha direção com a inevitabilidade de um meteoro. Ele me atingiu no nariz e me nocauteou para trás por um metro e pouco. Havia sangue por toda parte. Quando cambaleei para a sala de aula, com a camisa toda ensanguentada, a professora ficou furiosa de ter que me levar para a enfermaria, em vez de dar à classe um teste de soletrar. Ela sempre dava perversos testes, superdifíceis, nos quais todo mundo falhava, e daí ela gritava com eles por não terem estudado, mas eu acertava todos os testes, porque lia um monte de livros e nem precisava estudar, ainda que o fizesse, e eu sabia que, se estudasse para um teste de soletrar, mesmo que só um pouquinho, ia acertá-lo.

Ela me levou para a enfermaria e fez aquela coisa suspiro-resmungo que adultos desapontados fazem, sacudindo a cabeça.

“Nem adianta dar o teste agora”, ela tinha dito, a respeito do maligno teste de soletrar que ela queria tanto ter dado.

Nós ficamos sozinhos por um minuto, esperando que a enfermeira chamasse a minha mãe, para que ela viesse me pegar e me levar ao hospital para tirar raios X, para ver se meu crânio não havia se quebrado.

“Você ainda pode dá-lo para eles”, disse sobre o teste, tentando fazer minha professora, Dona Minorchio, se sentir melhor.

“Todos eles vão errar”, disse ela. “Como sempre. O fracasso deles não é o ponto principal. Escolho palavras que façam *você* tropeçar. Um dia eu o derroto.”

Franzi o sobrolho para ela, enquanto segurava um pano encharcado de sangue ao rosto.

“Você não deveria estar neste ano”, disse ela. “Você não deveria estar neste colégio. Você não deveria estar neste *planeta*.”

Eu me lembrei dela dizer isso, e lembrei de na verdade não entender o que ela queria dizer. Mas, depois disso, começaram a me tirar da aula para fazer testes que eu nem sabia que eram testes. Eu tinha que falar com “especialistas” por um tempo, e eles me faziam perguntas e eu respondia. Daí, disseram que eu ia para outro colégio. Eu não queria ir, mas minha mãe, sim. Ela gostou da ideia de que eu fosse esperto demais para aquele colégio, porque isso a fazia pensar na sua própria infância, e as oportunidades que não recebeu. Então eu disse o.k., mas, no último minuto, minha mãe mudou de ideia porque queria que eu crescesse com meus amigos, e não como alguém que foi empurrado à frente em programas especiais.

Eu me lembrei de tudo isso. Lembrei-me de ter ficado aliviado e agradecido que minha mãe

me salvara. E depois? Estirado no porão da Casa Riddell, eu não sabia nem mesmo o que seria do meu futuro. Será que eu estava sendo tirado dos meus amigos, para ser enviado a algum colégio interno, como meu pai? Será que estava sendo tirado para ir morar na Inglaterra? A única coisa que sabia é que estava sentindo muito ressentimento. Eu poderia estar na faculdade agora, se tivesse entendido como tudo é transiente. Poderia ter sido empurrado à frente, e moldado por programas especiais, e ter agora acabado com toda aquela besteira educacional. Pensei que minha mãe estava me oferecendo permanência sobre o sublime. Pensei que estávamos juntos em nossa decisão, escolhendo o seguro sobre o audaz e o desconhecido. Eu confiava nela. Ela lutou tanto com o problema, e finalmente chegou à sua decisão, então é claro que concordei com ela, porque odiava vê-la lutando.

A dor estava passando, o ruído nos meus ouvidos estava sumindo. Mas não havia luz.

Fiquei pensando se o porão da Casa Riddell ia ser o lugar onde eu ia morrer, e não seria engraçado? Minha falta de experiência de vida passando na frente dos meus olhos.

Mas daí, vi uma luz. Primeiro só uma fenda, que se abriu em um retângulo de forte brilho. Um homem estava em pé à minha frente. Eu ainda estava no chão, segurando a cabeça. Ele se ajoelhou e tocou minha cabeça, e eu me senti melhor.

“Papai?”, perguntei, porque não sabia quem era ele. E como é que meu pai ia me encontrar, de qualquer jeito?

O homem acariciou gentilmente a minha cabeça, e fez com que eu me sentisse tão melhor que fechei os olhos e um gemido involuntariamente me escapou. O homem me ajudou a ficar em pé e a ir até os degraus, para cima e para fora. Caí sobre a grama, estonteado, tonto. O homem pegou minha mão e apertou-a, e estendeu o braço e tocou suavemente minha testa, mas não doía.

“Vovô?”, perguntei, porque, com a brilhante luz branca atrás do homem, eu não conseguia ver quem era.

“Trevor”, sussurrou o homem.

Era uma voz que eu reconhecia. Já havia ouvido antes. Tentei focalizar. Eu queria ver, mas meus olhos estavam quase envesgados. Aquele fora um tremendo golpe! Eu não conseguia distinguir as feições do homem, tudo era sombra. Fiquei frustrado, porque queria ver.

“Você veio para nos salvar”, o homem sussurrou.

E daí eu não aguentava mais. Eu *conhecia* aquela voz. Já a havia escutado antes, mas não podia ver. Minha visão estava enevoada — rangi os dentes e forcei contra a tontura que me encobria. O homem era alto, e então entendi. Por mais que eu tentasse vê-lo, nunca o veria claramente. Ele sempre seria uma sombra, um borrão.

“Ben”, falei.

Quando o disse, ele pareceu descansar, e eu também. Ele olhou para o céu e deu um profundo suspiro.

“Que lindo”, sussurrou ele, tão de leve que mal ouvi.

“É você”, eu disse.

Ben sorriu, e daí, como se fosse feito de fumaça, desapareceu na brisa.

Eu me compus e fui caminhando um pouco instável em direção à cozinha. Meu pai estava sentado à mesa com seu novo melhor amigo, o arquivo azul, e um pensamento me ocorreu, talvez resultado da pancada na cabeça: exatamente quanto a Serena tinha a ver com o arquivo azul? Ela disse que trabalhava para um administrador imobiliário. E meu pai havia dito ao tabelião que Dickie o tinha chamado. E Dickie era o namorado de Serena, mas nunca vinha até nossa casa. Senti que havia algo acontecendo que eu não entendia muito bem. Mas doía a minha cabeça pensar tanto, então desisti.

Enquanto isso, Serena deslizava pela cozinha, removendo assadeiras de biscoitos do forno com uma luva de cozinha na mão. Havia um jogo de baseball na TV. Os Marines. Que dia era hoje? Sábado?

Ela se voltou para mim com seu sorriso de Gato Cheshire, que se perdeu imediatamente, ao ver o crescente galo na minha testa.

“O que houve?”, perguntou, com grande preocupação, correndo para mim.

“Bati a cabeça.”

Ela tocou na minha testa. Ela queimava.

“Como?”

“No porão.”

“O que você estava fazendo no porão?”

“Explorando.”

Ela sacudiu a cabeça em desaprovação.

“Senta.”

Eu me sentei, e ela me trouxe uma toalha de cozinha molhada com água gelada, e a enrolou ao redor de alguns cubos de gelo.

“O que aconteceu?”, perguntou meu pai.

“Eu estava dando uma olhada no porão e bati num cano.”

“Ele tem uma concussão?”, perguntou meu pai à Serena.

Ela revirou os olhos e suspirou. Veio até mim e se sentou ao meu lado. Pegou minhas mãos nas suas.

“Olhe para mim.”

Olhamos nos olhos um do outro, e ela me escrutinou assim e assado, estudando minhas pupilas. Daí levantou um dedo e o moveu de um lado a outro, e para cima e para baixo. Eu o segui com os olhos.

“Não é concussão”, disse ela. “E, se é, é tão pequena que o médico só ia dizer que ele não deve correr por aí pelos próximos dias. Então, não corra por aí.”

“Você foi enfermeira, ou algo assim?”, perguntei.

“Tenho sido enfermeira há vinte e três anos, Trevor”, ela respondeu, mordaz. “Eu nasci enfermeira, você poderia dizer. Entretanto, espero me aposentar em breve. Por favor, cure-se rápido, para que eu possa seguir meu caminho. Está com fome? Quer jantar?”

Eu estava com fome. Estava morrendo de fome. Ela me fez um sanduíche de peito de peru que talvez tenha sido o melhor sanduíche que já comi; talvez a batida na cabeça tivesse acentuado meu senso de paladar. Enquanto eu comia, meu pai saiu da cozinha com o arquivo, e Serena se sentou à minha frente, na mesa da cozinha, colocou o queixo no punho e ficou me

encarando.

“O que você está olhando?”, perguntei, me sentindo *autoconsciente*.

“Pergunto-me o que você estava procurando no porão.”

“Só... andando por aí.”

“Não”, disse ela. “Conheço você. Você segue metas. Você tem algo em mente. O que é?”

Decidi que era hora de confiar em Serena. Eu possuía informação suficiente para montar um caso, e talvez mudasse o destino da Casa Riddell. Deslizei a mão para dentro do meu bolso, tirei a aliança do meu pai, e coloquei-a sobre a mesa entre nós.

“Meu pai perdeu sua aliança. Encontrei-a no porão.”

Serena olhou longamente para a aliança.

“Suponho que não tenha caído do dedo dele, no caso de ele ter se aventurado lá embaixo?”

“Acho que ele não foi lá embaixo, número um. E não estava no chão, ou algo assim. Estava escondida em um pequeno cubículo. Como se alguém tivesse colocado lá de propósito.”

“É, entendo.”

“Eu não fiz isso. Nem meu pai. Será que foi *você?*”, perguntei.

“Eu não.”

“Sobra Vovô Samuel. Ou...”

“Ou?”

“Ou o fantasma que vi lá embaixo.”

Serena se sentou de volta na cadeira e deu um grande sorriso.

“Ah, então é isso”, disse ela. “O fantasma da Casa Riddell. Você estava caçando fantasmas. Claro!”

“Mas eu vi”, insisti. “Ele está aqui.”

“E *quem é* ele?”

“Benjamin Riddell.”

“E por que Benjamin Riddell assombraria a Casa Riddell?”

“Acho que tem a ver com a venda da casa”, falei. “Ele quer que a terra seja devolvida à natureza, e não vire uma construção.”

“Claro, claro, Trevor. Todos já sabemos isso. É por isso que Elijah criou uma pensão, que impediu Abraham de vender a terra. Mas Elijah só poderia parar Abraham, não futuros herdeiros. Então agora cabe ao Vovô Samuel decidir...”

“Mas isso é o que Ben realmente queria. Ele está preso. Ele não pode ir embora...”

“Bom, então, ele que fique preso”, disse Serena rispidamente. Ela se levantou e tirou o prato vazio. “Com o que estamos mais preocupados? Você quer que sua mãe e seu pai fiquem juntos outra vez. É isso, não é mesmo?”

“Sim.”

“Vender é a solução perfeita para todos os nossos problemas. É a única solução, na verdade. Dickie fez um excelente trabalho arrumando um bom acordo para todos nós. E daí que desaponte um fantasma ou dois? Vamos colocar isso à frente das nossas necessidades, Trevor? Você está disposto a deixar de lado sua própria felicidade, sem mencionar a felicidade de seus pais, Vovô Samuel, e dos futuros filhos de gerações e gerações, só para aplacar um fantasma idiota — e um que nem se incomoda em fazer muitas assombrações, por

sinal? Não estamos nos elevando ao nível daquele filme dos poltergeist. Ninguém está nos sugando para dentro de aparelhos de TV, pelo menos pelo que eu saiba. Então, realmente, Trevor. Vamos deixar isso de lado e não vamos mais falar sobre fantasmas. Vai te dar pesadelos. Agora vá lá fora brincar. Ou vá ler um livro. Ou escrever naquele seu diário. Vejo que você escreve nele com regularidade. Mas escreva sobre coisas positivas. Escreva sobre o futuro. Não escreva sobre o passado; é triste e deprimente e não tem nada a ver com seu potencial.”

Ela virou-me as costas e voltou aos seus trabalhos de cozinha, mas não saiu.

“Dickie é administrador de imóveis, não é?”, perguntei.

“É, sim”, replicou ela, sem me dar atenção.

“Você disse que *you* trabalha para uma administradora de imóveis. Você trabalha para Dickie?”

Ela resmungou e sacudiu a cabeça, voltando-se para me encarar.

“Eu trabalho *com* Dickie, não *para* ele. Você tem mais perguntas, Detetive? Ou posso voltar aos meus biscoitos?”

Não fiquei satisfeito com a resposta dela, mas senti que pressionar mais não traria nenhum benefício, então deixei-a na cozinha e subi. Eu estava desconfiado de Serena, mas minha cabeça doía e eu queria me deitar com minha música e minha dor de cabeça. No caminho, parei no banheiro. Dei uma olhada em mim mesmo no espelho, enquanto lavava as mãos, e notei o machucado azulado na minha testa. Inclinei-me para o espelho, para ver meus olhos, e achei que minhas pupilas estavam um pouco dilatadas, mas não podia dizer ao certo. Estava exausto e me retirei para meu quarto. Antes de tirar os jeans, esvaziei os bolsos: a aliança do meu pai e meu relógio. Eu havia me esquecido de contar a Serena sobre o relógio, ainda que fosse bem provável que não fizesse nenhuma diferença.

Subi na cama, coloquei meus fones de ouvido, e escolhi Bob Marley. Peguei um dos diários de Harry, que havia escondido embaixo do travesseiro, e li.”

12 de novembro de 1901

Logo chegou novembro, e fizeram-se preparações para o retorno à cidade; os dias haviam ficado curtos demais e chuvosos demais para trabalhar nos toros, e era hora de parar a colheita até março. Os homens, surrados e com longas barbas, caminhavam pelo acampamento com olhares fixos e vagos. Eles seguiriam para outros trabalhos — em moinhos, ou pesca, ou como estivadores — mas nenhum deles queria realmente ir embora; o ajustamento a outra vida era difícil. Eles estavam antecipando o vazio que sentiriam, quando suas mãos não mais segurassem o machado, a saudade do cheiro da seiva de pinheiros e de madeira queimada, a fome por um pedaço de bacon defumado e bolinhos de chuva e café queimado cheio de borra.

“O que você vai fazer durante o inverno?”, perguntou Ben numa noite, e eu me senti ferido. Não porque pensei que ele fosse fazer planos para mim, mas porque eu

não havia pensado em fazer planos para mim mesmo. Eu havia estado tão contente com Ben e nossas coisas que nem me ocorreu que poderia acabar.

“Não sei”, eu disse. “O que você vai fazer?”

“Ah, eu tenho que voltar a Seattle outra vez, e me agradecer com meu pai. Fazer as coisas sociais que preciso. Ser um Bom Filho.”

“Claro”, eu disse.

“Fico pensando”, Ben meditou, “se um homem é responsável pelos pecados de seu pai.”

Eu não disse nada, mas fiquei pensando com ele, enquanto olhávamos as chamas do fogo que crepitavam na fogueira.

“Thoreau diz que os dormentes sobre os quais se coloca os trilhos são corpos de homens”, continuou Ben, “e que o trem corre sobre os espíritos partidos daqueles que o construíram. Meu pai supriu os corpos e os espíritos para todas as ferrovias desta grande terra. É uma quantidade devastadora.”

Ben gostava de me desafiar daquele modo: dando-me um dever de leitura, e daí testando minha fluência com os conceitos.

“Mas Thoreau admite que os homens que abrem mão de sua liberdade pelo trabalho, fazem-no voluntariamente”, protestei.

“Porque eles não têm alternativa”, bradou Ben, atraído pelo debate. “Podemos nos justificar dizendo que foi escolha deles, mas escolha sem alternativa é somente prestidigitação; é um truque de mágica, durante o qual você acredita que tem livre-arbítrio, mas seu destino já foi decidido: o mágico já sabe que carta você vai escolher!”

“Então exploração é a ofensa de seu pai?”, perguntei.

“Desprezo para com o espírito humano é a ofensa dele”, disse Ben. “Desprezo pelo espírito universal. Algumas vezes, eu me pergunto se fui trazido até aqui para pagar pelos pecados de meu pai. Ou, talvez, fui trazido aqui para oferecer a ele a salvação. Talvez seja através de mim que ele verá a verdade que escapou até agora.”

“Se alguém pode fazer isso”, eu disse, “tenho certeza de que será você.”

**“Elas não faziam muito sentido,
e Vovô Samuel não sabia por que as havia escrito. Elas eram
comunicações de Ben.”**

Senti como se tivesse acordado com alguém me cutucando, mas não havia ninguém ali. Olhei para a tela plana iluminada do relógio, que dizia 02:33. Estava com uma sede terrível. Desci pelas escadas da frente, porque não me interessava se acordasse alguém. Não me surpreendeu encontrar Vovô Samuel sentado à mesa da cozinha, e perguntei-me por um momento se eu ia ter Vovô Zen ou Vovô Doido.

“Você devia estar dormindo”, eu disse, acendendo a luz do abajur, para não assustá-lo demais.

Ele não notou minha presença. Estava curvado sobre a mesa, escrevendo algo num bloco de notas amarelas. Escrevia rapidamente, deliberadamente, de cabeça baixa, escondendo seu trabalho com o antebraço oposto. Achei que não devia interrompê-lo.

Coloquei gelo num copo, e enchi-o com água da pia, porque, para falar a verdade, eu estava ficando de saco cheio de limonada. A água tinha um gosto horroroso, metálico, e fez a minha língua ficar estranha. Então joguei a maior parte fora, e enchi o resto de limonada, produzindo uma bebida de água-sabor-limonada, diluída o suficiente para tirar a doçura, mas com sabor suficiente para cobrir o gosto de ferrugem. Sentei-me à frente de Vovô Samuel, e, entre goles, coloquei o copo gelado na testa. Imaginei-me num antigo filme preto e branco, no qual um cara segura um copo suado à testa, no calor.

Uma nota após a outra. Ele riscava letras, palavras, sentenças, numa velocidade feroz e com grande esforço. Depois de escrever uma nota, tirava-a do bloco e colocava-a na pilha de outras notas. Nota após nota, até que ele tinha uma pilha de algumas dezenas. E então perdeu o pique.

Baixou a caneta e me olhou.

“Você devia estar dormindo”, falei.

“Serena geralmente faz meu remédio.”

E, depois que ela faz seu remédio, você ouve dança, pensei, mas não disse nada. Fiquei brevemente pensando se Serena não estava dando uma de *Psicose* no Vovô Samuel. Vestindo-se e fazendo de conta que era a sua esposa morta. E fiz uma careta. Naquela altura dos acontecimentos, eu não confiava em ninguém.

“Eu faço”, disse.

Peguei uma panela dos ganchos de pendurar e derramei nela um pouco de leite. Acendi o fogão. Dessa vez eu ia fazer o remédio de verdade. Enquanto o leite esquentava, fiquei observando, esperando as bolhas, porque meu pai me ensinara como escaldar leite, uma arte esquecida, graças a Louis Pasteur.

“Duas partes de leite...”

“Uma parte de remédio”, falei. “Já sei.”

“O remédio me faz ficar acordado.”

“O remédio faz você dormir”, corrigi.

“Este remédio me faz dormir”, concordou ele. “O outro, as pílulas, me deixam sem poder dormir.”

Quando o leite borbulhou, desliguei o fogo e coloquei o leite aquecido num copo alto. Enchi o resto com o remédio, e coloquei à frente do Vovô Samuel; daí sentei-me na frente dele. Ele colocou as mãos ao redor do copo, fechou os olhos e sorriu.

“Você o esquentou para mim”, disse ele. “Algumas vezes Serena esquenta, mas geralmente não. Eu gosto quente.”

Ele tomou um gole, e eu podia escutá-lo engolindo alto. Minha testa latejava um pouco, mas eu havia dormido, e estava descansado. Estendi a mão e peguei a pilha de notas.

“Posso ver o que você estava fazendo?”, perguntei.

“O que eu estava fazendo?”, Vovô Samuel ficou se perguntando.

“Suas anotações.”

Peguei as notinhas e examinei a pilha. Estava bem claro que estavam em ordem reversa, de cima para baixo. Comecei a colocá-las na mesa. Cada uma delas continha algumas palavras, mas algumas tinham mais. Algumas eram intensas, com letras pequenas; outras tinham apenas uma ou duas palavras. Logo dei-me conta de que não eram rabiscos ao acaso. Quanto mais eu as desgrudava e colocava sobre a mesa, maior ficava a história, até que a mesa estava quase coberta com as notas.

“Posso pegar sua caneta emprestada?”, pedi.

Enumerei cada nota no canto de cima, à direita, para não me perder. Eram quarenta e sete notas amarelas. Estudei-as de cima, vista aérea.

“O que o levou a escrever isso?”, perguntei.

“Escrever o quê?”

“Suas anotações.”

“Acho que não”, disse ele, sacudindo a cabeça e bebericando seu remédio.

Lembrei-me da nota sobre John Muir. *As montanhas da Califórnia*. Parecia que essas notas não vinham de lugar algum. Até Vovô Samuel não sabia o que significavam. E Serena disse que Vovô Samuel fazia isso o tempo todo: anotar coisas sem nexos. Talvez elas não fossem sem nexos. Talvez apenas não tinham sido propriamente decifradas.

“Você me disse que odiava Ben”, falei. “Lembra? Quando perguntei sobre ele antes, você disse que ele deu a fortuna Riddell, ou algo assim.”

Vovô Samuel tomou um longo gole do seu remédio.

“Encontrei ele hoje no porão”, continuei. “Bom, encontrei um cano. Mas ele veio me ajudar. Ele já ajudou você?”

“Ah, sim.”

“Quando ele ajuda você?”

“Ele me faz companhia”, disse Vovô Samuel. “Ele se senta comigo, quando não posso dormir, e me conta histórias, e me faz companhia no celeiro, quando estou trabalhando.”

“Que tipo de histórias ele conta?”

“Ele escalava as árvores mais altas. Não para cortá-las, só para escalá-las. Eles usavam talabartes para chegar na copa, e daí subiam descalços e sem nada nas mãos até o topo. Sem cordas ou qualquer outra coisa. Era muito perigoso, mas sempre emocionante.”

“Eles?”, perguntei.

“Harry”, disse ele. “Ben e Harry. Eles escalavam juntos.”

“Você disse coisas ruins sobre Ben”, lembrei. “Mas não acreditei.”

“A Serena estava aqui?”, perguntou Vovô Samuel.

“Sim. Nós três estávamos. Foi no meu aniversário.”

“Sempre que falo sobre Ben, Serena me faz lembrar que eu o odeio”, disse ele. “Serena me conta a verdade.”

“Que ele arruinou a nossa vida”, falei.

“Sim. Ele arruinou a nossa vida.”

“Mas ele não arruinou, não é mesmo?”

Vovô Samuel se inclinou na minha direção de maneira conspiratória. Olhou de um lado a outro, e daí disse: “Ele estava aqui agora mesmo. Você não o viu?”

Sacudi a cabeça, porque estava pensando em muitas coisas. Algumas das notas estavam fora de ordem. Rearranjei-as e estudei sua sintaxe, e daí me inclinei para trás, para ver o conjunto.

“Serena geralmente me dá mais remédio”, disse ele.

Levantei os olhos e vi que seu copo estava quase vazio.

“E daí ela me manda para a cama”, adicionou.

“Vou te dar mais.”

“Você pode esquentar? É melhor quando está quente.”

“Mas daí você precisa ir para a cama”, falei.

Quando o leite estava pronto, coloquei-o no copo e adicionei o remédio. Dei o copo para ele.

“Ele fica nervoso quando Serena fala sobre a casa”, sussurrou-me Vovô Samuel.

“Quem, Ben?”

Vovô Samuel concordou.

“Acho que ele não gosta do que ela está fazendo.”

Ajudei-o a se levantar e conduzi-o em direção à porta da cozinha, mas daí pensei em algo mais.

“Você já viu Isobel, desde que ela faleceu?”, perguntei. “Sei que você a ouviu, mas você já a viu?”

“Escuto-a dançar. Serena diz que é a chuva. Você escuta a dança, não é?”

“Escuto.”

Vovô Samuel sorriu timidamente, e foi para seu quarto. Eu voltei minha atenção ao quebra-cabeça sobre a mesa. As anotações formavam uma carta. E estava endereçada a mim. A última nota da pilha — que era a primeira — dizia: “Querido Trevor”. Corri escada acima para pegar meu caderno. Quando voltei, transcrevi a série de mensagens. Algumas não faziam sentido. Algumas não eram nem mesmo palavras, mas rabiscos, ou marcas. Fiz o melhor que pude para fazer as ideias terem sentido:

Querido Trevor,

Dizem que uma criança — um bebê — não entende que sua mãe é um ser distinto dele. O bebê acredita que está conectado à mãe em um nível fundamental, e que ela é parte dele, uma extensão do corpo dela, quando puxa seu cabelo e empurra seus seios. Ainda que não saiba como controlá-la, e tampouco saiba como controlar seus próprios dedos e pés, então ele não se preocupa com o mistério. Na sua inocência, o bebê compreende a verdade do universo: estamos todos conectados a todas as coisas.

Fundamental

uma parte dele

Uma extensão

À medida que ele cresce, outros imprimem nele [melhor escolha — difícil de decifrar] as limitações de ser humano. Ele não está conectado à sua mãe de modo algum, dizem, e ela pode abandoná-lo a qualquer momento. Na verdade, dizem eles, ela definitivamente vai abandoná-lo. Nenhum de nós está conectado, dizem-lhe. É a triste verdade de nossa existência.

Dizem: “Vivemos sozinhos, e assim morreremos”.

Falam e falam e falam, até que ele finalmente acredita.

E por quê?

Em troca de tudo o que nos foi dado em nossas vidas temporárias, todas as vantagens e habilidades, e truques espertos empilhados dentro do nosso corpo e nossa mente, tivemos que sublimar nosso inerente entendimento; a verdade foi escondida de nós, para voltar apenas quando nos reunirmos outra vez ao aspecto mais amplo da natureza. Só então lembraremos. Até lá, vamos nos perguntar onde terminamos e outros começam. Sentiremos a necessidade desesperada de conexão com outros, porque não vemos nossa conectividade, vemos apenas nossa falta. Somos as tristes criaturas da imaginação de Aristófanes: nascidos com quatro braços, quatro pernas, duas cabeças, e daí separados pela metade, embaralhados, e condenados a viver o resto da vida em busca de nossa outra metade. Passaremos nossa vida em uma busca furiosa de satisfazer uma sede que é um fantasma de nossa imaginação. Não é sede, é uma maldição.

Estamos todos conectados. O vivente ao não vivente, e o não vivente ao vivente. Todas as coisas, em todas as direções, em todos os tempos. É apenas na dimensão física que temos limitações. (A membrana entre nós é mais tênue do que você pensa.)

Sem significância... [Não tenho nem ideia do que isso quer dizer. Acho que ele estava tentando dizer algo que não ultrapassou a estática da mente do Vovô Samuel.]

Devemos honrar a [ininteligível — suponho, baseado no contexto, que seja “conexões”, possivelmente “compromissos”]. Pois as coisas que fazemos têm consequências, quer as vejamos ou não. Porque fechamos os olhos às nossas obrigações, isso não quer dizer que não as temos.

Entregue a Propriedade do Norte ao lugar de onde ela veio. Retorne este lugar à Natureza. Sei que foi isso que você veio aqui para fazer. Quando estiver feito, seguirei em frente com o meu futuro, e você seguirá com o seu. Até lá, ficarei aqui.

Que o Pacífico seja sua [Ininteligível. Talvez “inspiração”, talvez “inscrição”,

talvez “impressão”].

Ben

Vi esses rabiscos de notas na mesa, e fiquei impressionado que Vovô Samuel conseguisse criar algo assim. Não acreditei que fosse parte de sua imaginação. Não. Ele devia estar funcionando como condutor. Ben estava falando através de Vovô Samuel. As montanhas da Califórnia. Todas as outras anotações que Serena disse que Vovô Samuel havia escrito. Elas não faziam muito sentido, e Vovô Samuel não sabia por que as havia escrito. Elas eram comunicações de Ben.

Eu estava tão entusiasmado que peguei o telefone e disquei o número da Inglaterra. Três da madrugada era a única hora em que eu podia ter uma conversa privada, e precisava contar à minha mãe sobre isto.

“Você tem pai?”, ela perguntou, quando ouviu minha voz. “Tem alguém responsável por você?”

“Vou dormir até tarde amanhã, prometo”, disse. “A noite é a melhor hora nesta casa. À noite, Vovô canaliza meu tio-tataravô Benjamin.”

“Verdade?”

“E ele escuta Isobel dançando no salão de baile. Eu escutei — eu também *a vi*. E o toca-discos estava tocando sozinho.”

“Devagar, Trevor...”

“Vovô acabou de me escrever uma longa carta em um bloco de notas. Mas não vinha dele. Estava assinada Ben. Vovô nem sabe que a escreveu.”

“O que você quer dizer?”, ela perguntou. “Ele estava num transe, ou algo assim?”

“É. Ele estava rabiscando e rabiscando, e daí terminou. Perguntei o que ele havia escrito, e ele disse que não havia escrito nada.”

“Escrita automática”, ela disse.

“O que é isso?”

“Algo que foi popular nos dias do Espiritualismo. No início do século XX, as pessoas acreditavam em muitas coisas assim. Havia sessões de mediunidade, leituras de tarô, conjuração de espíritos. Gente respeitável. Até presidentes. As pessoas esperavam que seus amados pudessem falar com eles outra vez, e médiuns ofereciam esse serviço, ou pelo menos faziam de conta. Os médiuns diziam que canalizavam um espírito, e o espírito escrevia através deles. Era chamado de escrita automática. Você não tinha um tabuleiro de Ouija, quando era pequeno?”

“É, eu me lembro dele.”

“É um jogo de mesa. Coisa boba.”

Considerarei a lógica dela.

“Gifford Pinchot se casou com a esposa morta”, comentei.

“O quê?”

“Só porque as pessoas dizem que algo não é verdade, isso quer dizer que realmente não é verdade?”

“Não estou entendendo.”

“Papai perdeu a aliança”, contei. “Eu perdi o relógio. Serena perdeu a coisa de torta dela. Encontrei todos eles no porão, dentro de um buraquinho. *E* encontrei também um antigo pendente, com fotos de Papai e Serena quando eram pequenos. Acho que era de Isobel.”

“A gente deixa coisas caírem.”

“E vi um fantasma. Vi Ben. Ele me ajudou depois que bati a cabeça.”

“Você bateu a cabeça?”

“Num cano do porão. Mas estou o.k.”

“Você precisa que deem uma olhada nela?”

“Serena disse que estou o.k. Ela era enfermeira.”

“Ela era? Eu não sabia.”

“Na verdade não sei”, disse. “É difícil saber quando ela está mentindo e quando está falando a verdade.”

“Trevor”, falou, exasperada. “Estou muito preocupada com isso. Essas chamadas no meio da noite. Sua segurança aí nessa casa. Esses fantasmas que você está inventando.”

“Não estou inventando.”

“Você precisa que eu vá até aí? Precisa que eu vá e salve você?”

Aquelas palavras. Aquela frase. “Você veio para nos salvar.” Era isso o que Serena disse para meu pai, quando chegamos. As palavras da minha mãe, fazendo eco às dela, me fizeram parar de repente. Eu me dei conta de que ela não entendia o que estava dizendo. Ela estava tentando me consertar; ela estava tentando me compreender.

“Não preciso ser salvo”, disse. “Papai me trouxe aqui porque sou eu o salvador.”

Um longo silêncio ficou zunindo no telefone.

“Trevor”, minha mãe finalmente disse, “seu pai amava muito a mãe dele, muito mesmo. Quando ela faleceu, ele ficou arrasado. E daí, quando seu avô o mandou embora, isso rompeu completamente o espírito dele. Seu pai não gosta de falar no que aconteceu, você sabe disso. Mas ele me contou, certa vez, que sua mãe prometeu alcançá-lo depois da morte, se pudesse. Nós sabemos que isso é impossível, Trevor. Mas talvez seu pai e Serena tenham te contado algumas histórias, e talvez você esteja se deixando levar por algo, por alguma histeria coletiva da Casa Riddell. Não se deixe levar. Você é o menino mais esperto que já conheci. Use sua inteligência para impedir que você seja atraído para esse mundo de fantasia espiritual. Você faria isso por mim?”

Foi a minha vez de fazer uma pausa.

“Você não acredita em mim”, afirmei.

“Não acredito que você esteja mentindo”, replicou ela. “Acredito que você acredita. Mas isso não faz com que seja verdade.”

Eu não sabia o que dizer. Estava muito desapontado.

“Acho que devo ir dormir”, eu disse.

“Acho que sim. Amo você, Trevor. Mais do que você possa imaginar.”

Desliguei o telefone, juntei as anotações do Vovô Samuel, e subi as escadas, sem conseguir tirar da cabeça o ceticismo da minha mãe. Senti que o abismo entre nós havia crescido com nossa conversa.

Enquanto subia as escadas, fiquei pensando sobre a carta de Ben, especialmente a pergunta de quando eu e minha mãe começamos a nos separar. As coisas que Ben havia escrito sobre crianças e mães pareciam quase bíblicas. A necessidade por uma folha de figueira. Pecado original: a percepção da própria nudez. A que altura percebi que os seios da minha mãe não eram meus? A que altura entendi que minha incapacidade de controlá-la não era devido à minha própria incompetência, mas porque ela era uma pessoa separada de mim? Foi no mesmo instante quando me dei conta de que podia morrer, e a morte significava que cessaria completamente de existir? Não que eu continuaria aqui, só que invisível, que é o que pensei que todas as crianças pensassem a respeito da morte. Mas que eu estaria ausente de uma maneira mais substancial. E essa crença seria uma construção artificial da minha cultura? Será que a criança pré-autoconsciente seria a criança *correta*? Seria como Ben explicara: a membrana é mais tênue do que pensamos; todas as coisas estão conectadas em todas as direções, o tempo todo?

Estamos todos conectados — eu acreditava nisso na época, e ainda acredito agora — pelo menos em um sentido energético. E quem pode dizer que essa energia não é real? Não podemos ver a gravidade tampouco, mas não a negamos. Não podemos ver o magnetismo, mas não questionamos sua força. Então por que, quando pessoas — pessoas espirituais — falam sobre uma força ou uma substância que nos junta a todos, que nos une a todos — quando as pessoas falam sobre almas —, por que nós as repudiamos como charlatões?

Quanto mais pensava nessas ideias, naquela noite, mais ficava tonto de cansaço, e senti meus olhos querendo se fechar. Apaguei as luzes e subi na cama, e puxei os lençóis. Ao desmaiar nas profundezas do sono, ouvi a porta do quarto se abrir, e daí se fechar. Ouvi passos cruzando o assoalho, e daí ouvi alguém colocar seu peso na cadeira da escrivaninha. Tentei levantar a cabeça, mas não consegui. Tentei abrir os olhos, mas eles não se abriam. Então relaxei. Porque Ben estava no quarto comigo, vigilante. E Ben me protegeria.

Na manhã seguinte, acordei febril com a necessidade de saber mais sobre Ben e Harry. Eu entendia quem eles eram, e por que amavam tanto um ao outro, mas precisava entender por que a Propriedade do Norte era tão importante para Ben. Por que, de todos os lugares, ele queria que *este* lugar voltasse à floresta? Por que não qualquer um dos milhões de outros acres que seu pai tinha? Eu compreendia o idealismo, entendia que seu gesto era simbólico, como havia dito Serena. Mas simbólico do quê? Somente da destruição com a qual seu pai havia trucidado o meio ambiente? Ou havia algo mais profundo?

Antes mesmo de levantar da cama, peguei um dos diários de Harry.

21 de abril de 1904

O pai de Ben havia nos chamado à sua casa da cidade, na Avenida Minor, em Seattle, num bairro onde moravam apenas as famílias mais ricas. Era uma mansão grandiosa, com colunas e caneluras e molduras decorativas no estilo da renascença grega, tão comum entre os transplantados cidadãos ricos de Seattle. Admito que não conseguia captar os detalhes mais finos da arquitetura da casa, já que não fui educado em coisas assim; então, ainda que a cena fosse quase esmagadora, fixei-me em algo completamente diferente. Como uma criança, o que mais me impressionou foi o fogo; as luzes a gás — parecendo estar por toda parte — reluzindo com um brilho tal que o interior da casa parecia estar em chamas. Fiquei mesmerizado com as chamas dançantes.

Éramos três ao jantar. Serviu-se prato após prato: uma sopa de caranguejo de Dungeness, seguida por gravlax de salmão em retângulos de torrada, seguido por um robusto patê de pato, uma salada, e daí um lombo de cordeiro e brotos assados de samambaia, e compota de amoras. A comida era rica e decadente, e abriam-se novas garrafas de vinho a cada novo sabor, de modo que eu mal conseguia olhar para a comida quando ela chegava, perguntando-me quanto eu teria que comer para ser convincente, enquanto Ben empurrava para o lado um prato completamente intocado a cada prato que limpava, e bebia cada um dos copos de vinho de cada prato. Em contraste, Elijah delicadamente provava toda a comida com moderação, bebericava seu vinho, e limpava os cantos da boca com o guardanapo. E ninguém dizia uma palavra, uma tensão silenciosa pairando no ar. Quando a refeição terminou, seguimos para a sala de estar dos cavalheiros para os digestivos; Elijah acendeu um charuto e limpou a garganta.

“Acho que o sr. Lindsey deveria obter alguma experiência no moinho”, anunciou Elijah, sem olhar para Ben ou para mim. “Ele é um rapaz inteligente, e devemos

considerar a possibilidade de mudá-lo para a administração, a fim de não desperdiçar sua inteligência natural. No campo ele já aprendeu o suficiente — Deus sabe, o campo só pode ensinar até certo ponto! É hora de recebê-lo entre nós. É claro que seu salário será proporcional ao salário de nossos outros gerentes, então ele se sairá muito bem. E com tão pouca idade, sem família para cuidar, é bom para você, garoto!”

Ele bebericou seu licor, uma grappa importada da Itália, como disse o sr. Thomas, ao servir.

“O que você acha, Harry?”, perguntou Ben sardonicamente, com a perna jogada sobre o braço da poltrona, engolindo uma dose de uísque numa taça. “O velho parece ter feito uma boa oferta a você.”

Fiquei cambaleando, desconfortável com a dinâmica; as correntes subterrâneas eram pesadas. Mas não disse nada.

“Você precisa saber mais, para tomar uma decisão bem informada, não é mesmo, Harry?”, sugeriu Ben, enquanto dava um sorriso afetado para seu pai. “Há pertinentes detalhes que precisam ser considerados, se você vai chegar à decisão naturalmente inteligente.”

“Acho que sim”, concordei. “Não tenho certeza de que sirvo para trabalho de moinho.”

“Então conte-nos mais, Elijah Riddell!”, disse Ben. “Qual dos moinhos você tem em mente? Claro que o moinho de Columbia é pequeno demais para receber um gerente sem experiência para este propósito. E, devo dizer, você nunca pensaria em Tacoma — O’Brian, o esperto Nick, dirige aquele lugar de maneira excelente! O mesmo ocorre também com Everett e Shelton. Suspeito que você esteja colocando Harry lá em Oregon! Diga-me se estou errado, velho!”

“Você não está errado, Ben”, admitiu Elijah, parecendo irritado.

“E suponho que há uma necessidade imediata da presença dele?”, perguntou Ben.

“Na verdade há, sim.”

“Porque, se não estou enganado, creio que nosso bom amigo Johnny McDermott se aposentou um pouco subitamente na semana passada.”

“Você está bem a par do funcionamento das nossas empresas, Ben”, disse Elijah sem inflexão. “Estou impressionado com tal interesse.”

“Sou o filho de meu pai”, observou Ben, levantando-se e reenchendo seu copo.

“Realmente.” Elijah voltou-se para mim “Eis a minha oferta: você será gerente associado por seis meses, e será feito gerente depois disso. Se você ficar no moinho por dois anos, será promovido a gerente geral. Depois de cinco anos, traremos você para a matriz em Seattle para ser treinado como gerente regional, de olho no Sudeste do Alasca. A parte financeira é muito boa, bonificações por atuação incluídas, abonos para residência etc. Você fará mais dinheiro nos seus primeiros seis meses do que já fez em seus prévios... quantos anos você tem?”

“Vinte”, respondi.

“Vinte”, repetiu Elijah, sacudindo tristemente a cabeça. “Esta é minha oferta. O

que você vai fazer?”

Fiquei entristecido com o processo todo. Imediatamente me dei conta de que Elijah Riddell estava me usando como peão, mas não conseguia prever como o jogo prosseguiria.

“Obrigado por sua generosa oferta”, eu disse depois de um momento. “Não estou seguro de como responder.”

Ben riu e tomou um enorme gole de uísque.

“Você deveria dizer a ele que vá para o inferno”, disse ele. “Devia dizer: ‘Sr. Riddell, sem querer faltar ao respeito, mas, por favor, vá para o inferno’. E amanhã, você enviaria um cartão de agradecimento pela refeição. (É bem apropriado, já que estava bem deliciosa.)”

“Prefiro continuar a trabalhar na Casa Riddell”, disse eu a Elijah, ignorando o conselho cáustico de Ben. “Se for tudo igual para você.”

“Não é tudo igual”, Elijah disse asperamente. “Vou despedir você, daí você não terá nada. Aonde você irá, então?”

“Você não vai despedi-lo”, disse Ben, seu temperamento esquentando. “Ele não quer ir para Oregon. Ele não quer ser gerente ou gerente geral ou gerente regional. Ele quer ficar aqui em Seattle comigo.”

“Estou pensando no futuro dele”, disse Elijah com um suspiro resignado.

“Não está, não. Você não está nem pensando no Harry. Você está pensando em si mesmo. Você está pensando em Alice, de quem você gosta tanto. Você está pensando sobre os cem dólares que precisou pagar àquele pobre carpinteiro — o que abriu a porta que não deveria abrir, e se expos às ‘indecências’ que estão acontecendo na Propriedade do Norte — para que ele ficasse de boca fechada, o tempo todo se perguntando até que ponto você poderia baixar o preço da negociação, e, ainda assim, se assegurar da cumplicidade dele. E onde está ele agora? Em algum lugar em Minnesota, suponho, seringando carvalho silvestre para recolher xarope.”

“Você se interessa mesmo pelos negócios, quando eles te interessam”, disse Elijah.

“Estou encarregado da Propriedade do Norte, como parte do nosso acordo”, disse Ben. “Eu decido quem trabalha na casa e quem não trabalha!” Ele fez uma pausa, daí adicionou dramaticamente: “Você me deu a sua palavra!”

“Sim, eu te dei a minha palavra”, concordou Elijah. “E você me deu a sua. Mas você não parece estar seguindo muito bem o seu lado do acordo.”

“Vou vê-la hoje à noite. Vou vê-la agora mesmo!”

“Não essa parte. A parte sobre acabar com essa bobagem. A parte sobre deixar de lado suas aventuras juvenis e voltar sua atenção para coisas mais adultas.”

“Coisas adultas!”, Ben zombou. “O que você acha disso, Harry? Você deve se sentir muito honrado em ser diminuído de tal forma pelo grande Elijah Riddell!”

“Acho que não sei por que estou aqui ouvindo isto”, falei. “Eu não disse uma palavra.”

“Um menino muito sábio”, disse Elijah. “Mais uma razão pela qual estou

enviando-o para Oregon.”

“Você não vai enviá-lo a lugar nenhum”, advertiu Ben. “Eu vou tomar as decisões neste assunto.”

“Suas decisões são todas erradas!”, berrou Elijah. “Você insiste em ficar com esse seu menino em praça pública, mesmo depois de noivar com Alice. E você tem se conduzido com grande indiscrição — quanto tempo e dinheiro já gastei, tentando consertar isso? Seus namoricos na costa e nos matos e na casa. Devem parar, Ben. Ele deve ir para Oregon, ou desaparecer inteiramente. Essas são as escolhas.”

“Quem você pensa que é, para fazer essas exigências na minha vida?”

“Sou seu patriarca!”, comandou Elijah, evocando alguma estranha voz, algum espírito que encheu sua voz de poder e profundidade. “Eu sou o criador de todas as coisas! Tudo o que você possui, seu mundo inteiro, incluindo seu próprio sopro de vida, foi criado por mim! Eu sou o seu deus, e eu digo que ele deve ir embora! Ele deve abandonar o jardim, Benjamin Riddell, e deve sair agora!”

As palavras de Elijah ecoaram pela casa, e o poder da sua voz me surpreendeu, porque senti como se ele fosse o próprio Deus, banindo-me do Éden. Quase me esgueirei da sala e me dirigi ao leste, envergonhado. Ben também sentiu o impacto das palavras de Elijah, porque não disse nada imediatamente. E eu me dei conta de que apenas minha intervenção acabaria com o argumento.

“Não sei o que você estava tentando provar, quando continuou daquele jeito na frente dos trabalhadores da casa”, disse eu para Ben, porque estava seguindo a referência de Elijah com respeito ao carpinteiro que nos encontrara uma tarde, quando estávamos envolvidos em atividades de natureza indecente. “Já te disse que terminei com você.”

As palavras me pareciam muito estranhas, mesmo enquanto as dizia. Mas eu tinha que dizê-las, porque sabia que Ben estava me usando contra seu pai, e sabia também que ele estava me usando contra ele mesmo. Em vez de abertamente confessar sua homossexualidade ao pai, Ben me usou como dolorosa lasca na sua palma, algo que podia empurrar ainda mais, para lembrar a si mesmo que estava vivo, que sua paixão era real. Para que pudesse sentir a dor vez após vez. Ele estava dividido entre dois mundos, e eu podia ver como nosso relacionamento proibido e o antagonismo que causava com Elijah estavam distraindo Ben de sua verdadeira missão. Ele não deveria estar lutando a meu respeito! Ele deveria estar lutando com seu pai sobre as florestas, sobre conservação, sobre as condições de trabalho dos lenhadores — coisas nas quais ele realmente acreditava, e coisas que eram importantes!

Mas o que eu conseguia entender, Ben não conseguia. Ele se voltou lentamente para mim e sacudiu a cabeça, estupefato.

“Você concorda com isso? Você terminou comigo?”, perguntou ele de tal maneira, com um tom tão ferido, que senti algo se romper entre nós.

“Você tem obrigações”, eu disse, indo em frente. “Compromissos. Você tem um mundo para mudar, e não cabe a mim interferir em seu trabalho. Há tanta coisa que

você quer fazer, e eu só estou atrapalhando! Aceito o trabalho em Oregon.”

“Mas Harry...”

Elijah virou-se para mim e disse rapidamente:

“Ben só está usando você para me derrubar, como todos os filhos ingratos fazem. Ele nem se interessa por você.”

“Seu imbecil!”, cuspiu Ben, e, num arroubo de raiva, vi-o mudar. Todo o seu corpo se reconfigurou. Seus ombros, seus braços, seus quadris. Ele se retraiu, e daí saltou sobre Elijah, o velho. Ben tinha suas garras de fora, seus dedos prontos para rasgar carne e despedaçar o pai. Elijah se encolheu, levantou os braços para se proteger; tudo aconteceu tão rápido, e Ben era tão grande, comparado ao seu pai, que temi pela vida de Elijah, então saltei à frente para intervir.

Interceptei Ben a meio caminho de seu alvo. Derrubei-o com meu ombro sob suas costelas, porque sabia que ele teria matado seu pai naquele momento, teria rasgado seu pai em tiras. Nós dois caímos ao chão, enquanto Ben se enraivecia e Elijah nos observava.

Ben lutou para se levantar, para chegar ao pai, mas segurei-o. Já havia lutado o suficiente com Ben para saber suas tendências, então podia frustrar suas tentativas de se levantar a cada vez que ele tentava. E meus movimentos o frustravam tanto que ele ficou mais e mais enraivecido contra mim, até que, num esforço final, ele me bateu contra o chão, enfiando o cotovelo no meu ombro esquerdo com tanta força que um alto estalo soou, e uma branca dor encheu minha visão, e todos os meus nervos gritaram e meus músculos ficaram moles; eu havia deslocado o ombro.

Tudo parou depois daquele grotesco som, tão alto e óbvio, que o próprio quarto se encolheu, como se estivesse vivo. Ben ficou de joelhos. Elijah baixou os braços. E eu me revolvía de dor no chão. Mas era mais do que isso. Algo terrivelmente errado havia acontecido.

“O que você fez?”, bradou Elijah.

Ben colocou as mãos em mim, tocou meu ombro, mas a dor era tão gritante que eu não conseguia ficar parado. Empurrei com os pés e me debati no chão, e, quando ele me tocou, gritei e lancei meu punho do braço bom ao seu queixo, e ele se conectou. Com o canto do olho, vi o sr. Thomas entrar na sala apressadamente. Ele parou de repente.

“Nossa!”, disse ele.

“Chame o médico”, ordenou Elijah, e o sr. Thomas rapidamente saiu. Ben tinha parado de tentar me ajudar; ele se sentou nos joelhos, dobrado, segurando o queixo.

“O que você fez?”, repetiu Elijah.

“Eu o quebrei”, disse Ben sombriamente. Ele se levantou e saiu rapidamente da sala.

Não sei quanto tempo levou até que eu me acostumassem à dor, antes que fosse capaz de respira através dela, e coexistir com ela. O sr. Thomas voltou. Ele e Elijah me ajudaram a ficar em pé, e me guiaram até a cozinha, colocando-me sentado em um banco, perto do fogão.

Daí eu estava sozinho por um tempo, mergulhando na minha dor, pois o aspecto físico era só parte dela. Havia também a dor de Ben me tratar como tratou. Minha mente viajou às nossas primeiras semanas na costa, e em como não havia nada no nosso mundo a não ser nós dois, e daí isso. Como se nossos corpos físicos estivessem no caminho, nossa existência física impedisse nossa verdadeira conexão.

“Uma justa advertência”, disse uma voz suavemente, vinda de longe. “Vai doer mais, antes que doa menos.”

Abri os olhos, e ele estava ali à minha frente. Ele voltara por mim. Minha visão se escureceu com a dor, quando ele levantou meu braço mole e o atravessou na frente do meu corpo, e daí gentilmente para cima, e, com um estalo, a junta foi para o lugar. “Melhor agora?”, disse a voz. Ah, sim, muito melhor. Tão melhor... Eu queria agradecer a ele por me consertar, queria que ele me abraçasse. Mas, quando abri os olhos, não havia ninguém. Ben já tinha ido.

Quando o médico chegou, uma hora mais tarde, eu estava quase adormecido no banco da cozinha, com a cabeça encostada precariamente contra a quina do fogão.

“Pensei que você havia dito que estava deslocado”, ouvi vagamente o médico reclamar, ainda de casaco, com a maleta na mão.

“Estava”, a voz de Elijah disse, mistificada. “Ele deve ter colocado no lugar sozinho.”

“Impossível”, disse o médico ríspidamente. “Ou quase impossível.”

“Talvez fosse um fantasma”, ouvi o sr. Thomas sugerir.

O doutor rugiu, insatisfeito, e saiu da cozinha batendo os pés, de volta à sua casa confortável no First Hill. O sr. Thomas e Elijah me acordaram o suficiente para me colocar no quarto de empregados, no térreo, onde eu poderia dormir numa das pequenas camas para os servos. Quando eles me deitaram de costas no colchão duro, abri os olhos e olhei para os dois.

“Foi Ben”, contei. “Ben voltou por mim.”

Mas eles não me ouviram, porque já tinham ido embora.

25 de abril de 1904

Retornei à Propriedade do Norte no dia seguinte, com meu braço numa tipoia. A casa principal estava terrivelmente atrasada, ainda um esqueleto em alguns lugares, se bem que a cabana, meu lar com Ben, fosse um oásis reconfortante. Era nosso refúgio, como Ben havia prometido. Um lugar de beleza e paz espetaculares. Era meu lar.

Ben ficou longe por diversos dias, e, quando finalmente voltou, parecia ter ficado menor. Parecia cansado. Eu estava sentado à mesa, na cabana, comendo o guisado de carne de veado que o cozinheiro havia preparado, lendo Sherlock Holmes, que era meu prazer secreto, e de modo algum o tipo de leitura que Ben gostaria que eu tivesse — ele insistia muito no meu desenvolvimento filosófico, e, às vezes, eu me

perguntava se ele não havia perdido totalmente a capacidade de experimentar leituras por prazer.

“Arruinei tudo, não é mesmo?”, disse Ben, quando abriu a porta e me viu à mesa.

“Não sei se ‘arruinar’ é a palavra certa”, repliquei, de modo algum com raiva, mas certamente com reserva. “Você mudou tudo.”

Ben concordou, compreendendo o significado do que eu dissera. Ele não entrou, não tirou o casaco ou as botas.

“Pergunto-me se você algum dia vai me perdoar por ferir você daquele jeito.”

“Tenho certeza de que você sofreu mais do que eu nesses últimos dias”, falei.

“Eu sofri”, concordou Ben. “Não sei por quê.”

“Porque você agiu contra sua natureza”, expliquei.

“E qual é a minha natureza, Harry? Já que você é o guardador da sabedoria.”

“Não sei”, falei. “Mas tentar forçar a si mesmo num papel que confunde seu espírito sempre vai quebrar você. Você me ensinou isso, e sempre vou lembrar.”

“Mas eu contendo multidões”, disse Ben. “Então por que é tão difícil?”

“Na verdade, não nos contradizemos”, falei, tentando colocar um significado nas palavras de Whitman. “Nós simplesmente não vemos as conexões, e então pensamos que estamos nos contradizendo. Ainda que, do nosso próprio ponto de vantagem, não somos nada além de contradições.”

“Eu não sinto assim”, ele disse. “Sinto como se eu fosse uma distorção, um gêmeo siamês. Tenho um coração, mas dois de tudo o mais.”

“Então escute seu único coração, e ele vai te dizer aonde ir”, falei.

“Você realmente terminou comigo, Harry?”

“Desculpe por ter dito isso”, falei. “Sabia que era a única coisa que satisfaria seu pai. E talvez fosse o melhor para você, já que nenhum de nós pode viver simultaneamente em dois mundos.”

“Aquilo me feriu”, disse ele.

“Eu sei, e peço desculpas. Mas ando vendo as coisas de maneira diferente, como se estivesse numa árvore alta, olhando para o que está acontecendo lá embaixo. Sei que você está batalhando consigo mesmo, mas vejo você como algo perfeito, e amo você por isso.”

“Mas há uma distância. Você está na árvore e eu estou no chão, e há uma grande distância entre nós.”

Ben parecia muito triste. Eu compreendia sua batalha interna — qual o custo do progresso? Qual o custo da felicidade? Eu queria que houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudá-lo, além de ficar com ele e apoiá-lo em qualquer caminho que ele escolhesse seguir.

“Sei que nossa vida é de transigência”, ele disse. “Não posso dar a você o que você gostaria: um compromisso público. Tenho família e obrigações de negócios que impedem isso. Mas prometo a você, Harry. Este lugar que estamos construindo. Ele será sempre o nosso lugar. Vou me comprometer a isso com tudo o que sou. E, quando deixarmos esse lugar mais belo da terra, a eterna floresta voltará, para

tomar nosso lugar.

Naquela noite, antes do jantar, Serena estava elétrica. Estava pegando fogo. Colocou meu pai e eu para trabalhar, lavando a elegante louça da sala de jantar formal, onde jantaríamos. Depois disso, meu pai e eu fomos colocados para polir a prataria. Ela mandou Vovô Samuel varrer a varanda e lavar as janelas com vinagre e jornal.

Serena, por sua vez, assou e cozinhou e cortou e mexeu — a tigela de bater massa presa bem firme ao cesto de pão, e o pulso dela se movendo tão rapidamente que era só um borrão. Ela pausava com frequência para dar respiradas relaxantes, um *quase plié* com os dedos curvados nas pontas de seus graciosos braços dobrados, enquanto inalava e daí se dobrava para se esticar. Fiquei impressionado com a flexibilidade dela, mas também, uma máxima flexibilidade por parte de uma sedutora do seu calibre era de se esperar. Nós teríamos pão fresco e maionese de alho feita em casa, salada de erva-doce e laranja, e uma espécie de pasta de oliva, e um prato de carne crua cortada em fatias bem fininhas, que se chamava *carpaccio*. Ela devia ter encontrado a receita num exemplar de *Bom appétit*, pela frequência com que consultava a revista, aberta sobre o balcão da cozinha. Eu nunca havia comido carne crua, mas Serena me assegurou que eu ia gostar. “É um prato de verão”, disse.

Toda essa comoção era por que Richard, também conhecido como Dickie, viria para o jantar.

Dickie era o suposto namorado de Serena. Eu pensava nele como “suposto”, porque ele ainda não havia dado as caras na Casa Riddell, e que tipo de namorado é esse, que nunca vem na sua casa? Questionei Serena a respeito dele, mas ela foi menos do que acessível com os detalhes. Eu sabia que Dickie fazia negócios imobiliários, e que Serena supostamente trabalhava *com* ele, mas não *para* ele, mas não sabia como se conheceram, ou havia quanto tempo namoravam. Através de um processo de dedução, no qual levei em consideração não respostas, bem como respostas provavelmente falsas e respostas plausivelmente corretas, concluí que Dickie era responsável pelo arquivo azul do tamanho de um catálogo telefônico, que meu pai andava carregando por aí desde que chegáramos. Propostas para a Venda de...

O que queria dizer que Dickie fazia parte do acordo, o que era bom, porque ele ajudaria a facilitar a reunião de meus pais, além do quê, explorar a terra na venda resultaria em todo mundo ficando feliz outra vez. Mas também era ruim, porque o acordo ia contra os desejos de um fantasma que parecia me haver escolhido para comunicação direta, e para a implementação de um plano completamente diferente. E, para ser honesto, eu não tinha certeza de que queria ter conversas com um fantasma, especialmente se o fantasma estava tentando me dizer para fazer algo que destruiria os planos do meu pai e, sem dúvida, levaria por água abaixo qualquer esperança que eu pudesse ter de reunir meus pais. Então, foi com certa medida de precaução que esperei o encontro com Dickie. Porque eu não estava certo sobre como Dickie veria os últimos acontecimentos na saga da Proposta para a Venda de...

Dickie chegou, e era um homem enorme. Tinha uma quantidade incrível de carne,

amontoada sobre uma estrutura de quase dois metros de altura, e ela inteira estava metida dentro de um terno leve que claramente fora comprado vinte quilos atrás. A carne dele estava literalmente caindo pelas costuras da roupa, e dava para ver os pontos de costura de sua camisa através da jaqueta. Dava para ver as costuras das cuecas através das calças. O tamanho dele me fez temer por Serena. Lembro de ficar em dúvida se ele poderia esmagá-la, quando faziam sexo.

Dickie entrou cozinha adentro com gotas de suor na testa e, quando se sentou, eu me senti pequeno e insignificante, como se ele pudesse me esmigalhar com uma de suas mãos do tamanho de uma peça de presunto.

“Trevor, este é Dickie”, anunciou Serena. “E agora preciso ir me arrumar. Estive cozinhando a tarde inteira.”

Ela deslizou para fora da cozinha como sempre fazia, seus belos dedos azuis mal tocando o solo, mas apenas conduzindo-a. E daí Dickie me olhou.

“Quantos anos você tem?”, perguntou ele, com uma impressiva voz de barítono, que ressoou no meu diafragma.

“Catorze”, respondi. “Recém-completados.”

“Então me chame de Richard”, Dickie disse. “Você não vai conseguir manter uma cara séria se for me chamar de Dickie, vai?”

“Dickie”, eu disse, com vontade de rir.

“Você sorriu.”

“Não sorri.”

“Você é bom”, disse ele. “Foi só no canto da boca, mas eu vi. Mais como uma careta.”

“Dickie”, eu disse outra vez, e Dickie me encarou até que eu risse.

“Richard”, eu disse, e não sorri.

“Viu?”

“Mas o que acontece quando *ela* chama você de Dickie?”

“Danos colaterais”, disse ele. “Sabe o que significa?”

“Mortes não intencionais de civis durante um ataque militar.”

“Se você ri quando é *ela* quem diz”, disse Richard, “não posso reclamar. Mas, se você rir quando *você* diz, vou querer arrancar o riso da sua cara com uma bofetada, e tenho um problema muito grande com autocontrole. Então me chame de Richard. Você sabe como abrir uma garrafa de vinho?”

Ele me passou um engradado com seis garrafas de vinho tinto. Peguei uma das garrafas, encontrei um saca-rolha numa gaveta, e canalizei meu pai — tirando rolha quando eu era criança — e tirei a rolha da garrafa com uma habilidade que impressionou até a mim mesmo.

Richard serviu um copo para si. Agitou o vinho, segurando a base da taça entre os dedos e movendo a mão rapidamente em pequenos círculos. Levantou a taça e examinou o vinho na luz. Deu um gole.

“Não vai beber?”, perguntou ele.

“Vou, sim”, respondi. “É que... É meio cedo para mim.”

“Em algum lugar já são dezessete horas”, disse Richard. “Pegue uma taça.”

Peguei uma taça, e Richard derramou um pouco de vinho nela. E me mostrou como colocar

os dedos em torno da base e agitar.

“É preciso arejar o vinho”, disse Richard. “Ele é meio jovem. É preciso abri-lo. Decantam-se vinhos velhos devido à borra. Decantam-se vinhos jovens para arejar.”

Ele levantou sua taça e examinou-a à altura dos olhos. Imitei seus movimentos.

“Está vendo as lágrimas?”, perguntou Richard. “O vinho que fica nas paredes da taça. Isso indica o conteúdo alcoólico da bebida.”

Estudei minha taça, procurando as lágrimas.

“Quando beber, você deve sorver”, disse ele. “Para sentir aquele arejo extra. Ele libera o aroma, que, é claro, é como se prova. Se você fecha o nariz, você não sente o gosto muito bem. Certo? Se você tem um resfriado.”

“O sentido do olfato funciona em conjunção com as papilas gustativas”, confirmei. Ciência. “É simbiótico.”

“Você sabe do que estou falando. Agora sorva, e me diga o que pensa.”

Sorvi. Tinha gosto de vinho.

Não que eu já tivesse tomado muito vinho. Umás duas vezes. Quando meu pai ficou bêbado, no Dia de Ação de Graças, e me serviu umas poucas colheres num vidro de geleia, e minha mãe o xingou. Foi mais ou menos só isso. Meu pai também já me havia dado álcool desse jeito. Quando a minha mãe não estava por perto, ele me dava um pouco. Ele disse que não deveriam me ensinar que bebida era tabu, ou eu ia começar a exagerar na faculdade.

Ainda assim, eu não estava muito certo de que meu paladar era lá sofisticado o suficiente no que dizia respeito a vinhos. Para mim, ele tinha gosto vermelho.

“Impressionante”, eu disse.

“Parker deu noventa e três de nota para ele”, vangloriou-se Richard. “Isso é bastante. Vinte e um dólares por garrafa no Pete. Ganhei um desconto pela caixa. Dez por cento. É o que fazem lá no Pete: desconto de caixa por meia caixa. É assim que se consegue fregueses leais, Trevor. Posso chamar você de Trevor?”

“Meus amigos me chamam de Esperto”, falei.

“Verdade? O.k. Esperto. A coisa é a lealdade do freguês. O relacionamento pessoal. Apertar a mão de um cara e olhá-lo nos olhos e dar sua palavra. Esses advogados. Eles estão por toda parte. São como gafanhotos. Meu contrato é com um cara como você, Esperto? Meu contrato está aqui, no meu aperto de mão, nos meus olhos, no meu coração.”

“Isso é pra valer”, eu disse.

“Pra valer.”

Tomei outro gole do suco vermelho. Sorvi para arejar e notei o sorriso de aprovação na cara do Richard.

“Richard”, eu disse.

“Sim?”

“Só praticando.”

“Eu sei por que chamam você de Esperto”, disse ele, inclinando-se para trás, dando um gole no vinho e admirando a cor de groselha, enquanto levantava a taça à janela, a fim de examinar a clareza; imitei seus movimentos. “Sabe o que sua tia me disse? Ela disse: ‘Esperto é o garoto que eu teria, se tivesse tido um filho’.”

Pensei sobre isso por um tempo, mas não por muito. Porque era um elogio, mas também me fazia lembrar de que eu tinha catorze anos e não vinte e três. Eu seria sempre um garoto para a maturidade de Serena.

“Você não quer ter filhos?”, perguntei. “Quero dizer, com Serena?”

“Já tenho filhos”, disse ele. “São perdedores incompetentes; tudo o que trabalhei duro para lhes dar foi desperdiçado. Gastei mais dinheiro em seguro de carro e pensão alimentícia para aquela loba da mãe deles do que gastei na educação deles. Filhos adultos estão sempre buscando primeira oportunidade de fazer você entrar para uma comunidade de idosos no Arizona. E acredite, eles ficam rezando para que a gente morra bem rápido, para que recebam o dinheiro pelo qual a gente trabalhou tanto, mas não dividimos.”

Pensei um pouco sobre o que ele estava dizendo.

“Isso realmente me deprime.”

“O que o deprime não é o que eu disse, mas o curtimento do vinho”, disse ele, fazendo pouco do que eu dissera com um aceno de mão. “Eles suprimem seus proprioceptores. Você se sente deprimido, ainda que não esteja.”

“Estou certo de que estou.”

“Tequila é um bom antídoto. Mas talvez você seja muito jovem para tequila. Mais vinho ajuda. Atenua o desespero.”

Ele despejou mais vinho na minha taça. E eu gostei daquele cara; ele me tratava como se eu fosse só outra pessoa, e não como se ainda fosse inexperiente.

“Vamos dar uma caminhada”, disse ele.

Levamos nossas taças para fora e passeamos pelo campo, que estava lindo, com a alta grama seca e flores selvagens lilases e brancas, e os gafanhotos com suas pernas fazendo barulho. Quando eu era pequeno, gostava de pegá-los e brincar com eles. Quando tinha catorze anos, eu nem mesmo tocava em um; assustava-me segurar uma vida nos dedos daquele jeito. Talvez eu pensasse que isso também era parte do pecado original; nosso banimento do Éden; não mais sentíamos uma conexão com os insetos.

Enquanto passeávamos pelo campo, notei que conseguia ver o topo de uma árvore que estava lá atrás nas profundezas do mato, mas que ainda era mais proeminente que as demais. E me lembrei de tê-la visto da mansarda do quarto secreto. Olhei para a casa e daí para o celeiro; eu estava triangulando. Queria encontrar aquela árvore.

“A Casa Riddell fica em duzentos acres de terra”, disse Richard, varrendo o horizonte com as mãos. “É uma boa área para uma moradia de família. Quando Elijah construiu este lugar, não havia outras casas por quilômetros. Haviam cortado tudo, e ninguém o queria. Elijah tinha sua casa na cidade, e o que ele chamava de sua Propriedade do Norte — bem aqui — onde ele entretinha a alta sociedade de Seattle. Só mais tarde outras pessoas ricas começaram a construir ao redor da Casa Riddell, na esperança de que um pouco da grandeza de Elijah Riddell sobrasse para elas. Eles costumavam chamar essa comunidade fechada de Propriedade do Norte. Tudo uma questão de marketing.”

“Então todas essas outras casas vieram depois?”

“Sim, vieram. A Casa Riddell foi construída durante os anos de 1890. A Propriedade do Norte foi desenvolvida nos anos entre 1910 e 1920, em sua maioria. Os donos das outras

propriedades pagaram Elijah para deixá-los dizer que elas estavam conectadas, mas a Casa Riddell não fazia parte do tratado da Propriedade do Norte, e, portanto, este lugar não está subjugado às restrições de zoneamento e de tamanho de lotes da Propriedade do Norte, etc. etc. Tenho certeza de que você consegue extrapolar.”

“Extrapolar?”

“Siga a linha pontilhada. Mesmo quando não há pontos para seguir.”

“Ah, tá”, falei.

“Não há restrições de convênios ou zoneamento neste pedaço de terra”, disse Richard. “É como se estivéssemos numa reserva indígena. Aqui, estamos acima da lei. Compensação por sermos os primeiros e etc. e tal. *Primeiras Nações*. Recebemos alguns benefícios que não foram concedidos aos demais.”

“Mas não fomos os primeiros”, apontei. “Os índios foram os primeiros. Elijah tirou esta terra dos índios.”

“É uma metáfora”, disse Richard. “Você só fica mexendo nela por um pouco, e daí ela começa a se perder.”

Chegamos ao despenhadeiro. Espiei sobre a borda e dei um passo atrás. Eu não gostava de alturas na época, e não gosto agora tampouco. Fui para longe da borda até me sentir a salvo.

“Como você sabe tudo isso?”, perguntei a Richard, para me distrair da minha morte certa no fundo do despenhadeiro. Será que ele me trouxera ali por algum motivo? Será que ia me matar? Empurrar? Toda aquela história sobre a Propriedade do Norte!

“Pesquisa, Esperto. Pesquisa.”

“Você é historiador?”

“Boa pergunta. Sim, de certo modo sou um historiador. Vendo história. Vendo *casas*.”

Ele não disse mais nada, e, ainda que eu pudesse entender um pouco o seu conceito, queria que ele explicasse, então disse: “Fico fascinado com essa ideia, Richard. Será que você se importaria de destrinchá-la para mim?”

Eu estava pensando na sra. Friedman, minha professora de inglês do oitavo ano, que usava a frase. “Vamos destrinchar este poema”, diria ela.

“Eu adoraria destrinchar isso para você, Esperto”, disse Richard. “Casas, mesmo as novas, têm história. A história de seus criadores. E, no caso de uma casa antiga, a história de seus antigos donos. Você sabia que — com mais frequência nos velhos tempos; não estou certo se ainda se vê isto hoje em dia — os artesãos que trabalhavam numa construção deixavam pedaços de si mesmos nas paredes?”

“Como assim?”

“Um baralho de cartas, ou uma foto, ou uma bugiganga qualquer. Era necessário haver trabalhadores muito habilidosos quando construíam paredes com ripas e gesso. Não como hoje, que se joga alguns parafusos para reboco num pedaço de folha de gesso, e pronto. Quando era preciso fazer trabalho *de verdade*, os artesãos achavam que a casa detinha parte do seu espírito. Eles queriam imbuir a casa com a alma deles. Meu trabalho, quando estou querendo vender uma casa, é compreender que meu cliente não está comprando um monte de quartos anônimos, colados um ao outro numa configuração mais ou menos conveniente. Meu cliente está também comprando *a história* daquela casa.”

“Entendo”, falei. “Aqueles artesãos. Os que imbuem a casa com uma alma. Isso é uma condição permanente? Quero dizer, espíritos e coisas assim.”

“Há uma história de uma ocorrência assim. Mas você sabe como é difícil de comprovar. Logo que você liga uma câmera...”

Ele fez um som de pufe, e sacudiu sua mão vazia como um mágico, revelando que a moeda desaparecera.

“Você sabe o que é incenso?”

“Como um fogo?”

“Não um fogo. *Incenso*. Pega-se um ramo de ervas secas — sálvia é a mais comum — e acende até que arda. Daí você abana o ramo pelos quartos da casa, enquanto caminha por ela.”

“E o que isso faz?”

“Limpa as energias negativas. É algo que você deve fazer, quando se muda para uma nova casa. Livra de feitiço ruim, se há algum.”

“Feitiço ruim?”

“Algumas vezes, você precisa limpar mais do que feitiço ruim”, ele disse. “Sempre há gente que faz esse tipo de coisa. Luzes que se acendem e se apagam sem explicação. Vozes.”

“Toca-discos que se ligam misteriosamente”, adicionei.

Ele levantou os olhos para mim, indagando, mas não elaborei. Fiquei me perguntando se Richard ouvia vozes na Casa Riddell.

“Há pessoas a quem você pode chamar, para purgar uma casa de uma alma presa.”

“Almas ficam presas?”, perguntei.

“Você nem imagina”, disse ele, levantando uma sobrancelha.

“Você purgou a Casa Riddell de almas?”

Richard me olhou de maneira séria.

“Algumas almas não querem ser purgadas”, disse ele.

“E daí o que você faz?”

“Você derruba o lugar e começa do zero. É isso o que você faz. Você traz as escavadeiras.”

“E se as almas ainda ficam?”, perguntei. Eu sentia meu pulso se acelerando. Talvez Dickie fosse o cara certo para lidar com aquele dilema. “E se eles ainda ficam por aí depois disso? E se as almas estão em uma missão, ou algo assim, e se recusam a ir embora até terminar a tal missão?”

“A essa altura, não é mais problema seu”, disse Richard. “Você fez tudo o que podia. Agora é problema das pessoas que vão comprar o lugar. Ninguém disse que você tem que ser perfeito, só disseram que você precisa fazer o que puder.”

Aquela resposta não me pareceu muito esperançosa ou convincente.

“Quantas vezes você já vendeu uma casa assim?”, perguntei.

“Uma reconstrução depois de uma demolição? Não é muito comum. Mas tenho esperança. Certa empresa de tecnologia de computação se tornou pública há alguns anos. Estamos às portas de uma explosão econômica de imenso significado no ramo imobiliário. Logo vai haver um monte de gente realmente rica em Seattle, querendo comprar terras realmente caras para suas novas mansões. Acho que você pode ver aonde quero chegar.”

“Mas, quero dizer, com uma alma presa?”, persisti.

“Claro. Geralmente o incenso limpa tudo. Uma vez tive que trazer alguém para uma casa, você sabe, um profissional. Mas aquela foi uma situação especial, envolvendo um assassinato-suicídio na cozinha. Foi muito brutal. Nem quero entrar no assunto.”

“Então você não tem muita experiência com um lugar como este”, eu disse.

“Uma reconstrução como *esta*?”, Richard praticamente gritou, numa surpresa fingida. “Tenho uma *tonelada* de experiência com lugares como este. Por que você acha que Serena veio a mim?”

“Humm... Não sei... Vocês trabalham juntos, né?”

“Trabalhamos juntos?”

“Você sabe, ela trabalha *com* você. No seu escritório, né?”

“Ah, sim”, disse ele cautelosamente. “Claro.”

“Ela está no mesmo departamento que você? É uma empresa grande? Como é trabalhar com alguém que você está namorando?”

“Ah... Humm... É uma empresa grande o suficiente para que nós não nos vejamos muito”, disse ele. “Nós como que temos nossa própria coisa, entende, para manter um senso de profissionalismo no local de trabalho.”

“Claro”, falei, mas notei que ele me lançou um olhar nervoso.

“O negócio é que, comigo, você está em boas mãos, amigo”, disse ele, sorrindo com audácia. “Este projeto está bem no meu ramo.”

Ele virou a taça e a esvaziou.

“Vamos voltar a casa. Parece que meu vinho acabou.”

Deixamos o despenhadeiro e começamos a caminhar pelo campo.

“Você já pensou em ter um mentor?”, perguntou Richard, enquanto caminhávamos.

“Um mentor?”

“Você sabe, um cara que ajuda com...”

“Eu sei o que é um mentor”, falei.

“Já pensou em encontrar um? Você parece precisar de direção.”

“Eu *estou* precisando de direção, Richard.”

Ele concordou significativamente, e eu sabia que ele estava falando sobre si mesmo.

“Você aceitaria ser meu mentor, Richard?”, perguntei.

“Eu poderia”, disse ele. “Acho que sirvo bem para você. Um equilíbrio de experiência de vida real, e de... você sabe, coisas mais esotéricas.”

“Conceitos?”

“Cogitações é a palavra que eu estava buscando, acho.”

“Estou disposto a tentar”, disse. “Acho que estamos na mesma vibração.”

“Seria preciso um certo comprometimento”, disse Richard, depois de um momento.

“Como o quê?”

“Verdade, honestidade, integridade”, disse ele. “E lealdade. Acima e além de tudo, verdade, honestidade e integridade, eu exigiria lealdade. Lealdade sobretudo. Você precisaria fazer um juramento.”

A grama do campo estava muito alta. Fez-me pensar na antítese de gramas selvagens: gramado aparado. Era melhor cultivar nosso gramado, ou deixá-lo crescer selvagem?

“Acho que não posso fazer isso, Richard”, falei. “Eu nunca colocaria lealdade acima de verdade, honestidade e integridade. Não é assim que faço as coisas.”

Richard concordou para si mesmo.

“Serena disse que você não aceitaria.”

“Mas você pensou em tentar mesmo assim?”

“Busque o ponto fraco, Esperto”, disse ele. “Você sabe como funciona a coisa. Sempre busque o ponto fraco.”

“Serena pediu para você fazer isso?”

Richard parou e colocou sua pata carnuda no meu ombro.

“Serena está preocupada com você, Esperto. Não podemos ter nenhum desertor nesta família. Precisamos trabalhar todos juntos, rumo ao bem maior. Você entende isso, não é?”

“Enviaram você para conversar comigo?”

Richard mais ou menos deu de ombros: sim.

“Eu não sou o ponto fraco!”

“É o que parece. Esqueça essa de mentor. Ainda podemos ser amigos, certo? E amigos cuidam de amigos.”

“Não posso me comprometer, Richard. Mas vou considerar como um conselho.”

“Esperto como você é”, disse ele, “preciso adverti-lo contra ficar no caminho do progresso. Ao olho não treinado, as coisas podem parecer de um jeito, mas posso assegurar que há muita coisa acontecendo atrás do cenário, e seria bom que você levasse isso em consideração, antes de começar a mexer na panela de sopa de alguém mais.”

Pensei um pouco sobre aquilo.

“Tenho certeza de que essa é uma metáfora de duplo sentido”, falei. “Estou advertido. Mas não me peça lealdade sobre verdade. Nunca faça isso.”

Richard deu uma risada e se voltou em direção a casa.

“Serena precisa da nossa ajuda”, disse ele. “Está quase na hora do jantar, e, como tenho certeza de que você sabe, ela é muito pontual no jantar.”

O jantar foi servido na sala de jantar com todas aquelas coisas elegantes — toalha de mesa de renda e guardanapos passados e talheres de prata verdadeira, que tinham que valer uma fortuna. Ficamos reunidos em uma das pontas da mesa, já que ela era absurdamente comprida; podiam sentar-se pelo menos umas trinta pessoas ao redor dela. Vovô Samuel explicou que, quando Elijah, e depois Abraham, faziam jantares, a mesa inteira ficava cheia de gente. As pessoas mais importantes de Seattle. Elas vinham para mostrar respeito para com Elijah Riddell. Eu podia ver que Vovô Samuel estava inventando a maior parte daquilo. De jeito algum ele poderia ter estado lá. Mas não disse nada, porque era divertido ouvir. Ele tinha uma voz melódica, quando começava a contar histórias; era quase como se estivesse cantando.

Mais ninguém estava prestando atenção. Meu pai e eu estávamos sentados em lados opostos da mesa, e Serena estava praticamente sentada no colo de Richard; quando ela não estava ocupada levando e trazendo comida junto com meu pai, ela estava sussurrando ao ouvido de Richard. Achei o comportamento deles inapropriado, não porque eu não gostasse de Richard,

ou porque estava desejando Serena. Acho que eu simplesmente não entendia a atração dela por ele.

“E o grande acordo com a Ferrovia do Pacífico Norte?”, perguntei, quando Vovô Samuel estava falando sobre a imensa antiga fortuna de Elijah. Ele parou de repente. “A grande união”, repeti, tendo aprendido a respeito na biblioteca.

Serena deu uma gemida alta e pediu desculpas com incisiva impaciência.

“Isso foi há muito tempo”, disse Vovô Samuel.

“Nos velhos tempos. No início de 1900.”

Ele me olhou por um longo tempo. Serena estava se escondendo na cozinha, então ela não estava lá para interromper. Richard e meu pai ficaram quietos, mas estavam observando e ouvindo. Eu sabia.

“Você conheceu Elijah?”, perguntou Vovô Samuel.

“Isto aconteceu há quase cem anos”, eu disse. “Eu fui à biblioteca. Eles têm todos os antigos jornais em microficha.”

Vovô Samuel esfregou seu rosto de lixa; eu podia ver seus dedos se arranhando contra os bigodes.

“Me conte sobre Elijah”, disse ele.

“Ele queria fazer um acordo sobre a ferrovia”, comecei, e daí olhei para meu pai, que também estava paralisado. “E ele queria que seu filho se casasse com a filha de James Jerome Jordan, o magnata da ferrovia. O nome dela era Alice. Era um casamento arranjado, que selaria o acordo. Mas seu filho era gay, e tinha um namorado. Vocês não sabem disso? Eu acabei de chegar aqui. Vocês todos deveriam saber.”

Mas eles não sabiam. Eles me olharam sem expressão.

“Richard”, falei. “Você é o historiador. Você conhece a história desta casa.”

“Essa parte eu não conheço”, disse ele.

“Benjamin amava Harry...”

“Harry!”, ecoou Vovô Samuel.

“Harry Lindsey”, confirmei. “O túmulo dele está na Colina do Observatório, ao lado do de Ben. Eles escalavam árvores juntos na costa. Ben deveria se casar com Alice, para que o acordo se firmasse, mas daí Harry faleceu. No dia seguinte, Ben faleceu.”

“Como eles morreram?”, perguntou Richard.

“Ainda não sei. Mas eles morreram com um dia de diferença, e foram enterrados lado a lado.”

“Como você sabe isso que você *sabe*?”, perguntou meu pai.

“Eu disse, fui à biblioteca e li antigos jornais.”

“Tudo isso estava nos jornais?”

“Não”, admiti, perguntando-me até que ponto deveria continuar. “Encontrei alguns antigos registros, e um diário.”

Eles se entreolharam com o que pensei ser confusão no rosto. Mas daí eu me dei conta de que não era confusão. Era uma preocupação beirando agitação.

“Você encontrou registros?”, perguntou meu pai. “Onde?”

“Serena nunca mencionou um diário”, adicionou Richard, parecendo especialmente

consternado.

“Não estou em liberdade de divulgar minhas fontes”, disse rapidamente. “E, de qualquer forma, o ponto principal não é esse. O ponto principal é que as pistas estão por toda parte, mas ninguém quer admitir. Há fantasmas nesta casa. Papai, você viu alguém na escada quando era garoto — um espírito.”

“O poder da sugestão”, cortou ele.

“Vovô. Você disse que Ben se senta com você.”

“Não, não”, falou o Vovô Samuel, franzindo a sobrelha para Richard. “Eu não falei isso.”

“Você falou que o Ben senta com você no celeiro. Ele te conta histórias sobre o Harry.”

“Não, não”, insistiu ele, “eu não disse isso.”

Vovô Samuel ficou dando olhadas para Richard, e percebi nele uma tensão, então voltei-me para Richard.

“Dickie”, disse eu, sem sorrir. “Você me contou sobre todas essas casas e suas histórias e espíritos presos e manchas.”

“Assisti episódios demais de *Em busca de...*”, disse Richard. “E não me chame de Dickie.”

Eles não iam admitir coisa alguma. Estavam com medo de admitir que acreditavam que o inacreditável ia descarrilar seus planos para a Casa Riddell. Eu me dei conta de que provavelmente não deveria contar mais nada do que sabia, até que eu mesmo soubesse mais. Era cedo demais para mostrar minhas cartas, quando nem todas elas haviam sido jogadas.

“Quero salientar a necessidade de que todos nós estejamos de acordo”, disse Richard, depois de uma longa pausa. “O trenó não anda a menos que todos os cachorros puxem juntos.”

“Você ouviu os passos”, eu disse ao meu pai, fazendo uma última tentativa.

“Você ouviu os passos?”, Vovô Samuel perguntou rapidamente.

Meu pai me deu uma olhada, mas daí desviou o olhar.

“Não”, ele disse. “Não ouvi nenhum passo.”

“Mas você está aqui para encontrar Isobel?”, perguntei.

“Vovô Samuel tem o título da casa”, disse meu pai, ainda sem me olhar. “Ele precisa assinar os papéis.”

“Ou vamos ter que declará-lo incompetente pelo juiz”, adicionou Richard. “O que é um processo muito mais longo e trabalhoso.”

Depois de outro silêncio, Vovô Samuel falou. Com a cabeça baixa, e sem se dirigir a ninguém em particular, ele disse: “Vovô Samuel tem síndrome de Alzheimer”.

“Doença”, corrigiu Richard. “É uma doença, não uma síndrome. É importante utilizar a nomenclatura correta.”

Então Serena entrou, com uma bandeja de sanduiches e bebidas pós-jantar, e colocou a bandeja sobre a mesa.

“Dickie!”, bradou ela. “Sua sobremesa favorita!”

Olhei para os demais homens à mesa, e percebi que tudo o que havíamos discutido havia sumido, varrido para baixo dos caros tapetes orientais. Havíamos falado de coisas, mas não se falaria mais sobre elas. Comemos a sobremesa sombriamente, silenciosamente, olhos fixos

nos pratos. Serena sacudiu a cabeça para si mesma, porque ela não entendia, na verdade, o que estava acontecendo.

Quando havíamos consumido o suficiente, Serena se levantou da mesa.

“Vamos dançar”, sugeriu ela com grande entusiasmo. E fomos para o salão de baile.

O lustre jogava uma luz brilhante contra o teto, e antigos candelabros pingavam luz amarelada paredes abaixo. Serena estendeu o braço atrás da cortina do pequeno palco, e acendeu as luzes dele, que eu não havia notado antes. Luzes como as que se vê no teatro, mas mais pequenas, atarraxadas a um cano de metal preso ao teto. No meio do palco, estava o velho toca-discos.

“A Mamãe nos ensinou a dançar, não é mesmo, Irmão Jones?”, disse Serena, tirando um disco da capa e colocando no prato. “Como ensinei ao Dickie.”

Ela começou a tocar o disco, e Vovô Samuel, meu pai e eu assistimos, enquanto Richard se aproximou dela e curvou-se. Serena fez uma reverência. A música era vagamente barroca, ainda que eu não me considerasse de forma alguma qualificado para identificá-la com precisão. Era parecida com o tipo de música que minha mãe colocava na estação de rádio, nas quintas, quando limpava a casa. Eu escutava, se estivesse doente, talvez, ou em férias escolares. Lembrei-me daqueles dias de música alta, e minha mãe limpando furiosamente. Havia instrumentos de sopro, e elas não eram lentas, mas especialmente rápidas. Qualquer que fosse aquele tipo de música, para sempre vou associá-lo ao cheiro de desinfetante.

Richard abriu os braços, Serena deu um passo em sua direção, e tomou suas mãos, e eles começaram. A dança deles era desajeitada e sem graça. Serena mantinha o queixo levantado e o rosto sem expressão; ela não olhava para Richard. Richard era desleixado e seus movimentos não tinham nenhuma precisão. Na maior parte do tempo, ele parecia perdido. Eu podia ver que Serena, às vezes, apertava a mão esquerda dele, dando uma dica de aonde ir. A música se arrastou e finalmente terminou. Serena se curvou elegantemente à audiência; Richard se desmoronou, aliviado. Todos nós aplaudimos. A música seguinte começou, mas Serena levantou a agulha antes que ela continuasse. Pegou o lenço do bolso de Richard e secou a testa dele.

“Nossa, como você transpira!”, disse ela.

Voltou sua atenção para meu pai.

“Irmão Jones”, disse, maliciosamente. “Não vai me tirar para dançar?”

Meu pai saudou-a com um gesto de mão e se aproximou. Com uma mão atrás das costas e a cabeça curvada, ele ofereceu a outra mão.

“Irmã Serena”, disse ele. “Posso ter a honra?”

Ele me olhou e acenou com a cabeça em direção ao toca-discos. O disco ainda estava girando e o braço estava levantado. Alinhei a agulha aos sulcos escuros o melhor que pude, e baixei-a. A música começou.

Eu só havia visto meu pai dançar uma vez na vida, num casamento ao ar livre em Connecticut, ao qual meus pais me levaram. Era outono, e os aquecedores a querosene dentro da barraca rugiam, tentando afastar o frio da noite vindo de fora. Meus pais estavam brigando.

Não com raiva, mas estavam brigando. Atirando remarques. As coisas estavam começando a se desfazer no trabalho do meu pai, e havia muita tensão no ar. A noiva era a filha de um cara rico, para quem meu pai havia construído um barco no passado, e acho que minha mãe estava zangada só com a ideia: quando meu pai construía barcos, nós tínhamos um futuro e tínhamos segurança, e essas coisas iam ser tiradas de nós, porque ele não estava mais construindo barcos.

O noivo fez um discurso, e todo mundo aplaudiu e brindou, e a banda começou a tocar. Meu pai fez um gesto para minha mãe quando os convidados foram para o tablado de dança, mas minha mãe o ignorou. Ela olhou para o outro lado e pegou sua taça de vinho, esnobando meu pai. Eu me lembro de que meu pai sacudiu a cabeça para si mesmo e pegou sua própria taça de vinho, e pronto. Mas daí ele me olhou e sorriu, como se tivesse acabado de se lembrar de que eu estava lá. Ele pegou um guardanapo de cima da mesa, colocou-o na grama aos pés de minha mãe, e pegou na mão dela. Ele disse algo que não consegui ouvir, e daí deixou sua testa cair contra os joelhos dela. Ela olhou para ele por um longo tempo, e daí sorriu. Soltou a mão dele e tocou levemente a sua testa. Ele olhou para cima e ela fez que sim. E daí eles dançaram. E lembro-me de pensar o quanto eu os amava. Um monte de garotos do colégio nem mesmo *gostavam* de seus pais, mas eu amava os meus. E tinha fé de que eles sempre ficariam juntos.

Naquela noite, com Serena no salão de baile — a segunda vez em que vi meu pai dançando — pude ver onde ele aprendera a dançar como havia dançado com a minha mãe. Meu pai e Serena dançavam como se fossem um. Eles pareciam não ter ossos, braços e pernas se movendo juntos, rostos para lá e para cá, em círculos, e daí ele a rodopiava e daí a deixava quase cair, e ela apontava os dedos dos pés e curvava as costas, e ele a recolhia muito rápido, jamais com um momento de dúvida ou hesitação. Ele estava seguro. Seu corpo estava ereto e contraído. Ele estava na liderança, e Serena respondia a cada comando como se os dois tivessem ensaiado por anos. Eles estavam prontos para uma competição.

Quando a música terminou, eles pararam. Vovô Samuel aplaudiu alto, e eu levantei a agulha. Serena e meu pai se curvaram um para o outro. E Richard disse: “Eu consigo dançar assim”, irônico, e Serena pegou o lenço dele para secar sua própria testa, e fez uma careta para ele.

“Ninguém dança como Irmão Jones”, disse ela em uma voz alta o suficiente para que todo mundo ouvisse — mas especialmente Richard —, e ele se sentiu mal, eu podia ver no seu rosto. Ele parecia derrotado.

Serena se aproximou de mim, e o desejo se levantou no meu peito. Ela era tão sexy que algumas vezes eu achava que a minha cabeça ia explodir. Estava envergonhado dos meus sentimentos: sentia um calafrio no estômago quando ela olhava para mim, e minha boca ficava seca e eu ouvia minhas próprias palavras através dos ouvidos dela, e sabia que eu soava como um idiota. E agora. Havia gotas de suor no peito dela, e seu vestido era lindo, e, ainda que estivesse usando sapatos e eu não pudesse ver seus dedos, ainda assim eu sabia que eles estavam lá. Ela olhou para baixo ao sorrir para mim, porque, usando saltos, estava mais alta do que eu.

“A Mamãe nos ensinou a dançar”, ela disse para a sala. “Ela era dançarina, não é, Papai? Ela era a mais linda dançarina. Antes de ficar doente, ela dançava para nós.”

“Bons tempos aqueles!”, gritou Vovô Samuel, surpreendendo a todos nós.

“Antes que ficasse tão doente que não podia mais dançar, ela ensinou Irmão Jones e eu a dançar, para que pudéssemos dançar para ela. Era a esperança dela, viver na nossa dança. Nós a carregávamos pela escada — Vovô Samuel e seu pai a carregavam. Eu era só uma menina — e ela se sentava numa cadeira contra aquela parede ali. Eu me pergunto o que aconteceu com aquela cadeira. Esteve lá por anos! Devemos tê-la colocado em algum lugar; não jogamos nada fora nesta casa. Seu pai e eu dançávamos para ela a noite toda. Não é mesmo, Irmão Jones?”

“É, sim”, disse meu pai, e notei uma pequena mudança nele. Quando ele e Serena haviam começado a dançar, ele estava confiante e alegre. Até mesmo feliz. Mas com a conversa sobre Isobel, sua atitude ficou sombria. Não muito. Mas ele ficou melancólico.

“Bons tempos aqueles!”, repetiu Vovô Samuel, de maneira um pouco mais suave.

“Será que a Rachel dança?”, perguntou Serena, olhando diretamente para meu pai.

“Um pouco”, respondeu ele.

“*Um pouco?* Fico desapontada que você não tenha se casado com uma parceira de dança. Pense em todo o prazer que você negou a si mesmo e a ela pelos anos afora. Mas daí, talvez sua omissão tenha sido deliberada. Talvez você estivesse se guardando para mim.”

Ela manteve o foco no meu pai por diversos minutos. Eu fiquei incomodado com meu pai por diminuir a capacidade de dançar da minha mãe, e estava incomodado com Serena pela possessividade dela em relação ao meu pai, mas, bem naquela hora, ela se voltou para mim e sorriu, e meus pensamentos pararam completamente.

“Você é o próximo”, disse ela. “Não é difícil. Siga-me.”

Subitamente, ela tomou minhas mãos. Subitamente, estávamos na pista de dança. A música começou. Ela se inclinou e colocou os lábios no meu ouvido. “Você é um boneco macio”, sussurrou ela. “Eu sou uma menina que quer brincar com você.” E ela me levou em uma direção e daí em outra, e *era* fácil. Desde que eu não colocasse peso nos pés, desde que meus braços fossem firmes, mas maleáveis. Desde que eu me apercebesse que, quando ela apertava minha mão, seguíamos em uma direção, e quando ela apertava meu ombro, seguíamos na outra. Quando ficava nervoso, quando não sabia em que direção ir, ela cantarolava no meu ouvido, e eu imediatamente me sentia como líquido, e conformava meu corpo ao dela, e ela me movimentava com segurança.

Com os olhos semicerrados, ela não me via. Sua face pressionada contra a minha, ela não me ouvia. Eu estava possuído por ela. Ela me encantara e faria comigo o que bem entendesse. Eu vira como ela dançava com meu pai, a maneira como eles dançavam, e eu queria me parecer com ele. Mantive o queixo elevado, minha mente e meu rosto em branco. Dei-me a ela e ela dançou comigo como se sempre dançássemos, como se sempre dançaríamos juntos. Como se fôssemos para sempre um.

A dança acabou e ela fez uma reverência. Eu me curvei. Os outros aplaudiram nosso esforço, e, quando nos separamos, ela se inclinou e beijou meu rosto.

“Você é melhor que seu pai”, sussurrou ela. “E ele não é *nonpareil*.”

Eu me senti enrubescido e vitorioso, mesmo que não tivesse nem ideia, naquela época, do que vinha a ser “*nonpareil*”. Richard desceu para pegar limonada. Serena dançou com Vovô Samuel e fez meu pai dançar comigo, o que era meio estranho, mas eu queria dançar, então

dancei. Eu nunca havia dançado antes, então nunca soube como adoraria dançar. Adorei a sensação de deslizar pelo chão com alguém me guiando sem palavras, mas com gestos. A camisa do meu pai era áspera e ele cheirava como homem. Eu preferia dançar com Serena. Mas ela estava me provocando, então eu sabia que ela ia se manter distante, mesmo que fosse só para provar que podia. Ela queria que eu me lembrasse daquele nosso momento, eu sabia. Que era assim que ela fazia as coisas. Minha percepção do que ela estava fazendo só me fazia doer ainda mais por ela.

Richard voltou com uma bandeja de copos, uma jarra de limonada e uma garrafa de vodca. Fizemos uma pausa e ele nos serviu de bebidas. Fiquei um pouco desapontado quando ele não serviu vodca na minha limonada, mas eu era só um garoto, afinal de contas, então entendi. Vovô Samuel começou a falar sobre Isobel. De como ela dançava. Como ele a encontrou, depois que seu pai havia doado tanto dinheiro para a universidade, depois que colocaram o nome de seu pai num prédio e, ainda que ele já tivesse recebido uma educação superlativa na faculdade mais elite da nação, Vovô Samuel ainda gostava de andar pelo campus da universidade, sentando nas aulas e aprendendo coisas, fumando cigarros e bebendo café e pensando grandes pensamentos. Ninguém o incomodou durante sua autodirigida educação pós-graduação. Sabiam quem ele era. Outros estudantes falavam sobre ele, mas raramente falavam *com* ele. Ele lia os livros que eram designados para as aulas que assistia. Ainda que não participasse dos debates em classe, ele entregava os ensaios requeridos junto com os demais estudantes, e os ensaios voltavam a ele sem nota, mas com anotações e comentários. E foi assim que ele viveu seus anos depois dos vinte, porque não tinha muita coisa para fazer. O exército não o aceitou, por causa dos dedos que faltavam, então ele não participou da Segunda Guerra Mundial. Seu pai não o empregava, porque Abraham achava que seu filho era um idiota incompetente. O que mais tinha ele a fazer, além de fumar, tomar café e aprender coisas? Ele era o neto de Elijah Riddell, afinal de contas. O filho de Abraham Riddell. Ele não precisava de nada mais.

“E daí ele encontrou a Mamãe”, disse Serena.

“Bons tempos aqueles!”, Vovô Samuel sussurrou, quase inaudível.

“O que aconteceu então?”, perguntei.

“Ela queria dançar em Nova York, não é mesmo, Papai? Então Papai e Mamãe se mudaram para Nova York. A Mamãe era uma dançarina maravilhosa, mas em Nova York... bom, só os melhores dos melhores podem se candidatar. E ainda que influência tenha muitas formas, Vovô Abe não quis fazer aquela doação, não é, Papai? Vovô Abe não quis fazer o investimento financeiro necessário para assegurar a aceitação da Mamãe numa academia, e assegurar uma posição numa companhia importante.”

“Por que não?”, perguntei.

“A natureza subjetiva da verdade outra vez levanta sua cabeça horrorosa”, replicou Serena. “Papai pensou que era porque Vovô Abe não aprovava a Mamãe especificamente, e as artes em geral. Mais tarde, ficamos sabendo que Vovô Abe, na verdade, não tinha nenhum dinheiro sobrando que não fosse emprestado, portanto, não havia dinheiro para dar. Ainda assim, é com o resultado que se vive, e não com a causa. Depois de anos de frustração, eles se mudaram de volta para cá. Mas se mudaram já casados, e daí Vovô Abe não podia mais negar a Mamãe,

não é mesmo?”

“Nós nos casamos em Tarrytown”, disse Vovô Samuel. “Pegamos o trem. O juiz nos casou, e depois caminhamos até o rio.”

“Era um lindo dia de outono”, disse Serena.

“Bons tempos aqueles!”

Ficamos todos pensando nossos próprios pensamentos, que eram todos diferentes, porque éramos todos pessoas diferentes. Mas eu sabia que todos nós tínhamos nossas próprias versões de Vovô Samuel e Isobel, recém-casados, caminhando pelas margens do rio Hudson.

“Quando eles se mudaram de volta para cá”, disse Serena, “Vovô Abe ficou furioso. Ele deu a Papai um trabalho contando troncos de madeira, se é que dá para acreditar, e fez Papai e Mamãe viverem na cabana. Você já viu a cabana?”

Pensei por um momento, e me ocorreu a ideia de que eu *havia* visto a cabana. Na verdade, eu havia estado dentro dela.

“Eles viveram lá?”

“Viveram. Por muito tempo. Não tiveram permissão de ficar na casa principal. Não até a Mãe dizer para Vovô Abe que estava grávida do seu pai.”

“Não entendo”, eu disse. “Por que Vovô Abe era tão ruim?”

“Ele não era ruim, Trevor”, disse Serena. “Ele estava cheio de ódio. É diferente. Só porque você está cheio de ódio, não quer dizer que você seja ruim.”

“Não?”, fiquei me perguntando.

“Não. Se ele fosse ruim, teria separado os dois. Ele teria enviado Vovô Samuel para trabalhar nas florestas de Montana ou Oregon, em algum lugar onde a Mãe não poderia ir com ele. Ele teria feito com que ela esperasse por ele durante anos, até que a juventude dela se fosse. Ele teria interceptado as cartas deles, para alimentar crescentes dúvidas. Ele teria usado de toda a sua influência para destruir o amor deles. Se ele fosse ruim, Trevor, ele teria partido o coração deles, mas os manteria vivos, para que sentissem para sempre a dor que infligira, restos de corações partidos, apertados firmes nos seus punhos ensanguentados.”

Quando ela terminou, o silêncio correu a preencher o vazio de suas palavras.

“Você é escritora?”, perguntei, depois de um tempo.

“Não descoberta!”, disse ela, e levantou-se rapidamente. “E acabou nosso descanso, acho eu!”

Foi preciso encontrar um novo álbum, uma nova música. Serena colocou um disco de jazz, mais lento, menos louco que a polca, ou seja lá o quê que ela estava usando para nos matar. Uma mulher estava cantando, e ela tinha uma voz mesmerizante, baixa e gutural.

Notei que meu pai mudou um pouco quando ouviu a música, ficando mais tenso do que estava antes.

Serena voltou-se para ele e estendeu a mão, mas ele não a tomou. Encarou-a, e sacudiu lentamente a cabeça.

“Não posso fazer isto”, disse ele. “Não posso. Não é certo.”

Mas Serena não se abateu. A dez passos de distância um do outro, eles estavam num impasse que não entendi.

“Estou pronto para mais uma”, Richard se meteu, mas Serena levantou a mão para detê-lo.

“Tudo bem ter sentimentos, Irmão Jones”, disse ela. “Tudo bem lembrar.”

Ela foi até ele e tomou suas mãos, e começou a dançar com ele. Ele dançou, mas não foi a mesma coisa de antes.

“Não entendo”, sussurrei para Vovô Samuel. “Quem está cantando?”

“Billie Holiday”, respondeu ele. “A favorita de Isobel.”

Ah, percebi. Eles estavam mexendo em terreno altamente explosivo.

Eles dançaram, só os dois, enquanto a música terminava e outra começava. Daí mais uma. Vovô Samuel estava fixado neles, com um olhar de adulação, como se não pudesse pensar numa cena mais maravilhosa. Richard ficava olhando para seu relógio. Finalmente, depois da terceira dança, ele se levantou e limpou a garganta. Serena e meu pai pararam de dançar, ainda que a música continuasse a tocar. Meu pai olhou para Richard, mas Serena manteve os olhos no seu parceiro de dança.

“Tenho uma reunião bem cedo”, anunciou Richard.

“Quando vou vê-lo outra vez, meu amor?”, Serena perguntou, ainda sem olhar para ele.

“Gostaria de passar por aqui amanhã, para me encontrar com Irmão Jones.”

“Tenho certeza de que está bom”, Serena respondeu, olhos ainda fixos no meu pai, o que achei meio esquisito. “Dirija com segurança”, disse ela.

Richard fez uma careta, talvez perguntando a si mesmo se deveria continuar a conversa; contudo, pensou outra vez e simplesmente disse: “Boa noite, meu amor”, e saiu.

E Serena e meu pai ainda não se moviam. Era como se eles fossem feitos de cera. Ouvimos Richard descer as escadas, a porta da frente abrir e fechar. Ele se fora.

A música parou. O disco terminara e o prato girou sem fazer música.

“Coloque outro”, Serena disse ao meu pai.

Ele caminhou para o toca-discos, mas parou antes de chegar.

“Não posso mais fazer isso”, disse ele. “Você não é Mamãe. Ela não está aqui.”

Ela não disse nada por um momento. Daí falou. “Esperto Trevor.”

“Sim, Só Serena?”

“Seja bonzinho e coloque Vovô Samuel na cama, tá? Ele sabe o que fazer, mas vai tentar escapar e não fazer. Faça com que ele escove os dentes e use o banheiro. Pegue um copo de água da cozinha. E faça com que ele coloque o pijama. Se você não disser, ele sobe na cama de roupa, e daí acorda no meio da noite, chorando e confuso. Pode fazer isso por mim, Trevor?”

“Posso, sim.”

“Seja firme, Trevor”, disse ela. “Mas seja gentil também. As pessoas respondem melhor se compreendem a firmeza de sua vontade, mas acreditam em você se você é gentil com elas.”

“Sim, Tia Serena.”

Guiei Vovô Samuel para fora do salão de baile. Quando saímos, olhei para trás. Serena tinha ido até meu pai. Ela tinha puxado a cabeça dele para seu ombro. Ele parecia estar chorando.

O quarto de Vovô Samuel era pequeno e cheirava a gente velha. A única janela não tinha

cortina para abrir ou fechar, mas um cobertor grosso havia sido pregado sobre ela. Fiquei me perguntando por que, numa casa com tantos quartos, alguns deles bem opulentos, Vovô Samuel vivia num minúsculo quartinho dos fundos. Era quase como uma cela. Havia uma pia no canto, e um gabinete de remédio. Nada estava guardado; roupas limpas estavam dobradas e empilhadas na cômoda e na poltrona. A porta do armário estava aberta, e ele estava cheio de velhos casacos esportivos de tweed.

“Escove os dentes”, eu disse, e ele escovou.

“Coloque o pijama”, eu disse, e ele colocou.

“Vá fazer xixi”, eu disse, e ele aquiesceu. Caminhou até a pia do canto, abriu a torneira, puxou seu pau de velho e começou a mijar na pia. Eu não queria assustá-lo, então não disse nada até ele terminar.

“Não podia ter feito isso na privada?”, perguntei.

“Acorda Serena”, disse ele. “Eu uso a pia. Ela não acorda.”

Não expliquei a ele que Serena não estava lá para acordar. Ela estava lá em cima, dançando lentamente com o irmão.

Vovô Samuel subiu à cama, que era quase uma cama de criança. Uma cama de solteiro, que fazia com que ele parecesse grande. Puxou as cobertas até o queixo e me olhou. Com seu cabelo espalhado no travesseiro daquele jeito, ele parecia até engraçadinho.

“Amo você”, disse ele do nada, e me surpreendeu que o dissesse. Fiquei me perguntando se ele sabia quem eu era.

“Sou o Trevor”, disse. “Seu neto.”

“Esperto!”, ele sorriu.

Então ele sabia, sim.

Apaguei a luz e deixei-o dormir. O local dos empregados, que era onde Vovô Samuel e, presumidamente, Serena viviam, tinha seis portas de quartos de dormir, adjacentes a uma sala de estar comum a todos, que não era muito grande, mas incluía uma kitchenette e uma mesa grande, um sofá e um monte de cadeiras. Imagino que, nos tempos antigos, os empregados faziam seu próprio jantar. A kitchenette era desarrumada, e obviamente bem utilizada, e, quando a vi, dei-me conta de que havia esquecido a água do Vovô Samuel. Abri os armários em busca de um copo, o que encontrei, mas só depois de encontrar um gabinete cheio de mais ou menos cinquenta latas de sopa de tomate e dezenas de caixas de biscoitos cracker. Abri um pequeno refrigerador embaixo do balcão, buscando por uma garrafa de água, mas ele só continha latas de café Folgers e litros de leite semidesnatado. Eu me lembro de ficar pensando em como a Casa Riddell era infinitamente esquisita. Enchi o copo na pia e levei até Vovô Samuel, que já estava adormecido. Coloquei o copo na mesa, atrás da cabeça dele.

Quando cheguei ao salão de baile do terceiro andar, ouvi música, mas não ouvi passos. Dobrei a esquina e cheguei à porta, e os vi. Eles mal estavam dançando. Estavam bem abraçados, inclinando-se de um lado a outro em tempo com a música, muito lentamente. A cabeça do meu pai estava baixada, e eles se embalavam para lá e para cá, enquanto Billie Holiday cantava uma canção triste e sombria para eles.

Serena levantou os olhos para mim enquanto dançavam. Ela sacudiu levemente a cabeça, e saí do quarto.

“Strange fruit” — cantava Billie Holiday.

Estranho fruto mesmo!

Tentei dormir, depois daquela noite em que dançamos no salão de baile, mas foi difícil. Foi estranho ver meu pai choroso e vulnerável daquele jeito, segurando-se seladamente à Serena. Olhando para trás agora, acho que a explicação mais simples para o que aconteceu no salão de baile naquela noite foi um irmão e uma irmã consolando-se um ao outro devido à morte da mãe — algo que não haviam podido fazer antes, porque meu pai fora mandado embora. Mas, enquanto a lenta dança de meu pai com Serena parecia ser uma recriação dos tempos com sua mãe, os motivos de Serena eram questionáveis.

Deitado na cama, considerei a possibilidade de estar imaginando o que estava acontecendo na Casa Riddell. Serena e meu pai dançando daquele jeito, o fantasma de Benjamin, os passos de Isobel à noite, meu avô demente. Talvez fossem tudo criações da minha mente — o Grande Enganador exibindo suas habilidades pirotécnicas. Talvez *eu* fosse uma criação da minha mente. Seria possível? Se fosse — se eu tivesse sido engolfado pela minha própria insanidade — alguma rara forma de esquizofrenia adolescente — eu me lembro de esperar meio desesperado que alguém viesse me procurar. Esperava que alguém me resgatasse do desespero, enquanto vagava pelos corredores ocultos da minha mente.

E se ninguém pudesse me salvar — se fosse tarde demais —, eu esperava que alguém pelo menos validasse minha existência. Esperava que alguém contasse às pessoas que eu havia lutado um bom combate. Tentara muito fazer o mundo ter sentido. Mas eu tinha, para me apoiar, apenas a mim mesmo, e o que pudesse catar das minhas experiências, e isso não era nem um pouco suficiente.

Eu não estava pronto para o que estava por vir. Mas então, se minha mãe estivesse ali — se ela tivesse sido capaz de me chamar naquele momento, para conversar por uns minutos —, ela provavelmente teria dito, naquele seu modo de alguém que tem os pés na terra: “E *quem* está pronto?”.

Ainda assim, alguém precisava explicar a aliança do meu pai. Aquilo não era uma criação da minha mente. Era real. Abri a gaveta da minha mesinha de cabeceira, para olhar a aliança mais uma vez antes de cair em um sono irrequieto.

*

Ele corre pela mata a toda velocidade, galhos batendo contra os braços, seus pés encontrando o próprio rumo no caminho desigual, como se tivessem olhos, como se tivessem senso de onde deveriam levá-lo. Ele está cheio de uma euforia que jamais conhecera. Uma sensação de liberdade e felicidade e perdão e aceitação e amor.

Ele precisa contar a Harry o que disse Alice, como ela havia respondido ao seu pedido. Ela compreendia. (Finalmente, alguém neste mundo compreendia?) Ela era esclarecida como ele havia pensado que era, mas ele não tivera fé. Não até Harry

convencê-lo de confiar nela. “Se ela ama você”, Harry havia dito, “ela não vai querer que você seja infeliz.” E Harry estava certo!

Ele corre mais rápido ainda, e sente o esforço de seus músculos, seus pulmões respirando apressadamente, engolindo ar, mas com confiança e poder, não por falta, não por medo. Ele é uma máquina viva que digere o combustível e exterioriza a energia como parte da natureza. Ele é um homem natural, honesto, vivendo uma vida honesta e natural.

Harry não está na cabana — mas onde? Ben precisa encontrá-lo.

Ele vê uma nota sobre a mesa. Um bom dia para uma escalada.

Ele sorri. Verdade, era um bom dia para uma escalada. E já que o ombro de Harry havia sarado o suficiente para escalar outra vez, ele andava escalando quase todos os dias!

Ele sai correndo da cabana, por outro caminho, adentrando-se mais profundamente na mata, até que chega à árvore — a mais alta, em quilômetros e quilômetros. A região inteira entre Mukilteo e Seattle havia sido desmatada anos atrás, apenas a Propriedade do Norte havia escapado. E esta árvore era a mais majestosa de todas. À base da árvore, ele olha para os galhos. Lá está Harry. Subindo ou descendo, Ben não sabe.

“Harry!”, grita Ben para a figura tão acima dele, uns quarenta e cinco metros ou mais, emaranhado nos galhos. “Harry!”

A figura para e olha para baixo, por entre as pernas.

“Venha comigo!”, vem o chamado de volta.

“Desça aqui!”, grita Ben. “Tenho notícias!”

“Notícias?”

“Desça aqui!”

E assim a figura desce. Ben sente seu sangue correr pelas veias, de tão em sintonia ele está com o próprio corpo. Porque está livre.

“Rápido!”

Harry desce rapidamente. Ele está de pés descalços e sem luvas, com uma corda enrolada sobre o ombro e o pescoço, para usar como talabarte.

“O que houve?”, Harry pergunta, ainda descendo.

“Ela nos libertou, Harry! Ela nos libertou! Não preciso me casar com ela!”

Harry para e olha para Ben.

“E o que acontece com o iminente acordo de seu pai?”

“Ela disse para que eu não me preocupasse. Ela cuidaria de tudo. Ela falaria com seu pai. Não vê, Harry? Você me disse para ser verdadeiro para comigo mesmo. Eu fui honesto com ela, e ela entendeu. Harry, ela entendeu!”

“Há-ha!”, Harry ri com vontade. “Então você vê?”

“Vejo!”

Harry se apressa na descida. Mais rápido. Como uma aranha, ele desliza de galho em galho, ágil e gracioso.

“Cuidado!”, avisa Ben, mas Harry ri e se movimenta ainda mais rápido. Ele está

quase no galho mais baixo.

E daí acontece, como se os dois soubessem que aconteceria. Harry não consegue se segurar num galho e escorrega.

“Harry!”, grita Ben.

Harry se atira e se segura no galho mais abaixo, enquanto suas pernas se debatem perigosamente abaixo dele.

“Nossa!”, diz ele, dando risada. “Essa foi quase!”

“Você está bem?”, pergunta Ben.

“Sim.”

“Suba então, você está me assustando!”

Harry se puxa e joga o braço esquerdo sobre o galho. Prepara-se para jogar a perna para cima, sobre o galho, quando ambos ouvem um estalo sonoro. Harry grita, perde contato com o galho e cai, ficando suspenso pelas mãos.

“O que houve?”, pergunta Ben.

“Meu ombro. Saiu outra vez.”

E, com essa, o braço esquerdo de Harry se solta do galho e cai a seu lado. Ele se segura com uma mão.

Ben está cheio de maus presságios. O ombro de Harry. O que ele, Ben, deslocara.

“Consegue se segurar?”, diz ele a Harry, mas já sabe a resposta. “Se segure. Vou pegar minhas coisas no celeiro. Vou subir aí para te buscar.”

“Não vá, Ben.”

“Por que não? Segure-se só por dois minutos que já volto. Você consegue!”

“Não consigo...”

“Harry, só tente!”

“Não”, diz Harry. “Ben, eu não quero estar sozinho ao morrer.”

“Harry, não seja absurdo, só se segure mais um pouco...”

A mão de Harry se afrouxa. Ele não consegue mais se segurar. Ele cai.

Quase em câmara lenta, ele cai em direção ao solo, sem se debater, sem gritar. Quase pairando. Flutuando gentilmente, como se anjos o estivessem sustentando, embalando.

Ele atinge o chão com um baque doentio, e Ben grita. Harry, seu amor, jaz partido no chão a seus pés, as pernas retorcidas sob o corpo, braços abertos, um deles distorcido, afastado demais do corpo. Ben cai de joelhos.

Os olhos de Harry estão abertos, vermelho vivo devido aos vasos sanguíneos rompidos. Sangue escorre de sua boca e seus ouvidos, e do seu nariz, bolhas de sangue se formam, quando ele tenta aspirar o ar para dentro dos pulmões.

“Harry!”

Ben toca gentilmente seu rosto. Harry, o que você fez? Inclina-se e beija Harry, e volta com sangue nos lábios. O sangue de Harry.

Harry dá seu último suspiro, e então seu corpo se sacode em um espasmo. O ar escapa com um arquejo, seu corpo relaxa, e seus olhos ficam vazios, porque sua alma se foi, Harry está morto.

O rosto de Ben se contorce em agonia. Lágrimas brotam de seus olhos e correm pelas suas bochechas, como se tivessem medo dele. Levanta o rosto ao céu e uiva, deixando escapar um som que assusta os pássaros e os veados e congela todos os que conseguem ouvir os ecos, que se estendem por quilômetros. Abraça Harry e segura-se a ele, chorando, incapaz de suportar a angústia, até que encontra forças de levantar o rosto, e uiva outra vez, e outra vez.

Em flashes, eu vejo o resto. Ben carrega o corpo de Harry para o celeiro, e coloca-o sobre a bancada de trabalho. O celeiro está cheio de ferramentas para madeira, utilizadas pelos artesãos que construíram a Casa Riddell, e Ben começa a trabalhar na construção de um caixão. Noite afora ele constrói, e, pela manhã, está terminado. Coloca Harry no caixão, e usa um carrinho de duas rodas para levá-lo até a Colina do Observatório, onde cava um túmulo. A chuva vem antes que ele termine. O buraco começa a se encher de água e barro, mas Ben persevera, porque nada pode pará-lo. Eu gostaria de ajudá-lo, enquanto ele luta contra o desmoronamento das paredes de terra, frustrado, confuso. E, de algum modo, sei que posso. Acredito que posso. Então pego uma pá, entro no buraco, e me junto a ele.

Ben para de cavar por um momento, levanta os olhos para mim, sacode a cabeça em reconhecimento.

Juntos, cavamos a cova de Harry.

Parei no vestíbulo, ao pé da escada. Toquei a escultura de Harry, da mão de madeira; ela estava aquecida. Olhei sobre meu ombro; ainda era de manhã, então o sol ainda não havia se movido para a parte da frente da casa. Mas a mão estava aquecida, como se pelo sol. Eu sabia que ela verdadeiramente continha a energia da casa, e criava seu próprio calor.

Pensei a respeito outra vez, mas as coisas estavam nebulosas. Quando foi que começara a ter os sonhos de Ben? Há quanto tempo estávamos ali? Eu comecei a ter os sonhos depois que encontrei a mão no celeiro. Mas quando vi Isobel dançando pela primeira vez? Quando encontrei o alçapão e me encontrei com Ben no porão? Depois que a mão havia sido recolocada no poste. Quando Vovô Samuel tirou a mão, anos atrás, Ben lutou para ser ouvido, e a família se fraturou. Isobel estava certa: a mão era a fonte do poder da Casa Riddell. Benjamin agora podia ser ouvido, mesmo que apenas por mim.

Estávamos ali por mais de uma semana. Disto eu tinha certeza.

A fantasmagórica visão de cavar o túmulo de Harry com Ben me encheu de esmagadora tristeza. Senti a necessidade de fazer algo físico, para clarear a mente, então fui até Vovô Samuel no celeiro. Ele havia me ensinado a usar o torno — não me lembro de aprender, mas sabia que sabia —, então era isso o que eu ia fazer. Faria uma perna de cadeira. Apertei um pedaço de dois por quatro entre o cabeçote e o cabeçote móvel. Calibrei o apoio, peguei meu cinzel e coloquei o fuso em movimento. Com passadas lentas e cuidadosas, cortei pela madeira enquanto movimentava o cinzel ao longo do apoio, passada a passada, até que ela estava quase cilíndrica. Parei o torno e olhei minha criação. Era um poste, ainda que meio torto. Dei-me conta, depois de algumas tentativas, de quanta prática Vovô Samuel deveria ter, para fazer as elaboradas hastes que fazia. Eu claramente não era bom naquilo.

Ainda que ele não servisse para nenhum propósito, havia uma certa satisfação em fazê-lo. O cheiro da madeira. O seu toque. O som. E daí pegar meu poste e usar o cinzel, que descascava tiras encaracoladas de madeira, aumentando a largura da estria à medida que ela ficava mais profunda. Era uma experiência sensorial, que sustentava a teoria de Isobel de que estamos aqui neste mundo apenas para usar nossos sentidos. Comer e beber e suar e sentir medo e sentir contentamento e, fundamentalmente, sentir amor.

Naquela manhã, enquanto Vovô Samuel e eu trabalhávamos no torno, senti minha tristeza desaparecendo. O foco e a atenção exigidos pelo trabalho deram-me um grande alívio, e senti-me satisfeito. Queria praticar até que minhas pernas de cadeira ficassem tão perfeitas quanto às de Vovô Samuel, que estava fazendo pernas de cadeira havia anos, como uma linha de montagem sem outras estações além daquela. Fiquei me perguntando se algum dia apareceria um homem com um caminhão, para levar as hastes. “Estou pronto para aquelas dez mil pernas de cadeira que pedi”, diria ele. E todos nós ficaríamos maravilhados de que Vovô Samuel estava trabalhando no seu torno por um motivo.

Talvez aquele homem fosse Deus.

“Tire a haste”, disse Vovô Samuel.

Retirei a perna do torno.

“Sinta”, disse ele.

A madeira estava aquecida e perfumada. Eu me senti como Harry deveria ter se sentido, ao esculpir a mão de Ben. A alma da madeira se entrelaçando ao meu espírito, aos espíritos que viviam nas anotações, e nas cartas de baralho escondidas nas paredes. A Casa Riddell respirava. Movimentava-se. Deslizava tão vagarosamente que nem notávamos.

Na hora do almoço, levei Vovô Samuel morro acima, até a casa, e fiz sanduíches. Serena estava no trabalho, mas havia bastante peru assado no refrigerador, e Serena havia feito pão, então ele estava legal e macio. Meu pai havia estado em uma sessão a portas fechadas com Richard a manhã inteira, na biblioteca. Não sei sobre o quê estavam falando — risque isso —, eu sabia *exatamente* sobre o quê eles estavam falando. Terminei os sanduíches, peguei um pacote de batatas chip da despensa, e duas cocas da geladeira.

A camiseta do Vovô Samuel tinha um logotipo vermelho e azul, e dizia:

NÃO PRECISAMOS NOS PREOCUPAR

SOMOS EXXON

NA EXXON SOMOS PARTE DO PROBLEMA

Ele sorriu e apertou os olhos. Tinha a boca cheia, e estava mastigando e mastigando. Tomou um gole de coca.

“Tendões”, disse ele.

Ele parou de mastigar e tinha uma expressão estranha no rosto. Colocou o dedão e o indicador na boca e ficou procurando. Tirou um pedaço de peru e colocou no prato.

“Não gosto de tendões”, disse ele.

Não acho que Vovô Samuel fosse louco. Eu nem tinha certeza de que ele era demente. Mas eu *sabia* que ele era esquisito.

“Quer que eu examine seu peru, para ver se tem tendões?”, perguntei. “Tentei tirar todos...”

Ele me cortou com uma sacudida confiante da cabeça.

“Sanduíche bom”, disse ele, evidentemente satisfeito o suficiente para continuar a comer.

Quando estávamos terminando de almoçar, ouvi a porta da biblioteca se abrindo, e logo Richard e meu pai entraram na cozinha. Richard não tinha nada; meu pai estava carregando o grande arquivo azul e outras pastas, que ele colocou sobre a mesa. Richard disse olá rapidamente, sacudiu a cabeça para meu pai e daí se foi. Meu pai se sentou à mesa.

“Isso parece gostoso”, disse ele, de olho em nossos sanduíches.

“Não gosto de cebola”, disse Vovô Samuel.

“Você não pode tirá-las, já que não gosta?”, perguntou meu pai.

“Não coloquei nenhuma no sanduíche dele”, interrompi. “Ele não está reclamando sobre algo, ou querendo consertar algo. Ele está fazendo uma constatação de fatos. É isso o que ele faz. Ele é um *Magic 8 Ball* vivo. Você o sacode, vira de cabeça pra baixo, e ele diz algo. Algumas vezes faz sentido, algumas vezes não.”

“Uau”, disse meu pai. “Onde é que *eu* estive?”

“Na Academia Mount Sovern!”, Vovô Samuel deixou escapar. “Uma educação *decente*.”
Meu pai riu e olhou para mim.

“Pense nisso por um minuto”, disse ele. “Há dez mil colégios por aí que dão uma educação ‘superlativa’, ou uma educação ‘excelente’, ou uma educação ‘fabulosa’. Meu pai me mandou para um colégio que dava uma educação ‘decente’.”

Não cedi à autopiedade do meu pai.

“Quer que eu te faça um sanduíche?”, perguntei.

“Eu adoraria que você fizesse”, retrucou, “mas sinto que talvez alimente um ressentimento, então eu mesmo vou fazer.”

“Eu faço.”

Então eu fiz um sanduíche — com cebola — enquanto ele folheava seus papéis e Vovô mastigava seus tendões. Quando voltei à mesa com um prato para meu pai — incluindo um palito de pickles — vi que ele havia desenrolado alguns desenhos — algum tipo de mapa topográfico — e abriu o arquivo para espalhar uma série de brochuras coloridas. Ele me agradeceu pelo sanduíche, e deu uma mordida, enquanto admirava seu display.

Peguei umas brochuras para uma comunidade de idosos. A Casa Kensington. Parecia magnífica. Ficava em Bothell, perto do lado norte do lago Washington. A brochura estava cheia de fotos de velhos sorrindo e dando risada, jogando bridge e croquete, visitando museus e indo a concertos em parques. Parecia muito boa. Se eu fosse idoso, ia querer morar lá. Tinham um clube de leitura nas noites de quinta-feira. Faziam ioga, e tinham três restaurantes e mais um café no terreno.

“Peço desculpas por ter ficado zangado na última vez que tocamos neste assunto”, disse meu pai a Vovô Samuel.

“Assunto?”, perguntou Vovô Samuel.

“O futuro da Casa Riddell”, disse meu pai.

Vovô Samuel ficou com uma expressão azeda no rosto. Inclinou-se para trás e olhou fixamente para o prato, mastigando o lado da bochecha. Seus olhos ficaram emaciados, como se tivesse desligado a mente.

“Ou não”, completou meu pai.

Senti meu estômago se contrair: uma pancada de culpa, ou conflito interno. Outra vez eu estava sendo forçado a encarar meu dilema. Claro que queria que meu pai fosse bem-sucedido, conseguisse dinheiro, e daí voasse para a Inglaterra comigo, para que pudéssemos viver felizes para sempre, como uma família. Mas, ao mesmo tempo, eu não queria que meu pai fosse bem-sucedido a custo da destruição do que sobrara do legado de Ben. Eu não queria decepcionar Ben. Por mais que quisesse que meu pai tivesse sucesso, também queria que ele falhasse. Fiquei me perguntando o que teria acontecido, se eu tivesse ido com minha mãe para a Inglaterra durante o verão, e nunca tivesse visto a Casa Riddell. Ah, os caprichos do destino!

“Por que você não conta *para mim* a respeito?”, sugeri prestativamente, depois de um tempo.

“Esqueça”, gemeu meu pai, com desgosto.

“Não”, persisti. “É sério. Me conte sobre o plano. Essa Casa Kensington parece bem legal. Você a viu?”

“Não”, resmungou meu pai. “Não vi.”

“Talvez devêssemos conferir. Ver em pessoa como ela é. Veja, Vovô”, disse eu, mostrando a brochura. “Veja toda essa gente idosa se divertindo.”

Vovô Samuel levantou uma pálpebra e espiou a brochura sem se mexer, como um lagarto tomando sol numa pedra; ele nem se preocupou em *se mexer*.

“Não gosto de gente”, disse.

“Claro que você gosta”, eu disse alegremente. “Você apenas *não conhece* muita gente.”

“As pessoas que conheço, não gosto.”

“Você precisa encontrar *essas* pessoas. Essas pessoas são superlegais. E quando você as conhecer... Você não me conhecia até algumas semanas atrás, e você gostou de mim, não é?”

“O único”, ele admitiu relutante.

“Então é possível. As noites de sexta-feira são noites de filmes. Eles mostram os clássicos. Filmes que você não vê há anos.”

“Não gosto de filmes”, resmungou ele.

“Esqueça”, disse meu pai, sacudindo a cabeça. “Deixe que ele morra e seja enterrado nesta casa, pelo que me toca. Esta é a única coisa que pedi a ele na vida. Nunca pedi dinheiro ou confiança ou amor, e ele com certeza nunca ofereceu nenhum deles por si mesmo.”

Meu pai juntou as pastas e tentou pegar os desenhos, mas peguei antes, e os desenrolei.

“O que é isto?”, perguntei. “A Casa Riddell?”

Meu pai suspirou, resignou-se a participar na apresentação, e apontou para o meio do desenho de cima.

“*Esta é a Casa Riddell*”, disse ele. “Ali está a cabana. E está vendo o moinho ali, ao lado do riacho?”

“Fascinante”, falei. “Então isto é um... como é que se diz?”

“Um estudo do terreno. E, embaixo dele, há um mapa topográfico, e podem-se ver as colinas e o despenhadeiro.”

Coloquei o desenho de cima de lado, na mesa da cozinha, e ele começou a se enrolar, então gesticulei para meu pai, para colocar pratos dos sanduíches para mantê-lo reto. Daí estudei o mapa topográfico. Tinha um monte de linhas curvas fininhas.

“Quanto mais perto estão as linhas umas das outras, mais rápido muda a elevação”, explicou meu pai. “Cada linha denota uma elevação diferente, entende? Veja aqui, perto do despenhadeiro. As linhas estão tão perto umas das outras que são quase uma só linha. Este é o penhasco.”

“Ah”, disse eu, esfregando o queixo, fingindo nunca ter visto um mapa topográfico antes. “Entendo. E o que é este outro desenho?”

Meu pai esticou o mapa topográfico, e abriu o terceiro desenho. A Casa Riddell não aparecia nele. Nem a cabana. Mas o moinho sim.

“Esta é a disposição do terreno proposta. Os lotes são todos bem grandes, como você pode ver. Terrenos de alto valor. Muitos obstáculos. O caminho de acesso atual precisaria ser mudado, então esta é a nova estrada, e precisa haver um contorno no fim dela, aqui, para caminhões de incêndio. Faz parte do código de zoneamento.”

“E quantos lotes haveria?”

“Vinte lotes”, disse ele. “Dez acres cada um. É a lei do rendimento decrescente. Se

tentarmos colocar mais lotes, o valor por acre diminui. O valor limite parece ser vinte lotes de dez acres.”

“E a Colina do Observatório?”, perguntei, apontando para uma parte do mapa que havia sido isolada.

“Isso seria parte de uma reserva. O cemitério da família seria deixado intacto, com uma pequena cerca ao redor. E haveria uma placa sobre a história da Propriedade do Norte. Dois acres serão deixados para isso.”

“Uau”, eu disse, tentando parecer impressionado. Mas pensei: *dois acres entre duzentos? O legado de Benjamin Riddell reduzido a dois acres?* “Vocês pensaram em tudo.”

Meu pai me deu uma piscadela, o que me deixou puto da vida. Eu estava sendo forçado a vender uma ridícula proposta ao Vovô Samuel, e agora era um coconspirador?

Em 1990, todo mundo falava sobre esse tipo de coisa. Até eu, sendo um garoto, sabia. Chamavam-nas McMansions. Gente de dinheiro — não os super-ricos, com suas diversas casas e seus aviões particulares; apenas pessoas ricas comuns, que tinham uma casa grande e talvez uma propriedade em time-share numa estação de esqui em Montana — queriam seu espaço, seus quartos de dormir extra, seus quartos de vestir, suas garagens para quatro carros, e suas jacuzzis e adegas e piscinas e sistemas de sprinklers e cercas de cachorro invisíveis, e queriam seus assoalhos de madeira e seus eletrodomésticos de aço inox, e TV em cada quarto e sistemas de alarme para manter fora os demais. Eles queriam portões automáticos, e o número de suas casas em placas de bronze. Queriam calçadas bem iluminadas e lisas, para que as crianças e idosos não tropeçassem e arranhassem um joelho ou quebrassem um quadril. E eles não se davam conta de que estavam criando uma geração de crianças que não conseguiam caminhar em chão firme. Os desbravadores do mundo, portanto, seriam confinados a caminhos já pavimentados.

Mas eu me lembro bem claramente de ficar em pé na cozinha, naquela tarde, sentindo ondas de raiva contra meu pai. Eu tinha quase vontade de questioná-lo a respeito do impacto que aquelas vinte McMansões sem alma teriam no meio ambiente da região: o esgoto, os tóxicos fertilizantes escorrendo para a água potável, a emissão de dezenas de carros queimadores de gasolina higienicamente guardados nas suas garagens multicarros, sem falar da dizimação dos últimos poucos acres de antigas florestas urbanas.

Mas qual seria o benefício disso? Engoli meu discurso de justiça e pisquei de volta para ele. E quase me engasguei na minha própria miséria.

(Ben estava me ensinando, e eu estava aprendendo. Mas será que estava aprendendo suficientemente rápido?)

Uma das pastas cinza-escuro sobre a mesa tinha as palavras “Relatório de Inspeção da Casa Riddell” escritas na frente, em letras cor de prata. Peguei-o e folheei, enquanto meu pai se ocupava com os desenhos. O relatório estava cheio de informação e fotos e análises narrativas. Explicava do que a casa era feita — nada novo ali: era tudo de madeira — mas a inspeção visual das toras exteriores sugeria que provavelmente deveria haver podridão, e os inspetores recomendaram testes de furo, especialmente nas toras de suporte. E havia coisas sobre drenagem e alicerce e sistemas e segurança contra fogo — ou a falta deles. Basicamente, era como viver numa casa de gravetos. O fato de que ainda não havíamos

queimado até a morte era chocante.

“Não parece bom”, falei, e daí casualmente passei o relatório para Vovô Samuel, que pegou e folheou de verdade.

“Então demoraria um tempão para ficar aqui, né”, disse ao meu pai. “Quero dizer, se você quiser se assegurar.”

“Um tempo enorme”, disse meu pai.

“Quero dizer, para que esteja dentro dos regulamentos...”

“Ah, acho que não daria para fazer isso”, meu pai apressou-se em dizer. “Seria proibitivamente caro. E não é preciso fazer nada disso; uma casa já existente é ultrapassada. Quero dizer, em relação aos assuntos elétricos, e... Mas seria inteligente refazer a canalização. Você provou a água.”

“Tem sabor de ferrugem”, falei.

“Canos galvanizados. Eles têm tanta ferrugem e meleca que o fluxo fica restrito. A pressão da água no terceiro andar é praticamente inexistente.”

“Mas a pressão da água aqui embaixo está o.k.”, falei.

“Certo”, concordou meu pai. “Porque intensificaram a pressão para que funcionasse no andar de cima, mas agora está em torno de 120 ou 130 PSI entrando do contador, e, se alguma coisa quebra, vamos ter um sério dilúvio. Não. Se alguém tem intenção de viver aqui a longo prazo — ou curto prazo, para dizer a verdade —, deveria pensar sobre o encanamento, e fazer algo a respeito da podridão das traves que suportam o térreo. Essas são as duas coisas cruciais, só para manter a casa em pé. Seria bom instalar drenagem francesa nos cantos, para tentar canalizar a água da chuva para longe do alicerce. E não sei quando foi a última vez que o madeiramento foi tratado contra insetos roedores de madeira. Tem provas em todo o porão...”

“Cupim?”

“Besouro de madeira.”

“Besouro de madeira”, repeti seriamente, e daí voltei-me para Vovô Samuel, que estava lendo atentamente o relatório “O que você acha, Vovô?”

Ele levantou os olhos e, por um segundo, pensei que estava chorando. Mas seus olhos eram sempre assim. Pingavam e pareciam vidrados. Pensei que era algo de pessoas velhas. Ou talvez eu estivesse errado: talvez ele estivesse chorando.

“Não posso ir embora”, disse ele quietamente.

“Claro que pode, Papai”, disse meu pai, parecendo muito gentil. Acho que nunca antes ouvira meu pai se dirigir ao Vovô Samuel como Papai, exceto no primeiro dia. Meu pai se sentou numa cadeira à mesa. “Pense em como seria fácil. Homens de mudança viriam e fariam todo o trabalho. Há uma brochura bem aqui sobre diminuir quantidades de coisas. Pense em como todos nós ficaríamos confortáveis depois. Mas pense principalmente no Trevor.”

Meu pai estendeu o braço e me puxou para ele, como se estivéssemos fazendo um comercial para a Igreja dos Santos dos Últimos Dias, ou algo assim.

“Pense na faculdade do Trevor. Pense em dar a ele um bom começo de vida. Você sabe? Um dia ele vai querer começar uma família, e não seria bom que tivesse uma pequena poupança provida por você? Você sempre falou que Vovô Abe não te deixou nada. Não gostaria de

corrigir isso? Não gostaria de prover seu neto como gostaria que seu pai tivesse te provido? Você pode corrigir o erro de Vovô Abe. Você pode corrigir agora mesmo. Não seria bom?"

"Não posso ir embora", Vovô Samuel disse outra vez.

"Por que não?"

"Porque ela ainda está aqui."

Meu pai recuou um pouco.

"Ela não está aqui, Papai."

"Sim, ela está. Ela está aqui."

"Ela não está aqui, Papai. Ela está morta."

"Ela dança para mim à noite."

"Na verdade ela não dança", disse meu pai firmemente, e eu podia ver que as infinitas bondade e paciência que ele fingira ter, para nosso benefício, não eram infinitas coisa nenhuma.

"Serena diz que não consegue ouvi-la, mas eu consigo. À noite. Ouço-a dançando."

"Não é ela, Papai", disse meu pai, levantando a voz, a raiva tomando conta dele. "É o que Serena diz: são os esquilos dançando no telhado. É a chuva. São pica-paus picando este lugar aos pedaços."

"Algumas vezes escuto música."

"Que merda, Papai!", explodiu meu pai. Ele se levantou tão rápido que sua cadeira caiu para trás. "Não há música! Não há dança! Ela está morta, Papai. Ela está morta há muito e muito tempo. E ela não vai voltar, e o fantasma dela não está aqui, e ela não dança para você, e ela não toca Billie Holliday no toca-discos. Ela está morta!"

Fiquei perturbado com a raiva do meu pai, porque eu sabia — ou *acreditava* — que meu pai acreditava, *sim*, que era Isobel. Sua raiva significava que Serena o havia fisgado.

Vovô Samuel olhou de volta para o relatório e sacudiu a cabeça.

"Não", sussurrou.

Meu pai caiu em si. Sacudiu a cabeça, como para se livrar de teias de aranha. E daí colocou as mãos na mesa da cozinha e se inclinou em direção ao Vovô Samuel.

"Você ainda não consegue se mexer e ser um homem, né? Ainda não consegue fazer o que é certo para seus filhos e seu neto. Você tem a chance de ser um homem, mas você não se mexe e faz!"

Meu pai se ergueu em toda a sua estatura, juntou seus papéis e documentos. Lentamente rolou os desenhos. Moveu-se em direção à porta da cozinha, antes de olhar para trás uma última vez.

"Não me interessa muito", disse ele. "Tenho bastante tempo. Um dia você vai morrer e este pesadelo vai terminar. Mas eu me preocuparia com Serena, se fosse você. Ela está extremamente ansiosa. Se você arrasta essa coisa com médicos e audições de competência e tudo o mais, tenho a impressão de que ela vai tornar sua vida muito difícil. E quando ela ganhar — e ela vai ganhar, por sinal —, você pode dar adeus à Casa Kensington. Serena não está acima de se vingar. Por sinal, ela me mostrou o lugar onde ela realmente quer colocar você. Fica ao lado do Taco Bell, na Avenida Aurora. Você sabe, atrás do shopping com o 7-Eleven e a loja de paintball? Parece que eles subiram de classe na escala do Medicare, de

‘muito abaixo da média’ para ‘abaixo da média’. Boa sorte com essa, Papai. Tenho certeza de que Mamãe não vai dançar no telhado daquele lugar.”

Ele saiu.

Vovô Samuel começou a esfregar os cotos dos dedos com força, como se estivesse tentando tirar algo.

Eu odiava a ideia de vender a Casa Riddell para dar lugar a McMansões. Odiava porque não era o que Ben queria, e porque a Casa Riddell era tão importante para Vovô Samuel.

Mas meu pai era *meu pai*! E eu queria que ele gostasse de mim. Queria que ele me *amasse*. E queria que ele fosse feliz com minha mãe e eu, como havíamos sido. Porque nós *fomos* felizes uma vez. Sei que parece bobo, mas colher abóboras num dia frio de outono, seguir um riacho mata adentro em Connecticut por horas e horas, ou jogar pedras num furioso oceano de inverno... Eu me lembro dessas coisas. Eu me lembro de olhar para meus pais e saber o que é o amor de verdade. Eu me lembro tão claramente! Nos olhos deles! Entre eles! Eu via a energia que ia e vinha entre os olhos deles, e naquela corrente energética, o universo inteiro existia!

Suspirei profundamente, e Vovô Samuel olhou para mim, esperando. Triste e perdido.

Ele estava esperando que eu dissesse o que fazer.

“Vamos para o celeiro”, eu disse, e toquei no seu cotovelo. “Vamos fazer umas pernas de cadeira. Para que fiquem prontas quando o freguês vier pegá-las.”

“Alguém está vindo para pegá-las?”

“Ele está vindo”, disse eu. “Tenho certeza. Um dia ele vai vir.”

Vovô Samuel aquiesceu uma vez e deixou que eu o ajudasse a se levantar. E daí ele deixou que eu o conduzisse até o celeiro.

Escrevi até tarde no meu diário. Um pouco depois das onze horas, levantei-me para ir ao banheiro e ouvi vozes na cozinha. Serena e meu pai estavam conversando. Movi-me quietamente pelo corredor da escada dos empregados; desci ao primeiro andar, e parei dentro da porta. Empoleirei-me nos últimos degraus e, de lá, podia ouvir tudo.

“É como se ele tivesse um instinto para isso”, ouvi meu pai dizer. “Ele sabe exatamente o que dizer para me deixar louco.”

“Paciência, Irmão Jones”, disse Serena. “É uma questão de esperar a hora certa. Ver uma abertura e pegá-la. Você está deixando que suas frustrações vençam.”

“Não me interessa mais”, disse meu pai. “Esqueça. Deixe que ele fique aqui apodrecendo. Quem vai se importar?”

“*Eu vou*, Irmão Jones. Eu vou. Você precisa respirar profundamente e centralizar-se. Você precisa manter o foco.”

Ouvi um movimento, uma cadeira, alguém se sentando.

“Estou cético sobre a legalidade deste esquema”, disse meu pai.

“Não é um esquema, é um plano”, disse Serena ríspidamente. “E claro que é legal. Os advogados explicaram tudo claramente, não foi? Eles são profissionais, Irmão Jones.”

“Acho que parece que *não devia* ser legal.”

“E por que cargas d’água não devia? Ele vai ter um preço de mercado justo para a casa. O dinheiro será colocado em uma pensão para ele. Vai sustentá-lo em seus anos de declínio e decrepitude, até que a morte finalmente o busque. E nós também teremos nossa parte — e merecemos! Nós merecemos! E a empresa de Dickie vai ter a sua parte em cima disso tudo. Quero dizer, realmente, Irmão Jones. É um plano incrivelmente simples, mas brilhante, elaborado por *mim*. Pensei que você ia celebrar comigo, não duvidar de mim!”

Houve um ruído, e daí o som de um pesado copo sendo colocado na mesa.

“Você anda muito amigo dessa garrafa”, disse Serena.

“Estou me automedicando. Para estresse.”

“É um remédio para todos os propósitos, suponho. Cura quaisquer doenças, como óleo de rícino.”

“Iguazinho.”

Houve silêncio então. Movimento. Ouvi a porta do refrigerador abrindo e fechando, e daí outra porta. Daí um bip e o som do ventilador do micro-ondas.

“Suponho que eu deveria ter me dado conta de que Dickie não era seu tipo”, disse meu pai. “Você só vai e fica por lá, nos escritórios?”

“Estou fazendo estágio.”

“Não te pagam nada?”

“Estou investindo no meu futuro. E já disse, estou recebendo dinheiro de ‘boa fé’. Ele nos mantém no carpaccio.”

“Eu deveria ter sabido que ele era só parte do seu plano”, disse meu pai. “Obviamente, num acordo assim tão sofisticado, você precisaria de um expert em negócios imobiliários no seu time. Por que não permutar conhecimento na cama por conhecimento no mercado imobiliário? Você faria uma boa concubina.”

“Isso é meio severo. Eu também tenho necessidades, Irmão Jones. Escolher Dickie foi apenas matar dois pássaros com uma cajadada. Mas daí, eu sou a que vê oportunidades quando elas se apresentam, ao contrário de você.”

“Não consigo imaginar ficando mais do que cinco minutos com ele.”

“Não há nem cheiro de romance entre nós?”

“Nem um cheiro.”

“Quem é meu tipo, então?”, perguntou Serena.

“Alguém mais esperto. Alguém mais forte.”

“Alguém como você?”

“Mais como eu do que como ele”, respondeu meu pai.

O micro-ondas deu um bip, e a porta foi aberta.

“Você quer um pouco?”, perguntou Serena. “Posso remover os tendões, se você preferir.”

“E qual é essa merda de tendão?”

“Ele está buscando controle sobre algo. Isto é algo que pode controlar.”

“Verdade? Falando em mediocridade... Uma vitória sobre tendões!”

“Esperei tanto por isso”, disse Serena, com voz cansada e sonhadora.

Pernas de cadeira se arrastaram pelo chão quando ela se sentou à mesa.

“Tem sido duro para você, eu sei”, disse meu pai.

“No início não era duro, só muito trabalho. Trabalho não é duro; só é. Mas, quando a data da sua formatura do colegial já passara, e eu ainda não ouvira nada de você, aquilo foi duro. E quando esperei que você voltasse para mim e você não voltou — semanas, depois meses, depois anos —, aquilo foi duro. Não vou negar. Caí em profundo desespero. Mas quando eu me sentia na pior, conjurava sua imagem na minha mente, e suas últimas palavras para mim: ‘Voltarei por você’. E minha fé se restaurava.”

Um longo silêncio. Eu podia visualizar meu pai e Serena muito bem: meu pai, com sua bebida, Serena, delicadamente comendo em pequenas mordiscadas as suas fatias aquecidas de peru.

“O que você vai fazer com sua parte do dinheiro, eu me pergunto”, Serena finalmente disse.

“Quero minha casa de volta, e quero minha vida de volta”, disse meu pai sem expressão na voz.

“Aquela nunca foi *a sua vida*”, apontou Serena. “Você só a viveu por algum tempo. A monotonia, o insosso.”

“Minha vida não foi inteiramente insossa.”

“Não? Bom, então você escondeu um pouco do entusiasmo na sua descrição. Eu pensaria que ensinar delinquentes juvenis a construir barcos de madeira até você ter perdido tanto dinheiro que teve que declarar falência não pode ser considerado como algo emocionante. Por outro lado, se você tivesse ficado sem um tostão devido a uma explosão de fabulosas viagens pelo mundo, e compras em lojas caras com um Cartão Black da American Express, e sexo sem

descanso, e orgias com drogas no seu iate particular, daí eu entenderia sua necessidade de minimizar sua história.”

“Isso são coisas interessantes?”

“O que quero dizer é que você nunca buscou seu verdadeiro potencial”, disse Serena, com urgência na voz. “Depois que Papai te expulsou de casa, você sufocou a própria chama. Você sabe qual era seu potencial, quando era jovem: poderia ter feito qualquer coisa! Mas, em vez de fazer qualquer coisa, não fez nada. Por quê?”

“Sou vítima das circunstâncias”, disse ele.

“Não é uma questão de circunstâncias”, retrucou Serena. “É uma questão de fraqueza. Uma questão de patética autoflagelação. Você precisa se libertar, e como fazer isso é se livrando deste lugar. Dar um chute de tal modo que ele caia no precipício e despenque rumo ao seu destino. Você não pode se preocupar com o que vai acontecer com a Casa Riddell; precisa virar as costas a este lugar, como Orfeu abandonando as sombras do inferno: não olhe para trás, ou vai perder tudo. Quando finalmente abrir mão de tudo, Irmão Jones, você será livre para brilhar de verdade!”

Ouvi alguém se levantar. Ouvi água na pia. Visualizei Serena, lavando seu prato.

“E o que *você* vai fazer com sua parte?”, Papai perguntou, o que achei que roubara o momento de toda a poesia. Algo dentro de mim — uma chama! — se reacendeu por Serena, quando ela falou daquele jeito. Tanto drama. Tanto poder.

“Vou viajar pelo mundo”, disse ela. “Ver coisas, ir a lugares. Vou ficar livre deste buraco infernal, e vou visitar os lugares mais fabulosos da Terra, e talvez até alguns não muito fabulosos. Você é bem-vindo, se quiser vir comigo. Poderíamos ser companheiros de viagem, fazer um cruzeiro ao redor do mundo, com uma cabine na piscina do convés, vestir roupas formais para jantares tarde da noite, beber champanhe sob as estrelas nos hemisférios sulinos.”

Um cruzeiro, pensei. Um cruzeiro ao redor do mundo! As brochuras!

“Tenho responsabilidades”, disse meu pai.

“Você quer dizer Trevor?”, perguntou ela, com uma risada desdenhosa, e fiquei assustado ao ouvir meu nome invocado por ela. “Você tem que ser um bom pai, como foi *seu* pai! Honestamente, Jones, sua ingenuidade pode ser cativante, mas também é cansativa. Ter um pai que vaga pela casa com olhos mortos como você faz, como se fosse um zumbi, não é muito melhor do que — na verdade, pode-se dizer que é *pior* do que — não ter pai! Sua ‘responsabilidade’ pode ser entregue à sua esposa. Não ouvi o telefone tocar nem uma vez nos últimos dias. Ela não tem telefonado muito, tem? Como está minha querida cunhada Rachel? Está bem sem você? A distância aumenta o amor? Ou faz o coração se dar conta de que não havia muito amor, para começo de conversa?”

“Você é uma vaca”, disse meu pai duramente.

“Sou?”, disse Serena, em voz alegre, mas forçada. “Uma vaca? Ou sou alguém que fala com honestidade, como nunca alguém falou na sua vida inteira? Tem certeza de que sou má? Ou sou alguém que tem expectativas a seu respeito, que vê seu potencial e quer que você o atinja, que na verdade tem um amor por você que é forte o suficiente para dizer a verdade que precisa ouvir: você fez merda da sua vida até agora, Irmão Jones, e não vou mais suportar isso. Não

vou mais deixar que se entregue a essa patética pantomima. Sai dessa, Irmão! Não sou uma vaca — sou sua salvadora!”

Daí silêncio, longo e mortal. E daí três passos rápidos, um tropeço em algo.

“Guarde essa garrafa de merda”, bravejou Serena, e uma porta de armário foi fechada com uma batida. “Você é um bêbado de merda, como seu pai. Essa é a saída dos covardes, e você não é um covarde. Endireite-se, menino. É hora de parar de se encolher pelos cantos. É hora de dar um passo à frente e se responsabilizar por suas ações. Você não pode se esconder do que fez. Você pode correr mais do que todos os outros meninos na pista de corrida, e sentir-se forte. Pode sentir-se certo. Mas não pode correr mais do que você mesmo, pode? É por isso que você voltou para casa. É por isso que voltou à Casa Riddell. Porque quando para de correr, você precisa encarar a si mesmo. E você sabe o que fez!”

Ouvi uma bofetada. Uma bofetada forte — mão na cara. Ouvei um suspiro de surpresa e um corpo cair no chão; devia ser Serena, porque, depois de um momento, ouvi pesados passos cruzarem a cozinha e passarem pela porta atrás da qual eu estava escondido. Eram os passos de meu pai. Os passos pararam, daí continuaram pelo corredor, e para fora da porta. Momentos mais tarde, ouvi a chuva de pedregulhos, quando o carro de aluguel saiu da Casa Riddell.

Quando meu pai finalmente se foi, abri uma fresta de uns cinco centímetros na porta e espiei. Serena estava jogada ao chão, chorando, segurando o rosto nas mãos. Ela vestia um lindo vestido bege com desenhos de flores verde-claro e cor-de-rosa. E seu cabelo ruivo. E suas lágrimas. Ainda que pensasse que não seria bom, não pude me controlar. Fui até ela, acocorei-me sobre ela, coloquei um braço em torno de seus ombros e senti-a apoiar-se em mim enquanto chorava.

Ficamos assim por um minuto e pouco. Eu me sentia muito sem jeito, com o corpo cálido e trêmulo de Serena pressionado contra mim. Seus soluços diminuíram, e daí cessaram. Fui até a pia e enchi um copo de água, e trouxe-o até ela. Ela se sentou, tirou o cabelo do rosto e bebeu.

“Você estava escutando”, disse ela, com um riso de mágoa. Fungou alto.

“Por que Papai bateu em você?”

“Apertei uma ferida que ainda está sensível. Foi um risco que tomei. Tomei voluntariamente, e aceito as consequências do meu ato.”

Vi a mancha escarlate da bofetada no rosto dela. Fui até o congelador, e enrolei uns cubos de gelo num pano de pratos. Levei até ela. Ela me deixou segurar a toalha no seu rosto.

“Que ferida você apertou?”, perguntei. “Por que ele ficou tão zangado?”

“É melhor que algumas coisas fiquem apenas entre irmão e irmã.”

“Como o quê?”

Ela sorriu gentilmente. Era estranho estar perto dela, quando ela estava tão vulnerável. Segurei-a no meu colo, pois ela não havia se movido do lugar onde caíra. Segurei-a, e seu rosto estava no meu ombro, e comprimi o gelo à sua bochecha, e ela levantou os olhos sonolentemente, e acariciou minha face.

“Em outro universo, nós seríamos bons amigos”, disse ela. “Nós dois seríamos bem chegados. Mas temo que é neste aqui mesmo que estamos, e vamos ficar.”

“Eu gostaria que você me contasse.”

“Não cabe a mim contar.”

Ficamos assim por muito tempo, até que o gelo derreteu e água começou a pingar pela sua bochecha. Daí, ajudei-a a se levantar, e seguimos pelo corredor até seu quarto. Ela me fez parar na soleira e não deixou que eu entrasse.

“Há uma parte dele dentro de você”, disse ela. “E é por isso que você é tão esperto. Mas há também uma parte da sua mãe. E é por isso que você vai sobreviver a esta família. De todos nós, você é o que vai sobreviver.”

Ela se inclinou e beijou minha testa. Era gentil e amoroso, e senti minha alma estremecer com a compreensão de que Serena e eu éramos muito parecidos, como ela havia dito. Mas éramos também inteiramente diferentes.

“Dormir, dormir, talvez sonhar”, disse ela, e sorriu à minha falta de reação. “Você não revirou os olhos, o que significa que não conhece a referência. Ainda é um menino, e tem muito a aprender; sei que vai aprender, e daí será um homem. Boa noite, meu sobrinho, e obrigada pela empatia. Significa mais para mim do que poderia imaginar.”

Ela fechou a porta.

“Olham um para o outro, e riem da sua indiferença para com as leis da física.

Ben se estende para Harry, mas Harry permanece um pouco além de seu alcance. Contudo, Ben está feliz: eles sairão deste mundo para sempre.”

Estávamos lá havia mais de uma semana — pelo calendário, dez dias — e eu havia ensinado a mim mesmo como caminhar pelos corredores sem fazer barulho. Havia me familiarizado com todas as escadarias que eram óbvias, e algumas que não eram, escadas do fundo e escadas da frente, escadas de serviço e escadas da frente de casa. Havia encontrado armários de roupas de cama com painéis escondidos, para guardar coisas; o que havia guardado nesses lugares, através de décadas, eu não sabia. Eu entendia a Casa Riddell de uma maneira que só posso descrever como sendo fundamental. Algumas vezes, à noite, quando caminhava pelo longo corredor, e me aventurava na ala do sul, sentia como se tivesse *me tornado* a casa. A casa me dizia onde virar, para onde seguir, o que descobrir. E quando parava em um quarto, durante minhas explorações noturnas, eu sempre sabia que Ben estava lá comigo, porque eu respirava com respirações medidas e não movia um grama de peso corporal; não fazia nenhum som. Esperava até que a respiração leve de Ben saísse de sincronia com a minha, e eu conseguisse ouvir nós dois respirando.

A única coisa que eu queria de Ben era a verdade. Ele sabia o que acontecera entre meu pai e sua mãe e seu pai, e parecia ser o único que estava disposto a me contar qualquer coisa.

Fiquei parado em um quarto completamente vazio, exceto por um colchão numa estrutura de metal. A lua brilhava na água e tocava o teto e as paredes com respingos de luz. Ouvia a respiração de Ben, independente da minha, então sabia que ele estava comigo. Ele colocou a mão no meu ombro e se inclinou para mim, de forma tal que eu podia sentir seu peso fantasma, e sussurrou meu nome.

“Diga”, respondi, mas ele não disse nada.

Naquela noite, tive outro sonho.

Coberto de barro e terra, tiritando na chuva fria que havia se infiltrado até seus ossos, Ben está parado no campo, olhando para a Casa Riddell, símbolo de tudo o que era certo e tudo o que era errado no mundo. O lugar construído para protegê-lo do sofrimento; o lugar que era a fonte de sua dor. A única coisa que vê é Harry, olhando-o do chão, seus olhos brilhando vermelhos, e, ainda assim, com um olhar de paz no rosto, como se já tivesse chegado a um lugar onde a dor não mais existisse.

Ben causara a morte de Harry. Em sua raiva contra o pai, ele quebrara Harry. Ele o quebrara, então não podia salvar a si mesmo. O momento da maior felicidade de Ben — confessar à sua noiva seu amor verdadeiro por Harry, e ela aceitar a verdade disso — para sempre ligado ao momento de sua maior tristeza, a morte de sua alma gêmea. E agora, o que ele vai fazer? E agora, para onde vai?

Molhado e sujo, entra na Casa Riddell. Deixando pegadas de lama no tapete, vai ao estúdio de seu pai e se senta à escrivaninha. Com mão trêmula, rabisca uma nota para seu

pai; uma tentativa de explicação. Ele deve ir embora. Ele deve encontrar Harry, mesmo que isso signifique deixar este mundo.

Deixa a nota na escrivania e desce a colina até o celeiro. A noite está caindo sobre o campo, e sopra um vento frio, que dá ainda mais calafrios, se é que isso é possível. Pega sua sacola de equipamento no celeiro e marcha pela mata, até a base da árvore. A árvore.

Com séria determinação, amarra seu gancho e joga o talabarte ao redor do tronco da árvore, como fizera milhares de vezes. Enterra uma estaca na casca da árvore, até sentir que ela pegou. Enterra sua outra estaca no tronco, e está pronto. Pela primeira vez na vida, ele não pede à árvore que o proteja.

Para ele, essa escalada não é divertida; é uma tarefa. É difícil. É dolorosa. Ele sente como se não estivesse escalando sozinho, mas carregando consigo o corpo de Harry, pendurado em uma corda amarrada à sua cintura. Ele sente o fardo da alma de Harry. A culpa pela morte de Harry.

E assim ele escala, sem fim. Escala tão lentamente que a árvore parece crescer cada vez mais alta, à medida que sobe; talvez nunca atinja o topo. Fatiga tortura seu corpo, seu âmagô. Ele está com frio, e cansado, e com fome. Ele dói.

Leva horas para chegar a um lugar conhecido, e a noite já caiu por completo. Encontra o galho onde um ramo havia se partido em uma tormenta, havia muito tempo. Faz uma pausa no galho e olha para a silhueta das Montanhas Olímpicas, uma distinta linha negra contra o horizonte. A vista dela dá esperança de que nada pode diminuir a beleza deste mundo. O vento está soprando fortemente, e ele treme de tal maneira que sua mão quase se solta. Mas segura-se com força. Não, pensa ele. Ainda não. Por um momento, dominado pelo cansaço devido aos acontecimentos da noite anterior, pensa que deveria retornar ao solo para encontrar Harry, porque Harry fizera uma sopa, e está esperando na cabana pela sua volta. Mas Ben se lembra de que Harry está morto, e continua a subir, mais e mais alto, até que está se segurando a um tronco tão fino que parece até impossível. O elástico tronco se balança sob seu peso, e se balança no vento, e ele se balança com o tronco. É assustador estar assim tão exposto, tão nu, a uma altura de quase noventa metros no ar.

Olha para o céu negro, cheio de estrelas, e vê o rosto de Harry à sua frente, parado no ar.

Uma coisa tão simples, sentir que um amado está com você, mesmo depois da morte. E, ainda assim, tão doloroso.

Ben estende a mão. Está se segurando à árvore apenas com as pernas, enroladas em torno do tronco, que não é mais grosso que seu braço. Ele se estende para pegar algo. Mas o quê?

O céu. Estende os braços e segura o céu. Agarra-se. E, naquele momento, sopra uma brisa, forte o suficiente para varrê-lo da árvore e levá-lo. Ele ainda está se segurando ao céu; seus dedos agarram o tecido azul da atmosfera, e assim ele fica à deriva no ar, sem peso, fustigado pelo vento.

E daí ele se eleva. Ascende à estratosfera e além. Ele voa, e Harry está perante ele. Olham um para o outro, e riem da sua indiferença para com as leis da física. Ben se estende para Harry, mas Harry permanece um pouco além de seu alcance. Contudo, Ben está feliz: eles sairão deste mundo para sempre.

Mas a brisa para, e Ben vê a verdade: ele não vai poder seguir Harry. Harry desaparece no éter, mas o peso da culpa de Ben não permite que ele siga. Seu sofrimento é pesado demais para que escape. Estende as mãos para sua alma gêmea freneticamente, com desespero, mas não pode pegá-lo.

Ele cai. Vagarosamente no início, ele ganha velocidade, até que está despencando para a terra a uma velocidade terrificante, seu estômago na garganta, sem poder respirar, sem poder sugar um golfo de ar; ele cai, mas não está com medo. Sabe que, para ele, não há mais razão, e está satisfeito com isso. Porque ele ouve o chamado da terra. O solo, as pedras, o barro. Ele a ouve chamando-o, e sabe que, no fim, a terra vence. Ela sempre vence. Terminaremos a vida, todos nós, aqui. Até os pássaros.

Não é longo, e não é doloroso. Pelo menos ele não se lembra da dor. E então, sem senso da passagem de tempo, ou de mudança de lugar, pode sentir seus pés e seus dedos agarrando-se a terra úmida, sua barriga pressionada contra o chão; pode sentir o cheiro da terra, viva, sempre se movimentando, mudando, crescendo, morrendo, e ele sabe que ainda é uma parte da terra.

Tudo é escuridão, até que ele aprende a ver. Tudo é silêncio, até que ele aprende a ouvir. Tudo é estático, até que ele aprende a se mover. E quando finalmente se levanta e olha em torno da mata escura, e ouve os trens noturnos apitando ao passar — quando vê que está sozinho — sabe apenas uma coisa, com terrível clareza: é aqui que ele está destinado a ficar, e é aqui que ficará.

É aqui que ficará.

Acordei do sonho me sentindo enjoado, nervoso e sombrio.

Ben havia me dado o sonho, como eu havia pedido. Mas não havia me dado o sonho que eu queria: o sonho sobre meu pai. Dera um sonho sobre ele mesmo.

Compreendi que Ben se sentia culpado pela morte de Harry, e que era por isso que estava preso, e esperando para cumprir sua promessa a Harry, de que seu lugar especial voltaria à natureza. Mas o que eu queria saber naquele instante era por que meu pai era tão destrambelhado. Havia uma conexão, que eu não conseguia descobrir. Acreditava, sem dúvida nenhuma, que Ben tinha a resposta, e poderia dá-la para mim. Mas ele não dava, e achei aquilo muito frustrante. Por que ele não me dava o que eu havia pedido?

Tentei dormir, mas não consegui. Ou talvez não houvesse tentado muito. Porque o sonho que ele me dera era real demais. A agulhada da chuva. A dor da subida. O medo da queda. Senti frio embaixo dos meus lençóis, ainda que o quarto estivesse pelo menos a vinte e quatro graus centígrados. Senti o frio e a chuva, e senti, sob minhas unhas, a terra do túmulo de Harry, e senti a alegria de ver o rosto de Harry. Senti um senso de resignação no momento em que Ben descobriu que não ia a lugar algum.

A tarde já estava avançada, no dia seguinte, quando saí para o pátio atrás da casa, que não tinha nem uma brisa. Era bom sentir o sol na pele, e ergui o rosto para o céu, com os olhos fechados, para aproveitar o calor por um momento. Quando saí da minha meditação e voltei ao mundo, vi meu pai lá longe, no outro lado do pomar, empurrando um carrinho de mão cheio de lixo, do lugar da fogueira para a mata. Então notei Serena perto de mim, sentada num dos bancos de mármore do jardim formal, lendo um livro. Ela levantou os olhos como numa deixa e acenou. Quão bizarro; ela saiu do nada; talvez *ela* fosse um fantasma.

Ela tinha um cinzeiro e uma carteira de cigarros, bem como a sempre presente garrafa de Jim Beam, que parecia sempre se reencher por si mesma. Talvez houvesse uma despensa secreta na casa, com cinquenta garrafas de Jim Beam, como havia um armário cheio de latas de sopa de tomate na cozinha dos empregados. Ainda que eu quisesse continuar no meu caminho, sabia que havia sido pego, então aproximei-me dela. Ela deitou o livro com a capa para cima e se ajustou no banco.

“Quero dar uma olhada em você”, disse. “Como está sua cabeça?”

“Legal.”

“Deixe-me ver.”

Fui até ela e me ajoelhei pacientemente, enquanto ela examinava a marca amarelada na minha testa. Seus braços estavam levantados, e minha cabeça estava baixada, então eu estava frente a frente com seus seios. Dava para sentir o perfume cítrico dela.

“Você está olhando para os meus seios?”, perguntou.

Fiquei chocado. Eles estavam no meu campo de visão, mas eu não estava *olhando* para eles.

“Está tendo ataques de tontura?”, perguntou ela, antes que eu pudesse responder.

“Não.”

“Hummm... O.k.”

Ela me soltou e deu umas palmadinhas no banco ao seu lado.

“Quer se sentar comigo?”

Podia recusar? Sentei.

“Eu ofereceria um cigarro ou uma bebida, se você não fosse jovem demais para essas coisas”, disse ela. “Você ainda é um menino; não gostaria de atrapalhar seu crescimento.”

Ela deu uma longa tragada no cigarro e daí tomou um gole de uísque. O sol estava ofuscante e brilhante, e protegi meus olhos com a mão para ver Serena melhor. Ela parecia mais velha que o normal.

“Bem-vindo ao nosso *Grey Gardens*, disse ela, abanando o braço.”

“Por que você o chama assim?”

“Estou me referindo a um documentário dos anos 1970, sobre parentes malucas de Jackie Kennedy, que costumavam ser ricas e daí ficaram pobres. Elas viviam numa mansão que

estava caindo aos pedaços, mas se recusavam a sair.”

“Elas deveriam ter vendido para uma construtora. Daí poderiam ter ficado ricas outra vez.”

“É isso aí, Sobrinho.”

Ela apagou o cigarro, levantou-se e pegou suas coisas.

“Venha comigo”, disse ela. “Quero mostrar uma coisa.”

Segui Serena para dentro, e ao estúdio de Elijah, que era uma sala escura, com uma gigantesca escrivaninha cercada de peles de animais mortos — cabeças intactas — decorando o chão e as paredes. Ela colocou a garrafa, o copo e a parafernália dos cigarros numa mesa lateral, perto de uma poltrona. Havia outra escrivaninha no lado oposto à enorme lareira com ferros negros e uma cornija de madeira petrificada. As janelas eram pequenas e as vidraças eram de cor âmbar, então o quarto estava sombrio mesmo com o sol. Serena se sentou atrás da escrivaninha, em uma enorme cadeira de couro, e me indicou uma das cadeiras de costas retas para que me sentasse à sua frente.

“Era aqui que todos os negócios da Casa Riddell eram conduzidos”, disse ela, “depois que Elijah se mudou em tempo integral para a Propriedade do Norte. Antes disso, ele trabalhava na sua casa do centro da cidade, ou na matriz Riddell em Columbia, ao sul do centro.”

“História”, eu disse.

“Exatamente. História. Você já descobriu um pouco dela, eu sei. Mas aqui vai mais um pouco. Quando Sara, a esposa de Elijah, recusou-se a se mudar para o oeste com Abraham, seu segundo filho, Elijah deserdou os dois. Eles não se falaram durante muitos anos, e, na verdade, foi no funeral de Benjamin que Elijah viu Abraham, agora seu único filho vivo, pela primeira vez. Abraham tinha dezoito anos na época. Ele foi para a faculdade, e, depois de formado, foi trabalhar numa instituição bancária de Nova York para aprender o negócio. Quando sua mãe morreu, ele voltou, como órfão, para Elijah. Elijah o recebeu, mas nunca confiou nele. A morte de Ben havia transformado Elijah grandemente, e, em Abraham, ele viu as coisas que mais detestava em si mesmo: uma natureza voraz e indiferente, ou mesmo cruel. Elijah se perguntava se havia sido tão endurecido assim, quando ele mesmo era jovem. Sim, ele havia sido.”

“Como você sabe tudo isso?”, perguntei.

“Eu ouço, presto atenção, encaixo as peças. Elijah sabia do desejo de Abraham de vender a Propriedade do Norte depois da sua morte, que é a razão pela qual criou a pensão.”

“Assim Abraham não podia vender a terra, mas sua família, se ele tivesse uma, ainda poderia viver aqui.”

“E ele seria cuidado, pelo menos até que o dinheiro do fundo se acabasse. Abraham não tinha muito dinheiro dele mesmo. Elijah deixou um pouco, mas não o suficiente para prosperar. O pouco que Abraham tinha, ele esbanjou.”

“Por isso Abraham empurrou você e Papai para vender a terra”, eu disse.

“Exatamente. Vovô Abe sabia que a terra nunca seria dele, para vender; ele queria que *nós* o fizéssemos. Foi durante aquelas tardes de verão, enquanto eu me sentava no colo do Vovô Abe, brincando com sua barba ou desenhando figuras para ele, que ele me contou tudo o que estou contando agora. Sobre a pensão criada por Elijah. Como a terra imediatamente seria entregue à cidade, se Abraham saísse da Propriedade do Norte. Ele podia ficar, mas nunca

teria controle sobre a terra.”

“Ah”, falei, compreendendo a mecânica da coisa. “Elijah prendeu Abraham aqui.”

“Sim”, Serena respondeu, satisfeita de que eu estivesse seguindo sua lógica. “Abraham chegou a odiar a cláusula da Propriedade do Norte; ela se tornou o símbolo de seu aprisionamento. Devido à sua natureza avarenta, Abraham ficou aqui, para desfrutar os benefícios da pensão e o estilo de vida que ela proporcionava, enquanto queimava todo o seu próprio capital. Imagine só como seria terrível viver com um conflito assim! Antes de morrer, Vovô Abe me tomou à parte e me contou que a maioria dos avós deixava algo para seus netos, mas ele não poderia fazer isso. Ele me fez prometer que, após a sua morte, eu faria Vovô Samuel vender a Casa Riddell, para que tivéssemos as riquezas que ele gostaria de nos dar — para seu pai e eu, nós dois.”

“Ele disse isso a alguém mais?”, perguntei. “Papai ou Vovô Samuel?”

“Ele disse que eu era a única que era forte o suficiente para ir até o fim. Disse que Vovô Samuel era fraco e seria contra, e Irmão Jones, disse ele, ficaria ao lado de Vovô Samuel. Ele disse que cabia a mim.”

Fiquei com o pé atrás, mas a história de Serena era muito interessante.

“Então Vovô Abe se endividou até os ossos. Porque ele sabia que, quando morresse, a pensão seria dissolvida, Vovô Samuel ficaria com a terra, e poderia vendê-la e fazer *um monte* de dinheiro. E Abe sabia que seus ativos na pensão não poderiam ser violados devido a dívidas pessoais. Então, era um plano.”

“Mas Vovô Samuel não seguiu sua parte do plano.”

“Vovô Abe estava profundamente endividado quando faleceu”, disse Serena. “Os credores e advogados não podiam pegar a casa, porque não era dele, sabe, mas eles podiam pegar tudo o mais. Vovô Samuel ficou com a casa, os poucos ativos que ainda estavam na pensão, e nada mais. Em cima de tudo isso, ele foi despedido da humilde posição que tinha nas Indústrias Riddell, então não tinha trabalho tampouco. Sabe, quando um homem não consegue prover sustento à sua família... Bom, é difícil para o ego masculino admitir isso.”

Que era exatamente o que meu pai teve que fazer. Eu vi. Eu sabia que era duro para ele.

“Você sabe o que significa ‘emasculação’?”, perguntou Serena.

“Quando você não é mais um homem.”

“Hummm”, concordou ela, sacudindo a cabeça. “Eufemisticamente. Pode imaginar um homem emasculado na frente de sua família? Para todos verem? Para que seus filhos possam ver, e sua esposa possa ver, enquanto sua masculinidade era tirada dele? Pode imaginar o nível de...”

“Humilhação”, eu disse.

“Sua palavra, não a minha. Mas é uma boa palavra.”

“Devastação.”

“Outra boa palavra.”

Lembro-me de que meu pai não chorou quando contou que estávamos perdendo nossa casa, mas chegou perto. Minha mãe sacudiu a cabeça rapidamente, levantou-se e foi fazer um chá. Era o que ela fazia quando estava transtornada. Ela fazia chá. Eles nunca brigaram muito, mesmo quando as coisas não estavam bem entre eles. Mas eles brigaram naquela noite. Na

noite em que meu pai nos contou que não havia mais esperança de ficarmos na nossa fazenda, meus pais brigaram em voz alta. Estavam brigando sobre mim. Na manhã seguinte, no desjejum, minha mãe me fez bacon e ovos fritos e torrada, ainda que quase nunca fizesse café da manhã.

“Seu avô de Seattle está doente”, disse ela, baixando o prato. “Você precisa ir visitá-lo junto com seu pai.”

“E você?”, perguntei.

Ela sacudiu a cabeça levemente e virou os olhos.

“Não faço parte dessa equação”, disse ela.

Tão típico da minha mãe. Tão cínico.

Serena limpou a garganta para chamar minha atenção.

“A Mamãe e o Papai poderiam ter vendido a Propriedade do Norte por muito dinheiro, no dia em que a pensão se dissolveu, mas eles não o fizeram. Não sei por quê; levando em consideração o estado do Papai, talvez nunca saibamos. Ainda assim, havia capital ativo da pensão suficiente para nos manter com sapatos e capas de chuva por um curto período. Talvez seja por isso que eles não venderam a casa imediatamente; eles pensaram que havia tempo. Mas as limusines se foram, bem como os empregados, os jardineiros, a piscina, a quadra de tênis, e o sonho de que o funicular do despenhadeiro seria um dia consertado.”

“Vocês tinham uma casa, e dinheiro para comida”, insisti. “Quero dizer, vocês não podiam dizer que não tinham nada.”

“Mas poderíamos ter tido muito mais!”, ela explodiu, parecendo perder o controle por um momento, ainda que se recuperasse rapidamente.

“Não foi tão horrível quanto poderia ter sido”, disse ela, depois de um momento. “Mas o estresse da provação quebrou Papai. Ele começou a beber muito, como já contei. Ele estava frustrado e deprimido. Ficava sentado no celeiro sozinho, bebendo. Nós raramente o víamos. A Mãe ficou doente. A doença dela piorou rapidamente, e daí ela faleceu. Papai enviou Irmão Jones para longe. E Papai continuou a se recusar a vender a propriedade. E agora estamos nessa.”

Serena se levantou da cadeira de couro e caminhou para a parede de trás do estúdio. Sobre um aparador de carvalho, havia na parede uma sombria pintura a óleo, numa moldura dourada. Ela a retirou da parede. Atrás dela, havia um cofre.

“Por que sempre escondem os cofres atrás de quadros?”, perguntei.

“Este foi colocado aqui antes que isso virasse clichê”, disse ela. “Um clichê é clichê porque é verdadeiro. Você sabe disso, Trevor.”

Ela virou o botão do cofre para um lado, depois para outro, seguindo a combinação, e daí girou a alavanca e abriu a porta da caixa-forte. Colocou a mão lá dentro, e tirou um arquivo de sanfona e um livreto. Virou para a escrivaninha e colocou-os lá, à minha frente.

“Estes são os papéis que explicam em detalhe tudo o que acabei de contar”, disse ela, colocando a mão no pacote do arquivo. “Inclui o testamento original e os documentos da pensão. Tudo.”

“Por que você está me mostrando isso?”

“Porque confio em você. Se algo vier a me acontecer, você deve ir em frente e redimir seu

legado. Deve vender esta terra pelo máximo que conseguir, porque ela é sua herança, e você merece.”

“E Ben e Elijah, e o que eles queriam para a terra?”, perguntei.

“Eles estão mortos”, disse ela. “Qual é o bem de uma promessa entre mortos?”

Minha atenção se despertou com a aparente contradição dela.

“Mas você acredita em espíritos”, eu disse. “Você falou sobre os fantasmas na escada secreta. Então, se você acredita em espíritos, logo promessas entre mortos, ou entre mortos e vivos, seriam tão obrigatórias quanto promessas entre os vivos. Não é mesmo?”

Ela se enrijeceu.

“Mortos foram removidos do tempo”, disse, depois de um momento. “E, portanto, esquecem a urgência da vida temporal. Ao contrário de mim. Quem sabe o que poderá acontecer a seguir?”

Ela caiu em silêncio e piscou diversas vezes para mim — gostaria de pensar que fosse apreciativa de minha sagacidade retórica. Suspirou e bateu no arquivo à sua frente.

“A Mãe morreu de ELA”, disse Serena. “Há um componente genético na doença. Não é comum, mas pode-se testar o gene, para saber.”

Ela parou abruptamente, e levantou as sobrancelhas.

“Você tem o gene?”, perguntei. “Você foi testada?”

“A Mãe morreu quando tinha quarenta anos de idade. Provavelmente, esse será também o meu destino.”

“Eu não sabia.”

“E como saberia? Mas você pode ver a motivação dos meus atos e intenções. Pode entender por que há urgência.”

“Não há algum tipo de terapia?”

“Não há tratamento. Não há cura. Há apenas morte. Mas não vamos ficar falando sobre isso. Instruí meu advogado a fazer meu testamento. Você será nomeado meu único herdeiro. Tudo o que tenho, tudo o que possuo, passará diretamente a você quando eu morrer. Não a seu pai, ou a qualquer outra pessoa. A você.”

“Obrigado”, eu disse, não entendendo muito bem as implicações da sua declaração.

“Quero que você tenha a vida que eu nunca tive”, disse ela, inclinando-se para trás na cadeira. “Quero te dar isso. Mas preciso de algo em retorno. Isto se chama quid pro quo. Sabe o que significa?”

Sacudi a cabeça.

“É latim. É uma troca de favores, ‘toma lá, dá cá’. Você gosta de receber favores, Trevor?”

“Claro”, eu disse, hesitante.

“Eu também. O que você diz sobre eu te fazer um favor, se você fizer um para mim?”

“É meio assustador, para dizer a verdade”, eu disse, visualizando ela e meu pai, dançando ao som de Billie Holiday.

Ela riu e se levantou. Pegou o arquivo, colocou de volta no cofre, fechou a porta e girou o botão. Colocou o quadro de volta na parede.

“Então acho que terminamos”, disse ela, voltando-se para mim. “Você está dispensado.”

Fiquei sentado por um momento, sem me mover. Promessas a homens mortos. Muito

dinheiro. Pais se enamorando outra vez, quando o fardo do estresse econômico fosse eliminado. Minha falta de experiência de vida.

Serena tampouco se moveu. Apenas sorria para mim. Ela finalmente inclinou a cabeça e levantou uma sobrancelha.

“Há algo mais?”, perguntou.

“O que você quer?”

“Ah”, disse ela, inocentemente, voltando a se sentar na cadeira de couro. “Então você quer jogar. Eu estava sob a impressão de que...”

“O que você quer?”, repeti.

“Quero cumprir meu destino”, disse ela. “Quero vender a casa e o terreno, como meu avô me instruiu. E depois quero viajar pelo mundo. Meu mundo sempre foi tão estreito; quero alargá-lo, antes de morrer uma morte horrorosa. Tenho sido um cavalo de carga, presa a uma roda de moinho, caminhando em círculos durante toda a minha vida. Quero me libertar, de forma que, quando caminhar, eu me encontre numa outra terra. Dickie juntou uma proposta muito esperta, que vai fazer muito dinheiro. Seu pai já deveria ter feito com que Papai assinasse os papéis, mas ele falhou. Preciso que você o faça.”

“E por que Vovô Samuel assinaria para mim, se não assinou para você ou para Papai?”

“Na nossa família, os pais odeiam e não confiam nos filhos, mas adoram e reverenciam os netos. Seu avô odeia seu pai. Ele o baniu da família há vinte e três longos anos, como você já sabe. Eu tentei diminuir esse ódio, através dos anos, mas, aparentemente, não funcionou. Então você precisa fazer Vovô Samuel assinar... para *você*.”

“O meu pai me odeia?”

“Não sei”, disse ela. “Odeia?”

Fiquei me perguntando se ele me odiava. Ou, se não me odiava totalmente, como pessoa, será que ele me odiava como um conceito? O medo de que meu pai me odiasse parecia bem real naquele momento. Talvez ele quisesse se livrar de mim; eu era só um fardo para ele. Estava tentando forçá-lo a ficar com minha mãe, quando, talvez, não fosse isso o que ele queria.

“O que é mais importante para você?”, perguntou Serena, depois de me dar bastante tempo para me preocupar a respeito do meu relacionamento com meu pai. “Sua tia, que está sentada à sua frente, com seus poucos dias finais de vida tragicamente encurtados? Uma promessa feita a um morto?”

“Por que você não vende coisas?”, perguntei, numa tentativa final de descobrir uma razão lógica para ir contra o plano de Serena. “Os móveis, os livros raros, os talheres de prata, o quadro de Elijah. Aposto que alguém pagaria um monte de dinheiro por ele. É história.”

“Mas a questão não é essa, não é mesmo?”, perguntou ela friamente. “Não é essa a questão de modo algum.”

“Mas é uma pergunta”, eu disse firmemente.

Serena sorriu secamente e se inclinou à frente, com os cotovelos sobre a mesa.

“Dê uma olhada na sala de música”, disse ela. “Há um tapete com nada em cima. Se você olhar de perto, verá que há três endentações. Marcas de uso. É ali que ficava o Bosendorfer, um piano de cauda muito valioso, que Elijah adquiriu em 1903. Eu o vendi, para que

tivéssemos coisinhas como comida e eletricidade e gás para o fogão. Confortos de gente. Vovô fez um estardalhaço tão grande que nem consigo descrever. Recusou-se a comer por seis dias. Você estava aqui, para ver isso?”

“Não”, admiti com relutância.

“Então você precisa confiar em mim, quando digo que não se pode ‘vender coisas’, até que ele saia da casa. Consegue entender?”

“Sim”, respondi.

“Bom. Estamos de acordo?”

Depois de um momento, concordei, admitindo a mim mesmo que as imediatas necessidades da vida provavelmente pesavam mais do que os desejos dos mortos, ainda que não necessariamente em todas as situações.

Serena abriu uma gaveta e tirou uma pasta fininha. Levantou-se, fez a volta em torno da escrivaninha, e me entregou a pasta.

“Este é o documento de procuração”, disse ela, em pé, ao lado da minha cadeira. “Precisa ser assinado pelo Vovô Samuel. Mas deve ser assinado na presença de um tabelião.”

Ela me passou um cartão de visita.

“Este é o número do celular de um tabelionato. Eles garantem uma visita dentro de trinta minutos depois da chamada. O passaporte dele também está na pasta.”

“O Papai já não tem isso?”, perguntei.

Ela me olhou e sorriu.

“Já disse”, respondeu. “Ele não fez o serviço, então foi dispensado.”

Olhei para ela, depois para a pasta, e outra vez para ela.

“Você precisa me prometer que vai colocá-lo num lugar legal”, eu disse, “na Casa Kensington. Não no lugar ruim ao lado do Taco Bell.”

Ela riu.

“Quem te deu a ideia de que eu ia colocá-lo num lugar abaixo da média?”, perguntou ela. “Você anda lendo muito Eugene O’Neill.”

“Nunca ouvi falar de Eugene O’Neill”, eu disse.

“Um dia você vai, e daí vai ficar sabendo. Ainda assim, te dou a minha palavra de que a Casa Kensington será a nova morada do Vovô Samuel. É um local com graduações, então, à medida que a condição dele se deteriorar, eles poderão acomodar as mudanças das necessidades dele. Como você sabe, o cérebro dele é como Alka-Seltzer num copo d’água: dissolve-se rapidamente. Fico sensibilizada em ver que você está tão preocupado com o bem-estar dele, mesmo que só o tenha conhecido duas semanas atrás. Você tem um nível refrescante de empatia e compaixão que é bem incomum.”

Ela se curvou e se firmou colocando a mão na minha coxa. Beijou-me no rosto. Já que eu estava sentado e ela em pé, seu decote e seios estavam outra vez na minha cara, e seu perfume cítrico encheu minhas narinas. Fiquei me perguntando se ela tinha mesmo o gene ELA, ou se isso era mais uma de suas táticas. As manipulações audaciosas de Serena.

“Todo mundo adora receber favores”, sussurrou ela, e daí esfregou meu rosto levemente

com seus dedos.

“Desculpe”, disse ela. “Você é fofo demais para resistir.”

Não senti nada quando ela saiu, exceto que eu sabia que já não me interessava mais por ela. A primeira vez que eu caía por alguém, e já terminara. E daí meus pensamentos se voltaram para a tarefa que me havia sido dada, e se era algo que eu poderia — ou deveria — tentar fazer. Claro, seria melhor para os vivos. Inclusive para Vovô Samuel. E talvez, se eu o fizesse, poderia dar um fim no ciclo Riddell de pai odiando o filho. Talvez meu pai não me odiasse, se eu entregasse a casa.

Meu pai vencera as moitas de amoras, que, na verdade, não eram moitas, mas sim cordas retorcidas de perversos espinhos afiados, que engolfavam tudo o que estivesse por perto, engolindo tanto árvores quanto estruturas, como evidência do desejo incansável da floresta de tomar de volta o que era seu de direito. Em uma heroica mostra de sua própria incansável natureza, ele havia batido para trás aqueles vinhedos — acabou com eles usando um facão, uma enxada e uma pá. Arrancou as raízes, e, com uma mangueira de alta pressão da Aluguéis Aurora, ele limpou, numa rajada, uma estrutura de cozinha ao ar livre, conhecida como churrasqueira. Para ele, isso era uma questão de princípio. A churrasqueira era um pedaço de sua infância que ele se recusava a permitir que fosse esquecido. Quanto a ele, a casa podia ir para o inferno. A churrasqueira era importante salvar.

E assim, no dia seguinte ao que eu fora para o lado escuro, e jurara ajudar Serena, ajudei os outros a carregar sacos de suprimentos morro abaixo, para além do pomar. Meu pai já havia preparado a fogueira, que era realmente uma peça arquitetônica, e fiquei bem impressionado. Era como uma pira funerária cerimonial, ou algo assim. Meu pai nunca havia feito fogueiras enquanto eu crescia. Nunca fomos acampar, não tínhamos churrasqueira na fazenda, então eu jamais havia visto meu pai construir um fogo antes. Mas aquele era magnífico — os gravetos e os pedaços de madeira seca, e os jornais amassados embaixo, tudo equilibrado, um segurando o outro, inclinados juntos, formando um cone perfeito de material combustível.

“A estrutura de um fogo é algo importante, Trevor”, disse Serena, enquanto meu pai riscava um fósforo e acendia alguns cantos de jornal. “A circulação de ar é essencial. Um fogo precisa puxar ar frio de baixo, para alimentar sua insaciável fome por combustível.”

O combustível estava extremamente seco. Não chovia desde que eu chegara, e nem sei havia quanto tempo antes disso. Então os estalos começaram, e as chamas subiram, e logo, como Serena havia dito, os gravetos criaram uma chaminé. O ar frio foi sugado de baixo e subiu ao topo, e, como mágica, nós tínhamos uma fogueira.

Bancos de pedra circundavam a fogueira, e todos nós nos sentamos. Até Dickie estava conosco naquela noite, sentado ao lado de Serena em um dos bancos; Vovô Samuel e eu nos sentamos noutro banco, do outro lado do crescente. Meu pai pegou uma cerveja de dentro do cooler, que estava num banco perto dele, e passou-a a Dickie, e outra a Serena. Ele olhou para mim.

“O que você quer? Temos coca aqui”, disse ele, referindo-se ao cooler.

“Quero uma cerveja”, falei.

Meu pai me olhou bem fixo, e daí, para minha surpresa, girou a tampa de uma cerveja e me deu. Então eu me dei conta de que ser adulto era só passar a perna em todos ao seu redor. Simplesmente faça algo até que alguém diga para você parar, e daí diga: “Ah, isto não é permitido?”. Tomei um gole e não gostei. Era amarga, e nem um pouco como eu achava que seria. Pão amargo. Coloquei a garrafa perto do meu pé, e devo ter feito uma cara engraçada,

porque meu pai não me olhou, mas disse outra vez:

“Temos coca aqui.”

Meio sem jeito, entreguei a cerveja em troca da coca, e me senti como um garoto idiota, mas meu pai não fez nenhum estardalhaço, então também não fiz.

O fogo estava intenso e barulhento. Nós nos sentamos com o rosto, mãos e braços sendo cozidos pelo inferno, e nossas costas e pescoço no frio. Passava das nove horas da noite, mas ainda estava claro, porque Seattle está praticamente no sul do Alasca, em termos de latitude. Ficamos em silêncio por um longo tempo, olhos fixos nas chamas.

“Mamãe adorava uma fogueira, Trevor”, disse Serena afinal. “Nos fins de semana, fazíamos fogo a cada noite, no inverno e no verão, desde que não estivesse chovendo, e, algumas vezes, mesmo quando estava chovendo, se era só chuvisco.”

“Ela gostava de um fogo quente no inverno”, ecoou Vovô Samuel.

“Gostava, sim. Ela dizia que o fogo era transformativo. Contou-nos que fogo provê luz, para guiar as almas através das trevas do nosso universo. Tudo neste mundo começa com fogo e termina com fogo, então, é *através* do fogo que podemos encontrar respostas para enigmas. Ela não disse isso, Irmão Jones?”

“Disse”, concordou meu pai.

“Ela era uma mulher clemente”, disse Serena. “A Mãe era uma mulher que perdoava, Trevor. Creio que herdei dela essa peculiaridade. Seu pai herdou a impulsividade e a paixão dela. Eu herdei sua generosidade de espírito, a sua capacidade de perdoar.”

Ela olhou para meu pai de maneira significativa. Ele evitou seu olhar por um momento, inclinando-se à frente, com os cotovelos nos joelhos, mas, quando ela não continuou a falar, ele ficou impaciente e olhou para ela, e sacudiu a cabeça como dizendo que ele entendia que estava perdoado pelas suas transgressões, fossem elas quais fossem. Eu sabia. Ela estava falando sobre a briga deles na cozinha.

“Papai não conseguia fazer um fogo com maçarico, mas a Mãe?”, disse Serena. “Ela era muito boa construindo fogueiras. Ela ensinou seu pai como fazê-lo. Esse não é um fogo magnífico, Dickie?”

“Certamente, meu amor.”

“Eu me lembro...”, disse Vovô Samuel.

“Você não se lembra de muita coisa, Papai”, disse Serena. “Do que é que você não se lembra, desta vez?”

Vovô Samuel ficou em silêncio por um pouco, daí disse:

“Não me lembro.”

“Não, você não se lembra, e, algumas vezes, é melhor assim. Algumas vezes é melhor começar tudo outra vez. Cada dia outra vez. Viver sempre no presente, sem o fardo da dor do passado. A maioria de nós arrasta delitos por aí, como gigantescos pássaros mortos amarrados ao pescoço: condenamo-nos a contar, a cada estranho que encontramos, a história da nossa angústia e imperfeições, esperando que, algum dia, seremos perdoados, esperando encontrar uma pessoa que olhe para nós e pretenda ignorar os ridículos pássaros mortos que se dependuram no nosso pescoço queimado de sol e batido pelo vento. E, caso encontremos tal pessoa, e se não a odiamos por não nos odiar, se não a desprezamos por não nos tratar com

menosprezo como esperávamos que nos tratasse — não, como *exigimos* que nos tratasse — bom, essa pessoa, algumas vezes, será nossa alma gêmea, acho eu. Isso deve estar na definição, em algum lugar, não é mesmo, Trevor, meu companheiro bibliófilo e leitor de fina poesia? Mas não você, Papai. Porque você não consegue se lembrar. Algumas vezes tenho inveja de você, sinceramente.”

“Não...”

“Não, suponho que você esteja certo. Nunca vou invejá-lo. Você se lembra do que queria dizer?”

“Não.”

“Claro que não. Está bom, Papai. Há modos mais horrorosos de se morrer.”

Silêncio outra vez, e daí Serena se levantou e catou os galhos de salgueiro que haviam sido desfolhados. Ela pegou as marias-moles.

“O fogo ainda está quente demais”, disse meu pai.

“Que nada”, disse Serena. “E daí que algumas se queimem? Vai levar uma eternidade até o fogo se transformar em brasas.”

Ele pegou um graveto e enfiou uma maria-mole, daí outra. Passou-me o graveto, e eu o aponteí para o fogo.

“Fale sobre o dia do seu casamento, Irmão Jones”, disse Serena. “Cante para nós, enquanto nos reunimos ao redor do fogo. Teça-nos uma história de suas memórias.”

“Acho que isso não é muito interessante para ninguém”, resmungou meu pai.

“É interessante para *mim*”, ela retrucou. “E acho que ninguém vai se importar.”

“Eu realmente não quero.”

“É importante que você se revele para seu filho”, disse Serena significativamente. Voltou-se para Richard e mandou que me passasse as barras de chocolate e os biscoitos. “E agora nos conte como foi, Irmão Jones. Foi na Inglaterra, isso sabemos. Conte.”

Estava claro que meu pai se sentia desconfortável, mas também estava claro que ele não conseguia resistir à insistência de Serena.

“Foi numa antiga mansão de pedra”, disse ele. “Nas colinas ondulantes de um antigo clube de campo.”

“Um lugar mágico!”, disse Serena. “Um lugar que vai durar para sempre.”

“De bordas esfarrapadas”, clarificou meu pai. “As costuras estavam aparecendo.”

“Como esta casa aqui!”

“Nem tão ruim assim, mas...”

“Conte-nos.”

“O dia começou com chuva, mas daí ficou muito lindo, ensolarado e quente. Daí esfriou outra vez.”

“A cerimônia foi ao ar livre?”

“Não, na capela. A recepção foi ao ar livre, enquanto o tempo estava bom. Comemos o jantar no salão de jantar, com a neblina chegando.”

“Ah, a neblina!”

“Drama”, observou Richard.

“Sim, drama!”, exclamou Serena. “Mágica!”

Ela sacudiu a cabeça, satisfeita, e me passou uns guardanapos, já que eu estava lutando contra o chocolate derretido e a mistura grudenta da maria-mole.

“Ela usava um vestido branco”, disse meu pai, sem instigação. “Eu estava de terno. Foi o primeiro terno que tive. Ela estava tão linda! Seu cabelo estava todo para cima, o que eu gostava, porque deixava seu macio pescoço inclinado à mostra. Ainda agora, quando a vejo do outro lado de uma sala, e ela tem o cabelo para cima, eu sinto algo. Felicidade. Não sei. Contentamento.”

“Acho que chamamos isso de amor, Jones”, disse Serena. “Aquele sentimento que não conseguimos descrever, mas temos sede de possuir.”

“A família dela era... esquisita, sabe. Eles eram muitos cáusticos, e eu não conhecia muitos deles até antes do casamento. É aquele negócio do humor inglês, como você vê nos filmes. Mas dá para ver que eles se amam. Há uma conexão entre eles que vai muito mais fundo do que tudo isso.”

“Como você tinha com a Mãe.”

“Algo assim, acho”, disse ele. “Eu gostava de estar com a família dela.”

Meu pai parou de falar e ficou olhando para o fogo, e eu poderia jurar que vi lágrimas nos seus olhos. Eu me emocionei com isso.

“Onde ela está agora?”, perguntou Richard bem alto, quebrando o momento.

Serena olhou fixamente para ele.

“Sua esposa”, clarificou Richard, num tom mais conveniente. “Acho que não sei o nome dela.”

“Rachel”, respondeu meu pai.

“Sim, Rachel. Onde está ela agora? Por que ela não está aqui, compartilhando este momento seminal conosco?”

“Ela está na Inglaterra”, explicou Serena. “Ela e Jones estão dando um tempo. Recentemente, houve muitas mudanças, então parecia certo aceitar o pedido de Rachel por um pouco de espaço. Não é mesmo, Irmão Jones?”

“Mágica não dura para sempre”, disse ele.

“Você não devia ter medo”, disse Serena suavemente.

“Não tenho, acho. Medo do quê?”

Serena se levantou e fez a volta para o outro lado do fogo, atrás das chamas, e pegou uma garrafa de cerveja do cooler.

“Tudo bem querer coisas”, disse ela, ajoelhando-se ao lado do cooler, na frente do meu pai. Ela colocou a mão no joelho dele. “Tudo bem mudar. Sempre temos tanto medo! Vivemos a vida com medo, como crianças com medo de ir ao colégio no primeiro dia de aula. Não há nada a temer no desconhecido. Amanhã *não vai* ser o mesmo que ontem, então por que *nós* precisamos ser os mesmos?”

Ela abriu a tampa e entregou a garrafa ao meu pai.

“Ei, pensei que você estivesse pegando essa para mim”, gracejou Richard.

“Descanse, querido”, Serena disse, pegando outra garrafa do cooler e dando a volta até ele. “Há bastante para você.”

Ela caminhou na direção dele, e não parou até estar a centímetros do seu rosto. Ela estendeu

o braço e apertou a cabeça dele contra sua barriga, e, quando fez isso, inclinou-se para trás e tomou um longo gole da garrafa. Tirou a garrafa dos lábios e olhou deliberadamente para mim, enquanto soltava a cabeça de Richard o serviu da bebida. Ainda assim, não tirou os olhos de mim, e fiquei me perguntando se ela ia fazer sexo com Richard ali mesmo, ao lado do fogo, e daí assassiná-lo e comer seu coração, ou torcer sua cabeça e engoli-la, como uma gigantesca viúva-negra humanoide.

Ela não fez nada disso. Sentou-se outra vez, de nariz empinado, satisfeita consigo mesma.

“Trevor”, disse ela suavemente, quase inaudível.

E o calor do fogo nos engolfou.

“Eu me lembro!”, Vovô Samuel gritou, assustando todo mundo.

“Do que é que você não se lembra agora, Papai?”, perguntou Serena, revirando os olhos.

“Eu me lembro de um fogo”, disse ele.

“Um fogo. Houve tantos fogos, como você vai saber qual é qual? Como você sabe que está se lembrando do fogo que acha que está se lembrando, e não outro?”

Vovô Samuel olhou perplexo para ela, e fiquei me perguntando se ele sucumbiria à tentativa deliberada dela de confundi-lo. Eu esperava que não.

“Eu *acho* que me lembro”, aventurou ele.

Ele falou de um modo fraco o suficiente para que Serena deixasse pra lá e começasse a recolher lixo e garrafas. Richard e meu pai a ajudaram, e logo haviam recolhido tudo e colocado tudo em sacos.

“Vocês estão vindo?”, Serena perguntou a Vovô Samuel e eu.

Olhamo-nos um ao outro, e daí olhamos para Serena.

“Vamos ficar por aqui um pouco”, eu disse, “observando o fogo.”

“Ah”, disse Serena, com reconhecimento surgindo no rosto. “Uma excelente ideia. Vejo que você é mais esperto do que pensei, Trevor. Sim. Um tempo sozinhos, para que você cumpra sua missão. Assegure-se de apagar as brasas antes de ir embora. Não queremos começar um fogo selvagem!”

Ela recolheu o resto dos sacos e seguiu meu pai e Richard, que já haviam começado a voltar a casa. Peguei um longo graveto e cutuquei o fogo. A escuridão era quase completa, se bem que um pouco de sol ainda se derramava nas montanhas, como manchas de barro nos lados de uma bota.

“Quando eu era garoto”, disse Vovô Samuel, depois de um tempo.

Fiquei aliviado por ver que ele parecia estar realmente se lembrando de algo. Eu queria escutar.

“O que aconteceu quando você era garoto?”, perguntei.

“Meu pai me levou a um local de derrubada, ao norte, perto de Chuckanut”, disse ele, e as brasas ardiavam. “Eu tinha seis anos de idade, acho. Ele queria que eu visse o mundo dos homens. Eu só tinha vivido aqui, na Casa Riddell. Fui criado pela minha mãe e as babás, junto com minhas irmãs, como se eu também fosse uma menina.”

“Você tinha irmãs?”, perguntei.

“Duas. Daisy e Alexandra.”

“O que aconteceu com elas?”

“Não sei. Minha mãe foi embora com elas, e nunca ouvimos nada sobre elas outra vez. Quando meu pai faleceu, os advogados tentaram encontrá-las, mas não conseguiram.”

“Então elas não estavam lá, quando seu pai o levou ao local de derrubada?”

“Elas estavam em casa. Depois disso, elas foram embora. Foram embora por causa disso.”

“O que aconteceu no local de derrubada?”

“Os montes haviam sido limpos. Meu pai me deixou com os outros meninos, enquanto foi atender a coisas, e, no fim do dia, eles acendiam fogos. Por toda a montanha. Queimavam os cotos e galhos e lascas de madeira. Empilhavam tudo em pilhas gigantes e acendiam as pilhas. Estava cinza e frio e quase chovendo. Cheirava a madeira queimada.”

Vovô Samuel caiu em silêncio no clarão. Eu cheirei fumaça em mim mesmo.

“O que mais?”, incitei.

“Os meninos tinham machados. Os meninos mais velhos. Eles pegavam os machados e cortavam madeira num bloco de cortar. Pequenos pedaços de madeira. Eles se revezavam segurando a madeira e cortando, sempre seguindo o grão, de modo que uma tira se curvava. Eu fiquei fascinado com aquilo. Já havia visto lenhadores cortar árvores, mas esses eram meninos como eu, mas maiores, e eles estavam cortando coisas também. Então meu pai disse a um deles que me mostrasse como fazê-lo. ‘Ele é muito pequeno’, o menino disse. ‘E ele nunca segurou um machado antes.’ Meu pai gritou com o menino até que ele quase chorou — meu pai era assim. Ele era ruim. O menino ficou à minha frente e segurou a minha mão com o machado. ‘Nunca corte com um machado sem fio’, disse ele, e meu pai disse: ‘Isso mesmo!’. O menino segurou a minha mão e guiou-a para baixo, para que eu cortasse uma tira de madeira do pedaço de lenha. O menino ficou aliviado, e sorriu como se tivessem poupado sua vida.”

Vovô Samuel olhou para mim e sacudiu a cabeça.

“Seu pai ficou orgulhoso de você?”, perguntei.

“Meu pai disse para o menino deixar que eu fizesse sozinho. Fez o menino se afastar de mim. Ele queria que eu fizesse sozinho. Então segurei a madeira e levantei o machado sobre minha cabeça. O menino estava com medo, mas eu não. ‘Deixe cair reto’, disse ele. ‘Vai cortar, sim. Está bem afiado.’ Mas eu sabia o que meu pai queria, então cortei.”

*

Ele fez uma pausa, como se não tivesse mais vapor, com os olhos fixos no fogo.

“O que seu pai queria?”, perguntei.

“Querida que eu mostrasse a eles que eu era durão. Que eu era um homem. Os outros meninos faziam troça de mim e me chamavam de coisas, porque fui criado com dinheiro, e minha mãe deixava meu cabelo crescer. Eles diziam que eu nunca ia ser um lenhador. Eu não era um deles.”

“Mas você era rico e eles não”, eu disse. “Você nunca seria um lenhador. É assim que funciona o sistema econômico, não é?”

“Meu pai me disse que você sempre pode distinguir um verdadeiro lenhador. Um lenhador de verdade sempre tem um ou dois dedos faltando. Eu levantei o machado e baixei.”

Senti meu coração bater mais rápido; já antecipava o fim da história.

“Eu não tinha intenção de fazer aquilo”, disse ele, levantando a mão no ar e olhando para seus dedos que faltavam. “Mas não havia nada que eu pudesse fazer para parar, já tinha acontecido.”

Meu coração estava batendo tão rápido que eu não podia respirar. Ele estava contando a verdade.

“Eu não chorei”, disse ele. “Levantei minha mão para mostrar a ele. Para mostra a todos eles. Um verdadeiro lenhador sempre tem um ou dois dedos faltando. Eu era um verdadeiro lenhador.”

Você disse que caiu de uma janela — protestei fracamente.

“Minha mãe me contou isso. Ela me levou até uma janela da casa, quebrou-a com o punho e disse: ‘Lembre-se deste barulho. É assim que foi o barulho de quando você caiu da janela’. Ela esticou a mão e se cortou no vidro partido. Ela não chorou. Apertou a mão e o sangue escorreu da ferida, sujando o tapete. ‘É assim que era seu sangue quando você perdeu os dedos’, disse ela. ‘É isso o que você vai dizer às pessoas, quando elas perguntarem. Isso é o que você vai lembrar’.”

Nenhum de nós falou. Olhamos para nossas mãos, olhamos para o fogo. O céu já estava negro, e o laranja das brasas iluminava nosso rosto.

“Quando chegamos em casa, ele me entregou a ela”, disse Vovô Samuel. “‘Chame o médico’, ele disse. Eu tinha febre e estava fraco, mas me lembro claramente. ‘Você o crie agora’, ele disse para ela. ‘Ele não presta mais para mim.’ Ele entregou um lenço para minha mãe, com meus dedos dentro. ‘Esses não são bons para ninguém, do jeito que estão.’ Minha mãe chorou. Ela exigiu saber o que acontecera. ‘Isto aqui é a Terra da Madeira’, disse meu pai. ‘Homens perdem dedos.’ E foi embora.”

Deslizei um pouco no banco, e daí um pouco mais, até que estava ao lado de Vovô Samuel. Peguei a sua mão, a mão esquerda, sem os dedos, e coloquei entre as minhas.

“Mas você não era um homem”, eu disse. “Você era só um menininho.”

Ele deu de ombros, e segurei bem apertado a sua mão, enquanto observávamos o fogo morrer.

Acordei para um novo dia. Durante a manhã inteira, caminhei abatido pela casa, me sentindo perdido ao ponto de desespero. O estrago era tão grande, a ferida tão profunda, que não conseguia imaginar o mundo algum dia se curando. Sentia uma tristeza imensa pelo meu avô, que, quando menino, sentiu-se compelido a provar seu valor ao pai, cortando os próprios dedos num bloco. E daí ser desdenhado. *Ele não presta mais para mim*. Palavras que tanto o feriram, que ele as usou contra o próprio filho. “Você não presta mais para mim”, Vovô Samuel dissera para meu pai, antes de mandá-lo embora.

Naquela tarde, desci ao celeiro com Vovô Samuel, ainda me sentindo transtornado. Tanto que o procurei. Tomei sua mão, e ele me olhou enquanto nos sentávamos na bancada de trabalho.

“Amo você, Vovô”, eu disse repentinamente. Quando eu era pequeno, nunca disse “amo”, a não ser que me forçassem. Mas senti amor naquele momento, e senti tão fortemente — nas minhas vísceras — que tinha que dizer em voz alta.

Vovô Samuel me olhou e sorriu, seus olhos de velho cheios d’água, como sempre.

“Eu amo você, Jones”, ele respondeu. Mas não me importei que ele não soubesse quem eu era.

Caminhamos juntos de volta a casa, que ainda estava vazia. Meu pai e Serena haviam ido a Seattle para reuniões de negócios e ainda não haviam voltado. Encontrei um saco de salgadinhos, que comemos sentados à mesa da cozinha, e esperamos que os alimentadores chegassem para nos dar comida. Tal era a nossa vida. Eu tinha catorze anos, e Vovô Samuel setenta e três. Nós dependíamos da bondade de nossos alimentadores. Mas os alimentadores não vieram.

Às seis e meia, o telefone tocou, assustando a nós dois. A imagem de minha mãe veio à minha cabeça, porque ela era a única que já telefonara. Como somos treinados rápido! O cachorro de Pavlov.

“Responde”, Vovô Samuel mandou. Então respondi.

“Alô?”, perguntei, hesitante. “Casa dos Riddell.”

“Trevor? É Serena. Como está tudo aí?”

“Bem”, eu disse, aliviado com a familiaridade da voz dela.

“Escute, ficamos presos aqui”, falou. “Reuniões e mais reuniões. Então vamos comer alguma coisa no centro. Poderia fazer algo para você e Vovô Samuel?”

“Claro”, falei. “Mas o quê?”

“Bom, sei lá. Você sabe cozinhar?”

“Um pouco.”

“Tem ovos”, ela sugeriu. “Ah, sabe o quê? No congelador do porão tem burritos. Vovô adora aqueles burritos. Você pode cozinhá-los no micro-ondas.”

“Mas não há escadas”, falei, lembrando da minha última aventura no porão. “As escadas

estão quebradas.”

“O quê?”, ela perguntou. “Ah, você quer dizer... Como é que você... Não, aquela porta está pregada há anos. Diga ao Vovô para te mostrar como descer. É no corredor, atrás da despensa do mordomo. As escadas de trás estão boas. Como é que você foi encontrar as escadas da frente para o porão? É incrível que você não tenha se matado!”

“Eu só notei a porta”, disse, perdido na avalanche de palavras.

“Mas se vocês estão morrendo de fome e querem fazer da maneira mais fácil, peça uma pizza do Pizza Pete. Eles estão bem perto, e nos conhecem. Tem um cardápio na gaveta perto do fogão. Pode fazer isso?”

“Claro.”

“Vovô sabe onde está o dinheiro para pizza. Telefone e peça o que quiser. Se você pegar uma salada, pega sem azeitonas. Vovô não come azeitonas. E não dê ouvidos se ele pedir pizza com pimentão verde. Ele fica com gases terríveis. Nada de pimentão verde.”

“Tá bom.”

“Posso contar com você?”, Serena perguntou, depois de um momento.

“Pode contar comigo”, repliquei.

“Então seu pai e eu talvez vamos comer um jantar legal, para celebrar. Tudo está em ordem, Trevor. Só precisamos da sua peça do quebra-cabeça, que sei que você vai entregar. Eu sei que vai. Você telefonou para o tabelião? Já consegui fazer Vovô Samuel concordar?”

“Ainda não.”

“Hummm... Mas você vai fazer isso agora, não vai? Você não pode dizer que não dei uma boa oportunidade. Arranjei um longo período de tempo para você ficar sozinho com ele. Acho que...”

“Estou fazendo”, afirmei.

“Bom. E quando tiver feito? Bom, aí é que a diversão realmente vai começar, né? Se não chegarmos em casa antes das dez, seja bonzinho e coloque Vovô na cama, o.k.?”

“Sim, Tia Serena.”

“Não me chame de Tia Serena”, disse ela. “Eu detesto de verdade. Por favor, me chame só de Serena.”

“Sim, Só Serena.”

“Até breve, Esperto Trevor”, disse ela. “Amo você. Mais do que isso, eu *respeito* você. Considero você como um igual, e esse é o maior respeito que uma pessoa pode dar a outra.”

Desliguei e fiz como ela mandou; logo, um adolescente bem mais velho do que eu entregou a comida à nossa porta dos fundos.

Vovô Samuel ficou brincando com sua pizza, mas parecia ter comido o suficiente. Inclinou-se para trás na cadeira, parecendo contente e descansado, de um modo como eu não havia visto antes.

“Você parece feliz”, observei.

Ele sorriu.

“Não tomei minhas pílulas”, falou. “As pílulas me dão dor de estômago, mas preciso tomá-las, por causa da minha doença. Serena me faz tomá-las antes do jantar, mas esqueci, e ela não está aqui.”

“Será que você deveria tomá-las agora?”, perguntei, alarmado de ter sido relapso no meu dever; será que Serena havia me instruído a dar o remédio? Acho que não.

Vovô Samuel se inclinou.

“Elas não ajudam”, sussurrou. “Elas me mantêm acordado durante a noite, então preciso do outro remédio, para me ajudar a dormir.”

“Mas eu me sinto mal”, falei. “Se você precisa do seu remédio, deve tomá-lo. É importante.”

Ficou claramente desapontado, e fez um beijo.

“Elas estão no armário”, resmungou, apontando.

Levantei-me da mesa e abri a porta do armário. Tirei o vidro de remédio que estava lá dentro.

“Quantas você toma?”, perguntei, dando uma olhada no rótulo, buscando instruções. Era um vidro de cor âmbar, com uma tampa de segurança, mas o rótulo estava gasto.

“Duas”, ele respondeu. “A menos que eu tenha tido um dia ruim.”

“Você esteve bem”, confirmei, sacudindo dois tabletes na minha mão. Notei letras nos tabletes, estampadas na cobertura. Olhei mais de perto. “Acho que este não é o vidro certo.”

“É, sim.”

“Não, tem algum outro?”

“É esse aí”, insistiu Vovô Samuel.

Senti meu estômago se afundar. Serena não estava dando remédio ao Vovô Samuel. Estampada nos tabletes, estava a palavra cafeína.

“Quantas pílulas você disse que ela te dá por noite?”

“Duas, eu disse. Antes do jantar. A menos que eu tenha estado mal. Daí ela me dá mais.”

“E este remédio mantém você acordado à noite, então ela te dá o outro remédio para ajudar você a dormir? O remédio que fazemos com leite?”

“Isso mesmo. Eu não gosto, mas estou doente, então preciso tomar, mesmo se não gostar.”

Era quase inacreditável. Serena estava estimulando-o com cafeína, para depois sedá-lo com álcool? A única razão para fazer algo assim era para fazê-lo ficar louco. Ou para fazê-lo parecer esquecido e incoerente, como se tivesse Alzheimer.

“Hoje você não precisa tomar as pílulas”, falei decidido, colocando o vidro de volta no armário.

“Serena vai ficar zangada.”

“Eu vou mentir. Vou dizer a ela que você tomou, o.k.? Algumas vezes é bom dar um tempo e ter uma boa noite de sono. Não vai fazer mal perder um dia.”

Fechei o armário e sentei à mesa outra vez. Vovô Samuel sorriu para mim gentilmente, e colocou sua mão boa sobre a minha.

“Você sempre vai cuidar de mim”, disse ele.

“Vou.”

“Promete?”

“Prometo, Vovô.”

“Então eu quero te dar a Casa Riddell.”

“O quê?”

“Eu quero que fique com você, para que você cuide dela. Chame o homem para que ele venha e eu assine os papéis.”

Engoli em seco. Um gesto maravilhoso, mas...

“Você não pode dá-la para mim. Não sou adulto.”

Vovô Samuel franziu o rosto.

“Vovô...”

“Elijah me enviou uma carta”, disse ele. “Eu ia vender a casa, como meu pai queria. Mas Elijah me enviou uma carta, e Isobel disse que eu não podia fazê-lo. Ela leu a carta e disse que eu não podia. Ela fez com que eu promettesse.”

“Que carta?”

“Os advogados me deram. Eles disseram que não podiam pegar a casa, mas que podiam pegar tudo o mais. E havia a carta, e Isobel me fez prometer.”

Ele tinha uma expressão cansada, perplexa, como se isso fosse um dilema que o assombrava havia muito tempo.

“Posso assinar os papéis. E daí você decide.”

“Não posso decidir”, falei. “Eu sou menor de idade. Não sou realmente uma pessoa. Se você assinar os papéis, Serena e Papai é que vão decidir.”

Ele pensou um pouco.

“Mas você cuidará de mim”, disse com confiança.

“Eu sempre vou cuidar de você, Vovô”, eu disse. “Mas...”

“Então eu assino os papéis.”

Eu me lembro de me sentir paralisado pelas palavras dele. Subitamente, o destino da Casa Riddell havia sido jogado em minhas mãos. O que eu deveria fazer? Como poderia tomar tal decisão? Certamente, eu não tinha experiência de vida que justificasse tal poder. E, ainda assim, ali estava ele. Eu podia escolher meu próprio destino. Podia decidir entre meus pais ou minha história. Não havia garantia de que entregar a casa asseguraria que meus pais ficassem outra vez juntos. Eu sabia, mas estava ali, pendurado à minha frente como um fruto na videira. Eu me lembro de pensar rapidamente nos desejos de Ben, de devolver a propriedade para a floresta, mas pensei mais deliberadamente sobre Vovô Samuel. Um menino e seus dedos cortados. Um velho com um passado sombrio e um futuro obscuro, comendo sopa de tomate e biscoito cracker numa mansão caindo aos pedaços, com sua filha que administrava pílulas de cafeína. Será que ele também não merecia um tratamento apropriado? A Casa Kensington, um lugar quente, com refeições planejadas, atividades sociais, cuidados médicos apropriados. Claro, ele queria ficar na Casa Riddell, mas não era o melhor para ele. E, se Serena quisesse vender a terra, para pagar a Casa Kensington, o que havia de tão errado nisso?

“Telefona para o homem”, disse Vovô Samuel outra vez. “Eu quero assinar os papéis.”

Obedeci. Telefonei para o homem. Trinta minutos mais tarde, os papéis estavam reconhecidos pelo tabelião. O acordo estava feito.

A Casa Riddell estava velha e em decadência. Qualquer um podia ver isso. Inclinando-se para um lado, como se fosse se afundar na terra macia. Canos de drenagem quebrados, água da chuva não canalizada pingando nos toros e em torno dos caixilhos das janelas, até que eles inchassem para fora, cheios de umidade. Ela estava caindo sem minha ajuda, então, o que importava? E por que Serena não podia conseguir algo para si? Não poderíamos, todos nós, ter um pouco da riqueza que havíamos perdido?

A Casa Riddell não deveria durar para sempre. Se você olhar para algumas casas feitas de tijolos e pedra, como no interior, perto de Danbury, ou quando costumávamos ir a New England no outono, para ver as folhas mudando e comprar maçãs nas tendas à beira da estrada, sacos de papel cheios de pequenas maçãs crocantes, azedas e doces ao mesmo tempo, que faziam minha boca se franzir, e parávamos nos labirintos de milho, para que eu corresse e fosse menino, enquanto minha mãe e meu pai observavam, sorrindo, rindo, dando as mãos. (Eu me lembro de quando meus pais costumavam *dar as mãos!*) Essas casas que víamos quando parávamos à beira da estrada, e saíamos do carro para ver os campos, e espiar sobre cercas de pedras, e minha mãe recitava o poema de Robert Frost que ela tanto gostava, sobre fantasmas que não gostavam de paredes, então eles as derrubavam quando ninguém estava olhando, se você olhar para essas casas, você verá.

“Como eu gostaria de morar naquela casa!”, ela dizia. Sem discriminação, pensava eu. Desde que a casa fosse construída de pedras, e tivesse um telhado de laje ou de ardósia, e os caixilhos das janelas fossem pintados. Se houvesse fumaça subindo da lareira, certamente ela dizia isso. Mas, mesmo se não houvesse fumaça, ela dizia: *Como eu gostaria de morar naquela casa!*

“Eu adoraria morar naquela casa com você”, meu pai dizia. Todas as vezes.

“Ela me lembra de casa”, minha mãe dizia, com um dar de ombros, para ninguém em particular.

Eu era pequeno, então não entendia por que casas de pedra faziam com que ela se lembrasse da nossa casa de fazenda, de madeira; casas de pedra não se pareciam de jeito nenhum com a nossa casa. Mas ela queria dizer sua *antiga* casa. Na Inglaterra, onde ela crescera, num dedo de terra que se esticava oceano adentro, onde usavam-se pedras para construir casas, para que se pudesse suportar as brutais tempestades de inverno. Ela tinha saudade, mesmo naquela época; eu deveria ter sabido que ela ia olhar para trás, mesmo naquela época.

Se você olhar para aquelas casas, verá que foram construídas para *durar*. Elas eram sólidas. Imunes a ataques de lobos, vento e chuva e fogo. Nada podia derrubar aquelas casas. Em contraste, a Casa Riddell parecia quase feita de adubo. Como se fosse feita para se desmanchar depois de certo tempo, e alimentar a terra com seus restos, minhocas se arrastando pelo seu cerne oco, plantinhas brotando de sua rica casca; uma velha árvore,

transformada em toro amamentador, alimentando os filhos da eternidade. Sim, enorme e titânica em escala e escopo. Mas, ao mesmo tempo, frágil. Uma casa de gravetos.

E o que eu queria, na verdade? Quais eram minhas metas, como Serena havia me perguntado. Eu queria uma família. Queria meus pais sendo pais, e não companheiros de quarto anônimos num ambiente compartilhado. Queria que eles *se importassem*. Queria que eles fossem felizes juntos. Queria que eles fossem felizes comigo. Queria permanência, em um mundo em constante mudança.

Eu queria uma casa de pedras.

Tudo estava escuro. Levantei a cabeça da escrivaninha. Levantei a cabeça porque ouvi o baixo ruído de um motor de carro. Ouvi o triturar de rodas nos pedregulhos. Portas se fechando com baques satisfeitos. Eles estavam em casa. Peguei minha pasta de cima da escrivaninha, e caminhei pelo corredor. Hesitei antes de entrar na cozinha. Podia ouvi-los fazendo barulho, meio descuidados, como se estivessem um pouco bêbados; eles não deveriam estar dirigindo. Estavam me dando um mau exemplo.

“Eles devem ter ido dormir”, observou meu pai.

“Papai nunca foi de dormir cedo”, replicou Serena.

“A casa está escura. Devo ir ver se estão bem?”

“O que importa? Não é como se existisse algo para se temer por aqui, exceto a possibilidade de um guaxinim comedor de gente.”

“Guaxinim comedor de gente?”

“Já se ouviu falar de que eles comem gente”, disse Serena, e daí fez um barulho falso de rugido.

“Verdade?”, perguntou meu pai. “Não sei se acredito nisso.”

“*Acredite!*”, gritou Serena ameaçadoramente, e os dois deram risada. Definitivamente bêbados.

Limpei a garganta e entrei na cozinha.

“Como foram as reuniões?”, perguntei.

Serena e meu pai se entreolharam com a aparência surpresa dos culpados.

“Esplendidamente”, disse Serena alegremente. “Como foi o jantar com Vovô Samuel? Conseguiu fazer com que ele fosse dormir?”

“Foi tudo bem. Tivemos uma visita.”

“Uma visita?”

Hesitei por um momento, sentindo-me estranhamente ansioso. Ainda não era tarde demais. Eu podia inventar algo rapidamente. Um fantasma nos visitando, ou algo assim. Não precisava entregar para ela.

E, ainda assim, eu precisava entregar. Nem que fosse para proteger meu avô. Entreguei a pasta para Serena. Ela a tomou e olhou dentro.

“Nossa”, disse ela, sacudindo a cabeça em descrença. “Bom, só para provar que, quando é preciso fazer um trabalho de homem, você é o melhor para fazê-lo. Irmão Jones, você deveria aprender com seu talentoso filho.”

Ela entregou a pasta para meu pai, que estudou a procuração.

“Veja o que Trevor fez por você, Irmão Jones. Ele entregou a Casa Riddell. Fale como você está satisfeito.”

“Muito satisfeito”, disse meu pai.

“Encantado?”, sugeriu Serena.

“No mínimo”, concordou meu pai. “No mínimo encantado.”

Serena veio até onde eu estava e pegou meu rosto entre as mãos. Plantou um beijo na minha boca. O hálito dela cheirava a vinho.

“Espero que você esteja apropriadamente orgulhoso de seu empreendimento”, disse ela. “Espero que você sinta a natureza monumental de seu empreendimento.”

Ela voltou para meu pai, deslizou o braço sob o dele, e os dois admiraram a procuração juntos, orgulhosamente, como se fosse seu novo bebê recém-nascido.

Eu tinha vontade de chorar. A ideia de que a venda estava ao seu alcance estava trazendo meu pai e Serena mais perto um do outro; isso era completamente antitético para minha própria meta de reunir meu pai e minha mãe. O único rasgo de redenção que encontrei na coisa inteira foi que meu avô ia ter atenção médica apropriada, se ele um dia precisasse. De outra forma, aquela era só mais uma promessa rompida a uma pessoa morta.

Murmurei um boa-noite, e caminhei pelo corredor até o vestibulo, daí subi as escadas da frente. Eu podia jurar que ouvira um suspiro de pena, enquanto caminhava no corredor do meu quarto, mas provavelmente era só um pensamento ilusório. Subi na cama, desliguei a luz de leitura, deitei a cabeça no travesseiro e esperei. Com esperança. Eu tinha esperança de que a porta se abriria na sua maneira fantasmagórica. Tinha esperança de que o espírito de Ben entraria no quarto e se sentaria na cadeira barulhenta, e me deixasse saber que tudo estava certo. Mas Ben não veio.

Na manhã seguinte, a casa estava silenciosa como de costume, mas um tipo diferente de silêncio. Um silêncio cheio de horror. Imaginei que meu pai e Serena estivessem então no escritório dos advogados, rapidamente preenchendo reivindicações e formulários e pedidos de autorização. Declarações de impacto ambiental. Uma cena grotesca se desenvolvia na minha mente: velhos gordos com colarinhos duros, rindo e dando palmadinhas nas costas uns dos outros, divertindo-se na nova exploração da Propriedade do Norte. Finalmente, o golpe de morte seria dado na Casa Riddell. Não era suficiente fazer a memória de Elijah Riddell cair de joelhos. Não, Elijah Riddell precisava ser humilhado, violentado. Seu grandioso império não poderia apenas se desvanecer, ele tinha que ser arrastado na sujeira e na merda e no mijo de milhares de anos. Esfolado e cortado. Vinte lotes de dez acres para vinte McMansões de dez cômodos. Dois minúsculos acres permitidos a se transformarem numa floresta selvagem, indomada, sem manchas. Era um ultraje. Uma zombaria de uma impostura de um ultraje.

Encontrei café ainda na cafeteira e não estava muito frio, então me servi e coloquei no micro-ondas. Quando ficou quente, adicionei sorvete. Provei, mas a ambrosia havia se tornado azeda. Não havia mais mágica.

Procurei por algo para comer de café da manhã no refrigerador, e encontrei restos da pizza de linguiça da noite anterior. Cheirava bem, então peguei um pedaço e comi fria, em pé ao lado do balcão, que era algo que minha mãe odiava. “O corpo humano precisa se sentar, para digerir direito”, ela me disse certa vez. Mais tarde, descobri que isso não era de modo algum verdadeiro: o corpo humano foi feito para digerir acorocado sobre a carcaça quente de um gnu ou antílope ou algo recém-abatido, e não sentado à mesa. No fim, o corpo humano foi feito muito antes que a primeira mesa fosse inventada. Mas minha mãe não se preocupava com esses detalhes.

Coloquei outro pedaço de pizza no micro-ondas. Quando bipou, coloquei num prato e estava me dirigindo à varanda para comer ao ar fresco, quando notei que um flash de luz caía na parede da sala de estar da frente, como o reflexo de um espelho, ou do mostruário de um relógio refletindo o sol. Quietamente, deslizei para a sala a fim de investigar, e ouvi vozes. Sussurros. Vozes do passado? Vi o flash outra vez. Olhei pela janela da frente. Serena e meu pai estavam sentados juntos no balanço da varanda. O relógio de meu pai brilhava no sol, e se refletia do outro lado do canto da casa. Não me senti muito no espírito aventureiro, então não me interessei em me esconder. Sentei-me no sofá e comi minha pizza na mesa de centro, mas comi silenciosamente, para não ser detectado. Eu podia ouvir claramente a conversa deles.

“Algumas coisas mudam”, ouvi Serena falar. “Recentemente, li um artigo que citava um conselheiro matrimonial, sugerindo que permissões para casar deveriam precisar de renovação a cada sete anos. Evitaria a bagunça. E ter que reavaliar um relacionamento se tornaria algo natural. Você sabe, as pessoas ficam trancadas num contrato permanente, e não sabem como escapar. Eles traem um ao outro, eles agem mal e fazem-no desleixadamente, para

serem pegos. Por que simplesmente não tornar público? Nós nos divertimos juntos. Agora é hora de ir em frente.”

“Isso não está levando os filhos em consideração”, replicou meu pai.

“Crianças são resistentes”, disse Serena, fazendo um som de desdém. “Elas se adaptam. Olhe para mim. Minha mãe faleceu quando eu tinha onze anos. Meu pai era praticamente um inválido, ou pelo menos um perdedor incompetente pela maior parte de sua vida. Você tinha ido embora. Aprendi a me adaptar. Não me derreti numa poça com o primeiro balde d’água que me jogaram. Fiz com que ele se tornasse parte da minha história. Sobrevivi. Uma Tenente Ripley da vida real.”

“De *Alien*?”, perguntou meu pai. “Sigourney Weaver?”

“É, mas, mais significantemente, da sequência. O primeiro foi um filme melhor. O segundo foi uma representação melhor da ferocidade de uma mulher, quando empurrada ao ponto de ruptura.”

“Pensei que você não fosse ao cinema.”

“E por quê? Porque ando de bicicleta? Realmente, Irmão Jones, você deve aprender a ser mais criativo no seu modo de pensar. Eu ando de bicicleta, corto madeira, bato manteiga à mão quando preciso. Não preciso amarrar um tênis de corrida caro, e pressionar o botão de início numa esteira, para fazer exercícios, quando tenho uma bicicleta para ir ao mercado. O que Rachel faz para ficar em forma?”

“Rachel?”, meu pai perguntou, aparentemente surpreso pela pergunta. “Na verdade, nada.”

“Mesmo? E, ainda assim, ela mantém sua figura?”

“Ela ficou mais macia com o passar dos anos.”

“Hummm...”, Serena ficou pensando. “Ela ficou desleixada?”

“É assim que se diz?”

“É *um* dos modos”, Serena disse de maneira mordaz. “É o seu?”

“Não, não é o meu, de jeito nenhum”, disse meu pai, depois de alguns momentos. “‘Mais macia’ é a minha expressão. E ela é bastante atrativa, obrigado.”

“Homens são visualmente estimuláveis”, disse Serena. “Isso é apenas a realidade, sem criticismo. Os homens se sentem atraídos pela juventude e vivacidade. Posso ser terrivelmente audaz e inquirir sobre o nível de intimidade que você compartilha com Rachel?”

Houve uma longa pausa, e eu fiquei rindo comigo mesmo. Serena. Ela sabia mesmo como derrubar uma porta sem destruir as dobradiças!

“Acho que isso não é da sua conta”, replicou meu pai.

“Seu bem-estar e felicidade são inteiramente da minha conta”, disse Serena. “Venha, sente-se aqui na minha frente, e deixe-me massagear seus ombros; você está muito tenso. Deixe-me massagear você um pouquinho.”

Para minha consternação, meu pai fez o que ela pediu. Ouvi o balanço fazer barulho, quando ele se levantou, e o assoalho fazer ruído, quando ele se sentou à frente dela, e ouvi-o gemer quando ela colocou as mãos nele, e depois um “Ai!” de reclamação.

“Isto é que é um nó”, disse ela. “Vou arrumar. Respire!”

E mais silêncio, o que achei perturbador, porque sabia que, quanto mais tempo ela ficava

com as mãos nele, mais fundo suas garras se fixariam.

“Você tem dedões muito fortes”, disse meu pai, com voz sonhadora.

“Você está guardando anos de tensão e raiva nos músculos. Vai dar trabalho tirar tudo.”

Eu me levantei e fui até a janela para espiá-los. Meu pai estava sentado no chão, com Serena atrás, no balanço. Ela estava inclinada sobre ele, e pressionando o cotovelo em suas costas. A imagem foi muito impressionante para mim, mesmo não levando em consideração seu relacionamento de irmãos. Apenas parecia que a última coisa na mente do meu pai era a minha mãe, ou mesmo eu. Eu me senti muito tolo por ter sido enganado a pensar que o dinheiro da venda da Casa Riddell ia resolver os problemas dos meus pais.

“Dói”, disse meu pai.

“São as toxinas. Seu corpo cria toxinas, quando está sob estresse, e daí seus músculos as retêm. Você precisa ter massagens regulares, para se limpar. Está carregando décadas de toxicidade nos músculos. Toda a angústia que precisou suportar quando menino. Toda a ira. É por isso que você está tão tenso e inflexível. Vamos precisar voltar lá atrás, para libertar todas as toxinas. Voltar para quando você corria. Lembra? Seu porte era perfeito, então você conseguia correr nos trilhos do trem, seus pés aterrissando perfeitamente nas barras. Você podia correr por quilômetros, seguindo os trilhos paralelos que se estendiam até o infinito.”

A voz de Serena havia tomado um tom melódico e hipnótico. Ela parou a manobra do cotovelo, e começou a massagear o escalpo do meu pai. Puta merda! Será que meu pai não conseguia ver que ela estava tentando seduzi-lo?

“Ah, isso é tão bom”, disse meu pai, sonolentemente.

“Tenho certeza de que sim. Vamos de volta àquele momento horrórico, e limpar as toxinas, e daí vamos em frente, e daí para o futuro. Pense como será viver como vivia Elijah, com dinheiro para coisas e empregados e comida preparada por chefs. É isso o que vejo no nosso cruzeiro. Nada a fazer a não ser relaxar e desfrutar. Caminhar pelo convés com seus corrimãos de teca. Nadar na piscina de água salgada. Tirar uma sesta ao sol, e ler livros. Ah, os livros que vamos ler! Aportar em uma terra exótica, e subir uma montanha até um templo sagrado. Rezar com as pessoas, rezar aos deuses! Sentir o calor na nossa pele, o sol. Sentir o suor lustroso nos nossos braços e pernas. Provar as frutas e os peixes do vilarejo local. Nada teve um sabor tão fresco! E daí, voltando ao navio, nós nos refrescaríamos, nos vestiríamos para um jantar formal, e daí, depois, dançaríamos frente a uma orquestra. Não um homem triste num piano de acrílico e uma máquina de bateria. Uma orquestra! Dançar para que todos vejam como somos belos. Como somos perfeitos.”

Levei um minuto para me dar conta de que a imagem que Serena estava conjurando do cruzeiro *incluía meu pai*.

Ela parou de falar, mas continuou a massagear meu pai. Continuou a *tocar* nele.

“O que acha disso?”, perguntou ela.

“O que acho do quê?”

“Da nossa circunavegação pelo globo, Irmão Jones. Juntos.”

Não aguentei mais. Era demais. Ela esteve planejando isso desde o início. Voltei-me rapidamente, saí da sala, marchei pelo vestíbulo, e saí na varanda.

“Muito engraçado”, disse meu pai.

“Muito *maravilhoso*”, corrigiu Serena.

“O que é maravilhoso?”, perguntei, sobressaltando-os.

“Trevor!”, exclamou Serena, levantando-se rapidamente.

“Do que vocês estavam falando?”

“De nada, só... a venda da propriedade”, respondeu ela. “Como vai ser maravilhoso quando as coisas finalmente estiverem a caminho. Claro, tudo graças a *você*. Vou pegar aquele copo de água que você queria, Irmão Jones.”

Ela passou rapidamente por mim, entrando na casa. Achei estranho que ela estivesse agitada; era a primeira vez que eu a via assim.

“O que vocês estavam fazendo?”, perguntei a meu pai, quando Serena saiu.

“Nada”, disse ele, levantando-se e limpando a poeira do assento das calças.

“Parecia alguma coisa.”

“Serena estava me mostrando algo sobre o qual ela leu. Uma coisa de massagem de desintoxicação. Ela leu a respeito na revista *Cosmopolitan*, acho.”

“Ah, claro”, eu disse, suspeitando. “Acho que vi esse exemplar na loja.”

Meu pai assentiu inseguro, e daí saiu da varanda.

“Vou dar uma caminhada até o despenhadeiro. Quer vir?”

“Estou bem”, falei.

Ele se foi. E, ainda mais significativo, Serena não voltou com o copo de água supostamente pedido. A verdade vem à tona, realmente.

Eu estava escondido no meu quarto, lendo um dos diários de Harry, que eu tinha camuflado, fazendo uma capa de saco de papel. Ouvi uma batida na porta, e meu pai disse, através dela:

“Estou levando a Serena de carro até o supermercado. Você precisa de alguma coisa?”

Eu não precisava.

Quando eles se foram, eu sabia que precisava agir rapidamente. Tinha que pegar a procuração de volta. Apressei-me até o estúdio e folheei todos os papéis que consegui encontrar. A pasta não estava entre eles. Achei que ela não ia deixar à mostra, para que eu encontrasse. Não. Cheguei à conclusão de que a pasta estaria no cofre, ou no quarto dela. Era impossível buscar no cofre. No quarto de Serena, nem tanto.

O quarto de Serena era mais legal que o do Vovô Samuel, ainda que estivesse no mesmo grupo de alojamentos para empregados. Era muito maior do que o dele, como se alguém, em algum momento, tivesse derrubado uma parede, transformando dois quartos em um. Ela tinha uma cama de casal, não uma de solteiro, como Vovô Samuel. Tinha uma penteadeira e um grande armário embutido cheio de vestidos e saias, alguns em tons mais suaves de inverno, outros em cores leves de primavera. Muitos, e todos parecendo novos ou pouco usados; alguns estavam em sacos de roupa, alguns ainda tinham etiquetas. Havia muitas, muitas caixas de sapatos empilhadas uma em cima da outra, todas com etiquetas, todas as caixas aparentemente sem marcas de uso. Sua penteadeira estava cheia de roupas íntimas de renda. Tirei uma delas da gaveta e levantei-a; não parecia confortável. Coloquei de volta e continuei minha busca.

Ela tinha muitos livros, de todo tipo. Romances de bolso, livros de suspense. Clássicos da literatura. Em cima da cômoda, havia diversas fotos emolduradas: uma dela quando adolescente, sentada no despenhadeiro; outra dela quando criança, segurando a mão de um adolescente, que devia ser Jones; outra de uma mãe amamentando uma criança, enquanto um menino pequeno observava. Eu jamais havia visto fotos da família do meu pai.

Estranhamente, não encontrei nenhuma evidência de coisas masculinas, nada de cuecas ou tênis ou mesmo uma segunda escova de dentes.

Queria conduzir uma investigação completa de todos os detalhes da vida de Serena, mas tinha uma quantidade limitada de tempo, então precisava me concentrar. Olhei todos os papéis sobre a escrivania dela. Coisas de negócio. Contas de eletricidade etc. Não era o que eu precisava. Olhei embaixo da cama. Na prateleira de cima do armário. Nada.

Preocupado que eles voltassem logo, decidi cortar minha busca. Serena devia ter metido a procuração no cofre, e isso tornaria quase impossível pegá-lo, a menos que Ben quisesse abri-lo para mim. Talvez. Antes de ir embora, fiquei parado na porta e me volvei para o centro do quarto. Com todos os mistérios da Casa Riddell, achei difícil acreditar que não havia um mistério no quarto de Serena. Eu queria que Ben viesse me ajudar, mas ele provavelmente estava zangado comigo, por traí-lo; ele não parecia estar a caminho.

E daí notei algo muito sutil. Uma pequena saliência no chão, embaixo do tapete, como se o

forro do tapete tivesse uma dobra, e ela causasse a leve saliência. Levantei o canto do tapete e vi que minhas suspeitas estavam corretas. O velho forro, de malha de borracha, tinha uma dobra. Puxei o canto, para esticar o forro, e detectei uma parte escura no chão, debaixo dele. Levantei um pouco mais o canto do forro, e vi o contorno de um alçapão, com um pequeno aro de metal, deitado rente ao chão. Havia um segredo no quarto de Serena, afinal de contas.

Cuidadosamente, enrolei o tapete e o forro, até destapar o alçapão. A porta era quadrada e tinha uns sessenta por sessenta centímetros, estimei, e não tinha dobradiça; a plataforma inteira saiu, quando a levantei. Dentro do raso espaço, havia uma caixa de madeira quase do tamanho do buraco. Levantei e coloquei no chão. Abri e imediatamente fui recompensado. A pasta com a procuração estava bem no topo da pilha. Peguei. Embaixo dela, estavam envelopes, cartas juntadas com elástico, e uma revista velha.

Era um exemplar de *Woodenboat*, de novembro de 1979, e, na capa, estava meu pai. Eu já a tinha visto antes, e ainda achava que meu pai parecia idiota com cabelo comprido.

Vi brochuras coloridas, uma pilha delas, para diversas linhas de cruzeiros. Bingo! Meu pulso se acelerou. Catálogos e itinerários. Um deles era como o que tinha encontrado no meu quarto. Mostrava a grande dama de todos os cruzeiros: volta ao mundo no *Queen Elizabeth II*. Levava nove meses para completar a viagem. Nove meses ao mar. Subindo montanhas para templos estranhos, em exóticos portos de chegada. Desfrutando jantares formais a bordo. Dançando perante uma orquestra.

Tirei um grosso envelope, que parecia mais oficial. Abri. Era uma carta endereçada a sr. e sra. Jones Riddell, Casa Riddell, Propriedade do Norte. “Nós, da Linha Cunard, estamos satisfeitos de que os senhores tenham reservado passagens para seu cruzeiro ao redor do mundo conosco...”

Putaquepariu. Passagens. Serena não estava brincando, quando contou ao meu pai como ela queria gastar a parte dela do dinheiro. E ela já tinha gasto! O plano dela já estava em movimento.

Tirei o elástico do pacote de cartas e folheei. Todas estavam em envelopes idênticos, feitos em elegante papel de linho, com o endereço de remetente impresso na aba de trás: Casa Riddell, Propriedade do Norte, Seattle, WA. Peguei o primeiro envelope do monte. Estava endereçado para Jones Riddell, ainda que não houvesse endereço abaixo do nome. Não estava selado. Tirei a carta que havia dentro.

Meu querido Irmão Jones,

Enquanto dançávamos juntos esta noite, senti uma enorme explosão de felicidade dentro de mim. Parecia tão *certo* estar nos seus braços, como sempre imaginei que seria. Claro, eu fiquei nervosa com sua chegada. Quem não ficaria? Esperei por tanto tempo, e tanta coisa se passou, sem que nos conhecêssemos um ao outro... E se meus instintos estivessem errados?

Não estavam, agora sei, e acredito que você também saiba. Você sentiu o que senti, seus braços à minha volta, seu poder e sua energia alimentando minha alma faminta.

As coisas vão se resolver nos próximos dias. Você verá meu plano tomar forma. Não

precisa se preocupar com nada. Já pensei em tudo. Você só precisa ficar ao meu lado e permitir que aconteça. Em algumas curtas semanas, nosso destino se cumprirá.

Fiz um depósito na linha de cruzeiros, reservando nosso quarto. Tive que pegar dinheiro emprestado com Dickie, mas ele foi bem generoso, agora que vê que meu plano está frutificando. Voaremos até Nova York, para velejar pelo cais da cidade no Ano-Novo, passar pela Estátua da Liberdade em toda a sua glória, e daí nossa jornada verdadeiramente começará. Estou esperando tanto passar meses com você, velejando pelos mares do mundo, vendo coisas maravilhosas! Só em pensar em nós dois em roupas formais, dançando no grandioso salão de baile do *Queen Elizabeth*, faz com que eu me estremeça de alegria.

Prometo limpar alguns daqueles antigos baús que estão no celeiro, para nossa viagem. Você sabe, eles são antiguidades valiosas, e dariam um bom dinheiro em um leilão, pelo que nos disseram. Baús antigos, feitos por Louis Vuitton? Mas não vamos vendê-los; vamos *usá-los*, e nossa viagem será cheia de romance e charme, como antigamente.

Enquanto isso, há detalhes que preciso resolver, então preciso terminar esta carta mais abruptamente do que gostaria. Ainda assim, saiba que eu amo você de todo o coração, e assegure-se de que sou dedicada a você com todo o meu ser.

Eu sabia que você voltaria por mim.

Com amor,

Serena

Folhee o monte outra vez, desta vez olhando melhor. Todas elas estavam endereçadas ao meu pai.

Fiquei completamente apavorado. Serena era mais doida do que pensei. Além da intenção óbvia de começar um relacionamento incestuoso com meu pai, havia também a questão da sanidade dela. Não acreditei que meu pai fosse com ela — não *podia* acreditar que ele fosse, ainda que talvez eu estivesse errado também sobre aquilo. Mas com ela investindo alguns vinte anos em fantasia, escrevendo cartas e fazendo cruzeiros imaginários, vi que algo poderia dar terrivelmente errado. O plano inteiro dela incluía meu pai. Foi por isso que vender antiguidades e pianos raros para fazer dinheiro não a satisfariam. Sobreviver não era o seu alvo; pegar o Irmão Jones era seu alvo.

Preocupado com que eles talvez voltassem e me descobrissem, recoloquei as cartas e as passagens na caixa. Daí hesitei. Eu precisaria delas como evidência. Precisava contar para meu pai. Contudo, eu estava jogando um jogo perigoso, pois, caso Serena descobrisse coisas faltando, ela certamente viria primeiro atrás de mim. Ainda assim, eu tinha que me arriscar. Fiquei com as passagens e a carta, e a procuração também. Voltei a tampa do alçapão e arrumei o forro do tapete e o tapete, tentando deixar a mesma suave elevação que havia notado antes. Examinei o quarto, para me assegurar de que não deixara nada fora do lugar; tudo parecia em ordem. Desliguei a luz e saí. Quando estava caminhando de volta pela parte principal da casa, senti um frio. Não porque estava com frio, mas porque estava morrendo de

medo do que viria pela frente.

Mais tarde, naquele dia, meu pai e Serena ainda não haviam voltado do supermercado, o que apenas aumentou minha agitação. Eu podia imaginar meu pai nas garras de Serena, durante uma longa viagem de compras, e não gostava da imagem de jeito nenhum. Peguei o telefone e disquei o número dos meus avós na Inglaterra. Era quase meia-noite, hora de Greenwich, e sabia que minha mãe ia gritar comigo, mas não me interessava. Ela respondeu imediatamente, e fiquei feliz com isso; não queria ter que passar por algum intermediário. Ao mesmo tempo, não tinha certeza do quê exatamente eu queria com a minha mãe. Reafirmação. Uma mão firme no leme, frase que ela sempre usava quando falava sobre seu relacionamento com meu pai: “Eu sou a mão firme neste leme”, dizia ela. Talvez eu apenas quisesse uma mão firme.

“Está dormindo?”, perguntei.

“Estava lendo”, ela respondeu. A voz dela era macia. Calma. Eu gostava quando ela era macia. “Todos estão dormindo; eu queria atender antes que o toque acordasse todo mundo.”

“Desculpe por ligar tão tarde.”

“Melhor você me ligar tarde no meu tempo do que tarde no seu tempo. Desculpe se não nos falamos por alguns dias. Seu pai disse que você tem estado muito ocupado, investigando algo. *Escavando*. Sondando a história da Casa Riddell. É fascinante, não é mesmo?”

“Você falou com ele?”, perguntei.

“Claro. Telefonei algumas vezes; você sempre estava em algum lugar. Mas essa é a sua personalidade. Desde que você era pequeno, não deixava nenhuma injustiça passar sem ser desafiada.”

Fiquei me perguntando sobre minha personalidade.

“Que injustiça?”, perguntei.

“O que aconteceu com um de seus ancestrais. Seu pai me contou. Você ficou ultrajado porque um de seus tios em algum grau tenha se suicidado porque era homossexual.”

“Isso não está certo...”

“Claro que não está. Mas as pessoas naqueles dias não aceitavam as coisas como aceitam agora.”

“Não, quero dizer, não está certo”, falei, me sentindo confuso pelas aparentes conversas que meus pais estavam tendo sem que eu soubesse. “Ben não cometeu suicídio, acho. Quero dizer, não sei. Eu não disse isso. Quero dizer, ele amava Harry. Mas ele morreu de coração partido. Ele não cometeu suicídio.”

“Seu pai mencionou um casamento arranjado”, disse ela, depois de um momento.

O que eu poderia dizer? Minha mãe, de onde ela estava, não conseguiria nunca entender a sutileza da vida e da morte de Ben. Talvez ele *tenha* se suicidado; eu não sabia. Mas certamente não tiraria essa conclusão, baseado nas evidências que tinha.

“Não sei exatamente o que aconteceu”, falei firmemente. “E, de qualquer jeito, não foi para isso que liguei.”

“Sinto muito, amor. Eu não deveria ter tirado conclusões. Por favor, diga-me por que você me ligou.”

“Não sei o que fazer.”

“Sobre o quê?”

“Sobre a casa.”

“Você já não fez?”, perguntou. “Papai me disse que você conseguiu fazer seu avô assinar a procuração. Não era esse o propósito?”

“Era o propósito *de alguém*.”

“Então você fez, querido. Você terminou.”

Nem brincando, pensei.

“O que devo fazer a respeito de Ben?”

“Ben?”, ela perguntou, parecendo confusa.

“Meu antepassado. Meu tio em algum grau. O espírito da Casa Riddell. Ele me dá sonhos. Ele me mostrou como havia morrido. Como Harry morreu. Ele me mostrou em sonhos.”

“Um sonho? Então foi tudo sua imaginação.”

“Não, eu sonhei. E sonhei outra vez. E outra vez.”

“Portanto, isso deve vir de...”

“Eu *vi* coisas, Mamãe”, disse com força. “*Eu vi coisas! Diga* que eu não vi a *verdade!*”

Houve uma grande pausa, na qual eu estava certo de que minha mãe estava se perguntando se eu tinha perdido a cabeça.

“Tenho certeza de que seu pai te contou alguma dessas coisas”, disse finalmente, porque tinha que dizer algo. “Tenho certeza de que você conjurou antigas memórias. Há uma explicação lógica. Você comeu algo apimentado antes de ir para a cama?”

“Então você ainda não acredita em Ben?”, perguntei. “Depois de tudo o que eu contei? Você não acredita que ele me dá sonhos que me fazem ver o passado? Você não acredita que eu *vi*, não é?”

“Eu acredito em Ben como acredito em Jesus Cristo”, replicou ela. “Ele foi um grande homem. Ele viveu há algum tempo. Ele não era o filho de Deus.”

Eu estava a ponto de chorar. Havia telefonado para minha mãe em busca de apoio, porque ela me dissera que sempre estaria lá para me dar apoio. Ela não estava.

“Tenho que ir”, falei.

“Aonde você vai, Trevor? Você está bem?”

Hesitei antes de falar.

“Você e papai estão se divorciando?”, perguntei.

Ela hesitou.

“Não há uma resposta fácil para essa pergunta, acho”, disse finalmente.

“Preciso saber. E preciso saber *agora*.”

“Não sei, Trevor. Há muita coisa a ser feita. *Muita*.”

“Mas se você termina de fazer tudo...”

“Acredito, no fundo do coração, que nosso amor um pelo outro é forte o suficiente para sobreviver a isto, sim. Papai tem sido muito conciliatório ultimamente. Acredito que o estresse de perder tudo foi pesado para ele, e, agora que tudo está feito, ele está reavaliando.

Quero pensar que forçá-lo a voltar à Casa Riddell com você foi algo que o ajudou bastante.”

“Você o forçou?”, perguntei. “Pensei que ele havia forçado você a deixar que me levasse.”

Ela parou.

“Não havia alternativa. Ele tinha que ir. Ele disse que só se sentiria seguro se pudesse levar você. Então, nesse sentido, suponho que tenhamos concordado que era a única escolha possível.”

“Preciso saber mais uma coisa”, falei. “Se Papai subitamente tivesse dinheiro, isso mudaria as coisas?”

“Não, Trevor”, respondeu ela sem hesitar. “Não tem nada a ver com dinheiro. Realmente.”

“Então, se ainda formos pobres, você ainda assim o aceitaria de volta?”

“Há mais trabalho...”

“Assumindo que ele faça o trabalho.”

“Você está crescendo, então você deveria aprender isto agora — e não se preocupe, vou fazer você lembrar quando for necessário —: se dinheiro afeta quem você ama, então não é amor verdadeiro.”

“Obrigado.”

“Pelo quê?”

“Não sei”, disse, depois de um momento. Porque eu realmente não sabia. Mas estava agradecido por algo.

Então desligamos. Peguei a pasta de debaixo do meu colchão, e levei para a cozinha. Eu estava em controle de algumas coisas, de outras não. Desta coisa em particular, sim.

Retirei a procuração da pasta e segurei-a sobre uma frigideira de ferro no fogão. Peguei um fósforo da caixa azul e vermelha, acendi-o, e segurei no centro do papel, mas apaguei o fósforo antes que o papel pegasse fogo. Destruir a procuração não mudaria nada; eles simplesmente conseguiriam outra, de algum modo. Não. Eu precisava esconder. Em algum lugar seguro. Se eu pudesse convencer meu pai, de alguma maneira, ele seria uma arma bem útil de ter; eu ainda acreditava que seria capaz de fazer meu pai mudar de ideia, parar a venda, e permitir que a propriedade voltasse à floresta selvagem. Acreditava que meu pai podia ser redimido. Então coloquei o documento no único lugar que sabia estar seguro contra os olhos curiosos de Serena: no quarto secreto de Elijah.

Depois de esconder o envelope no quarto secreto, e ter descido a escada para o vestíbulo escuro, sobre o armário de roupas de cama, ouvi algo: um roçar de tecido, ou algo. Leve, mas deliberado. Na câmara escura onde eu havia visto o espectro de Ben pela primeira vez, tirei minha sempre presente caixa de fósforos do bolso, peguei um palito e acendi. Na explosão súbita de luz, vi alguém. Duas pessoas, na verdade. Uma mulher e um menino quase da minha idade. Eles se sentavam contra a parede, no topo das escadas, sussurrando juntos.

Eles não prestaram nenhuma atenção em mim, então cheguei mais perto. O fósforo se queimou. Acendi outro rapidamente. Os dois ainda estavam lá. Eu me acocorei na frente deles.

Ela não era velha. Não muito mais velha que Serena, provavelmente, e era muito linda e parecendo muito bondosa. Segurei a respiração. E o menino, com seus olhos escuros e seu

queixo firme. Eu soube imediatamente que era meu pai.

“Temo estar doente, Jonsey”, sussurrou ela para ele. “E um dia vou morrer. Mas prometo que vou voltar e visitar você, como seu amigo vem nos visitar.”

“Mas daí você vai ser um fantasma”, meu jovem pai sussurrou para ela, em resposta. “Não quero que você fique presa.”

“Não vou ficar presa, docinho. Espíritos podem fazer visitas também. Quando quiserem. Vou voltar por você, prometo.”

Meu fósforo se queimou. Acendi outro, e Isobel, minha avó, que ainda estava lá com meu pai, olhou para mim como se pudesse me ver. E talvez pudesse.

Ela estendeu a mão e tocou meu rosto, e foi como se uma pena se roçasse contra a minha pele.

“Fé”, disse ela. E assoprou meu fósforo.

“Mas havia velas demais.

Estavam por toda parte. E não eram velas. Observei a sala: os candelabros de parede — que eu lembrava serem elétricos — estavam todos acesos com chamas.

Haviam sido transformados em antigas lâmpadas a querosene.”

Acordei de supetão. Tivera um sonho? Não.

Acontecera antes que eu fosse dormir. Eu havia visto Isobel e meu pai quando pequeno, no corredor acima do armário de roupas de cama. Fiquei espantado depois disso, porque vê-los colocou tudo em foco. Meu pai acreditava, sim. Sim, ele tinha fê. Isobel havia prometido visitá-lo, mas nunca conseguiu, porque, depois que Vovô Samuel o mandou embora, ele mudara. Meu pai se tornou sombrio e cínico, e daí perdeu tudo. Ele foi forçado a voltar à Casa Riddell, tendo perdido a fê.

Mas, na Casa Riddell, as coisas não eram como ele esperava. Vovô Samuel falava de passos dançantes, e meu pai também os escutou. Então ele foi ao salão de baile, buscando por sua mãe. Ele voltou porque pensava que ela poderia estar aqui. Claro que sim.

Eu estava doente do estômago. Não aquele sentimento ruim que algumas vezes sentia, quando sabia que havia feito algo errado, o que faria sentido, e eu teria aceitado. Sentia uma náusea intensa, como se tivesse sido envenenado. Não tinha que vomitar, mas seria melhor se tivesse. Caminhei pelo corredor até o banheiro, quase tropeçando de enjoo. Parei algumas vezes, escorando-me na parede enquanto quase desmaiava com as vertigens. Será que fora a pizza velha que havia comido para o desjejum? Será que eu tinha comido algo que me fez mal? Ou estava sendo punido por ter traído Ben?

Cheguei ao banheiro e abri a torneira. Joguei água fria diversas vezes no rosto, daí olhei no espelho e tive um sobressalto: Ben estava atrás de mim — só por um momento, e daí ele se foi.

Virei rapidamente, torcendo o pescoço e sentindo uma dor lancinante. Ninguém estava ali. Virei de volta para a pia, e senti minha testa. Será que tinha febre? Estava vendo coisas?

Outra onda de náusea se abateu sobre mim, ainda mais intensa. Fechei a tampa da privada e me sentei, até que passasse. Deve ter sido a pizza. Eu nunca mais ia confiar numa linguiça. Outra onda me trouxe dores de estômago. Eu me dobrei e gemi. E foi aí que as luzes se apagaram. Não metaforicamente. As luzes verdadeiramente se apagaram, deixando o banheiro no escuro. Uma brisa fresca roçou atrás do meu pescoço.

Segurei a respiração e me levantei. Abri a porta do banheiro. O corredor também estava escuro. A casa inteira estava escura. Não era um fusível queimado. Era falta de força. Ri pesarosamente. Pessoas com seus ares-condicionados; a rede de energia só podia aguentar até certo ponto. Caminhei até o fim do corredor e abri a porta do meu pai. O quarto estava vazio. Escutei cuidadosamente, e ouvi conversa lá embaixo. Desci a escada da frente, esperando que Serena tivesse um Alka-Seltzer ou Pepto-Bismol. Ao chegar ao vestibulo, notei luzes oscilantes. Meu pai e Serena deviam ter acendido velas, por causa do apagão.

Mas havia velas demais. Estavam por toda parte. E não eram velas. Observei a sala: os candelabros de parede — que eu lembrava serem elétricos — estavam todos acesos com chamas. Havia sido transformados em antigas lâmpadas a querosene. Olhei para o átrio. O

candelabro do vestíbulo, um lindo e intrincado enredo de vinhas e cristal, com folhas e frutas de bronze, estava com um brilho amarelo-dourado; ele também estava queimando querosene, não eletricidade, como eu lembrava, me levando a pensar que estava num sonho elaborado, ou talvez uma recriação da Casa Riddell de muito tempo atrás, ou um museu de cera, ou... E as vozes. Não apenas duas. Não apenas meu pai e Serena. Mas muitas. Espiei na sala de estar feminina; estava cheia de mulheres, pelo menos umas doze, em longos vestidos elegantes, sentadas em grupos, segurando taças de café ou chá, e conversando, rindo, com diversos empregados por perto, às suas ordens. Quem eram essas pessoas nessa vida? As mulheres usavam elaboradas joias, e tinham o cabelo empilhado no alto da cabeça, e pareciam muito elegantes. Elas eram de um tempo inteiramente diferente.

Continuei a caminhar pelo corredor, e parei à frente da sala de bilhar, dentro da qual ouvi vozes masculinas. Olhei, e vi oito ou nove homens de smoking. As gravatas estavam desatadas e os colarinhos, desabotoados, ou totalmente removidos. Estavam segurando taças de brandy e fumando charutos, fazendo piadas e rindo ruidosamente. Na sua maioria, eles eram mais velhos, pesados e não saudáveis. Inclinei-me para dentro da sala, para ver quem eram eles, e fiquei assombrado ao ver Elijah Riddell sentado no sofá, conversando com outro homem! Meu tataravô. Vivo e saudável. Eu queria entrar e falar com ele. Apresentar-me. Encontrar os demais, quem quer que fossem. Mas daí um dos homens caminhou até mim. Pensei que ia dizer algo, mas ele não disse nada. Simplesmente fechou a porta da sala na minha cara, como se eu nem estivesse lá.

Fui caminhando até a sala de jantar, que estava uma confusão. Comida ainda na mesa; os lugares à mesa sujos, taças de vinho meio cheias e pratos meio vazios. A carcaça de um porco estava num carrinho ao lado da mesa, com um pedaço de maçã na boca; mas a maior parte da carne havia sido cortada. Copos e copos e mais copos. Restos de todo tipo de comida que se pode imaginar sujando os pratos, numa amostra de decadente esnobismo gastronômico. Teria revirado meu estômago, se ele já não estivesse revirado, e então eu me dei conta de que minha náusea já havia passado, e eu me sentia muito melhor. Continuei até a cozinha, que estava ocupada com empregados fazendo limpeza depois do jantar, enquanto um homem de aparência austera, em smoking, supervisionava o trabalho. A equipe de empregados era bem grande, e todos em uniformes, trabalhando diligentemente.

Passei pela área de trabalho sem ser notado, e saí pela porta dos fundos. Caminhei em torno da casa, até o jardim formal. A noite estava escura. Durante pouco tempo, havia uma meia-lua e estrelas, e fofas nuvens voavam pelo céu, periodicamente obscurecendo a luz celestial. A única outra luz veio das tochas que iluminavam o caminho do jardim. No escuro, notei um homem parado em frente à fonte — que estava fluindo, e não estagnada. O homem estava de costas para mim, mas pareceu sentir minha presença, porque seus ombros relaxaram, como se ele estivesse esperando alguém. Ele vestia um garboso smoking, e bebericava um líquido escuro em uma taça. Mas aquele homem obviamente não era um dos demais; ele era jovem e esbelto e atlético. Ele se voltou para revelar seu rosto. Era Ben.

“Você se apresentou ao meu pai?”, perguntou ele.

“Não quis incomodar”, respondi, sentindo-me mais confuso que amedrontado. “Ele estava com visitas.”

“Uma pena. Tenho certeza de que ele teria ficado encantado em conhecer você. Pergunto-me o que diria ele ao encontrar seu descendente de muitas gerações. Pergunto-me se isso faria com que ele se sentisse menos nostálgico.”

“Quem é aquela gente lá dentro?”

“Você se apresentou a Alice?”

“Não...”

“Eu poderia apostar que você fosse aproveitar a oportunidade. Alice Jordan é uma jovem encantadora.”

“Estou sonhando?”, perguntei. “Você é realmente Ben?”

“Sou Ben. E quanto àquela gente? Entre eles, você encontrará nosso bom amigo James Moore. c. d. Stimson também está lá, juntamente com sua esposa, ambos introduzindo cultura nesta terra primitiva. E seu amigo arquiteto, um sr. Kirtland Cutter, bajulando desde Spokane, que os segue a todo lugar, cacarejando como uma galinha. Tenho certeza de que o juiz ainda está com eles, bebendo; ele nunca perde uma refeição grátis. E o próprio sr. James Jerome Jordan. Estes são os *controladores*, Trevor. Por si mesmos, eles, na verdade, não criam nada, mas controlam as pessoas que criam coisas, então eles controlam a disseminação dessas coisas. Não se faz dinheiro *criando* coisas, você sabe. Só se faz dinheiro com exploração. Tenho certeza de que você já escutou essas ideias.”

“As pessoas que você viu na casa”, continuou, “estão transformando Seattle em algo que convém à visão deles. Para eles, a cidade é como um monte de barro úmido, e eles têm as mãos mergulhadas nele até os cotovelos. Você escutou algumas das conversas deles? Você deve ter escutado. Tenho certeza de que havia conversa sobre a reavaliação do projeto. Sempre uma fonte de controvérsia. *Vamos cortar as árvores e nivelar os montes e chamar isso de progresso!* E provavelmente havia conversas sobre os mananciais de água, e esgotos para carregar a merda e mijo deles até o rio. Pontos para os méritos de paredões e aterros na arrebentação. E Moore regozijando-se sobre aquela casca de hotel que arrancou de Devid Denny, depois do Pânico. Denny merece muito mais, pelo que fez por esta cidade. Já ouvi as conversas deles umas mil vezes: pelo menos tediosas. Mas suponho que você concorde, pois você deixou-os para se juntar a mim aqui fora. Você gostaria de um brandy? Posso pedir um imediatamente; você parece que precisa de um estimulante. Parece que minha taça está vazia, ou eu a oferecia a você.”

Fiquei perturbado com a tirada de Ben, e tinha certeza de que parecia perturbado também.

“Estou sonhando, né?”, perguntei outra vez. “Você está aqui porque comi um pedaço de pizza de linguixa antes de ir para a cama?”

Ben pacientemente me sorriu, e colocou sua taça na borda da fonte.

“Eu pareço indigestão, Trevor?”

“Mas você não é real.”

“Não sou *substancial*.”

“Não entendo.”

“Acho que você entende, sim, Trevor, porque você parece ter entendido tudo até agora. Você viu os sinais; você leu as pistas. E, ainda assim, você se debate.”

“Talvez eu não tenha a experiência de vida para poder entender”, falei.

Ben riu, colocou o braço nos meus ombros, e me guiou para longe da fonte.

“Você gosta de possuir a narrativa, não é? Um interessante traço de personalidade. Você gosta de se ver como um observador, mas você quer estar no meio da coisa, não é?”

“Então como você faz? Aparecer assim, e fazer com que os outros na casa apareçam? E, se você pode simplesmente fazer algo assim, por que não fez isso antes?”

“E antes, você teria acreditado? Não. Você teria corrido e se escondido embaixo da cama. Talvez ficasse maluco. Talvez teria se medicado até ficar num estupor. Teria se alinhado com a convenção: loucos e drogados veem o que você vê; gente ‘normal’ não. Correto?”

“É, acho”, repliquei, dando de ombros, enquanto continuávamos a caminhar pelo jardim.

“Você acha?”

“Eu sei. Sim. Eu sei.”

“Então. Tive que esperar até você estar pronto.”

Parei e olhei para ele.

“Dei a sua casa”, disse. “Sinto muito.”

“Coloquei você numa situação difícil, como havia feito com meu pai, muito tempo atrás. Foi injusto de minha parte colocá-lo nessa posição. Ele ficou dividido, sentindo-se igualmente obrigado a mim e ao meu irmão. E também aos herdeiros de meu irmão. Meu pai fez o que ele achou melhor. Para satisfazer suas promessas em conflito, ele criou um plano, cuja história você já conhece.”

“Serena me contou.”

“Ela contou coisas que são verdade, e também coisas que não são verdade. Meu pai foi muito generoso com Abraham. Abraham não foi nem apreciativo nem cuidadoso com sua herança. Sim, Elijah doou muito de sua fortuna, mas ele não abandonou seus herdeiros, como Serena fez você acreditar. Mas por que ouvir de mim, quando você pode saber por si mesmo?”

Ele me entregou uma carta, que virei na mão. Estava endereçada: *Ao meu futuro herdeiro*. Comecei a abri-la, mas ele me fez parar.

“Agora não”, disse.

Respeitei seu pedido, então dobrei a carta e coloquei no bolso.

“Pensei que você era quem o faria”, disse Ben, enquanto continuávamos a caminhar. “Talvez não seja você. Seja como for, vou fazer isto.”

“Não entendo. Você escolhe ficar aqui, ou você está preso?”

“Boa pergunta”, respondeu com uma risada. “Talvez eu tenha escolhido ficar preso aqui. Porque todos nós escolhemos nosso próprio destino, queiramos ou não admiti-lo. Você pode ver?”

“Acho que sim.”

“Não é tanto como agimos, mas como julgamos a nós mesmos pelos nossos atos. Sou responsável pela morte de Harry...”

“Mas foi um acidente! Pelo menos pelo que vi.”

“Mas não pelo que *eu* vi. Eu vi outra coisa. E até que possa absolver a mim mesmo, não posso ir em frente. *Não quero* ir em frente. Quando esta área retornar à floresta selvagem, isso será um símbolo de que eu o fiz.”

“E daí você e Harry podem voltar e visitar juntos?”

Ben me deu uma olhada e sorriu outra vez, mas, desta vez, com tristeza nos cantos da boca.

“Você está lendo os diários dele. Você o conhece bem. Espero que um dia você sinta por alguém o amor que ainda sinto por Harry, e sentirei pela eternidade.”

“Fiz Vovô Samuel assinar um pedaço de papel”, falei, “e, por causa disso, você vai ficar preso aqui por centenas de anos. Sou tão estúpido! O mundo vai acabar, antes que este lugar seja outra vez uma floresta!”

“Harry vai esperar por mim. Ele entende. Intuitivamente, ele sabia que subir numa árvore (e nós dois subimos em algumas das árvores mais altas que existem, mais altas que se permite que árvores cresçam, hoje em dia), não quer dizer chegar a algum lugar; quer dizer *ser* em algum lugar. E se você está confortável com essa noção, então suponho que temos todo o tempo do mundo, não é mesmo?”

Continuamos a caminhar, subindo a colina.

“Talvez não seja tarde demais”, eu disse, esperançoso. “Talvez eu ainda possa fazer. Ainda possa libertar você.”

“Será que pode?”

“Acho que sim. Mas, se eu conseguir, preciso de um quid pro quo.”

Ben riu com vontade.

“Qual é seu quid pro quo, meu tatara-sobrinho?”

“Quero a verdade”, falei firmemente, ainda que um pouco inseguro, porque, algumas vezes, a ideia da verdade me assustava. “Quero saber *toda* a verdade. Você tem me mostrado muita coisa; eu sei que pode fazê-lo. Meu pai voltou para cá para ver Isobel. Será que ele vai conseguir? Por que ele quer tanto? E por que Vovô Samuel mandou ele embora?”

Ben suspirou. Falou consigo mesmo e contou algo nos dedos. Talvez meus pedidos de informação? Não sei. Mas logo ele me encarou.

“Acreditava que Samuel seria quem o faria. Ele me virou as costas. Daí acreditei que seria seu pai, mas ele estava por demais enamorado de Isobel para ver qualquer outra coisa. Então acreditei que seria você. Mas você deu ouvidos a Serena. Você acreditou nela. E ela o manipulou. Você sabe disso, não é?”

Sim, eu me sentia manipulado. Sacudi a cabeça, concordando.

“Dinheiro não vai resolver seus problemas, Trevor. Você ficará desapontado, se espera isso.”

“Você parece a minha mãe.”

Ele riu.

“Sua mãe compreende algumas coisas, mas não compreende tudo. Ela não entende o que você e eu entendemos, não é mesmo? Isso requer uma certa quantidade de crença.”

“Como posso fazer com que ela creia?”

“Para isso não há resposta”, respondeu. “Pelo menos para os que não creem. Crença precisa vir de dentro, não de fora. Se você é forçado por tradição, ela nunca significou nada.”

“Como é que uma pessoa crê, então?”, perguntei.

“Vendo a beleza em todas as coisas. Vendo o potencial em cada momento. Deus criou todas as coisas, Trevor. Deus ama todas as coisas. Quando você também amar todas as coisas,

encontrará a felicidade.”

Pensei em suas palavras enquanto caminhávamos noite adentro, os pedregulhos fazendo barulho sob nossos pés, enquanto as nuvens saltavam sobre a lua.

“Encontrei este lugar quando estava buscando acres para fazer colheita”, disse ele. “Era de uma beleza insuportável, na verdade. Ficar parado aqui no desfiladeiro, com nada a não ser a floresta atrás, e o rio à minha frente, e as montanhas. Quando o sol estava na posição certa, era um choque nos sentidos. Nós íamos limpar toda a área, porque era o método mais efetivo. Mas meu pai havia falado sobre ter uma propriedade, e, quando vi este lugar, disse a ele que construiria a propriedade aqui, que colocaria todos os seus amigos da sociedade no chinelo. Ele concordou, porque queria que eu ficasse perto dele, para que ficasse perto de Alice. Antes disso, eu trouxe Harry da costa, para que ficasse comigo, e também para me ajudar a gerenciar a construção. Nós cavalgamos pela estrada e seu zoo, e chegamos àquele ponto lá. Muito da área já havia sido cortada, mas não a Propriedade do Norte.

“Paramos nossos cavalos na cordilheira, bem onde se atinge o cume, quando se entra na propriedade. Examinamos a área de longe, e admiramos a terra por muito tempo. Olhei para Harry, e vi lágrimas nos seus olhos.

‘Nunca vi um lugar tão especial’, disse ele.

‘É para você, Harry. Para você e eu. Este é um lugar que sempre teremos.’”

Benjamin parou de falar, e continuamos a caminhar pela vereda por um tempo.

“Você prometeu a ele?”, perguntei, querendo que continuasse a história.

“Prometi”, disse Ben. “Prometi que este seria nosso lugar, pela eternidade, e eu não descansaria até que isso acontecesse. Prometi que seria para ele a joia que vimos juntos. Então construímos uma casa para meu pai, que eu sabia que se desmantelaria com o tempo. A própria casa alimentaria a floresta a seu redor. E de alguma forma — nem sei como eu sabia — senti que meu amor por Harry estaria sempre aqui.”

Paramos de caminhar, e dei-me conta de que ele me conduzira até o topo da Colina do Observatório.

“Creio que agora todos se foram”, disse Ben, apontando para baixo da colina, em direção a casa. “Você pode voltar para a cama agora, se quiser.”

Ele me guiara até seu túmulo. Estávamos parados ao lado de sua lápide.

“Quero a verdade sobre meu pai”, disse eu abruptamente, com medo de que Benjamin se desvanecesse.

“Não cabe a mim”, disse ele. “Cabe a seu pai.”

“Mas ele não me diz. Por que ele não me diz?”

“Algumas coisas são tão dolorosas que rasgam a alma da pessoa. É difícil de ver.”

“É difícil de ver o rasgo?”

“Não. O ato de rasgar é que é difícil de ver. É difícil observar uma alma sendo dilacerada.”

“Eu posso aguentar”, disse, com grande resolução. “Mostre-me o que aconteceu ao meu pai. E daí entrego a casa, para que você cumpra sua promessa a Harry.”

Ben suspirou, com uma meia risada.

“Então temos um acordo?”, insisti.

“Vou dar o que você pede, porque eu posso.”

“E eu entregarei sua terra à floresta.”

“Não estou requerendo um quid pro quo”, disse ele. “Serena precisa dessas coisas; eu não. Você tem me deixado sentir coisas que não sentia há um tempo muito longo. A terra e a brisa e o perfume das flores. Protejo meus olhos do brilho do sol.”

“Eu fiz isso?”

“Você não me verá mais, Trevor. Nem tampouco me ouvirá. Vou entregar o que me pede, e daí vou deixá-lo sozinho, para seguir seu caminho na Casa Riddell. É hora de fazer suas próprias decisões.”

Ele levou a mão aos olhos, como se para protegê-los. Olhei na direção em que ele estava olhando e vi uma brilhante estrela no céu. Quando me volvei, Ben já se fora.

Corri colina abaixo, para o jardim. A fonte não estava mais funcionando, ainda que a água de sua bacia estivesse pingando, como se tivesse sido recentemente enchida. Apressei-me ao redor da casa, para a parte de trás, e mexi na caixa de fusíveis; nada parecia estar errado. Ainda assim, a casa estava escura. Talvez fosse falta de força mesmo. Entrei na cozinha, que estava vazia de pessoas, ainda que, estranhamente, não estivesse vazia de pratos sujos. Que assombração fantástica, pensei. Quase como se Ben não fosse lá muito bom com essa coisa de fantasmas. Ele podia conjurar a cena, mas daí se esquecia de colocar tudo no lugar. Caminhei pelo corredor escuro, que estava silencioso exceto pelo tique-taque do relógio de pêndulo, que ecoava pelo primeiro andar. E, bem como na cozinha, as salas estavam vazias de pessoas, mas não de seus detritos: taças e xícaras e pires, e até mesmo um charuto aceso, com uma fina tira de fumaça se desenrolando em direção à sala. Quando cheguei ao vestibulo, achei estranho que o relógio estivesse fazendo ruído: ele não funcionara desde que cheguei, e, no silêncio estoico, ele me deu, de alguma forma, a impressão de que não funcionava havia anos.

Ouvi murmúrios vindo do estúdio e olhei lá dentro. Dois homens ocupavam o lugar, um sentado e um de pé. O sentado era Elijah Riddell, eu podia dizer devido ao seu cabelo. E o homem em pé — o homem de smoking da cozinha — deveria ser o sr. Thomas.

“O corpo do sr. Ben foi colocado no salão, senhor”, disse o sr. Thomas. “Como o senhor pediu.”

“Pare o relógio, sr. Thomas. Remova o pêndulo. É importante marcar o momento da morte do meu filho, para que outros o saibam.”

O sr. Thomas saiu e passou diretamente à minha frente, sem me notar. Ele continuou pelo corredor, abriu a porta do relógio de pêndulo, parou o balançar dele, e retirou-o de seu gancho. Aproximei-me do relógio. As mãos diziam seis e quinze.

“Vou tentar, Ben”, eu disse, em voz alta. “Não sei se posso, mas vou tentar.”

O sr. Thomas fechou a porta do relógio de pêndulo e voltou ao estúdio para atender a Elijah.

“É tudo o que se pode esperar”, ele disse, ao passar por mim, e não estou seguro se falara aquelas palavras em resposta a Elijah ou a mim. Ou mesmo se o sr. Thomas havia mesmo falado.

Quando acordei do sonho, no meio da noite — ou da assombração de Ben, devo dizer —

encontrei uma carta na minha mão. A carta que ele me havia dado. Era real.

Abri o envelope amarelecido e tirei a folha de papel que estava dentro. A caligrafia era limpa e curvilínea. No topo da página, em alto relevo, o nome Elijah Riddell havia sido riscado com caneta. A data era de 5 de março de 1916

Ao meu futuro herdeiro

Se você está lendo esta carta, você está vivo, e cumprimento-o em seu sucesso. Se você está lendo esta carta, seu pai — meu filho, Abraham Riddell — está morto, e, devido a isso, expressei meus profundos pêsames. Ainda que Abraham e eu não concordássemos com muita frequência, eu gostava dele, a meu modo.

Eu também gostava de meu primeiro filho, Benjamin. É devido a uma promessa que fiz a ele que agora estou escrevendo esta carta para você. Os advogados que deram esta carta fornecerão os detalhes. Meu objetivo em deixar esta carta para você é expressar, de maneira adequada, *o sentimento*.

Quando Benjamin estava vivo, prometi a ele que, quando a Casa Riddell não fosse mais útil, ela retornaria à natureza não domesticada e selvagem, para sempre. Era para ser seu legado. Era para ser *meu* legado também, suponho. Uma pequena joia preservada, que um dia poderia ser levantada contra a montanha de joias que destruí em nome do progresso. Não importa a justificativa, promessa é promessa, e jurei respeitá-la, enquanto também provia o resto da família.

Abraham, seu pai, tornou-se obcecado com construções e dinheiro. A Propriedade do Norte. Não sei por que ele se segurou tanto a essa ideia, mas ele não abria mão dela. Ele me ameaçou. Ele me lisonjeou. Ele me amaldiçoou. Ele citou minha recusa como prova de que meu amor por ele não era tão puro quanto meu amor por Benjamin. Sua afirmativa não era totalmente uma inverdade. Abraham sempre foi um tolo, preguiçoso e desperdiçador de fortunas — mas não foi por isso que me segurei firme à minha promessa.

Quando eu era jovem, eu teria feito pouco caso de minha obrigação para com um falecido, mesmo que fosse meu filho. “Qual é a importância de uma promessa para um morto?”, eu teria dito em protesto. Eu teria ficado feliz em legar esta propriedade ao meu filho vivo quando eu morresse, como é costume. Mas algo muito especial aconteceu nas últimas semanas, que mudou minha mente por completo. Benjamin, meu filho falecido, voltou por mim.

Ah, não fique amedrontado! Ele não é um fantasma, ou um espectro, que instila medo! Ele é meu filho, tão gentil como sempre. Ele me visita no meu estúdio. Ele se senta comigo e me conforta. E, acima de tudo, sua presença me convenceu de que não tenho nada a temer com meu iminente falecimento.

Agora que eu o vi em forma de espírito — e estou convencido de que é ele! — só posso dizer que acredito verdadeiramente na vida após a morte. E acredito que uma promessa feita a um morto é tão substancial quanto qualquer nota promissória que se possa assinar na carne.

A fim de impedir que Abraham quebre minha promessa, explorando a Propriedade

do Norte por ganho, formei uma pensão que manterá minha propriedade depois da minha morte. A pensão se dissolverá depois da morte de Abraham. Se ele não tiver herdeiros, a propriedade imediatamente passará às mãos da cidade, dedicada a um parque. Caso ele tenha herdeiros — provavelmente *você* — a propriedade será sua. Você será bem-vindo em viver aqui o tempo que quiser, e seus herdeiros também. Apenas peço que você leve em frente a minha promessa: quando você ou seus herdeiros saírem do lugar, ou por atrito ou por vontade, imploro que permita que ela retorne à Natureza, como queria meu filho Benjamin.

Não posso compeli-lo a fazer isso, mas imploro que olhe dentro de sua alma, e leve em frente esta missão tão importante.

Não estou orgulhoso de tudo o que fiz na minha vida. Na verdade, há muitas coisas das quais eu tenho vergonha. Depois da morte de Benjamin, tentei reconciliar minhas ofensas, porque sua morte, ainda que trágica, ensinou-me uma lição muito importante: homem algum está além da redenção, desde que ele haja de maneira redimível.

A Propriedade do Norte está em suas mãos. Imploro que pense na redenção de sua família.

Minha paz eu te dou.

Elijah Riddell

Fiquei deitado na cama, no escuro. Queria ler a carta vez após vez, para provar a mim mesmo que ela era real. Que Ben realmente havia me dado um *souvenir* de outra dimensão, e que eu a trouxe para cá. A carta de Elijah a Vovô Samuel. *Ao meu futuro herdeiro*. A carta que Vovô Samuel dissera ter recebido dos advogados. Eu a tinha em minhas mãos.

Será que Ben a havia tirado do quarto do Vovô Samuel? E como foi que ele a deu para mim? Eu queria descobrir, mas fui dominado por uma sonolência e logo caí em escuro sono, como se alguém tivesse colocado um saco sobre minha cabeça. Imediatamente, comecei a sonhar.

* * *

Desço até o salão feminino, mas não é um salão. Foi convertido em uma espécie de quarto de dormir, com uma grande cama de hospital no centro. Ao lado da cama há um gabinete de remédios com rodas, cheio de vidros e toalhas e outros implementos médicos. O quarto cheira a antissépticos e urina. Deitada na cama, está uma figura desgrehada, quase um cadáver, o longo cabelo espalhado e fracos olhos fundos. Ela luta para respirar com a ajuda de um ventilador, que está grudado à sua boca e força ar para dentro de seus pulmões em movimentos bruscos.

“Você pediu para papai fazer isso?”

A pergunta é feita por um rapaz, um adolescente, que está empoleirado em uma poltrona, de cabeça baixa.

A mulher sofredora pisca deliberadamente.

“Ele não conseguiu?”

Ela pisca outra vez, segurando as pálpebras fechadas.

“Sinto muito”, diz ele. “Vou cuidar de você.”

Dizem que a dor da doença de Lou Gehrig é extraordinária, brilhante, absoluta e sem descanso. Mas todos nós aprendemos a viver com diferentes níveis de dor; quando não se tem alternativa, nós suportamos. O que quebra a vontade é o isolamento. Ou é o que dizem.

“Você ficou tão leve”, diz ele baixinho para a mulher. “Quando você ficou tão leve?”

Ela não diz nada, porque não mais tem voz. Ela está tão leve, praticamente nem está mais ali. Tão leve que uma brisa poderia levá-la, como tufos de fumaça.

O jovem se levanta, e vejo quem é: meu pai, um adolescente. Ele vai até a mulher — Isobel — e arruma o cobertor a seu redor. Inclina-se até que sua testa encoste-se à dela, e fica assim por um momento, antes de se levantar.

“Você precisa me dizer”, diz ele. “Pisque duas vezes, para que eu veja. Pisque duas vezes, para que eu saiba.”

Ela pisca. Ela pisca os olhos com deliberação.

O jovem Jones se endireita e fecha os olhos. Ele deve estar pensando se ele a ouviu ou não corretamente. Se ela está pedindo ou não o que está pedindo. Ele deve se perguntar se compreendeu tudo errado, desde o início, se a conexão especial que tem com sua mãe, seu incomparável entendimento da condição dela e suas necessidades e desejos são, na verdade, os próprios desejos dele, suas necessidades, expressos através dela. Ele deve estar se perguntando.

Ele sai do quarto e eu o sigo. Vamos até a biblioteca, entramos, e paramos. Samuel está sentado contra uma estante, com livros espalhados a seu redor. Suas pernas estão esticadas à sua frente, e, no seu colo, está uma caixa de charutos. Ele está abraçado a ela, agitando a tampa, a cabeça refestelada contra a madeira dura da estante às suas costas. Ele está chorando. Está bêbado.

“Dê para mim”, Jones exige.

“Não!”, grita Samuel.

“Dê para mim!”

Jones arranca a caixa de Samuel, e Samuel grita, estendendo os braços para a caixa, impotente.

“Não a tire de mim!”, ele uiva.

Jones fica em pé, acima de seu pai.

“Chegou a hora”, ele diz. “Se você não fizer, eu faço.”

“Não é hora! Não é a hora para ela ir! Não estou pronto!”

Jones olha para seu pai com desdém. Sai do quarto com a caixa de cigarros, e eu o sigo. Ele leva a caixa ao quarto de sua mãe, coloca-a sobre a cama, e abre a tampa. Remove dela uma agulha, que coloca em uma seringa. Ele a segura à frente de sua mãe, junto com uma ampola de remédio transparente. Ele está perguntando-lhe... Ela pisca outra vez, ainda que piscar seja doloroso.

“Diga-me que isto vai levá-la a um lugar melhor”, diz ele. “Diga-me que você estará livre para ir a lugares que eu nem consigo imaginar. Diga-me que, se eu fizer isto, vou ver

“você outra vez, em algum lugar, quando você não estiver mais doente.”

Ela fecha os olhos bem apertado e sacode a cabeça bem de leve, mas o suficiente para que Jones veja. O suficiente para que ele fique certo. Ele enche a seringa. Rasga o pacote da mecha de algodão com álcool, e passa no braço dela.

“Por que eu fiz isso?”, ele pergunta a ela, com um riso ríspido. “Por que desinfetei seu braço? Você está preocupada com infecção?”

O riso dele obscurece suas lágrimas.

“Amo você, Mamãe”, ele diz. “Mais do que qualquer coisa sobre a terra.”

A mão dele treme, mas ele vence sua hesitação. “Minha paz eu te dou”, diz ele, e, com resolução, ele enfia a agulha sob a pele dela, puxa o pistão, e esvazia a seringa. Retira a agulha, coloca a seringa sobre a mesa, e abraça sua mãe. Dentro de um minuto, as pausas entre suas curtas respirações ficam mais longas. Os músculos dela ficam frouxos. E daí — bem logo — com uma exalação final, Isobel Jones Riddell morre.

Jones pega a parafernália de coisas médicas e recoloca-as na caixa. Leva a caixa para o corredor, e eu o sigo até a biblioteca. Samuel desmaiara contra a prateleira, atirado no chão. Jones coloca a caixa de charutos atrás dos livros. Levanta o resto dos livros do chão e recoloca na prateleira, escondendo a caixa de charutos. Os últimos três volumes são trabalhos de Eugene O’Neill.

Quando está terminado, Jones fica parado à frente de seu pai inconsciente e range os dentes; do outro lado da biblioteca, posso ver os músculos de sua queixada incharem.

Ouçó um choro. Volto-me. Em pé ao meu lado, na porta, a um braço de distância, está Serena, com onze anos. Pequena e bonita, com seu cabelo e sua camisola e seus pés nus.

Jones também ouve o choro, e olha para nós. Ele cruza rapidamente até nós, e se ajoelha à frente de Serena, e abraça-a bem forte. Ela chora no seu ombro, e ele a embala para a frente e para trás, até que ela se acalma.

“Vai para a cama”, diz ele gentilmente.

“Eu também vou morrer?”, Serena pergunta. “Vou morrer como a Mamãe?”

“Não”, diz Jonas, sacudindo a cabeça. “Você não vai morrer como Mamãe.”

“Mas e seu eu ficar doente?”

“Daí eu salvo você.”

“E o quê se você não pode me salvar?”

“Eu vou salvar você”, diz ele enfaticamente. “Prometo. O que quer que seja que aconteça, vou estar lá para salvar você, Serena. Vou sempre estar aqui para salvar você. Ninguém pode parar isso. Nem mesmo Papai.”

“Eu te amo, Jones.”

“Eu te amo, Serena. Agora vá dormir. Tenho coisas para fazer. Coisas que você não entende. Quando terminar, vou subir e arrumar suas cobertas, o.k.?”

Ela hesita por um momento, daí pergunta: “Irmão Jones? Você realmente promete? De dedos cruzados?”

E ele: “Prometo, Irmã Serena. Do fundo do meu coração, eu prometo. E não há promessa mais profunda que essa”.

Então ela se foi, porque ela tem fé de que o Irmão Jones não vai decepcioná-la.

Abri os olhos. A luz estava se esgueirando pelos vãos das cortinas, e os pássaros lá fora estavam piando quase raivosamente. O amanhecer havia chegado.

Enfiei a carta de Elijah no meu caderno, desci à biblioteca e liguei uma das luzes de leitura; estava sombrio no quarto, mas eu podia ver bem. Sabia exatamente onde ficava o lugar que estava buscando. Eu já havia estado ali antes, ainda que fosse em sonhos. Encontrei a coleção de trabalhos de teatro. Retirei os três grossos volumes das peças de Eugene O'Neill, estiquei a mão atrás dos livros que sobravam, e senti. Uma caixa de charutos.

Retirei a caixa e levei-a à mesa de leitura de carvalho. Embaixo da luz amarela, com medo do que iria encontrar, abri a caixa.

Dentro, encontrei uma seringa e uma ampola de vidro. Analisei o vidro. O rótulo dizia nembutal. A ampola estava vazia.

Um pensamento me atingiu, e belisquei meu braço e senti a dor. Eu estava acordado.

Ri com pena. Quem consegue manter um segredo assim por tanto tempo? Só meu pai.

Recoloquei a caixa e os livros, escondendo o segredo outra vez, para que ninguém o encontrasse. Subi as escadas, me sentindo mais solitário do que nunca sentira na vida. Fiquei me perguntando o que fazer a seguir. Do que meu pai e sua alma destroçada precisavam? Do que *eu* precisava?

Encontrei-me à frente da porta do meu pai. Abri-a silenciosamente. Ele se mexeu e se virou na cama.

“O que está acontecendo?”, ele perguntou, grogue.

“Estou com medo”, eu disse.

“Do quê?”

Ele se esforçou para focalizar seus olhos embaçados.

“Tive um sonho ruim.”

Ele acenou com a cabeça e limpou a garganta. E daí ele fez algo que não havia feito em anos. Estando meio dormido, suas defesas estavam baixas, e ele reagiu por instinto. Ele levantou o lençol para mim, como uma barraca. Como ele fazia quando eu tinha cinco anos e tinha um pesadelo. Não hesitei por muito tempo. Deslizei pelo quarto e subi na cama. Meu pai fechou o lençol sobre mim e se aconchegou a mim, protegendo-me, guardando-me de tudo o que era perigoso e tóxico no mundo.

“Sinto muito”, sussurrei, limpando o nariz, com lágrimas infantis enchendo meus olhos.

“Sinto muito que você tenha tido que fazer aquilo.”

Ele gemeu um pouco; estava mais dormindo do que acordado, e não ouviu minhas palavras. Mas ele as sentiu, provavelmente. Espero.

“Sinto muito que você tivesse que fazer aquilo”, repeti, tão baixinho que talvez eu fosse a única pessoa no mundo que escutou. Mas não me importava naquele momento. Não importava nem um pouco.

Eu não tinha muito tempo. Serena logo descobriria que os documentos estavam faltando, e as coisas mudariam bem rápido na Casa Riddell.

Escolhi um quarto de dormir pouco usado, no segundo andar, na ala do sul, que era mais remota, uma parte quase desusada da casa: o quarto continha só uma cômoda pequena e uma cama de solteiro, com um colchão nu sobre a armação de metal. Na cama, coloquei minha evidência: o exemplar de *As montanhas da Califórnia* e a carta de Ben para Harry, que descobrira dentro do livro; a aliança do meu pai, do porão; o diário de Elijah, do quarto secreto; os diários de Harry, da cabana; a carta de Elijah ao seu futuro herdeiro; fotocópias da minha pesquisa nas microfichas; a transcrição que fizera da carta que Samuel rabiscara, em notas, quando estava canalizando Ben; e a caixa incriminadora da biblioteca, atrás das peças de Eugene O'Neill. Também coloquei uma chave sobre a cama — a que abria o baú. Eu sabia que era perigoso revelar tais coisas, mas precisava me submeter à intervenção, se tivesse quaisquer esperanças de que funcionasse. Entretanto, retirei a procuração, as passagens e a carta de Serena; recorreria ao morteiro somente na mais terrível das circunstâncias. Arrumei tudo sobre a cama, numa espécie de deturpada demonstração escolar, e daí saí em busca de meu pai.

Tenho certeza de que, quando tinha catorze anos, eu não estava muito consciente de todas as nuances do legado Riddell; seguia à frente por instinto e intuição, tentando fazer o que era certo por Ben. Agora, olhando para trás, vejo claramente que a culpa de gerações de Riddell estava pressionando meu pai com tal força que o estava sufocando. E suponho, ainda que não fosse capaz, quando era jovem, de defini-lo deste modo, que eu realmente sentia, de uma maneira que não podia explicar muito bem: a opressão daquela culpa transbordaria sobre mim, se eu não tomasse uma ação corretiva. Nossa família estava enterrada sob gerações de folhas apodrecidas, e árvores caídas, e terra úmida. Seria um caminho difícil de redenção, mas o solo era leve e fértil. Havia um senso de potencialidade na terra sobre nossas cabeças. Um sentimento de esperança: nós podíamos cavar uma saída, se quiséssemos. Só precisávamos de uma semente que brotasse, e um broto que encontrasse seu caminho para o ar; daí nós sobreviveríamos.

Encontrei-o em seu quarto, fazendo uma sesta. Acordei-o, porque era importante. Guiiei meu pai reclamando pelo corredor, até o quartinho de dormir, e, uma vez lá, abanei as mãos perante minha exibição.

“O que é tudo isso?”, perguntou ele.

Contei tudo. Mostrei a primeira anotação, na qual Vovô Samuel escrevera: MUIR MTNS CA; contei como minha mãe me guiara a John Muir, que me levava à carta dentro do livro. Contei sobre a cabana e os diários, e tudo o mais. Tudo. A mão, a aliança no porão, a caixa com a seringa. E então, contei sobre o quarto secreto e o diário de Elijah. Expliquei que os papéis da pensão estavam no cofre do estúdio de Elijah, bem como o testamento de Serena,

que ela estava usando para me subornar.

“Que cofre?”, perguntou ele.

“Atrás da pintura, sobre a lareira. Você sabe. Como nos filmes.”

Ele me olhou sem expressão. Para ele, obviamente, aquilo era novidade.

“Serena me mostrou”, continuei. “Ela tem o gene ELA.”

Ele me olhou de cara azeda.

“E veja”, disse eu finalmente, tirando do bolso minha arma final: a carta de Elijah. “Uma carta de Elijah para seu futuro herdeiro. Ben a entregou para mim, enquanto eu dormia, e, quando acordei, ela estava na minha mão. Vá em frente. Leia.”

Ele leu. Removeu a carta do envelope e leu, e daí recolocou a carta no envelope.

“Por que você está fazendo tudo isso?”, perguntou, parecendo irritado.

“Você não pode vender a casa para as construtoras”, falei. “Quero dizer, está na carta de Elijah. Você não pode transformar a Propriedade do Norte num terreno de casas para gente rica. Nós precisamos consertar as coisas.”

“Nós?”, disse ele, ríspido.

“Ben está aqui. Você se lembra do que disse? Espíritos podem vir e visitar, mas um fantasma não vê a porta. Fantasmas ficam presos. Ben está preso; precisamos libertá-lo.”

“Transformando a Casa Riddell num parque.”

“Sim”, disse eu, aliviado de que meu pai finalmente estava entendendo. “Exatamente. Quando você colocou a mão de volta nas escadas, você me disse: ‘Algumas vezes, você precisa fazer o universo ficar certo’. Lembra? Você precisa consertar as coisas, Papai. Vender esta terra e sugar dinheiro dela só vai prolongar a maldição. Vamos precisar fazer tudo outra vez, e vez após vez, após vez, até conseguir acertar.”

“Você me acordou para isto?”, perguntou ele, sacudindo a cabeça e abanando a mão sobre a evidência que eu reunira.

Ele estendeu a mão e pegou a aliança. Colocou-a no dedo.

“Estava no porão”, repeti. “Num cubículo.”

“Um lugar onde um rato colocaria. Um rato que fica atraído por coisas cintilantes.”

“Ou um espírito que rouba coisas. E você sabe o que mais? Serena dá cápsulas de cafeína para Vovô.”

“Do que você está falando?”

“O remédio de Alzheimer que ela dá a ele. Não é remédio, são cápsulas de cafeína. Quando vocês saíram, e fui dar comida ao Vovô, ele me pediu que pegasse o remédio, e as pílulas no vidro tinham a palavra ‘cafeína’ estampada nelas.”

“Isso é loucura”, disse ele, duvidando.

“Não. *Serena* é louca. Pense bem: ela deixa ele acordado com cafeína antes de dormir, e daí dá um “remédio” para ajudá-lo a dormir. Você sabe do remédio?”

“Eu sei do remédio”, admitiu. “Mas isso é ridículo, e eu simplesmente me recuso a acreditar. Você está sugerindo que ela está usando um método deliberado e sistemático de privação de sono, a fim de fazê-lo agir erraticamente? De onde você tirou essa ideia?”

“Arthur Koesler”, disse. “*O zero e o infinito*. Mamãe leu para mim. Privação de sono é considerada tortura, e está banida das Convenções de Genebra.”

“Ah, Trevor, que merda, me deixa em paz!”

“Acho que Vovô não tem Alzheimer”, continuei. “Acho que ela está tentando deixar ele doido, e fazer ele parecer esquecido e desorientado o tempo todo, para que a gente o force a assinar a procuração, que ela precisa para vender a propriedade. Viu? Tudo é parte do plano dela. Aposto que, se você tentar declará-lo incompetente, os médicos diriam que ele não é nem um pouco incompetente. É por isso que é tão importante para ela que nós consigamos a procuração. Ela precisa de documentos. O rastro de papel. Some isso ao fato de que ela quer levar você numa excursão de volta ao mundo, e pular em cima de você...”

“Que merda é essa que você está tentando dizer?”, exigiu ele.

Hesitei. Não estava certo de que algo produtivo ia sair de jogar a carta da passagem. Era coisa demais para meu pai digerir. Somar incesto à mistura talvez não fosse produtivo.

“Enquanto isso...”, falei.

Ele deu de ombros e coçou o cotovelo, olhou de um lado a outro, e ficou pensando. Pegou a caixa de charutos com a seringa e a ampola vazia. Abriu-a e olhou. Fez uma careta e colocou-a de volta na cama.

“Você não tem nem ideia do que está fazendo. Você não tem nem ideia de como está me machucando com esse... esse *relatório oral*. Preciso ir.”

Ele começou a caminhar em direção à porta, e eu vi que não entendera coisa nenhuma. Ele escutara, mas havia nulificado a evidência.

“Tudo isto é real”, deixei escapar. “Encontrei todas estas coisas na casa! Não estou inventando!”

“Quer dizer que você não está inventando?”, atacou ele. “Quer dizer que é tudo verdade? Você acha que tem razão, usando verdade como um cacete? Você acha que tem razão, me atacando com isso — o instrumento da morte da minha mãe? Está falando sério? Você descobriu o grande mistério — odeio a mim mesmo pelo que fiz — e você vai ficar exibindo isso como se fosse algum deturpado projeto de ciência do quinto ano? Acha que tem direito de me julgar? Você ficou o tempo todo desenterrando evidências para me condenar por um crime. Bom, deixe que eu conte: já fui condenado por aquele crime. Já fui enforcado por aquele crime. Ainda estou pendurado na corda! Preciso enfiar os dedos, a cada dia, no vão entre a corda e o meu pescoço, para poder respirar. Nunca vou ser baixado. Nunca vou ser libertado da forca. Mas você quer me julgar outra vez, e me condenar outra vez, e me enforcar outra vez. Sabe o que vou dizer sobre isso? Isso é risco duplo, e não é permitido pelas Convenções de Genebra. Então, guarde seu julgamento para si mesmo!”

“Isso não tem nada a ver com...”

“Se você acha que vai mudar nossos planos por causa dos desejos de um homem no leito de morte, um homem que já está morto há oito décadas, um homem que deu tudo o que tinha, e deixou seus herdeiros com nada, você vai se surpreender. Aquele homem estuprou o mundo. Elijah, o seu novo ídolo. Elijah Riddell era um pirata, um barão da madeira, um cruel cavaleiro dos negócios. Ele destruiu a vida de pessoas. Ele destruiu a natureza. Você se dá conta disso, né? E, para amenizar a culpa, ele queria dar tudo antes de morrer. Ele fez isso para que Deus o perdoasse. E agora você decidiu que cumprir o destino dele é a sua missão? Bom, isso é muito engraçadinho. Mas sabe o quê, Filho? Eu tenho contas a pagar. Tenho bocas

a alimentar, inclusive a sua. Preciso colocar um teto sobre nossas cabeças. E agora você vem com ideais moralmente justificáveis para jogar na minha cara? É legal ter ideais, Trevor, quando se tem catorze anos. Mas você não pode comer ideais, não pode dormir neles, e com certeza eles não vão impedir que você se molhe na chuva. Então, me faça um favor de merda, e enfie suas capacidades de detecção à lá Hardy Boys noutra lugar.”

Com o rosto vermelho de raiva, ele estendeu a mão para a maçaneta da porta.

“Mas eu pensei...”

“Pensou o quê?”

“Pensei que você não se interessasse pelo dinheiro. Pensei que você só queria a sua casa de volta. Sua vida de volta.”

Ele me olhou.

“O que o levou a pensar isso?”

“Eu escutei... algo...”

Meu pai tirou a mão da maçaneta. Voltou-se para me encarar.

“Você estava espionando?”

“Não deu pra evitar”, falei, lamentando. Ele não tinha nem ideia das coisas que eu havia escutado. “Vocês estavam na cozinha.”

Ele fez um som de desdém, seu rosto ficou sombrio, e ele fechou os punhos. Cruzou o quarto com rapidez, e parou bem na minha frente. Não me bateu, mas exalava energia de ataque, então eu me senti como se tivesse sido atingido.

“Você não deve escutar conversas particulares”, disse ele severamente. Se estivesse escrevendo um romance, diria mortalmente. Ele abanou, apontando para a cama. “Você vai colocar essas merdas de volta onde as encontrou. E não vai mais falar sobre isso outra vez. Você vai fazer o que Serena disse para você fazer, e você vai fazer rapidamente e com grande determinação. Será que estamos entendidos?”

“Sim”, falei, me encolhendo.

“Estamos entendidos?”, gritou ele, como se fosse alguma espécie de sargento de tropas psicótico.

“Sim, senhor”, repeti em voz alta. “Estamos entendidos... *senhor!*”

Adicionei o “senhor” extra porque não queria que ele falasse comigo daquele jeito. Pensei que aquilo merecia um rótulo de imbecilidade, então rotulei meu pai com um extra “senhor”, e ele notou. Nossa, e como notou! Ele apertou a boca, seus olhos ficaram cravados em mim, e daí ele levantou a mão para me dar um bofetão. Mas não deu. Ele hesitou. E aquela hesitação foi suficiente para me mostrar que nós dois sabíamos que eu estava certo. Ele tinha intenção de ameaçar, mas não tinha a intenção de agir. Não como a intenção que deveria ter tido, ao injetar uma droga letal em sua mãe. Aquilo era verdadeira intenção.

Ele transformou sua palma aberta em um dedo acusador, e meteu-o no meu rosto. O maior movimento de indecisão que já vi.

“Nem mais uma palavra”, ameaçou.

Ele girou e marchou em direção à porta; eu sabia que era agora ou nunca. Era minha cena, e eu tinha que conseguir.

“Papai!”, eu disse, com força.

“Eu disse nem mais uma...”

“Ela já comprou as passagens. Estão no seu nome. Tenho certeza de que ela conseguiu o dinheiro com Dickie, como um adiantamento da venda da propriedade. Eu posso mostrar...”

Ele não se virou, mas levantou a mão como dizendo, “chega!”. Parei de falar.

“Não acredito”, disse ele. “Não acredito numa só palavra do que você está dizendo. Não acredito agora, e nunca vou acreditar.”

E daí ele saiu do quarto.

Naquele momento, fiquei sabendo que meu pai não era meu aliado. E, se não era meu aliado, nem o explodindo com um morteiro completo de evidências ia ajudar.

Juntei minhas coisas. *Nossas* coisas. As coisas da minha família. Juntei-as porque lhes dava valor, e sabia que eram importantes, e não ia deixar pra lá com tanta facilidade assim, bem como não ia deixar pra lá a promessa de Elijah a Ben.

Bem como não deixaria pra lá a promessa de Ben a Harry.

Eu havia falhado. Meu plano — que nem era bem um plano, consistindo apenas de convencer meu pai a fazer o que era certo — foi um desapontamento miserável. Não funcionou. Então pronto. Ben se fora, preso para sempre no submundo, porque eu não conseguira ajudá-lo. Pior. Porque eu não conseguira fazer com que meu pai mudasse de ideia. Eu me tornara o carcereiro de Ben. Ele estava muito bem, passando tempo com Vovô Samuel, até que eu apareci.

Me senti como um idiota.

Gostaria de poder falar com Ben. Ou pelo menos vê-lo outra vez. Senti-me preso pela Casa Riddell. Sem amigos. Sem estranhos. Só eu.

Caminhei a esmo pelos corredores, esperando ver ou ouvir um sinal. Um ruído ou uma porta se movendo, ou *qualquer coisa*. Na cozinha, encontrei Serena, que estava alegremente assando pão de milho para o jantar, como se estivesse num filme ou seriado de TV sobre a dona de casa perfeita. Cabelo adorável; maquiagem divina. Ela estava vestindo um vestido leve, aberto no pescoço e apertado à cintura, como era seu estilo. As unhas dos pés haviam mudado de cor: estavam pintadas de laranja, o que achei estranho. Ainda assim, isso indicava que ela havia se dedicado um pouco a si mesma, naquela tarde, o que vi como um bom sinal; ela ainda não havia notado a falta da procuração ou das passagens.

Isso mesmo! Eu ainda tinha a procuração. Podia destruí-la. Isso estragaria os planos deles.

Ai, isso só atrasaria os planos. Eu sabia. Porque Serena não ia parar até ter sucesso, e eu sabia que o único que poderia convencê-la a desistir do plano de venda era o Irmão Jones. Sem meu pai, eu não tinha nada. Era melhor devolver a procuração.

Serena ficou me perguntando como iam as coisas. Para evitar conversa de verdade, joguei uns restos, sobre a conversa com minha mãe e a proclamação dela, de que divórcio poderia ou não estar à frente, deixando a conclusão totalmente ambígua. Serena avidamente se agarrou naquele pedaço de informação, e começou a salivar, babando pelo chão.

“Quando é hora de mudar de cavalo”, cantou ela para mim, “é importante aceitar, em vez de ficar lutando contra a inevitabilidade do destino.”

Então saí. Fui para fora e sabia que precisava escapar. Tinha que sair o mais rápido possível. Pular num trem de carga, talvez, ainda que pular dentro de um trem indo a noventa quilômetros por hora não parecesse uma solução muito esperta. Correr a pé atrás dele tampouco.

E daí vi a árvore de Ben.

A árvore de Ben.

Corri morro abaixo, até o celeiro. Subi ao sótão, e encontrei a sacola de lona atrás do baú. Abri. Ganchos e cordas e luvas. Velhos e gastos. Metal enferrujado. Couro rachado. Mas, ainda assim, usáveis. Procurei mais fundo. Um pedaço de corrente — um talabarte. Melhor do que corda. Antes, quando encontrara o equipamento, não sabia para que ele servia. Agora eu

sabia. Era um equipamento de escalar árvores.

Peguei a sacola e corri para a mata. Desci até a ravina refrescante, onde ouvira o apito de um trem, e atravessei dançando os lugares mais densos da mata, onde o chão era esponjoso e como um trampolim. Eu sabia aonde ir até sem pensar, como se alguém me estivesse guiando.

Cheguei à base da grossa árvore e estudei-a. Coloquei as mãos no tronco, e me dirigi a ela. Disse o que Harry e Ben costumavam dizer às árvores, antes de escalar: “Gostaria, agora, de escalar você. Agradeço sua proteção”. Eu havia visto isso num sonho.

Amarrei os ganchos — pesados cravos de metal, que machucavam meus joelhos. Arrastei a corrente ao redor da base da árvore, e enfiei as luvas. Nunca havia escalado uma árvore. Pelo menos não com cravos e talabarte. Mas havia escalado em sonhos, então sabia o que fazer. Deslizei a corrente para cima, e, quando ela estava acima dos meus ombros, enfiei um cravo no tronco. Coloquei meu peso no cravo, mas ele escapou e meu pé escorregou ao chão, arranhando a parte interna do meu joelho. Fiz uma careta de dor, mas tentei outra vez. Consegui pregar um dos cravos, daí tentei o outro, e ele se enfiou. Tentei mandar a corrente árvore acima, mas, quando experimentei, meu centro de gravidade mudou, um cravo se soltou, e deslizei de volta ao solo. Outro arranhão.

Mais uma vez. Depois de dois cravos bem-sucedidos, um escapou, e, ainda que eu tentasse me segurar na árvore com os braços, deslizei para baixo, arranhando os antebraços na casca áspera. Tentei vez após vez, vez após vez. Por mais de uma hora, tentei subir pelo menos um metro acima do chão. Até com três metros acima do chão eu já me consideraria vitorioso. Mas não estava conseguindo.

Exausto, frustrado e sangrando, parei. Minhas coxas e joelhos estavam machucados. Os ganchos feriram a pele das minhas canelas e tornozelos. Os músculos dos meus braços estavam na pior, e cortes de casca iam do pulso à axila dos meus dois braços. Ainda assim, eu estava determinado a conquistar a grande árvore.

“Como é que eu faço?”, perguntei à árvore. “Como subo em você? Você deixava que Harry e Ben subissem, mas não me deixa? Por que você não me deixa subir em você?”

A árvore não disse nada.

“Eu sou um Riddell”, disse à árvore. “Posso salvá-la. Se você me deixar subir, prometo que vou salvá-la, para que viva para sempre. Você será uma das árvores imortais.”

A árvore não me respondeu.

“Ben”, chamei. “Me ajude!”

Mas ele não me ajudou. Ou ajudou? Porque, justo naquele momento, me veio um pensamento do diário de Harry, e da observação que ele fizera de que devemos nos focar na contradição e separação entre e dentro de nós mesmos, não na união. E pensei que talvez minha crença de que poderia conquistar a árvore, a fim de escalá-la, não era o importante. O importante era que eu me *unisse* à árvore, fosse um com ela. Então eu me concentrei na árvore com aquele pensamento profundamente na cabeça, e, depois de um momento, senti algo mudar. A energia, ou o vento? Eu não sabia. Mas sabia, com muita certeza, que deveria pegar duas mancheias da sobra da correia. Sabia que precisava assentar meu peso, empurrando os quadris contra o tronco, e afastando o peito, e que deveria curvar as costas e manter os pulsos acima dos ombros, e dar passos mais curtos, e chutar mais forte contra o tronco, e arrumar o

talabarte de acordo com o meu peso, firmemente, antes de me mover nele.

E foi assim que fiz. E foi assim que escalei. Com pura determinação e teimosia, eu escalei. Dois passos, daí quatro, daí oito. Não sei se foi a minha vontade, ou a árvore me aceitando, ou o empurrão de Ben. Porque não fiquei pensando a respeito. Pensei apenas em escalar: meus arpões na casca, meus quadris contra o tronco, minhas costas se esforçando para me segurar.

Quando atingi o galho mais baixo, puxei-me para cima dele e me sentei por um momento. O chão estava muito abaixo de mim, a mais de vinte metros. Uma queda de uma altura assim seria morte certa. E, contudo, não era o suficiente.

“Quero chegar ao topo”, disse em voz alta. “Quero ver.”

Removi meus ganchos, meus tênis e meias, porque era assim que eles escalavam no meu sonho, e era assim que eu escalaria. E subi, subi mais ainda, até o centro da árvore. Até onde ela me segurou firme, e minha subida ficou fácil, onde a árvore me encorajou a ir ainda mais alto. Não olhei para baixo. Não questionei a sabedoria da minha jornada, ou me perguntei havia quanto tempo estava subindo. Simplesmente subi. Mais e mais alto. Até que atingi o lugar onde os galhos ficavam finos e o tronco se estreitava. Até que eu sabia estar perto do topo.

“Até que altura devo ir?”, perguntei à árvore.

A árvore não me respondeu, então mais alto eu fui, até o próprio topo. Ao lugar de onde Ben havia partido. Eu sabia, porque tinha visto no meu sonho.

O mundo se estendia à minha frente, em todas as direções, e agarrei-me aos ramos balançantes da árvore, enquanto o vento nos cercava e nos empurrava de lá para cá. As montanhas e a água e a cidade cintilavam à distância. As casas e as pessoas lá embaixo. Ao meu redor, eu podia ver a brisa varrendo os galhos da árvore, círculos de luz se refletindo nas folhas e nas agulhas. Da mais alta das árvores, numa colina assim tão alta, senti que podia ver o mundo inteiro. Podia ver toda a humanidade. Era assombroso, mas eu não sentia medo. Era entusiasmante, mas eu estava calmo. Porque, naquele instante, tudo estava em seu devido lugar. Eu podia sentir — a retidão do meu mundo! Eu não cairia, porque a árvore me segurava; a árvore não se partiria, porque eu a segurava. Na quietude do topo da árvore, ouvi a música da brisa que passava. Numa mistura entontecedora de cores e movimentos, encontrei clareza de visão. Naquele momento, eu soube por que Ben e Harry haviam subido em árvores até o topo; eu sabia o que eles haviam sentido; eu *senti* o que eles haviam sentido.

No decorrer dos anos, tentei explicar essas coisas à minha mãe; ela não se deixou convencer. Talvez fosse a maneira como ela foi criada, ou talvez sua personalidade. Ou talvez apenas a sua teimosia. Não sei. Mas tentei contar a ela o que ela talvez nunca viesse a acreditar: naquele momento, na árvore de Ben, quando eu tinha catorze anos, minha vida mudou completamente. Antes disso, eu queria acreditar; depois daquele momento, eu *sabia*.

Ah, minha fé se enfraqueceu algumas vezes. É fácil cair de volta nas mesmas rotinas, e dar uma demão de tinta sobre o sublime, camada em cima de camada de indiferença. Mas agora, no momento em que conto esta história, minha fé está completa. E prometo isto: quando você tiver tocado a face de Deus, você nunca mais vai desaprender o que aprendeu. Você nunca mais pode não ver aquilo que viu.

Enquanto me segurava ao topo daquela árvore, um sentimento cresceu dentro de mim com

tal poder que larguei a árvore e estendi os braços aos céus. Estendi os braços e tentei segurar o azul. Eu queria ser carregado para o éter, queria ser tudo de todas as coisas.

Mas o céu não me quis. O céu se recusou a se abaixar o suficiente para mim. E ouvi um chamado lá embaixo. Meu nome. Alguém chamando meu nome. Do topo da árvore, eu podia ver o campo à frente da Casa Riddell, onde estava uma pequena figura — meu pai — parada ao lado da porta da cozinha, me chamando.

Chamei de volta, mas ele não me ouviu.

Rapidamente, agilmente — quase possuído —, desci pela árvore até o galho mais baixo. Amarrei meus arpões e usei a corrente para descer pelo tronco, como se já tivesse feito aquilo umas cem vezes. Coloquei o equipamento dentro da sacola, e corri pela mata e cruzei o campo, para o jantar.

Entrei pela porta da frente, em vez da porta dos fundos, e gritei para a cozinha que queria mudar minha camisa antes do jantar. Meus braços estavam cobertos de terra e de sangue seco devido à escalada, e minhas mãos estavam pretas devido ao breu. Corri escada acima, me lavei o melhor que pude, e escondi as feridas com uma camiseta de mangas compridas.

Lá embaixo, o jantar já estava na mesa. Além dos legumes, o pão e a limonada de sempre, meu pai havia grelhado kabob, o que significava que ele estava completamente sob o feitiço de Serena.

“Por onde você andou?”, perguntou-me Serena, sem cerimônia.

“Caminhando por aí.”

Ela me lançou um olhar de suspeita, e passou as ervilhas ao meu pai, que se serviu e passou o prato adiante. Quando estávamos todos servidos, e começando a comer, meu pai se levantou de repente.

“Esquecemos o remédio do Papai”, disse ele.

Serena imediatamente ficou tensa, e se sentou rigidamente na cadeira.

“Eu pego”, falou.

Ela começou a se levantar, mas meu pai parou-a com um gesto de mão, e caminhou rapidamente até o armário. Ah, não, pensei. Essa não é a melhor maneira de agir. De verdade, não é. Ele retirou o vidro de remédio e escrutinizou o rótulo. Abriu a tampa.

“Eu posso fazer isso, Irmão Jones”, disse Serena. “Realmente.”

“Eu faço. Ele toma duas? Ou três?”

“Duas”, admitiu Serena.

Ela observou tensamente enquanto meu pai sacudia duas pílulas na palma da mão. Tenho certeza de que ela deveria estar se perguntando, assim como eu estava, o que iria acontecer naquele momento. Meu pai olhou atentamente para as pílulas, e daí olhou deliberadamente para Serena. A cozinha ficou parada. Bem parada.

“Este remédio é efetivo?”, perguntou meu pai com malícia.

Depois de uma pausa, Serena rompeu o olhar deles e serviu limonada no copo de Vovô Samuel.

“Você ficaria surpreso em ver como ele é eficiente”, disse ela, como se tivesse acabado de escapar de um tiro.

Ele acenou com a cabeça e recolocou o vidro de remédio de volta no armário. Voltou para a mesa, e colocou as pílulas na frente do Vovô Samuel. Retomou seu assento, e fiquei me perguntando por que ele não havia dito nada. Qual era o sentido? Não apenas de corroborar a verdade, mas de uma forma tão óbvia, na frente de Serena? Não entendi nada. Vovô Samuel engoliu as pílulas com limonada.

“É bom ver você tão preocupado com o bem-estar do Papai, Irmão Jones”, disse Serena finalmente, lançando seu olhar felino ao meu pai.

“É importante que todos nós trabalhemos juntos nisto”, disse meu pai. “Alzheimer é difícil para todos.”

“Certamente”, concordou Serena.

E daí jantamos.

Fiquei confuso com o comportamento do meu pai. Já sabia que ele não estava no mesmo time que eu, mas pensei que sua cumplicidade no esquema de Serena era fruto de sua teimosa ignorância. Uma colaboração vinda de negligência benigna. Não me dei conta de que meu pai, na verdade, ia tomar parte no esquema e nas manipulações. Pensei que aquilo tudo era coisa de Serena. Contudo, eu tinha escondido a procuração, que eu comparava a ter roubado a tampa do carburador de um carro velho, como fazem no cinema. Atrasa o cara por um pouco de tempo, mas não completamente.

Caminhando de volta ao meu quarto, fui atingido por um pensamento diferente. Pensei que, cada vez que eu vira Serena dar o remédio de Alzheimer ao Vovô Samuel, seguiu-se na noite uma visita do fantasma dançante de Isobel. O pensamento foi tão provocante que fiquei parado no corredor. Pílulas. Inquietação. “Remédio.” Dança. Enquanto ponderava sobre a conexão, notei uma sombra. Ouviu um ruído. Seria Ben, incapaz de resistir em dar-me uma pista? Caminhei pelo corredor e encontrei uma pequena porta de despensa aberta, revelando um quartinho branco vazio, com um balcão contra uma das paredes. No balcão, havia um cesto de roupa suja. Empurrei o cesto para o lado, e apareceu uma porta de alçapão. Abri o alçapão e encontrei o túnel.

O túnel do elevador.

Pulei em cima do balcão, enfiei-me dentro do túnel, e subi a escada até o topo. O alçapão no terceiro andar dava para o armário do salão de baile. Assim mesmo. Fascinante.

Fechei os alçapões e deslizei pela casa sem ser notado, para visitar Vovô Samuel no celeiro. Catei um martelo e uns pregos da bancada de trabalho dele, e voltei para casa. Eu estava indo por intuição. Instinto. Remédio de Alzheimer era igual a visita de Isobel. E Isobel sempre magicamente sumia quando era notada. Eu podia fazer a soma, como diria Serena...

Preguei a porta fechada do alçapão, o do armário do salão de dança, tomando cuidado para não fazer muito barulho, e daí devolvi o martelo e o resto dos pregos ao celeiro, depois disso, passei o resto da noite fazendo companhia ao meu avô, lendo para ele os diários de Harry, enquanto ele trabalhava nas pernas de cadeira. Nós dois gostamos disso.

Mais tarde, naquela noite, eu estava deitado, tentando sem sucesso escrever minhas impressões da jornada ao topo da árvore — era tão clara e tão vívida, e, ainda assim, as palavras para descrevê-la não me vinham. Estava distraído pela armadilha que havia feito com o túnel do elevador, e fiquei me perguntando se funcionaria, quando meu pai bateu, e abriu a porta para ele. Ele se empoleirou aos pés da minha cama, com os cotovelos nos joelhos, olhando para o chão. Ele não disse nada. Guardei meu diário; acreditava que meu pai não viera ao meu quarto buscando por algo, mas sim para oferecer algo.

Sentamo-nos em silêncio por bastante tempo, antes que ele falasse.

“Era Vovô Samuel que deveria ter feito aquilo”, disse ele. “O médico que nos deu o remédio disse a Vovô Samuel que ele deveria dar a injeção a ela, em caso de algo sair errado. Se houvesse uma investigação, e alguém fosse considerado responsável, disse ele, seria melhor que fosse ele. Porque eu ainda tinha minha vida inteira à frente. Há vinte e três anos, as pessoas não faziam esse tipo de coisa — suicídio assistido, ou sei lá como chamam. Eu chamaria de eutanásia. Colocavam pessoas na cadeia por isso. Ainda colocam.”

Meu pai riu. Limpou a garganta, e ficou se remexendo um pouco. Levantou-se e cruzou o quarto até a escrivaninha.

“Pais devem fazer isso pelos filhos”, disse ele. “Eu faria isso por você.”

“Você iria para a prisão por mim?”

“Se algo arriscado tivesse que ser feito, e eu estivesse na posição de proteger você se fizesse? Claro que sim. Eu faria.”

“Mas seu pai não fez.”

“Não, meu pai não fez.”

“Foi por isso que você deu as cápsulas de cafeína hoje, no jantar?”, perguntei.

Meu pai se sentiu ferido com o comentário.

“Eu queria saber ao certo”, disse ele. “Eu precisava ver.”

“Mas você não precisava ter dado as pílulas. Você podia ter feito Serena se explicar.”

“E daí, o que aconteceria?”

“Não sei”, admiti.

“É melhor que ela pense que sou cúmplice dela no negócio. Até que eu consiga pensar no que fazer.”

Ele parou de falar, e ficamos sentados em silêncio por mais um minuto. Finalmente, abri a gaveta da minha mesa de cabeceira e tirei a carta de Serena e as passagens do cruzeiro, nos seus elegantes envelopes. Segurei-as no ar.

“O que é isso?”

“Evidência”, disse. “Você disse que não acreditava que eu tivesse qualquer evidência. Eu tenho. Aqui está. Passagens de cruzeiro. Olha só para os nomes, se quiser.”

Ele pegou-os de mim, abriu os envelopes da Cunard, e leu o que estava escrito.

“E isto?”, perguntou ele, sobre a carta de Serena.

“Leia.”

Ele leu. Quando acabou, deixou a carta e as passagens, que caíram sobre a cama, e sacudiu tristemente a cabeça.

“O que ela tinha na cabeça, para pensar que eu ia num cruzeiro de volta ao mundo com ela?”

“Você não entendeu?”, perguntei. “O problema é este. Há livros muito caros naquela biblioteca. Quer dizer, livros da pesada, extremamente raros. Ela podia vendê-los e ter um navio de dinheiro. Mas ela não quer dinheiro.”

“Ela quer o quê?”

“Vamos lá, Papai! Não seja tão tapado! Ela quer *você*.”

Ele riu.

“Isso é loucura!”

“Sinal aponta para sim”, concordei, citando a bola mágica.

“Sabe”, disse ele, “quando era garoto, eu gostava muito de mágica. Gostava da ideia de escapar de algo. Gostava muito de Harry Houdini. Quer dizer, eu *adorava* o cara. Havia uma loja de magia no Mercado Público, e eu ficava por lá só para *sentir* a magia. Até ensinei a mim mesmo como abrir cadeados, e fazia minha mãe me trancar num armário com uma corrente ao redor, e daí tentava escapar. Li tudo o que podia sobre Houdini. Até agora, quando penso na tragédia da morte dele, ainda fico triste. Ele não era apenas um mágico, ou um artista de escape, ele era um *showman*, então ele tinha que fazer um show, mesmo se aquilo o matasse.”

Ele parou e daí se sentou na cadeira da escrivaninha, perdido em pensamentos.

“Por que você está me contando isso?”, perguntei.

“Houdini ficou famoso por expor falsos médiuns e adivinhadores. Ele dizia que fazia aquilo em busca da verdade e da justiça. Mas não estou seguro de que esse fosse o seu motivo. Acho que ele *realmente* acreditava na vida após a morte. Ele queria ver sua mãe e seu pai outra vez. Então ele fez com que sua missão de vida fosse destruir os falsos, para poder encontrar os autênticos. Ele não fez aquilo porque *não acreditava*, mas sim porque *acreditava*. Minha mãe também acreditava. E ela prometeu que voltaria para me ver, depois que morresse, caso pudesse. Se fosse possível.”

“Eu sei.”

Ele me olhou de maneira curiosa, mas não questionou meu comentário.

“Meu pai me mandou embora uma semana depois que ela foi enterrada”, continuou ele, “então, como saber se ela esteve me esperando aqui por todo esse tempo? Quero dizer, ela dança para Vovô Samuel, não é mesmo? Eu ouvi, *você* não ouviu? Ela *está* aqui, não está?”

“Vou contar o que sei”, eu disse, depois de um momento. “Mas só se você me disser o que acredita sobre tudo isso. Você viu Ben no topo da escada? Ou foi só poder de sugestão, como você disse antes?”

“Eu vi”, admitiu meu pai finalmente.

“Então você sabe?”

“Sim, Trevor, eu sei. Agora me diga o que você sabe.”

Eu disse. Conteí tudo o que havia visto, desde o começo até o fim, bem como havia contado antes, lá em cima, no quarto, mas, desta vez, ele ouviu de outra maneira. E daí eu conteí sobre ter visto Isobel no escuro, no topo da escada.

Ele não disse nada, durante muito tempo, daí me perguntou se poderia ver os fósforos que eu tinha. Tirei a caixa do bolso e joguei-a para ele. Ele ficou virando-a nas mãos.

“Era uma brincadeira”, disse ele. “Um truque. Pelo menos foi isso o que me disseram. Eu tinha mais ou menos a sua idade, quando comecei a duvidar dela. Fui até a loja de magia, no Mercado, e perguntei aos caras que trabalhavam lá se espíritos realmente existiam. Se mágica era mesmo mágica. Não, disseram eles. Não existem espíritos. Se mágica era mesmo mágica. Não, disseram eles. Nada disso é real. Houdini desmascarou todos os médiuns, e daí desmascarou a si mesmo, quando não voltou para sua esposa. Eles me convenceram de que minha mãe estava fazendo truques para mim, e que truques eram para crianças.”

“Então o que aconteceu?”

“Eu disse a ela que não acreditava.”

“E daí?”

“Daí ela morreu.”

“Mas isso não tem nada a ver com...”

“Tudo tem a ver com tudo”, disse ele. “Esta é a mensagem. Tudo tem tudo a ver com tudo o mais. Nada, ninguém, não faz parte de tudo. Como posso saber se ela não se fez doente e morreu, só para voltar e me mostrar a verdade?”

“Acho que ninguém faria uma coisa dessas”, eu disse. “Acho que, se alguém realmente ama a outra pessoa, não faria uma coisa dessas.”

“Estou muito confuso agora mesmo”, disse ele, batendo na caixa de fósforos com o dedão. “Minha cabeça está doendo. Não sei o que vai acontecer comigo e Mamãe, comigo e você, com Vovô e Serena... Não sei o que vai acontecer *para mim*. Se eu trouxe você aqui por alguma razão, mesmo se conscientemente eu não o soubesse, então a razão é *esta*. O que faço agora?”

“Você deveria fazer o que Ben quer que faça”, respondi, sem hesitação. “Você deveria dar a Casa Riddell de volta à floresta.”

“E Serena?”

“Você vai precisar encará-la e dizer que não vai vender a propriedade.”

“Devo dizer a ela que vamos vender os livros para conseguir dinheiro?”, perguntou ele, verdadeiramente confuso.

“É isso o que você quer fazer?”, perguntei, surpreso.

“Eu a *criei*”, disse ele, implorando pela minha compreensão. “Minha mãe tinha uma doença terminal, e meu pai era um bêbado incorrigível. Eu fiz tudo, Trevor. Cozinhei, limpei, ajudei com as lições de casa. Lavei as roupas dela. Li para ela. Fui às palestras de pais e mestres, e falei com os professores sobre a atuação dela em classe. Você não entende como era a vida por aqui. Quero dizer, preciso oferecer *alguma coisa* para ela.”

“Você precisa dar a ela o que você pode”, avisei. “Mas, mesmo se você der tudo, ela ainda não vai ficar satisfeita.”

Ele suspirou, porque sabia que minha resposta estava certa. Levantou, caminhou até a porta,

colocou a mão na maçaneta, e me olhou outra vez.

“Tenho conversado com Mamãe”, disse ele. “No telefone. Eu me sinto como se estivesse outra vez no colegial. Esperando ela ligar.”

“Verdade?”

“É, e acho que tudo vai ficar bem, sabe? Sei que tudo isto tem sido difícil para você, e aprecio a fé que você mostrou em mim. Mas estamos fazendo progresso, e tenho um bom pressentimento.”

“Verdade?”, perguntei outra vez, imaginando se era verdade, ou se eles dois estavam se enganando, e me enganando também. Se todos nós queríamos ser enganados, porque, no mundo dos loucos, tudo funciona no fim.

“É, mas não prometo nada.”

“Claro.”

“Mas, quero dizer... Um relatório de situação... É. ‘Sinal aponta para sim’.”

Eu podia ver que meu pai estava lutando para arrumar os fatos e conversas e ideias dentro da cabeça, para fazer com que tudo se encaixasse, e de como havia mais esperança do que convicção na expressão do seu rosto. Ainda assim, apreciei o seu esforço.

“Bom. Obrigado pela conversa”, disse ele, depois de um tempo. “Aparentemente, sua mãe o educou bem, enquanto eu estive fora.”

“Você nunca esteve fora”, eu disse.

“Estive”, ele corrigiu. “Eu estava por lá, mas não estava realmente... envolvido. Eu sou o filho do meu pai, afinal de contas.”

“Você está sendo muito duro consigo mesmo, Papai.”

“Ah, é? Bom. Eu provavelmente mereço. Peço desculpas pelas minhas transgressões, Trevor. Espero que um dia você me perdoe.”

“Está tudo bem”, falei. “Quero dizer, você é meu pai. Não é assim que funciona?”

Olhamos um para o outro por um momento, o suficiente para saber que as desculpas haviam sido oferecidas e aceitas, e daí meu pai mostrou-me a caixa de fósforos.

“Você se importa se eu ficar com isto?”

“Vá em frente. Tem uma gaveta cheia delas lá na cozinha.”

“Você deveria ir dormir.”

Ele saiu, e desliguei a luz, mas não consegui dormir. Como sempre, a história da Casa Riddell me mantinha acordado.

Depois de alguns minutos, levantei e me dirigi à ala do sul. Eu tinha certeza de que sabia onde meu pai havia ido, e, quando cheguei ao armário de roupas de cama, e vi a porta aberta, sabia que estava certo. A parede falsa estava aberta. Abri mais, e olhei para cima da escada em espiral, para o escuro. Ouvi um barulho de riscada, e vi um brilho laranja ao redor da curva, perto do topo da escada. O brilho durou uns doze segundos, daí se apagou. Alguns segundos mais, outra riscada, outro brilho. E outra vez. E outra vez. Meu pai, esperando ver sua mãe.

Não interfeiri em sua busca. Não sei por que ela não aparecia para ele, como havia aparecido para mim. Talvez não fosse realmente ela que vi. Talvez fosse Ben que me estivesse enviando uma mensagem com a forma dela. Havia muitas teorias, e eu não tinha como saber.

Mas sabia que nada que eu dissesse ia parar meu pai, e nada que eu pudesse fazer poderia satisfazer sua necessidade de fazer contato com Isobel. Então eu o deixei lá, com seus fósforos, e fui para meu quarto. Peguei o diário de Elijah da gaveta de meias, onde eu o guardava, e comecei a ler.

3 de março de 1916

Hoje à noite, meu filho falecido veio a mim. Ele se sentou comigo. Conversamos. Ele foi embora momentos atrás.

Por esses anos todos, eu havia esperado. Mantive minha fé. Sempre acreditei que ele retornaria, e eu o veria outra vez. Então não fiquei surpreso quando ele apareceu. Em vez disso, fiquei possuído por um sentimento de contentamento e satisfação.

No meu quarto, com o sol na janela e uma taça de vinho do Porto ao meu lado, eu estava fazendo um inventário de tudo o que já fiz: uma folha de registro, que mostrava as vidas que destruí e as florestas que devastei, contra doações de dinheiro e terras que fiz, instituições e cidades que ajudei, bem como concessões individuais para os menos afortunados que eu. Ben me ensinou que o que esculpi da terra não me cabe guardar, mas devolver a terra. Eu estava fazendo meu inventário, enquanto o sol da tarde tremia pelas agulhas dos pinheiros e pelo meu teto, e levantei os olhos para a janela, que está voltada para a Árvore de Ben, e ele estava lá, no quarto, comigo. “Ben”, sussurrei. “Que visão para um homem à morte! Você veio por mim. Será que isso quer dizer que estou perdoado? Será que significa que não estou além da redenção?”

Ben se ajoelhou ao lado da minha cadeira, e estendi a mão. Toquei-o.

“Eu me redimi, Ben?”

“Sim, você se redimiou.”

“Rezei tanto para que fosse assim!”

“Não é em orações, mas em atos que encontramos absolvição”, falou.

“Você aceita meu compromisso?”, perguntei, referindo-me à pensão que fizera, permitindo que Abraham e seus herdeiros continuassem a viver na Casa Riddell. “Eu não queria romper minha promessa para você...”

“Você manteve sua promessa para mim.”

“Mas a propriedade. O parque...”

“A promessa é minha, Pai. É uma promessa que fiz a Harry, e a obrigação pertence a mim. Você só tem posse da promessa até que seja a hora.”

“A hora de quê?”

“A hora de você ser libertado”, disse Ben.

“Estou libertado?”

“Você está”, disse ele. “Agora eu ficarei, até cumprir minha promessa para Harry.”

Então ele me deixou, mas não me senti só.

Agora devo descer e descansar. Vou dormir melhor do que já dormi em toda a minha vida, porque agora eu sei que vivi corretamente. Cometi erros, e feri pessoas. Não nego este fato. Mas corriji vigorosamente aqueles erros, depois que compreendi o quanto estava errado.

Agora devo descer para encontrar o sr. Thomas, meu amigo fiel. Ele me ajudará a deitar, porque estou cansado e preciso de uma sesta.

O cozinheiro está assando um coelho para hoje à noite, o que gosto muito, e estou à espera de comê-lo.

Elijah Riddell morreu como herói. Li a notícia de sua morte no *Seattle Post-Intelligencer* de 5 de março de 1916. O cabeçalho dizia: UMA CIDADE, UMA NAÇÃO, LAMENTA A MORTE DE UM ÍCONE. Página da frente, acima da dobra.

O mesmo homem que havia sido esfaqueado pela imprensa vinte anos antes, devido a todos os cínicos acordos de tubarão que fizera. O homem vilipendiado por destruir florestas inteiras, implacavelmente fechando vilarejos e escolas, e tratando sem misericórdia alguma os trabalhadores e suas famílias. Pela época de sua morte, ele havia se redimido até certo grau, pelo menos.

O suficiente para que seu filho o perdoasse.

Às 3:02 da madrugada, ouvi vozes. Isso não era incomum. Nada era incomum na Casa Riddell.

Desci para investigar, e encontrei Vovô Samuel com um copo de remédio. Sentado do outro lado da mesa, estava meu pai, também com um copo de remédio. Eles estavam conversando sobre barcos, ou madeira, ou algo assim. Estavam conversando sobre a casa, ou Isobel, ou Serena. Eles estavam conversando sobre o vento que vinha do sudoeste, do oceano Pacífico, corria pela boca do rio Columbia, e em torno dos Olympics, trazendo chuva. Estavam falando sobre árvores.

“Estamos falando alto demais?”, perguntou meu pai, quando me viu de pijamas, parado sonolentemente na soleira da porta, esfregando os olhos.

“Não conseguia dormir”, menti.

“Mais um!”, disse meu pai com jovialidade, apontando uma cadeira para me sentar.

Fiquei me perguntando se deveria ficar ali com eles. Não estava seguro de que era certo. Vi álcool se mexendo na garrafa, e me dei conta de que eles estavam numa boa, e não iam se importar com a minha companhia. Peguei uma coca do refrigerador, um copo do armário, e me sentei à mesa. Meu pai completou o copo do Vovô Samuel.

“Talvez um pouco menos de leite desta vez”, disse Vovô Samuel.

“Boa ideia”, concordou meu pai.

Daí nós brindamos. Nós três. Vovô Samuel, que parecia estar carregando a conversa sozinho, na sua cabeça, acenou veementemente.

“Deveria ter sido *eu* quem fizesse”, disse ele.

“Mas você não fez, Papai”, disse meu pai. “E tinha que ser feito. Então *eu* fiz.”

“Você deveria ter me deixado fazer.”

“Mas você *não* fez.”

“Não.”

“Então *eu* fiz. Tinha que ser feito.”

“Tinha que ser feito”, Vovô Samuel concordou, depois de um gole do seu remédio.

Eles beberam outra vez, e reencheram os copos, e eu sabia que estavam bêbados.

“Então, por que você me mandou embora, hein?”, perguntou meu pai. “Você me deve pelo menos uma explicação. Por quê?”

“Eu não podia fazer.”

“Então por que você me mandou embora?”

Vovô Samuel concordou como bêbado, mas não respondeu.

Eu sabia sobre o que eles estavam falando, e me lembrei da conversa de Serena sobre emasculação. Foi por isso que Vovô Samuel mandara meu pai embora. Não se pode tirar a masculinidade de alguém daquele jeito.

“Você me banuiu”, disse meu pai. “Você me disse que nunca mais queria me ver. Por quê?”

Vovô Samuel ruminou. Ideias rolando em sua cabeça.

“Ben está nervoso”, disse ele.

Meu pai sacudiu a cabeça em confusão e olhou para mim.

“Ben está aqui?”, perguntei.

“Ben está sempre aqui.”

“E Isobel?”, perguntou meu pai. “Ela está sempre aqui?”

Vovô Samuel ficou em silêncio por um momento, daí falou: “Quando ela dança, ela está aqui”.

“Mas normalmente não?”

“Normalmente não”, disse ele. “Mas Ben... ele está nervoso.”

“Por quê?”, perguntei.

Vovô Samuel me olhou com seus olhos leitosos. Seus olhos úmidos e seu rosto caído e a barba que se eriçava no seu rosto, e os pelos de suas sobrancelhas, que eram sempre longos demais, e seus longos cabelos brancos, e sua camiseta que Serena comprara, sua camiseta preta toda retorcida, que dizia: FODA-SE A CARNE.

Foda-se a carne.

Era como um *haiku*. Tão simples, e tão complexo. Ezra Pound talvez o tivesse traduzido do chinês.

“Eu ficava doente só de olhar para ele”, disse Vovô Samuel para mim. “Ela queria que eu fizesse, mas eu não conseguia, então ela pediu ao Jones. Depois que ele fez, eu não conseguia olhar para ele sem me sentir doente.”

“Papai, eu estou bem aqui. Você pode falar comigo.”

“Eu sabia que ia envenená-lo se ele ficasse. Ele seria infectado pela minha doença. Eu não queria que ele vivesse a vida me odiando por odiá-lo.”

“Papai”, meu pai tentou interromper, frustrado que Vovô Samuel estivesse falando só comigo, e não com ele. “Diga *para mim!*”

“Eu falhei, meu filho”, Vovô Samuel disse para mim. “Eu falhei com Isobel. Falhei com meu pai.”

Vovô Samuel caiu em silêncio, e nós também. Depois de um momento, ele estendeu a mão para a garrafa de remédio, mas meu pai o parou e pegou, ele mesmo, a garrafa.

“Chega de remédio para você”, disse meu pai. “Vamos tirar você desse remédio.”

Meu pai se levantou e guardou a garrafa no armário.

“Vamos encontrar um médico decente, e resolver seu diagnóstico, e pensar no que você realmente precisa.”

Ele fechou o armário e, quando passou por Vovô Samuel, o velho estendeu a mão e pegou o pulso do filho, fazendo-o parar. Seus olhos se encontraram.

“Você me perdoa, Filho? Eu não tinha a intenção de ferir você. Eu queria proteger você. Eu estava errado no que fiz. Por favor, me perdoe.”

Meu pai ainda tinha um olhar duro no rosto; ele não estava disposto a perdoar nada. Mas daí ele olhou para mim, seu próprio filho, e sacudi a cabeça significativamente.

“Eu perdoo você”, disse meu pai.

E já bastou. Vovô Samuel desatou num choro impressionante. Babado e ranhoso e cheio de

lágrimas. A coisa toda. Meu pai tocou a cabeça de Vovô Samuel. O pai se inclinou para o filho, e eles se abraçaram, mais ou menos. Um quase abraço, rígido, e eu sabia que houvera alguma espécie de encerramento entre eles, ainda que a ferida fosse tão profunda que a cicatriz provavelmente sempre estaria à mostra.

Deixei eles lá na cozinha. Eles não precisavam mais de mim. Subi ao meu quarto, e, do patamar do segundo andar, ouvi um ruído leve vindo do salão de baile. Isobel...

Quietamente, muito quietamente, subi as escadas para o segundo andar, e daí segui pelo corredor até meu quarto. Peguei minha lanterna, e deslizei escada acima até o terceiro andar. No patamar, na antecâmara do salão de baile, parei. As portas duplas do salão estavam fechadas, mas eu podia claramente ouvir passos e música vindos de dentro. Peguei a maçaneta e a girei gentilmente, de modo a não fazer nem um clique. Abri um pouco a porta, e espiei. E lá estava ela.

Tão elegante. Tão linda. Uma jovem mulher com o cabelo para cima, vestindo um longo vestido marrom que esvoaçava e pairava enquanto ela girava nos seus pés nus. Minha avó. E, ainda que estivesse escuro no salão, salvo pelo luar entrando pelas janelas, ainda que fosse difícil de enxergar, eu tinha quase certeza de que reconhecia aqueles pés. Nunca pensei sobre mim mesmo como um fetichista de pés, mas talvez tivesse algo disso em mim, porque eu *conhecia* aqueles pés. E eu tinha certeza de que as unhas estavam pintadas de laranja.

“Serena”, sussurrei baixinho, quase inaudível, mas alto o suficiente para que a mulher dançarina escutasse. Ela olhou para a porta, daí flutuou pelo assoalho em direção ao palco. Corri para dentro do salão e acendi os interruptores. Não funcionaram.

O fantasma flutuou pelo salão, e daí desapareceu. Liguei minha lanterna e examinei o local. Ela tinha ido embora. Fui até o fonógrafo e desliguei-o. E então ouvi outros sons. Sons de arranhadura. Fui até o armário com o alçapão do elevador, e escutei atentamente. Ouvi grunhidos, seguidos de batidas, seguidos de sons de arranhadura e rasgadura. Não ousei abrir a porta.

Corri escada abaixo, ao primeiro andar, passando pelo meu pai e meu avô, através da cozinha, e para fora, onde estava a caixa de fusíveis. Como eu pensava, o mesmo fusível de vidro estava desatarraxado. Apertei-o e voltei à cozinha.

“Papai”, disse. “Você precisa vir agora.”

Ele se levantou da cadeira imediatamente.

Vovô Samuel também começou a se levantar.

“Espere aqui, Vovô”, disse.

“Espere aqui”, concordou meu pai. “Já voltamos.”

Conduzi meu pai até o salão de baile. O interruptor funcionou.

“Isobel”, disse eu. Ela estava aqui, e correu para dentro do armário. Eu a tranquei.

Fomos até a porta do armário e a abrimos. O armário estava vazio.

“Como se tranca um fantasma?”, perguntou meu pai.

“Ela não é um fantasma”, respondi. “É Serena.”

Mirei a lanterna para o fundo do armário, onde o alçapão estava.

“Aquilo é o alçapão de um pequeno elevador”, expliquei ao meu pai. “Ele desce até o porão, mas para no segundo andar. Talvez também haja um alçapão no primeiro andar, mas não

o encontrei. Eu peguei o túnel até o porão, quando bati a cabeça. Cheguei à conclusão de que Serena estava por trás dos passos dançantes, então, depois do jantar, preguei a porta. Quando subi agora mesmo, para investigar, eu a vi correndo para cá. Ouvi-a tentando abrir o alçapão. *Tem que ser Serena.*”

Meu pai pegou a lanterna e entrou no armário. Ele mirou a luz para a parede do fundo, enquanto se ajoelhava na frente do alçapão e examinava.

“Tem sangue na parede”, disse ele.

Ele sentiu a parede com a mão, encontrou algo e puxou.

“Uma unha”, disse ele.

Ele levantou para que eu visse. Era uma unha, arrancada de um dedo. Pertencia à Serena.

Nós a encontramos no banheiro, com uma caixa aberta de ataduras espalhadas pelo balcão à sua frente, em meio a invólucros e papéis de proteção das ataduras já descartados. Ela estava meticulosamente colocando ataduras nos dedos, puxando-as bem apertado.

Até que ela nos notasse, ficamos parados à porta por muito tempo, tal era seu nível de concentração. Quando levantou os olhos, vimos a maquiagem escorrendo pelo seu rosto, devido às lágrimas, e sangue na sua testa e bochechas, de tirar o cabelo do rosto com as costas das mãos ensanguentadas.

“Vai levar uma eternidade até para que elas cresçam outra vez”, disse ela, com um riso triste.

“Há quanto tempo você vem fingindo ser Mamãe?”, exigiu meu pai.

Serena fungou e riu.

“Desde sempre”, disse ela, empurrando-nos ao sair, e entrando na área comum. “Desde sempre e para sempre.”

Meu pai ficou parado atrás dela, mas Serena não olhou para ele. Ela parou à mesa da cozinha, apoiando-se nela com uma das mãos. Endireitou seu vestido, arrumou seu cabelo, corrigiu sua postura, tudo em um esforço para se compor. Olhou direto para meu pai e disse:

“Estou pronta para receber suas perguntas.”

“Por que você fez isso?”, perguntou meu pai, ainda encarando-a fixamente.

“Para agradar ao Papai”, replicou ela. “Para o que mais seria?”

“Por que você precisava agradar *ao Papai*?”

“Quando você foi embora, ele ficou perturbado. A Mamãe havia morrido, você a matou...”

Olhei para meu pai. Foi de leve, mas vi a marca da facada dela.

“Ela se fora”, Serena continuou. “E daí você também se foi. E Papai estava perturbado, porque ele só tinha a mim, e eu não era boa para nada, não é mesmo? Eu tinha onze anos de idade: uma criança. Era só Papai e eu e a Casa Riddell, com seus ruídos e goteiras e a história de sua dor pintada nas paredes. Você consegue sentir, não é, Trevor? Está nas paredes. Está nos alicerces.”

Ela olhou para mim e concordei.

“Posso sentir, sim.”

“E certa noite eu dancei”, disse ela, cruzando até o sofá e sentando-se expansivamente,

inteiramente no controle da narrativa. “Eu poderia realmente usar um cigarro de merda agora. Trevor, seja bonzinho e pegue os cigarros da Tia Serena, tá?”

Ela apontou para uma porta do armário, e olhei dentro. Um maço de Marlboro, um cinzeiro e um isqueiro. Trouxe-os para ela. Ela pegou um cigarro, acendeu e inalou profundamente.

“Não se deixe corromper por minha má influência”, falou para mim, exalando fumaça no ar. “Fumar pode matar você. Eu podia usar uma bebida de merda agora, também.”

“Serena”, disse meu pai severamente. “Por que você precisava dançar para agradar ao Papai?”

“Certa noite, eu estava pensando em você, Irmão Jones. Eu me lembrei de como era dançar com você, quando a Mamãe estava tão doente que até mover a mão para coçar o nariz era doloroso para ela. E você e Papai a carregavam escada acima, até o salão de baile. E nós dançávamos, não é mesmo, Irmão Jones? Nós dançávamos. ‘Bons tempos aqueles’, como diria Papai. E certa noite, quando a casa estava vazia, porque você e a Mamãe haviam partido, eu subi até o salão de baile para dançar com você, mesmo que você não estivesse ali. Eu tinha onze anos de idade, e toquei os discos e dancei, porque não conseguia dormir de tanta solidão. Na manhã seguinte, Papai perguntou: ‘Você ouviu passos ontem à noite?’. Ele disse: ‘Isobel está dançando para mim’. E ele estava tão feliz! Ele estava tão feliz que ela tinha vindo dançar para ele que eu repeti vez após vez, e continuei dançando. Você não vê, Irmão Jones? Não era uma mentira. Era uma verdade diferente.”

Um silêncio desconfortável pairou sobre nós.

“Eu pensei...”, começou meu pai, mas parou.

“Existem muitas verdades, Irmão Jones”, disse ela. “Há um número infinito de universos, todos existindo lado a lado, ou assim dizem os cientistas. Todos existindo concomitantemente. Mas nós só temos *este* universo no qual viver; não podemos ter os outros universos. De todos os gloriosos universos que poderíamos ter, é com *este aqui* que estamos empacados.”

Meu pai tentou digerir as palavras dela. Ele queria entender. Mas ele parecia não estar conseguindo.

“Eu acredito”, disse ele. “Eu *acredito*.”

“E o que tem de errado com acreditar?”, Serena perguntou a ele. Ela pleiteou com ele: “Irmão Jones, eu quero saber. O que está errado com esperar? O que está errado com querer tanto algo que você não aguenta? O que está errado com querer tanto algo que faria qualquer coisa para conseguir?”

“Não sei”, disse meu pai, depois de um momento. Ele se largou no sofá, de frente para sua irmã. Fechou os olhos, levantou o rosto aos céus, e estendeu os braços para cima. “Eu não sei.”

“Não há nada errado com acreditar”, disse ela.

Ela se levantou do sofá. Aproximou-se até ficar em pé na frente dele, e olhou para baixo, para seu rosto levantado, para seus olhos ainda fechados. Ela pairava sobre ele.

“E *ainda podemos acreditar*”, continuou ela. “Eu tenho passagens. Reservei a cabine para nós. No *Queen Elizabeth II*! Uma viagem ao redor do mundo! Pense só. Nunca saí daqui. Mal saí da Propriedade do Norte. Irmão Jones, nós dois vamos *velejar ao redor do mundo!*”

Ela se abaixou e se ajoelhou no sofá ao lado dele, perto dele, contra ele.

“Viajar ao redor do mundo”, repetiu ele, em sua pose extasiada.

Ela colocou o rosto acima do dele, e daí o beijou. Ele aceitou o beijo dela por um momento, mas então, como se saísse de um transe hipnótico, ele despertou. Ele pegou os pulsos dela, sentou-se direito e sacudiu a cabeça.

“O que você está fazendo?”, exigiu.

“Está tudo bem, Irmão Jones”, acalmou ela.

“Você estava me beijando. Por que você estava me beijando?”

“Eu não...”

Ele ficou em pé e, ao fazê-lo, torceu os pulsos de Serena de tal modo que ela gritou de dor.

“Você está me machucando...”

“O que você estava fazendo?”, gritou ele para ela. “Não faça mais isso! Nunca mais me toque assim outra vez!”

“Por favor, me solte!”, gritou ela. “Você está me machucando!”

Ele parou, como se, de repente, tivesse se dado conta de que estava fisicamente subjugando-a. Como se subitamente tivesse se dado conta de quão grande era, e de quão pequena ela era, quão frágil, quão ferida. Ele a libertou.

“Você contou ao Trevor que tem o gene da ELA”, disse ele, sombrio. “Isso não é genético.”

“Pode ser que seja...”

“Nos mais raros dos casos, que não acontece. Você não tem ELA. Você não pega ELA. Você disse isso para manipulá-lo. Tudo o que você tem feito desde que chegamos tem sido para manipular um de nós. Você mente tão facilmente quanto conta a verdade. Mais facilmente!”

“Sinto dor nos nervos...”

“Não vou num cruzeiro com você”, disse meu pai, com força. “Vou para a Inglaterra para ficar com Trevor e Rachel!”

“Não é verdade! Trevor disse que você...”

“É verdade. Eu amo a minha mulher, e vou ficar com ela, se ela me quiser. Não interessa se Papai quis me mandar embora ou não, ou se Mamãe queria que eu acabasse com a miséria dela ou não, ou se eu voltei por você ou não. Porque você me disse, Irmã Serena. Você acaba de dizer: é com este universo que estamos empacados.”

“Irmão Jones!”, gemeu ela.

“Não vou num cruzeiro com você”, repetiu ele, com força. “Não vamos dançar juntos no *Queen Elizabeth II*. Não vamos visitar terras exóticas.”

Ele começou a ir embora.

“Irmão Jones!”, gritou ela para ele. “Eu sou a que ficou para trás! Eu sou a que o alimento todos os dias, que lava as cuecas sujas dele, limpa o vômito dele quando ele fica doente, que cuida dele como se fosse sua escrava! Quando tentei ir embora, ele me *prometeu* esta casa! Ele me *prometeu*, para me manter aqui e continuar como escrava! E ele mentiu! Me dê a casa, Jones. Você tem a procuração. Você pode fazer com que ele o faça! Me dê esta casa, Irmão, para que eu a destrua. Me dê, para que eu a despedace e a triture na terra com os saltos das minhas botas! Para que eu raspe sua imundície do chão! Para que eu possa picar a terra em minúsculos pedacinhos, e vendê-los aos ignorantes, com seus sonhos ignorantes. Para que eu possa escapar deste lugar maldito e fugir, para o mais longe possível, antes que esses

sonhadores estúpidos acordem e se deem conta do quanto este solo é tóxico. Quão corrosivo ele é para a alma humana!”

“Não pode ser”, disse meu pai. “Não está certo. Devemos fazer o universo ficar certo!”

“Ele *já está* certo!”, chorou ela.

“Podemos vender as coisas. A prataria e as louças. Podemos vender os livros raros. Você pode ficar com o dinheiro de tudo. Eu não quero nada. Daí você pode dar a volta ao mundo no seu cruzeiro. Você pode ver o mundo que tão desesperadamente quer ver.”

“Como eu posso sair daqui? Quem cuidará de Papai?”

“Eu volto e fico com ele”, disse meu pai. “Ou levo-o para a Inglaterra por um tempo. O que interessa? É um problema fácil de ser resolvido. E quando ele finalmente falecer, faremos com a terra o que Elijah e Ben queriam que fizéssemos. Vamos fazer o que é certo. Enquanto isso, você terá o seu dinheiro, e terá a sua viagem!”

“Eu não quero dinheiro!”, disse Serena. “Eu não quero viajar!”

“Mas você comprou as passagens do cruzeiro...”

“*Com você!*”, gritou Serena. “Quero viajar *com você!* Quero ver o mundo *com você!*”

Meu pai a encarou por um longo tempo. Parecia que eram minutos, mas não podia ser. Era tempo contado em respirações.

“Infelizmente tenho que dizer que isso é impossível”, ele finalmente disse. “Sinto muito, Serena, mas isso não vai acontecer.”

Algo passou pelo rosto dela. Fadiga, ou resignação, ou a realização de que o fim do jogo não ia ser a seu favor; que era hora de baixar seu rei, e aceitar a derrota.

“Você deve ir dormir”, disse meu pai. “Todos nós devíamos ir dormir.”

Ela não respondeu, então meu pai deu de ombros e olhou para mim. Ele apontou para a porta com a cabeça, e nós saímos.

“Se você me deixar agora”, Serena disse, parecendo muito cansada com os acontecimentos da noite, com os acontecimentos de sua vida, “eu vou ferir a mim mesma. Vou ferir a mim mesma até morrer. E vou sofrer, Irmão Jones. Vou fazer com que leve bastante tempo. Vou fazer ser horrível, para que, quando você me achar, você fique sabendo que sofri. Você não impediu meu sofrimento, como fez com a Mamãe. Você vai sentir a minha agonia, quando vir meu corpo morto. Se você me deixar agora, Irmão Jones, eu vou cinzelar meu sofrimento na sua alma, para que você carregue para sempre a cicatriz, e você nunca estará livre de mim.”

“Serena, não diga isso!”

“É a verdade, Irmão Jones”, disse ela, olhando claramente para ele. “Eu prometo.”

Meu pai fechou os olhos e acenou para si mesmo, como concordando que ela o faria mesmo. Ela faria exatamente aquilo.

“Vá em frente”, disse ele para mim. “Coloque Vovô na cama no meu quarto por hoje. Ele não precisa ver Serena desse jeito. São quase quatro horas. Vocês dois vão dormir. Eu fico aqui com Serena, e garanto que ela esteja bem.”

Obedeci, enquanto meu pai sentava com Serena no sofá. Ele colocou o braço em torno dos ombros dela, e ela se dobrou nos seus braços, enquanto ele acariciava seu cabelo.

“Tem mais alguma coisa que eu possa fazer?”, perguntei.

“Não”, disse meu pai. “Faça o que eu disse. Ela vai ficar bem, quando adormecer. Amanhã

conseguimos ajuda para ela.”

Então eu os deixei lá, no sofá, e fiz o que ele me mandou: ajudei meu avô a ir para a cama, e fui dormir. O céu já estava se transformando no tom mais pálido de azul que se pode imaginar.

Uma batida na minha porta me sacudiu, e acordei. Era um pouco depois das cinco da manhã, então eu havia dormido menos de uma hora. Estava enjoado e entorpecido de fadiga. Já era claro lá fora, porque Seattle fica praticamente no Círculo Ártico, e o sol nunca se deita. E a batida na minha porta continuava. Levantei da cama e abri a porta. Vovô Samuel, parecendo desganhado, estava no corredor. Vestindo seu pijama de velho e chinelos, com cabelo que parecia saído de um pôster de Albert Einstein. Ele cheirava levemente a fogueira de acampamento. Por um pouco, fiquei me perguntando se deveria me preocupar com sua higiene.

“Volte para a cama, Vovô.”

“Isobel está dançando outra vez!”, disse ele, num alto sussurro.

Mas como podia ser?

Escutei. Era verdade. Passos e música. No que Serena estava pensando? Levei Vovô Samuel para cima, ao salão de baile, e lá estava ela — Serena — dançando em grandes círculos graciosos ao redor do salão, na tênue luz do amanhecer.

Comecei a dizer algo, comecei a intervir, mas Vovô Samuel colocou a mão no meu cotovelo para me fazer parar. Ele levou o dedo aos lábios e sussurrou:

“Que tempos foram aqueles!”

Tão linda! Ela realmente era tudo de todos os sonhos que um homem poderia ter sobre uma linda mulher dançando. Perfeita. E então assistimos, e assistimos, e assistimos. Puxei cadeiras dobráveis, para que sentássemos e assistíssemos sua dança mesmerizante, enquanto o salão clareava. Era como se o tempo tivesse parado por completo. E, ainda assim, havia tempo, pois a música tocava, a música terminava, outra música começava. E quando aquele lado do disco terminava, ela virava e começava a dançar outra vez. Ela sabia que estávamos assistindo. Ela gostava de ser observada. Estava vestindo outro vestido. Escuro e aveludado e pesado. Parecia pesado demais para o verão. Ela pegou a agulha do fonógrafo, colocou no disco, e começou a dançar outra vez. Vi gotas de suor na sua testa, e me ocorreu que estava muito quente no salão de baile. Eu também estava suando. E notei o cheiro de fogueira, vindo do Vovô Samuel, então me inclinei e farejei o ar ao redor de sua cabeça.

“Você estava vestindo essa roupa na outra noite, na fogueira?”, perguntei.

“O quê?”

“Você está com cheiro de fogueira.”

“Bons tempos aqueles”, disse ele orgulhosamente, voltando sua atenção para Serena.

Estava desconfortavelmente quente, então me levantei, cruzei o salão (dando espaço à Serena). Abri uma das janelas que davam para o campo. Ar fresco soprou em minha direção, e era bom senti-lo no rosto. Abri outra, e uma terceira.

“Esperto Trevor”, disse Serena, dançando em minha direção.

Levantei os olhos e fiquei surpreso de ver como ela estava próxima.

“Isso só vai fazer com que acabe mais rápido”, disse ela.

“Mas está quente aqui!”

“Sim”, concordou ela. “Está quente. Sente e me deixe dançar para você!”

Ela me levou de volta à minha cadeira, e sentei. Ela voltou a dançar. Durante diversas músicas, Vovô Samuel e eu assistimos. Mas eu estava irrequieto. Não podia me livrar da sensação de que algo estava muito errado com tudo aquilo. E o cheiro. Farejei o ar outra vez.

“Sinto cheiro de algo queimando”, disse ao Vovô Samuel. “Tem certeza de que não acendeu um fogo lá na churrasqueira, ou algo assim?”

Ele sacudiu a cabeça, ainda sorrindo.

Levantei e fui até as portas do salão. Ali, o cheiro estava mais distinto. Algo estava *mesmo* queimando. Estendi a mão para a maçaneta; Serena parou abruptamente de dançar.

“Ah, Trevor”, disse ela, impaciente. “Você está fazendo tudo errado. Se você quer que o momento continue, não pode ficar fazendo coisas assim. Você conhece os princípios da construção de uma fogueira. Não pode dizer que não o eduquei.”

Olhei outra vez para ela.

“O que você fez?”, perguntei.

E então entendi. Eu sabia o que ela havia feito.

“Fogo”, balbuciei, minha garganta seca demais para emitir um só som.

“Fogo!”, gritou Serena, zombando. “Fogo!”

“Onde está meu pai?”, perguntei.

Abri as portas do salão de baile, e uma rajada de ar quente me lançou para trás, como o rastro de um avião a jato. O vestibulo estava cheio de fumaça escura. Eu podia ouvir estalos e estouros da madeira seca sendo consumida pelas chamas abrasadoras lá embaixo. Escutei batidas mais e mais altas nas escadas, e daí meu pai apareceu, através da fumaça. Ele me empurrou para dentro do salão e fechou a porta.

Ele estava coberto de fuligem e pó de carvão. Comprimiu as palmas aos olhos.

“Não consigo enxergar!”, gritou.

Ele tirou as mãos dos olhos e piscou com força, parecendo se orientar.

“Lá embaixo está uma loucura”, gritou. “O lugar inteiro está em chamas. Precisamos sair daqui!”

Pensei em todas as possíveis rotas; qual seria a escada mais segura? O túnel. O elevador. Corri até o armário embutido e abri as portas.

“Se ela não começou o fogo no porão, isto vai nos levar até lá, e daí podemos sair pelas portas da adega, no açougue.”

“Mas você a trancou com pregos!”

“É, usei pregos. Podemos arrebentar a porta.”

E foi isso o que fizemos. Meu pai chutou a porta do alçapão até rachá-la, e arrancá-la do túnel.

“Venham!”, chamou ele a Serena e Vovô Samuel. “Vamos lá!”

Vovô Samuel obedientemente respondeu. Serena se voltou para as portas do salão.

“Primeiro o Vovô”, disse meu pai, empurrando Vovô Samuel em direção ao túnel. “Desça o mais rápido que puder, Papai, daí espere por Trevor.”

Ele ajudou Vovô a entrar na abertura. Vovô começou a descer a escada. Quando saiu dos degraus, entrei atrás dele.

“Onde está Serena?”, perguntei.

Meu pai viu-a perto das portas, e chamou: “Serena! Vamos!”.

Ela hesitou um pouco, daí abriu as portas do salão de baile e saiu pelo corredor afora, em direção à casa em chamas.

“Que droga é essa?”, gritou meu pai. “Serena! Aonde você vai? Precisamos sair daqui!”

O tempo parou por um momento, enquanto meu pai olhava na direção de Serena.

“Papai! Venha!”

“Desça atrás do Vovô!”, comandou meu pai. “Você está bem atrás de você. Precisamos sair da casa em direção ao campo. Vá! Rápido!”

Desci, e ele me seguiu. Para baixo, para as entranhas escaldantes da casa. Podíamos ouvir o fogo rugindo ao nosso redor, como uma fornalha. Rapidamente descemos, até chegar ao porão, que estava quente, úmido e escuro. Vovô estava esperando por nós, tremendo de medo. Meu pai caminhou com rapidez até as portas da adega — certamente ele conhecia este lugar. Empurrou as pesadas portas de metal — as que eu não havia conseguido abrir sozinho — e ar fresco entrou. Ajudei Vovô Samuel a subir as escadas, e daí segui-o. Meu pai ficou para trás, na casa.

“Venha!”, chamei.

“Ela é minha irmã”, disse ele, parcialmente escondido nas sombras. “Prometi que a salvaria.”

“Papai...”

“Preciso tentar. Você não entende? Eu a criei.”

“Papai, ela não quer sobreviver a isto.”

“Preciso...”

“Chegamos até aqui! Não podemos fazer mais nada!”

“Ela é minha irmã”, repetiu ele. “Amo você, Trevor, mas, por favor, entenda que eu preciso tentar! Se não a encontrar logo, eu volto. Encontro vocês no campo.”

“Você não pode voltar lá pra dentro!”, eu gritei, frustrado por ele não sair das sombras, mas com medo de ir até ele. “Você vai morrer!”

“Só uma olhada rápida”, disse ele com pressa, entrando outra vez na escuridão. “Daí, encontro vocês no campo.”

E ele se foi.

Eu não sabia o que fazer. Ir atrás dele? Agarrá-lo pelo calcanhar, enquanto ele subia a escada do túnel? Puxá-lo até que ele caísse sobre mim, e daí bater na cabeça dele e arrastá-lo para fora do porão? Eu não podia fazer isso. E, ainda que pudesse, ele teria encontrado um meio de escapar. Porque ele estava comprometido a algo — uma promessa que havia feito — e não ia parar, até que a cumprisse, como Ben, que não ia parar até que sua promessa estivesse cumprida.

Peguei Vovô Samuel pelo cotovelo, e conduzi-o ao campo, até que estávamos longe o suficiente para nos sentirmos a salvo.

“Onde está Jones?”, perguntou.

“Foi atrás de Serena.”

“Ele veio salvá-la. É por isso que ele voltou para casa.”

“Ele voltou para casa para ver Isobel outra vez”, eu disse.

Lá do campo, a casa parecia estar viva, com chamas alaranjadas lambendo as vidraças rachadas. Eu podia ouvir vidros partidos, e pequenas explosões lá dentro, de coisas rebentando com o calor. O fogo se espalhou rapidamente. De quarto a quarto a quarto. Do primeiro andar ao segundo ao terceiro. Olhei por toda parte, buscando por meu pai e Serena, esperando vê-los correndo da casa em chamas, mas não os vi. Rezei a alguém — rezei a Ben — para que, de algum modo, meu pai e Serena pudessem ser salvos. Mas não senti nenhuma brisa no pescoço. Senti apenas o calor abrasador da Casa Riddell, sendo queimada.

Ah, Mamãe... Quantas vezes você me contou a história de como se apaixonou pelo Papai? Quando você contava, algo em você mudava. Seu rosto se relaxava, e sua voz se suavizava, quase como se você estivesse sentindo as emoções outra vez. Eu gostava quando você me contava, porque me fazia amar você, me fazia amar você e Papai.

Mas na noite em que a Casa Riddell queimou, você não estava lá, então tive que contar a história para mim mesmo.

Você estava estudando em Harvard — “lendo”, diria, se eu quisesse parecer britânico — trabalhando no seu doutorado em Literatura Comparada. Você era tão inteligente, falando francês e espanhol, além do inglês. Estudando seu Dickens, até que sabia tudo sobre Pip e seus motivos. Você era bastante orgulhosa de si, jovem e atrevida, com um sotaque perfeito, que deixava os homens doidos, andando por Cambridge com o mundo a seus pés. Você escapara daquele vilarejo mortal onde crescera, na costa da Inglaterra, e daquela penosa casa de pedras que você detestava. Você fizera algo de si mesma, a despeito de como havia sido criada, com todos aqueles irmãos e irmãs brigando pelo punhado de biscoitos que você tinha que compartilhar com seu chá fraco. O trabalho de seu pai era ler medidores elétricos, e não ganhava muito. Sua mãe fazia reformas de roupas. Você lia constantemente, motivo pelo qual seus amigos e parentes riam de você. “Você nunca vai ser nada, lendo desse jeito”, diziam. “Você precisa aprender a datilografar!” Você sabia que ler a levaria a qualquer lugar. Levaria você ao redor do mundo. E levou.

Bolsas de estudos para as melhores universidades. Honrarias e prêmios. Todos eles ficaram chocados, não é? Seus tortos sorrisos ingleses arrancados das suas tortas caras inglesas. Quando você voltou de Oxford para os feriados, sua mãe sentou você à cabeceira da mesa. Ela fez você contar as histórias de suas viagens para seus irmãos e irmãs, e ela fez com que eles ouvissem num silêncio de pedra, como as paredes de pedra de sua simples fazenda. Você fumou cigarros e condenou a mente estreita dos dirigentes da universidade, que mantinham as escolas femininas separadas das masculinas. Você fez chacota dos meninos que costumavam fazer chacota de você. Você soprou no pescoço deles e mordeu suas orelhas, até que eles estivessem reduzidos a poças trêmulas em suas mãos, e daí, você os deixou cair na terra batida, para que evaporassem; você os deixou lá, perguntando quando foi que você ficara tão esperta, tão linda e tão cruel.

Naquele verão, você aceitou uma bolsa de estudos em Harvard. Você ensinou Cervantes e Robbe-Grillet para os calouros. Você batalhou na sua tese. E daí, você se deu conta de que era tudo por nada. Certo dia, lendo mais um dos milhares e milhares de livros azuis de ensaios aos quais você havia dado notas, através dos anos, você teve uma epifania: se tivesse que ler mais um ensaio que comparasse e contrastasse a significância da honra e a sociedade em *Tristão e Rei Lear*, você arrancaria os próprios olhos! (*Oui, vile jelly!*)

Naquele verão, você pegou um trabalho de garçonne em Newport, Rhode Island. A família

da sua melhor amiga era membro do iate clube, e o pai dela arrumou um trabalho na sala de coquetel, para que você ganhasse melhores gorjetas. Homens de dedos grossos davam tapinhas no seu bumbum, metido dentro de apertadas calças brancas de poliéster. Sua figura pequena ficava bonita na camisa polo azul-marinho e branca, que era seu uniforme, e seu longo pescoço, com uma echarpe amarela atada ao seu redor, era uma grande tentação. Seu cabelo escuro era cortado acima dos ombros, e você tinha sotaque inglês, e se saiu muito bem, não foi? Até que tudo caiu aos pedaços.

Ele era trigueiro e beijado pelo vento, e seus olhos lançaram raios de luz em sua direção, quando ele os acendeu, por debaixo de longos cílios e escuras sobrancelhas. Ele vestia sandálias com os dedos de fora, coisa não permitida no convés. Ele vestia shorts curtos, que expunham suas pernas musculosas. Outra vez, algo não permitido. Seus braços eram cheios de um poder contido — não grossos e avultados, mas com cada músculo vibrando sob uma pele lisa e bronzeada. Todos se reuniram ao redor dele. Você não sabia o porquê — seria alguém famoso? Por que os membros permitiam tal desprezo pelas regras? Eles puxaram cadeiras, os pés de metal arranhando o convés, uns dez, ou doze. Daí, outros foram chegando, e puxaram cadeiras para que todos se acomodassem — estritamente contra as regras. Você foi ao bar vez após vez, para pegar gins com tônica. Quantas rodadas você distribuiu? E salgadinhos e amendoim, e coquetéis, os membros discutindo sobre quem compraria a próxima bebida dele. Cada vez que você colocava uma bebida gelada à frente dele, ele sorria com os olhos, até que você estava reduzida a uma poça.

Você foi cativada, fascinada. Você precisava tê-lo, como todos os demais, os membros do conselho, e os membros do comitê, e os membros seniores em pleno gozo de seus direitos.

“Quem é ele?”, você perguntou a uma de suas colegas de trabalho, que olhava para ele à distância.

“Chamam ele de Jones”, disse ela.

“O que ele faz?”, você perguntou.

“Eu, se eu puder escolher”, sua colega respondeu.

Ela não tinha nem ideia de com quem teria que competir.

Foi um acidente, você diz, quando conta a história. Acidentes não existem, diz Papai, o supermacho de outrora. Você virou a esquina com sua bandeja de bebidas, e bateu nele, derrubando gin em cima dele. O presidente do conselho foi rápido para repreender você, mas Jones o interrompeu.

“Por favor, não faça isso”, disse ele. “Foi culpa minha; eu estava olhando para baixo. Espero que não tenha machucado a menina. Por favor. Não chore por gin derramado.”

Alguém riu da piada dele, e a tensão diminuiu. O presidente deu a chave de seu escritório para você, e disse a Jones onde estavam as roupas para os convidados, aquelas que ele tinha, para o caso de alguém aparecer sem roupas apropriadas, ou tropeçasse e caísse do convés, como já havia acontecido. Quando você abriu a porta para deixá-lo entrar, ele colocou a mão no seu ombro.

“Gostaria de levar você para velejar”, disse ele.

“Eu adoraria velejar com você, sr. Jones”, você retrucou.

“Ao pôr do sol, então?”

Você precisou fazer jogo de cintura para conseguir que alguém cobrisse o resto do seu turno. Esperou por ele no cais, e ele a levou até um extraordinário barco a vela, feito em madeira. Você jamais havia visto algo tão belo. Ele deu um casaco grosso, porque você havia colocado um vestido leve, para impressioná-lo com sua feminilidade. Ele a advertira de que ficaria frio na água. E você velejou com ele na baía Narragansett, enquanto o sol poente incendiava o céu.

“O barco é seu?”, você perguntou.

“Não”, respondeu ele. “Eu o construí. O dono me emprestou como um favor.”

“Sem querer ofender, sr. Jones, mas não sei o que você faz. Constrói barcos? Você é famoso?”

“Tenho uma boa reputação”, disse ele, modestamente omitindo que sua crescente reputação era devido ao incomparável toque especial com que criava barcos a vela de madeira, a tal ponto que a patrona incrivelmente rica, Greta von Tiehl, bisneta do fundador do iate clube no qual você trabalhava, havia encomendado um de seus barcos. O que explicava todo aquele espalhafato.

Ele virou o barco para o vento e deixou as velas se enfurnarem, e elas fizeram um som alto, como de palmas. Ele se sentou ao seu lado e tocou seu rosto com seus dedos ásperos, mas a aspereza foi agradável; era como estar em casa.

“Está gostando de velejar?”, perguntou ele.

“Estou gostando, sr. Jones”, você replicou. “Mas gostaria de saber seu nome de batismo. Você só foi apresentado como sr. Jones.”

“Você já conhece meu nome de batismo. Você já conhece tudo sobre mim.”

Ele a beijou, e você o beijou, e a vela batia ao vento, como se batesse palmas.

E você, querida mãe, se apaixonou.

Não sei por quanto tempo eu e Vovô ficamos lá, assistindo. Cinco minutos. Trinta minutos. Uma hora. Não sei, porque eu estava estarecido. Podia ouvir sirenes à distância. Um vizinho deve ter visto a fumaça e as chamas; um vizinho deve ter chamado. As sirenes estavam chegando mais perto. Ouvi um enorme estrondo, algo explodindo. Parte do telhado desabou, lançando faíscas alto no espaço. Algumas dessas faíscas se assentaram, e acenderam outras partes do telhado. Mais fogo. Um verão quente: nada de chuva, e uma casa de madeira, uma armadilha de fogo. Não durou muito para que uma parede desabasse, e daí mais paredes caíram para dentro da casa. Os carros dos bombeiros chegaram, mas estes pareciam perplexos com a força com a qual se confrontavam. Eles não possuíam ferramentas para lutar contra tal inferno. Helicópteros contra fogo florestal não teriam muita serventia; dedais de água, atirados contra um vulcão, por homens minúsculos armados com baldinhos.

Observei os bombeiros tentarem, a despeito dos contras. Eles iam tentar, porque tentar era o que deveriam fazer. Mas eles já sabiam. Todos sabiam. A Casa Riddell já se fora, não havia mais nada para salvar.

O Irmão Jones não escapou da Casa Riddell naquela manhã. Irmã Serena tampouco.

Durante alguns dias, depois do incêndio, imaginei que meu pai e Serena haviam escapado juntos. Talvez eles tivessem usado uma escadaria secreta nos fundos, para sair da casa. Talvez eles tivessem fugido, escapado pelo riacho, até os trilhos do trem, e pulado num cargueiro, com destino a terras longínquas. Talvez, neste exato instante, estivessem dançando ao som de discos antigos, que encontraram na loja do Exército da Salvação, em alguma cidade que os tinha recebido como estrangeiros. Talvez eles fossem viver felizes para sempre.

Mas não pude me agarrar àquela fantasia por muito tempo: seus restos mortais foram descobertos. Os investigadores da cidade os identificaram através das arcadas dentárias. Até Serena, que nunca viajara, tinha registros dentários; esta foi a evidência. Esta foi a prova.

Porque a terra chama. O solo, as pedras, o barro. Ela chama por nós, para nos lembrar, para garantir que nos lembremos. No fim, a terra vencerá. Ela sempre vence. Nós vamos, todos nós, terminar a vida aqui. Até mesmo os pássaros.

**“A última coisa que ele me disse foi:
‘A minha paz eu te dou’”, diz ela.
“Devo ter parecido confusa,
porque ele me disse que você saberia
o significado daquelas palavras.”**

“O que aconteceu depois?”, Beth, minha filha caçula, pergunta, quando terminei minha história.

Ela está sentada na grama do campo do Parque da Propriedade do Norte, aonde viemos, toda a família, para espalhar as cinzas de Samuel Riddell, meu avô — o bisavô dela, que faleceu recentemente. Ainda que tivéssemos passado muitos anos na Inglaterra e, mais tarde, em Connecticut, o desejo final de meu avô foi que suas cinzas fossem espalhadas na Propriedade do Norte.

Beth, que acabou de completar onze anos, parece mesmo um anjo, toda em longos cabelos loiros e pele bronzeada, e um vestido branco esvoaçante. Toda olhos azuis e sardas e um pouco de marotagem no sorriso.

“A Vó Rachel foi buscar você?”, Belle, minha filha mais velha, pergunta. Belle é menos menininha, e mais como a minha esposa, acho. Um pouco mais energética, um pouco mais tenaz; feminina, certamente, mas com um quê!

“Ela ficou na Inglaterra”, eu digo. “Ela enviou seu irmão para me buscar, se bem que tenho certeza de que poderia ter feito tudo sozinho. Ela não queria se confrontar com certas coisas, acho.”

“É por isso que ela se foi, quando você começou a contar a história?”

“Não sei”, eu digo. “Provavelmente. Já parei de tentar entender a minha mãe há muito tempo.”

“Onde ela está?”, pergunta Belle.

“Ela foi para lá”, responde Sophie, minha esposa, apontando para a borda da mata.

“Se você desce os degraus até a ravina, o riacho leva você até o rio”, explico a elas. “Mas se você segue o caminho que leva até o desfiladeiro, lá tem um mirante com uma vista maravilhosa. Se é que ele ainda existe.”

“Você respondeu a pergunta da Belle, mas não respondeu a minha”, reclama Beth.

“Desculpe, querida! Qual foi a sua pergunta?”

“O que aconteceu depois? O que você fez, depois do incêndio?”

“Nós fizemos o que Ben queria. É por isso que tudo isto aqui é, agora, um parque municipal, com estacionamento e sinais e placas que dizem A PROPRIEDADE DO NORTE. E daí, Vó e eu pegamos um avião e voamos para a Inglaterra, para viver com a minha mãe. E daí eu cresci. E daí eu me apaixonei pela sua mãe, e tivemos bebês: vocês duas. E vivemos felizes para sempre desde então!”

Puxo Sophie para mim, de forma que nossos quadris se chocam, e eu dou um beijo com paixão teatral, para que as meninas pensem que estou brincando, mas, na verdade, é sério. Tudo é sério. Eu a amo tanto, que mal consigo olhar para ela. (Algumas vezes, fico impressionado de sentir esse tipo de sentimento, mas sei que, consiga ou não transmiti-lo aos que amo, ele existe dentro de mim.)

“Nojento!”, diz Belle, numa típica reação de adolescente.

“E Ben?”, Beth pergunta, sem se importar. “Ele ainda está aqui?”

“Não”, digo. “Vovô e eu o libertamos.”

“Como é que você sabe?”, pergunta Belle, desafiante.

“Porque eu o vi indo embora. Levou muito tempo para que eles apagassem o fogo, e, durante muitos dias, o que restou da casa estava muito quente. Por isso foi tão difícil encontrar os corpos do meu pai e de Serena. Mas na noite após o incêndio, quando o sol estava se pondo, eu fui até a casa, o mais perto que consegui...”

“Onde vocês dormiram, se a casa tinha se queimado?”, pergunta Belle.

“Queriam que nós fôssemos para um hotel, mas Vovô Samuel se recusou a ir embora. Ele insistiu em ficar na cabana. Os vizinhos nos trouxeram equipamento para acampar (lanternas, um fogão a gás, e sacos de dormir) e comida. Acampamos dentro da cabana; não foi tão ruim assim. Bom, eu estava tão cansado, naquela noite, que queria dormir por uma semana inteira. Mas meu pai e Serena ainda não haviam sido encontrados, então não consegui dormir. Escapuli da cabana e subi até a casa para... nem sei para quê, na verdade. Para sentir o que foi que havia perdido? Enquanto estava lá, olhando para os ardentes restos do que antes fora uma magnífica casa, senti uma brisa no pescoço...”

“Sempre tem uma brisa quando ele chega”, Belle sussurra para Beth.

“Quando chega *quem?*”, Beth sussurra de volta.

“Quando *Ben* chega, pô.”

“Isso mesmo. Sempre há uma brisa quando Ben chega. Olhei para trás, e ele estava parado ao meu lado como eu estou parado ao seu lado”, contei.

“O que você disse a ele?”, pergunta Beth.

“Eu disse que ele já podia ir. A casa se fora, e Vovô concordara em doar a terra para a cidade, então não havia mais razão para ele ficar.”

“Mas seu pai morreu”, salientou Beth. “E Serena também. Você não ficou triste?”

“Fiquei muito triste...”

Eu paro, surpreso pela ressurgência de emoções que sinto neste momento. Por tanto tempo racionalizei a morte de meu pai e de Serena, que ela se tornou como uma lenda na minha mente. Eu sempre dizia a mim mesmo que a morte deles fora necessária, para me libertar, e para libertar as futuras gerações dos Riddell, do fardo que Elijah carregara. Fazia tanto sentido para mim que pensei estar para além do lado emocional do fato. Mas ali, parado no despenhadeiro, e conversando com minhas filhas a respeito, fui pego de surpresa, e precisei de um momento para me refazer.

“Meu pai prometeu salvar Serena”, finalmente digo. “Ele precisava tentar. Ele não podia *não* tentar.”

Faço uma pausa e esfrego o queixo, pensando se minhas filhas conseguem entender o que nem eu consigo entender completamente. Sophie coloca a mão no meu ombro e dá uma apertadinha.

“O que Ben fez?”, pergunta Beth.

“Ele acenou com a cabeça. Ele sabia que a dívida estava resolvida, e que ele podia ir, em busca de Harry, ou para fazer o que quer que fosse a próxima coisa para ele. Ele cruzou o

campo até as bordas da mata. Vi-o desaparecer na mata bem ali. Está vendo aquela alta árvore? É a árvore dele.”

“Aquele é a árvore de Ben?”, Belle pergunta.

“Você *subiu nela*”, Beth diz, reverentemente, o que me faz sorrir. “Até o topo!”

“E daí, então, vi Ben subir naquela árvore até o topo”, digo. “Por bastante tempo ele se segurou lá, balançando-se na brisa. Daí estendeu as mãos para cima e segurou o céu. Uma lufada de vento passou, e o levou do topo da árvore, e lá foi ele.”

Elas seguiram meu dedo, enquanto eu apontava na direção em que havia visto Ben partir.

“Ele não caiu?”, pergunta Belle.

“Não. Ele não caiu. Ele voou céu adentro, até que ficou tão pequeno que eu não conseguia mais vê-lo, e daí ele se foi.”

Nenhum de nós fala durante um longo tempo. Talvez por minutos. Olhamos para a grama, olhamos para as árvores. Olhamos para o Puget Sound e as Olympics. Vagueamos por alguns metros uns dos outros, mas ainda permanecemos como uma unidade; ficamos juntos. Olhamos para o céu, e para a rota do voo de Ben. De certa forma, celebramos, com nosso silêncio, a libertação de Ben. Pelo menos, gosto de pensar que é assim.

“Deveríamos visitar os túmulos”, digo, depois de um tempo. “Lá na Colina do Observatório. Meu pai, Serena, Ben e Harry estão lá, com minha avó e bisavô, e também meu tataravô. E daí, podemos descer até a praia.”

“A *praia*”, exclama Beth, com ênfase. “Finalmente!”

“Eu as levo à Colina do Observatório”, oferece Sophie. “Você deveria buscar sua mãe. Pode nos encontrar lá na praia.”

“Quando vamos espalhar as cinzas do Vovô Samuel?”, pergunta Beth.

“Daqui a pouco”, diz Sophie. “Depois de vermos as lápides.”

Ela me dá um beijo no rosto.

“Vá”, diz ela. “Encontre sua mãe, e cuide dela.”

As três se vão pelo campo. Observo, enquanto cruzam a marca de onde estava a Casa Riddell, vinte e três anos atrás. Não há mais evidências de que a Casa Riddell existiu, mas ainda consigo vê-la. Para mim, ela ainda está ali.

Sigo pelo caminho até emergir das moitas, e vejo o mirante. Lá está ela, bem como eu sabia que estaria; ela não é do tipo que gosta de praia. Mas fico curioso, ao ver que há alguém com ela.

Ela está sentada com um homem. Ele estende o braço para pegar a sua mão, e ela oferece, de modo que seus dedos mal se tocam.

Fico curioso por um momento, mas não de verdade. Conheço aquele homem. E conheço aquele gesto. Eu me lembro dele, num hotel próximo a uma rodovia, em New Haven.

Depois de todos esses anos, minha mãe está outra vez com meu pai.

Quase dou risada, mas não dou, porque não quero que me vejam. Observo os dois juntos, falando e rindo, e falando ainda mais. E então ela descansa a cabeça no ombro dele. Ela levanta o rosto e ele a beija. Eles estão completos. Eles estão juntos.

Não quero perturbá-los, mas também quero falar com meu pai. Quero dizer que entendo sua promessa a Serena, e sua promessa a si mesmo, e sua promessa aos mortos, e que o fato de ele

me deixar não foi abandono, mas um ato de amor. Quero dizer que eu sei. Mas não os interrompo, porque já disse todas essas coisas ao meu pai. Já senti sua presença na minha vida, em diferentes ocasiões, em diferentes lugares. Sei que ele tem estado comigo, para ver coisas, e ouvir coisas, para compartilhar coisas comigo e minha família.

Mas minha mãe tem estado muito sozinha, e muito cheia de raiva, porque ela nunca encontrou uma razão para acreditar. Agora vejo que tudo está diferente. Eu sei, porque eu o vejo com ela. E, se eu o vejo com ela, então ela também deve vê-lo. O que significa que ela acredita.

E meus pensamentos são tão altos que perturbo o momento. Agito a energia do universo. Pois tudo tem tudo a ver com tudo. Meu pai se volta e me olha por sobre o ombro. Ele sorri e acena com a cabeça, e daí se desvanece no ar. Ele se dissipa como fumaça, e se vai; minha mãe está sozinha no mirante.

Chego perto dela. Ela me escuta e se volta. Está de óculos escuros, e tem no rosto um sorriso de muita paz; de alguma forma, ela parece estar mais contente do que eu já tinha visto, desde minha infância.

Ela ainda é a minha mãe, com seus traços acentuados e pele tensa e cabelo curto e ondulado. A maneira como ela fala, e enrola você, até que você joga as mãos para o alto e diz: tá bem, eu desisto, você ganhou. Mas ela não é a mesma mãe de quem eu me lembro, há tanto tempo, lá em Connecticut. Ela não é a mãe que me levou a pescar quando eu era pequeno, porque meu pai estava obcecado com a construção de barcos de madeira, e não tinha tempo para mim; ou a mãe que adorava as primeiras maçãs do outono, quando íamos passear de carro ao norte do estado — o estalo e a explosão dentro da boca, daquela primeira mordida ácida — ou a mãe que chorava e não conseguia terminar de ler *A árvore generosa*, porque ficava tão dominada pela tristeza da imagem do velhinho, sentado no toco. Aquela mãe morrera no incêndio, com meu pai.

Mas eu não sei. Como diria Serena, há tanto que não sabemos, como podemos fingir que sabemos qualquer coisa? Serena, com seus sempiternos dedos azuis.

Sento no mirante, ao lado de minha mãe. Ela olha para mim, dá uma respirada rápida, e contrai os lábios. Através de seus óculos escuros, vejo lágrimas enchendo seus olhos.

“Eu sei”, digo.

“Você sabe o quê?”, pergunta ela com forçado desinteresse. “O que você sabe?”

“Eu vi ele com você.”

Ela sacode rapidamente a cabeça. As lágrimas transbordam de seus olhos, e escorrem pelo seu rosto, por detrás dos óculos escuros.

“Não posso crer”, diz ela, e se apoia no meu ombro, o que me pega de surpresa, porque ela nunca havia se apoiado em mim antes.

“É impossível, não é?”, pergunta. “Ele estava aqui, não estava? Você não o viu?”

“Eu o vi, sim.”

“Então você é minha testemunha.”

Coloco meu braço ao seu redor, e ela se encolhe contra mim, e eu gosto de sentir que sou capaz de confortar minha mãe. É algo que nunca sentira antes.

“Ele disse que sabia que, um dia, você me traria de volta para cá”, diz ela, depois de algum

tempo.

“Eu teria trazido você antes, mas você...”

“Mas eu me recusei”, diz ela. “Estava com medo. Não sabia que ele estava aqui me esperando todo esse tempo.”

“Não, Mamãe, ele não estava esperando. Ele sempre esteve com você. É que você não conseguia vê-lo.”

“É a Propriedade do Norte, então, não é?”, pergunta ela, sentando-se direito e se recompondo. “Eu estava aqui sentada, e senti uma brisa. Era refrescante e agradável. Este lugar é muito lindo, e eu podia sentir a mágica dele, e daí ouvi alguém dizendo meu nome, e virei, e ali estava ele. Ele se sentou comigo, como você está sentado agora. Conversamos, e ele segurou a minha mão. Daí ele me beijou, e disse-me que sempre me amaria, e que eu não deveria nunca sentir medo.”

Esfreguei meu pescoço, pensando no meu pai e minha mãe outra vez juntos. O que sempre quisera. Eu finalmente conseguira. Havia cumprido minha meta. Ainda que não de uma maneira muito convencional, acho.

“A última coisa que ele me disse foi: ‘A minha paz eu te dou’”, diz ela. “Devo ter parecido confusa, porque ele me disse que você saberia o significado daquelas palavras.”

Minha paz eu te dou. Minha mãe percebe minha reação, e é a vez dela me confortar. Ela me segura e me embala, para a frente e para trás, como toda mãe faz. E todas as emoções sobre minha família, meu pai, mas também as gerações antes dele, Elijah e Ben e Harry, Isobel e Serena. Meu avô e seus dedos. Tudo transborda de mim, até que me sinto purgado.

“Essas palavras são do ensaio de que falei, de John Muir”, digo, quando já sou capaz de falar outra vez. “‘Uma tempestade de vento nas florestas’. Tentei contar a você, quando eu tinha catorze anos, mas você não acreditou. Essas são as palavras que Papai disse à sua mãe, momentos antes de fazer eutanásia nela. Eu vi, em um sonho. Essas mesmas palavras estão na lápide de Benjamin Riddell, que faleceu em 1904. *Minha paz eu te dou.*”

“Desculpe”, diz ela. “Pensei que você estava inventando histórias, ficando meio louco com sua imaginação, nesta casa, sem nada para fazer. Eu não sabia *como* acreditar em você. Sinto muito, mas muito mesmo.”

“Nada disso importa, porque agora você acredita.”

E então nós nos sentamos, em silêncio, por algum tempo, enquanto os minutos se estendem no Puget Sound. Mergulhamos no Zen de Vovô Samuel. Até que minha mãe finalmente interrompe o momento.

“A sua história”, diz ela. “Achei que não ia aguentar ouvi-la.”

“Eu sei.”

“Peço desculpas por ter saído daquele jeito. Eu não deveria ter feito aquilo.”

Deixo que sua admissão passe em silêncio.

“Agora estou pronta”, continua ela, com uma resolução na voz, que eu não escutava desde a infância. “Agora eu gostaria de ouvir a sua história.”

Fico pensando sobre seu pedido. Ela nunca havia querido escutar a história daquele verão. Toda vez que eu começava a contar, ela me fazia calar a boca, ou ia embora. Mas agora?

“Acabei de terminar de contar para as meninas”, digo. “E é bem longa e envolvente. Não há

versão resumida.”

“Conte ainda assim.”

“Preciso encontrá-las. Temos que espalhar as cinzas do Vovô Samuel. E precisamos almoçar — logo elas vão ficar com fome.”

“Veja”, diz ela, apontando. “Veja lá na praia. Pode ver as crianças daqui. E Sophie está com elas. Ela é tão bonita; ela é a mão no seu leme, Trevor, e ela guia você com mão segura. Seu pai e eu estamos muito orgulhosos. Elas estão se divertindo lá embaixo, não vê? Estão curtindo. Temos tempo. Conte sua história, tá? Acho que é aqui, neste lugar, que devo ouvi-la.”

Como sempre, minha mãe me coloca em conflito. Acho que, de certa forma, eu a culpava pela morte de meu pai: ela não veio conosco naquele verão, e falhara, portanto, em nos proteger. Uma reação infantil, mas honesta. Mas eu também sentia que o que aconteceu naquele verão fora tanto parte da minha jornada, quanto da jornada dela. E fora parte da jornada de meu pai. Lembro-me das palavras de Ben para mim, escritas em dezenas de notas, dizendo-me que nós *estamos* conectados, apesar de nossa necessidade de descrever, nossa necessidade de duvidar. E entendo, finalmente, que estive tentando contar esta história para minha mãe desde que tudo acontecera. Tudo o que eu queria era que ela a conhecesse, e sentíssemos outra vez nossa conexão. É por isso que voltei aqui com minha família, com os restos cremados de meu avô, com o agnosticismo de minha mãe. Para ver, mais uma vez, se minha mãe ia acreditar em mim. E eu me lembro da única palavra que Isobel me disse, quando a vi no clarão de um fósforo, no topo de uma escada escura.

“Fé”, disse Isobel.

E, assim, vou contar à minha mãe a história que ela deseja ouvir, porque eu tenho isso. Eu tenho fé.

“Foi há muito tempo”, começo. “Antes que a tecnologia mudasse o mundo...”

Um trem apita à distância, interrompendo. O trem está saudando meu tataravô, Elijah Riddell, e, portanto, de certa maneira, está me saudando também. Cumpri os desejos de Elijah e seu filho Ben; fui em frente, para além do meu passado, como outros da família não conseguiram. Estou sempre olhando para o futuro.

Vejo o longo trem deslizando nos trilhos lá embaixo. Os trens para sempre saudarão Elijah Riddell.

“Conte-me a história, Trevor. Por favor.”

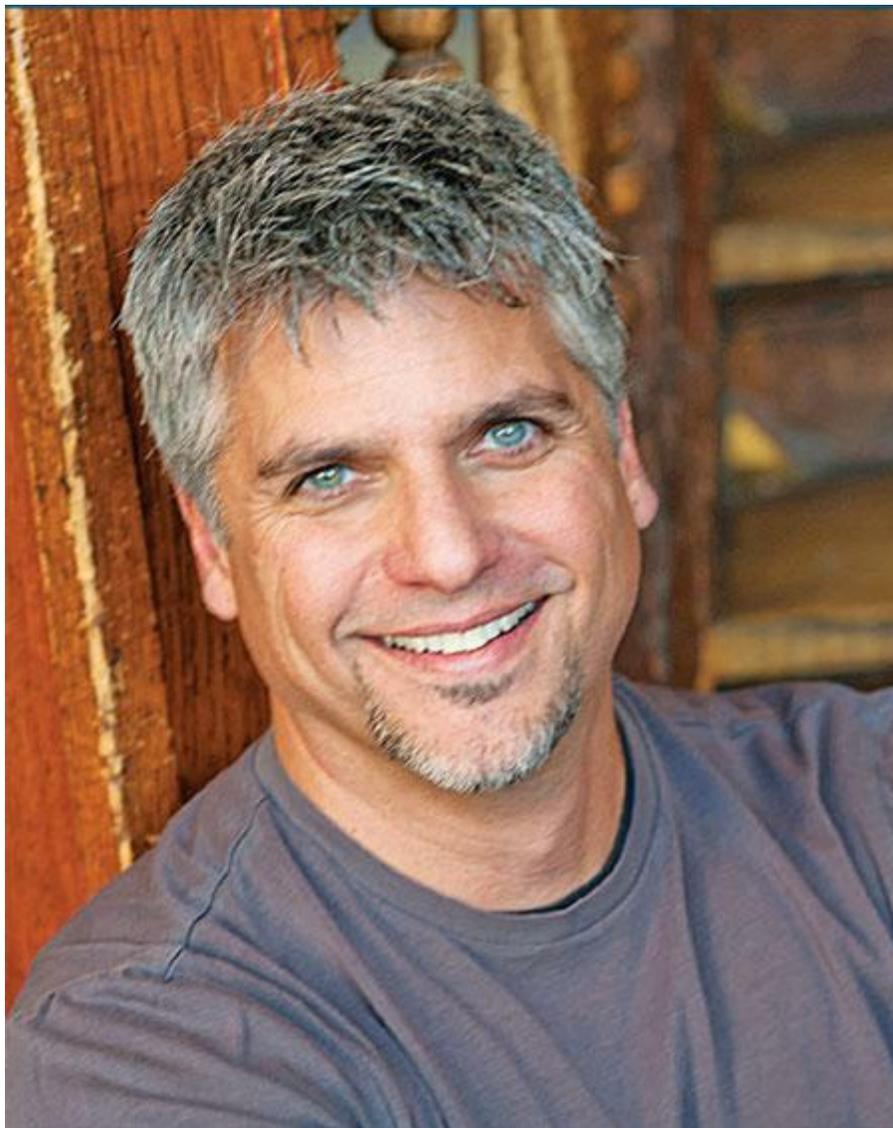
“Certo homem trouxe seu filho para ver a Propriedade do Norte pela primeira vez”, continuo, e pego a mão de minha mãe. “O menino ficou parado no empoeirado caminho de pedregulhos, e olhou para o outro lado do campo, e o que ele viu foi impressionante: uma mansão maior que qualquer coisa que ele já tinha visto na vida, e feita inteiramente de árvores, como se estivesse crescendo da floresta da qual havia sido tirada...”

Agradecimentos

David Braun, Lisa Eeckhoudt, Kassie Eveshevski, Laurie Frankel, Joe Fugere, Gary Grenell, Derek Humphry, Molly Jaffa, Brian Juenemann, Jonathan Karp, David Katzenberg, Jeff Kleinman, Tim Kovar, David Massengill, Jim Minorchio, Kevin O'Brien, Robert Pace, Sandy e Stephen Perl binder, Alan Rinzler, Jenn Risko, Bob Rogers, Marysue Rucci, Howie Sanders, Jennie Shortridge, Yolanda Stein, Deon Stonehouse, Dawn Stuart, Trish Todd, Melissa White, Center for the Wooden Boat, Seattle7Writers, Shoreline Historical Society, HistoryLink.org...

Caleb, Eamon, and Dashiell...

... e a firme mão de minha timoneira, minha adorável e brilhante companheira, Drella.



SUSAN DOUPÉ

GARTH STEIN é autor de três romances: *Raven Stole the Moon*, *How Evan Broke His Head and Other Secrets* e o best-seller internacional *A arte de correr na chuva*. Ele também criou *The Novel: Live!*, uma maratona de escrita para apoiar a alfabetização, que deu origem ao romance *Hotel Angeline: A Novel in 36 Voices*. Antes de se tornar escritor em tempo integral, Garth trabalhou como cineasta, professor, diretor de palco e escritor de peças teatrais. Ele é cofundador de Seattle7Writers, um coletivo sem fins lucrativos composto por 65 autores do noroeste americano, dedicado a incentivar a paixão pela palavra escrita e a fortalecer o contato entre leitores, escritores, bibliotecários e livreiros. Atualmente mora em Seattle com sua família.

Copyright © 2014 by Garth Stein

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL A Sudden Light

CAPA estúdio insólito

PREPARAÇÃO Quezia Cleto

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-438-0256-5

 Leitura Fácil

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — **SP**

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br